

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Fantasia

MORTAL

BB

BERTRAND BRASIL



J. D. ROBB
SÉRIE MORTAL

Nudez Mortal
Glória Mortal

Eternidade Mortal
Êxtase Mortal
Cerimônia Mortal
Vingança Mortal

Natal Mortal
Conspiração Mortal

Lealdade Mortal

Testemunha Mortal

Julgamento Mortal
Traição Mortal
Sedução Mortal

Reencontro Mortal

Pureza Mortal

Retrato Mortal
Imitação Mortal

Dilema Mortal

Visão Mortal

Sobrevivência Mortal Origem Mortal

Recordação Mortal

Nascimento Mortal
Inocência Mortal
Criação Mortal

Estranheza Mortal
Salvação Mortal

Promessa Mortal
Ligação Mortal

Fantasia Mortal

Nora Roberts

escrevendo como

J. D. ROBB

FANTASIA
MORTAL

Tradução
Renato Motta

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2018

Star Books Digital



<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Copyright © 2010 by Nora Roberts

Proibida a exportação para Portugal, Angola e Moçambique.

Título original: *Fantasy in Death* Capa: Leonardo Carvalho

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2019

Produzido no Brasil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA
PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE
LIVROS, RJ

R545f

Robb, J. D.

Fantasia mortal [recurso eletrônico] / Nora
Roberts escrevendo como J. D. Robb
;tradução Renato Motta. - 1. ed. - Rio de
Janeiro : Bertrand Brasil, 2019.
recurso digital (Mortal ; 30)

Tradução de: Fantasy in death
Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-85-286-2393-2 (recurso eletrônico) 1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Roberts, Nora. II. Motta, Renato. III. Título. IV. Série.

19-54558

CDD: 813

CDU: 82-3(73)

Vanessa Mafra Xavier Salgado - Bibliotecária - CRB-7/6644

Todos os direitos reservados. Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa

somente para o Brasil adquiridos pela: EDITORA
BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 – 2º andar – São Cristóvão –
20921-380 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 2585-2000 – Fax: (21) 2585-2084

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002

*Qual dos dois você prefere ser:
Um campeão olímpico
ou o arauto que o anuncia?*

— PLUTARCO

*É verdade, falo de sonhos
Que são filhos de um cérebro ocioso.
Não produzo nada além de fantasias
vãs.*

— WILLIAM SHAKESPEARE

Sumário

Capítulo Um

Capítulo Dois

Capítulo Três

Capítulo Quatro

Capítulo Cinco

Capítulo Seis

Capítulo Sete

Capítulo Oito

Capítulo Nove

Capítulo Dez

Capítulo Onze

Capítulo Doze

Capítulo Treze

Capítulo Quatorze

Capítulo Quinze

Capítulo Dezesseis

Capítulo Dezesete

Capítulo Dezoito

Capítulo Dezenove

Capítulo Vinte

Capítulo Vinte e Um

Capítulo Vinte e Dois

Epílogo

Capítulo Um

Enquanto relâmpagos golpeavam e cortavam como espadas o arranhado escudo daquele céu, Bart Minnock assobiava a caminho de casa pela última vez. Apesar da chuva torrencial, o humor de Bart acompanhava o compasso da alegre melodia quando ele cumprimentou o porteiro com uma breve saudação.

— E aí, sr. Minnock?

— Tudo em cima, Jackie. Cada vez mais para cima.

— Essa chuva podia fazer o mesmo e parar de cair.

— Que chuva? — Com uma risada, Bart caminhou a passos encharcados até o elevador.

Trovões explodiam em toda a ilha de Manhattan. Os transeuntes do meio-dia se encolhiam sob os guarda-chuvas superfaturados, comprados de vendedores ambulantes nas calçadas, enquanto maxiônibus lançavam colunas de água no ar quando passavam. No mundo de Bart, porém, o sol irradiava seus raios dourados.

Ele tinha um encontro marcado com a sensual CeeCee, o que não era de se desprezar para um autoproclamado nerd que fora virgem até os vinte e quatro anos — algo um pouco embaraçoso.

Cinco anos depois, e em grande parte

devido ao sucesso da U-Play, ele podia escolher entre as muitas mulheres ávidas por ele — mesmo que todo aquele interesse fosse provocado, principalmente, pelo dinheiro e pela publicidade gerados por sua empresa.

Ele não se importava.

Sabia que não era lá muito bonito e aceitava o próprio constrangimento em situações românticas (com exceção da sensual CeeCee). Ele não conhecia arte ou literatura e não saberia a diferença entre um vinho de boa safra e uma bebida barata. O que ele conhecia bem eram os computadores, os videogames e o efeito sedutor da tecnologia.

De qualquer modo, CeeCee era diferente, refletiu enquanto destrancava

a porta e desligava o sistema de segurança do seu trípex com uma vista quatro estrelas para o centro da cidade. Ela gostava de videogames e não se importava com vinhos finos ou galerias de arte.

Mas a noite com a doce e sensual CeeCee não era o motivo dos assobios ou do enorme sorriso de orelha a orelha enquanto religava o sistema de segurança das trancas da porta.

Ele estava com a última versão de *Fantastical* em sua pasta e, até terminar de testar, jogar e aprovar tudo, o jogo era todo dele.

Seu comunicador interno o recebeu com um animado *Seja bem-vindo, Bart*. A sua androide de serviço — réplica em

tamanho real da Princesa Leia, do clássico *Star Wars*, na versão escrava (ser nerd não fazia dele menos homem) — entrou e lhe ofereceu seu refrigerante de laranja favorito, com gelo picado.

— Você voltou cedo para casa.

— Tenho muito trabalho a fazer no salão holográfico.

— Não se canse demais. Você precisa sair em duas horas e doze minutos para chegar ao apartamento de CeeCee a tempo. E deve comprar flores no caminho. Vai passar a noite lá?

— É o que pretendo.

— Aproveite, então. Seus tênis estão muito molhados. Quer que eu lhe traga um novo par?

— Tudo bem, não precisa. Eu pego

quando subir.

— Não se esqueça — disse ela, com aquele sorrisinho de Princesa Leia que sempre mexia com Bart. — Devo tornar a lembrá-lo do encontro quando estiver chegando a hora?

Ele colocou a pasta de lado e sacudiu o cabelo castanho claro que sempre lhe caía sobre os olhos.

— Não, tudo bem. Vou usar o alarme do salão holográfico. Você pode se desligar até amanhã de manhã.

— Certo. Estarei aqui caso precise.

Normalmente, ele usava sua Leia para praticar habilidades de conversa e ter alguma companhia enquanto contava como fora o seu dia e falava dos projetos atuais. Não havia ninguém

melhor para isso que os andróides, na opinião de Bart. Eles nunca julgavam as pessoas, a menos que fossem programados para tal.

Mas *Fantastical* o chamava. Ele abriu a pasta, pegou o disco e deu-lhe um beijinho enquanto subia as escadas.

Tinha decorado o apartamento de acordo com seu gosto pessoal, então os colecionáveis eram abundantes. Havia réplicas, armas e fantasias; cartazes de videogames ornamentavam e o entretinham em cada cômodo, e todos os andares eram equipados com diversos consoles, sistemas de vídeo, telões e computadores.

Aquilo, para Bart, era um sonho realizado. Sua vida e seu trabalho

pareciam um grande playground cheio de equipamentos e jogos eletrônicos.

O escritório, no segundo andar, era uma reprodução em escala da ponte de comando da nave de batalha intergaláctica *The Valiant*, do jogo de mesmo nome. O trabalho na franquía tinha dado à então recente U-Play o seu verdadeiro impulso.

Ele se esqueceu de tirar os sapatos e a camisa molhados e foi direto para o terceiro andar.

A segurança no salão holográfico exigia impressão digital, um registro de voz e uma leitura de retina. Um exagero, ele sabia, mas era muito mais divertido assim, e diversão sempre era o mais importante. Ele até poderia abrir aquele

espaço para amigos e convidados, mas gostava de manter seus mistérios ao estilo superespião.

Reativou os sistemas de segurança ao entrar e desligou todos os comunicadores. Durante a hora — hora e meia, talvez — em que pretendia jogar, não queria ser interrompido.

O foco principal dos jogos, na cabeça de Bart, era a imersão do jogador na fantasia, na competição ou, simplesmente, na diversão. E *Fantastical* levaria essa imersão além do que já existia no mercado em meados do ano de 2060.

Isso se os ajustes e aprimoramentos mais recentes funcionarem, lembrou o empresário que existia dentro do *gamer*.

— Vão funcionar. Vai ser *mag* à enésima potência — murmurou ao inserir o disco e ligar o console. Mais uma vez, ele usou o registro de voz e, em seguida, uma senha. A nova versão era absolutamente confidencial. Ele e seus sócios não tinham criado a U-Play simplesmente por serem *geeks*. Ele entendia muito bem a concorrência acirrada que havia no mercado de videogames, e as ideias de espionagem estimulavam nele certa adrenalina.

Ele era um jogador, pensou. Não só na área dos videogames, mas também nos *negócios* que gerenciava. O sucesso da U-Play tinha proporcionado tudo que ele, seus amigos e sócios planejaram, tudo aquilo que tinham sonhado e

trabalhado tanto para conseguir.

Com *Fantastical*, a briga ficaria mais séria, e eles — pensou, cruzando os dedos — se tornariam *grandes* jogadores.

Ele já havia decidido o cenário, o personagem favorito e o nível. Tinha ensaiado, estudado, refinado e reformulado aquela fantasia e seus incontáveis elementos durante o desenvolvimento, e tudo estava definido para o jogo de codinome RCCT. Agora, ele iria desempenhar o papel do herói abatido e cínico, que lutava contra as forças do mal no sitiado reino de Juno, no planeta ameaçado de Gort.

As paredes espelhadas do salão holográfico refletiam Bart quando a luz

começou a girar e diminuir, enquanto sua calça cáqui muito amassada e úmida, a camiseta do Capitão Z e os calçados molhados se transformavam no equipamento de batalha e nas botas do rei guerreiro.

Em sua mão, ele sentiu o punho e o peso da espada larga. E a emoção forte... sim, a emoção exacerbada da personificação do herói e da batalha que estava por vir.

Excelente, pensou ele. *Excellent primo*. Dava para sentir e ver a fumaça da batalha e o sangue já derramado. Ele tocou o próprio braço e sentiu a protuberância do bíceps, a pele marcada por uma cicatriz antiga.

Fisgadas e dores por todo o corpo

revelavam ferimentos mal cicatrizados e uma vida inteira de combate.

O melhor é que ele se *sentia* forte, ousado, corajoso, feroz. Tinha se tornado o valente rei guerreiro, pronto para liderar suas tropas exaustas e feridas — seus incontáveis guerreiros — em batalha.

Soltou um grito de guerra — porque podia fazer isso — e ouviu o poder de sua voz reverberar no ar.

Aquilo era o máximo!

A barba por fazer cobria seu rosto e um emaranhado de cabelos fazia cócegas em seu pescoço e ombros.

Ele *era* Thor, o guerreiro, o protetor, o Rei de Juno por herança e justiça.

Montou seu cavalo de batalha na

segunda tentativa — o que não era mau — e se lançou ao combate. Ouviu os gritos de aliados e inimigos quando suas espadas se chocaram e lanças de fogo jorraram morte. Sua amada Juno estava em chamas, então ele abriu caminho através das linhas inimigas enquanto o sangue espirrava e o suor escorria por sua pele.

Por sugestão de Benny, seu sócio, eles tinham adicionado um interesse amoroso opcional à história. A fim de alcançar sua mulher, uma corajosa e bela guerreira que defendia com bravura as muralhas do castelo, ele tinha que abrir caminho até a linha de frente e se envolver na batalha final, *mano a mano*, com o impiedoso Lorde Manx.

Ele já tinha alcançado essa fase inúmeras vezes durante o desenvolvimento do programa e conseguira ultrapassá-la algumas poucas, já que programou o desafio para o nível máximo da escala de dificuldade. Era preciso habilidade, noção de tempo, agilidade para seguir com a luta, desviar-se das chamadas de lanças e flechas e ainda rechaçar os golpes de espada. Se não fosse assim, de que serviria lutar?

Qualquer golpe sofrido diminuiria a sua pontuação e poderia deflagrar uma retirada humilhante ou uma morte valorosa. Dessa vez, porém, ele não tentava apenas passar de fase, e sim bater um novo recorde.

Seu cavalo relinchou, desafiador, enquanto galopava em meio ao fedor e à fumaça, pulando sobre os corpos dos que tombaram. Ele se preparou e se agarrou às rédeas quando o animal se ergueu sobre as patas traseiras e, mesmo assim, quase foi derrubado.

Toda vez que isso acontecia, ele enfrentava Manx a pé; e, toda vez que enfrentava Manx a pé, perdia o trono, a mulher e o jogo.

Mas não daquela vez, jurou a si mesmo, e soltou outro grito estrondoso quando rompeu a fumaça.

Ali estavam as muralhas do seu lar, onde os bravos lutavam contra aqueles que tentavam destruí-lo. E, logo ali, a visão do rosto sombrio e assustador de

Lorde Manx, sua espada vermelha com o sangue de inocentes.

Ele sentiu uma pontada de dor pela perda, pelos momentos mais felizes de sua infância, antes que o assassinato e a mentira a tivessem maculado.

— Sua armadilha falhou! — anunciou Bart.

— Eu ficaria desapontado se isso não acontecesse. — Manx sorriu, e seus olhos negros tinham o brilho da morte. — Sempre foi o meu desejo que nos encontrássemos aqui, para eu por um fim em você e em sua linhagem exatamente neste solo.

— Tudo vai acabar aqui, mas será com o seu sangue.

Os dois homens atacaram; suas

espadas se encontraram. Um relâmpago explodiu com um forte estrondo quando as lâminas se cruzaram. Bart tinha adicionado aquele efeito para aumentar a dramatização.

Bart sentiu a força do impacto subir pelo seu braço, e a pontada de dor em seu ombro fez com que ele anotasse mentalmente que era preciso diminuir a intensidade daquela fase. O realismo era importante, mas ele não queria *gamers* reclamando do exagero na programação.

Ele se virou ao pressentir o próximo golpe, bloqueando-o, e sentiu um *estalo* violento no ombro. Quase ordenou uma pausa no programa, mas estava muito ocupado evitando mais um golpe.

Que diabos, pensou enquanto

golpeava, e quase conseguiu abrir a guarda de Manx. Vencer não significava nada se o jogador não lutasse para isso.

— Sua mulher será minha antes do anoitecer — rosnou Manx.

— Ela vai dançar sobre o seu túmu... Ei! — Sua espada escorregou e a lâmina do inimigo lhe cortou o braço. Em vez do rápido solavanco para marcar o golpe, a dor lhe provocou uma ardência absurda. — Que diabos?! Pausar!

Só que, para Bart, era fim de jogo.

A tenente Eve Dallas exibiu o distintivo para o porteiro chocado e logo seguiu em frente. O sol e o calor sufocante, após a tempestade da noite anterior, tinham melhorado o seu humor. Ao lado

dela, sua parceira, Peabody, se arrastava aos resmungos.

— Há alguns meses, você não parava de reclamar do frio. Agora, reclama do calor. Nunca está satisfeita — disse Eve.

Peabody, com o cabelo escuro preso para trás em um pequeno rabo de cavalo, continuou a reclamar.

— Será que não conseguem regular a temperatura?

— Quem?

— O pessoal da previsão do tempo. Já deve existir tecnologia para isso. Por que não programam, pelo menos, duas semanas em uns vinte e três graus? Não é pedir muito, é? Você bem que poderia sugerir que Roarke trabalhasse nisso.

— Tudo bem, vou sugerir que Roarke entre nesse ramo, assim que ele acabar de comprar os últimos dez por cento do universo. — Eve se sentia atônita enquanto elas esperavam o elevador, e pensou no homem que era seu marido havia quase dois anos. Na verdade, ele poderia ter alguma ideia. — Se você quer temperatura estável enquanto ganha a vida, vá procurar um emprego em que trabalhe dentro de uma sala refrigerada.

— Em junho, deveríamos ter margaridas e uma brisa leve. — Peabody acenou com a mão no ar. — Em vez disso, temos trovões, tempestades e uma umidade de matar.

— Gosto dos trovões.

Os olhos escuros de Peabody se

estreitaram enquanto analisavam o rosto anguloso de Eve.

— Você, provavelmente, curtiu uma bela sessão de sexo na noite passada. Está quase alegre.

— Qual é? Eu nunca fico alegre.

— Quase. Está chegando ao nível “alegrinha”.

— E você está chegando ao nível de levar um chute no traseiro.

— Qualquer coisa é melhor que esse calor.

Divertindo-se com aquilo, Eve endireitou as costas, exibindo sua compleição magra e alta, e, por fim, saiu a passos largos do elevador quando as portas se abriram.

Os policiais no corredor se puseram

em posição de sentido.

— Tenente.

— Oficial. O que temos até agora?

— Bart Minnock é a vítima, o cara da U-Play.

— O cara de onde?

— U-Play, senhora; é uma empresa de videogames para computador e videogames holográficos. A namorada encontrou o corpo agora de manhã. Ele furou com ela ontem à noite, segundo a mulher. Então ela veio aqui para acabar com a raça dele. A androide da casa a deixou entrar e, quando ela chegou aqui, ele estava trancado no salão holográfico, mas ela conseguiu que a androide abrisse a porta. — O policial fez uma pausa. — Acho que é melhor a

senhora ver por si mesma.

— Quem é a namorada?

— O nome dela é CeeCee Rove. Nós a deixamos lá dentro e um guarda está com ela. A androide está em modo de espera.

— Vamos ver a cena do crime primeiro.

Ela entrou e olhou em volta. O primeiro andar era um ambiente que parecia o clube de um adolescente muito rico e egocêntrico.

Cores primárias e fortes, com mais almofadões do que móveis, paredes cheias de telões, jogos e mais jogos, brinquedos — basicamente, colecionáveis de guerra. Aquilo não era exatamente uma sala de estar, e sim um

imenso salão de jogos. Eve refletiu que, considerando a profissão da vítima, aquilo era adequado.

— Ele está no terceiro andar, tenente. Há um elevador.

— Vamos subir pelas escadas.

— Isso é uma espécie de parque de diversões pessoal — comentou Peabody quando elas começaram a subir. — McNab iria chorar de alegria e inveja se estivesse aqui — acrescentou, pensando no namorado. — Tenho de reconhecer que é *mag*!

— Ele pode ter vivido como criança, mas tinha um sistema de segurança muito adulto na porta. — Ela passou rapidamente pelo segundo andar, tempo suficiente para determinar que a suíte

principal era outro playground e os quartos de hóspedes eram equipados para muita diversão. Ele mantinha um escritório em casa que a fez se lembrar do laboratório de informática de Roarke, só que em tamanho menor e com detalhes mais fantásticos.

— Ele levava o trabalho a sério — murmurou. — Literalmente *vivia* o trabalho.

Voltou para as escadas, subiu e foi até o policial que estava na porta do salão holográfico.

— Esta porta estava trancada?

— A namorada afirma que sim, e os computadores estavam desligados. A androide confirmou, já que tinha autorização para entrar aqui em casos de

emergência. Os registros mostram que a vítima entrou e trancou o salão exatamente às dezesseis horas e trinta e três minutos de ontem. Não houve nenhuma outra entrada ou tentativa de arrombamento até as nove horas e dezoito minutos desta manhã.

— Tudo bem. — Eve e Peabody abriram os seus kits de trabalho e selaram as mãos e as botas. — Ligue a filmadora — ordenou Eve, e foi até a porta.

Ela não costumava ficar surpresa. Já era policial havia quase doze anos e, embora soubesse que não tinha visto de tudo — ninguém tinha —, ela já vira muita coisa.

Mas seus grandes olhos castanhos se

arregalaram por alguns segundos diante da cena.

— Puxa, isso é algo que não se vê todo dia.

— Oh, meu Deus! — Peabody respirou fundo.

— Nem pense em vomitar.

— Vou lembrar disso — Peabody engoliu em seco. — Já estou bem.

O corpo jazia esparramado, braços e pernas abertos na poça de sangue que se espalhava pelo chão. A cabeça estava a vários metros de distância, os olhos fixos e arregalados, a boca aberta em espanto.

— Podemos dizer que a vítima perdeu a cabeça, e isso é um bom palpite para a causa da morte. Sozinho,

em um salão holográfico trancado por dentro, sem armas. Interessante. Bem, vamos dar uma olhada.

Ela ouviu Peabody engolir em seco novamente.

— Pegue o console e veja o que ele programou — ordenou Eve. — Quero todos os discos e registros do sistema de segurança, principalmente os desta unidade.

— É para já — disse Peabody, grata pela tarefa, quando Eve foi em direção ao corpo.

Apenas para registro, Eve confirmou as impressões digitais.

— A vítima foi identificada como Bart Minnock, morador deste endereço, vinte e nove anos. — Ela pegou seus

micro-óculos. — Pelo exame na cena, parece que a cabeça foi decepada por um único e poderoso golpe. Não há sinais de uso de serra nem de invasão. — Ela ignorou o som discreto de engasgo que Peabody emitia. — Além disso, a vítima sofreu uma incisão de quinze centímetros no antebraço esquerdo. Há algumas contusões, mas nenhuma teria sido fatal. O médico-legista poderá confirmar isso. Morris vai adorar isso aqui — acrescentou, depois se levantou para examinar a cabeça.

— Só pode ter sido uma tremenda lâmina, larga e muito afiada, para decapitá-lo de forma tão certa. Foi um golpe muito forte. A incisão

secundária pode ter vindo da mesma arma. Um golpe oblíquo ou algo assim. Um ferimento defensivo. As contusões são bem menores.

Ela se agachou, com a cabeça do homem aos seus pés.

— Não há nada no local que possa ter causado esses ferimentos. Seria impossível ele ter decepado a própria cabeça, deliberada ou acidentalmente, com o que temos aqui na sala.

— Não consigo ligar — informou Peabody. — O programa. O disco nem sequer pode ser ejetado sem a senha correta. Tudo que tenho é o horário do início e do término do programa. Ele foi executado por pouco mais de trinta minutos e terminou às dezessete horas e

onze minutos.

— Então ele chegou em casa, veio direto aqui para cima e ligou o console. Parece que jogou durante esses trinta minutos. Precisamos chamar uma equipe de peritos em eletrônica. E quero que o legista faça um exame toxicológico. Talvez tenham oferecido alguma droga a ele; pode ser que o tenham convencido a driblar a própria segurança de algum jeito e manter tudo fora dos registros. Grave a cena e, depois, investigue a androide. Vou conversar com a namorada.

Eve encontrou CeeCee na sala de mídias eletrônicas, no primeiro andar. Uma loura bonita com uma explosão de cachos, ela estava sentada em uma das

espaçosas poltronas. Isso a fazia parecer menor, apesar das pernas dobradas e das mãos entrelaçadas no colo. Seus olhos — grandes, claros e azuis — estavam avermelhados, inchados e ainda vidrados pelo choque.

Eve dispensou o guarda com um aceno de cabeça, se aproximou dela e se sentou.

— Srta. Rove?

— Sim, eu mesma. Devo permanecer aqui. Alguém pegou meu *tele-link*. Eu deveria chamar alguém, não deveria?

— Nós vamos devolver seu *tele-link*. Sou a tenente Dallas. Por que não me conta o que aconteceu?

— Já contei a alguém. — CeeCee olhou em volta, com expressão vaga. —

Era outro policial. Estive pensando aqui... Bart armou alguma pegadinha? Ele faz isso às vezes. Inventa coisas assim. Gosta de zoar. Tudo isso é encenação?

— Não, não é. — Eve posicionou a cadeira de frente e se sentou para olhar nos olhos de CeeCee. — Você ia se encontrar com ele na noite passada?

— Sim, na minha casa. Às oito da noite. Preparei o jantar. Íamos jantar na minha casa porque gosto de cozinhar. Bem, às vezes. Mas ele não apareceu.

— O que você fez?

— Às vezes, ele se atrasa. Fica trabalhando até tarde. Às vezes, sou eu que me atraso, então tudo certo. Mas ele não apareceu e não atendeu ao *tele-link*.

Também liguei para o trabalho dele, mas Benny me disse que ele tinha saído de lá pouco depois das quatro para trabalhar em casa durante algumas horas.

— Benny?

— Benny Leman. Ele trabalha com Bart e ainda estava lá. Eles ficam até muito tarde, isso é comum. Gostam disso.

— Você veio aqui para descobrir o que ele andava aprontando?

— Não. Quase fiz isso. Fiquei revoltada porque tive muito trabalho para preparar tudo, entende? Puxa, eu *cozinhei* de verdade, comprei vinho, velas e tudo o mais. — Ela inspirou com força, mas soluçou e gaguejou. — Ele não deu as caras e nem sequer me avisou

que iria se atrasar. Ele se esquece, tudo bem, mas sempre responde quando mando mensagens ou se lembra antes que seja tarde demais. Geralmente, ele programa lembretes. Mas eu estava muito zangada e chovia muito. Então pensei: *Não vou sair de casa agora, com toda essa chuva*. Tomei um pouco de vinho, jantei e fui para a cama pensando: *Ele que se dane!*

Ela cobriu o rosto, lamentando, e se balançou para frente e para trás, enquanto Eve permanecia em silêncio.

— Disse para mim mesma: *Dane-se, Bart, eu fiz um jantar muito legal*. Mas, hoje de manhã, fiquei *realmente* furiosa porque ele, além de não aparecer, nem tentou retornar minhas ligações. Como

meu expediente só começa às dez, vim para cá. E pensei: *Tudo bem, é hoje que nós vamos ter nossa primeira briga séria, porque isso não é maneira de se tratar alguém.* Ou é?

— Não. Há quanto tempo vocês estão se relacionando?

— Há quase seis meses.

— E essa seria a sua primeira briga séria? Verdade?

CeeCee sorriu de leve, embora as lágrimas continuassem a escorrer.

— Fico um pouco irritada de vez em quando, mas não dá para ficar brava com Bart por muito tempo. Ele é um amorzinho. Mas, dessa vez, eu ia soltar os cachorros. Leia me deixou entrar.

— Quem é Leia?

— Ah, a androide da casa. Ele a projetou para parecer uma personagem de *Star Wars*, *O Retorno de Jedi*.

— Ok.

— Enfim, Leia me avisou que ele estava no salão holográfico, totalmente trancado, e tinha desligado todos os comunicadores: não perturbe. De acordo com o registro matinal dela, ele estava lá desde as quatro e meia da tarde de ontem, mais ou menos. Foi aí que fiquei preocupada. Achei que ele tinha passado mal lá dentro, ou desmaiado, sei lá, e a convenci a destrancar a porta.

— Você *convenceu* uma androide?

— Bart a programou para me obedecer depois que começamos a namorar. Além disso, ele já tinha

ultrapassado o seu limite de doze horas de isolamento. Então ela abriu a porta e...

Seus lábios tremeram e seus olhos se arregalaram novamente.

— Como aquilo pode ser real? Primeiro, pensei que fosse verdade e gritei. Depois, achei que fosse alguma piada, que era um androide, e quase fiquei revoltada de novo. Mas percebi que era Bart. Era ele mesmo. E foi horrível.

— O que você fez?

— Acho que desmaiei por alguns segundos, mas não cheguei a cair. Não sei descrever... Por um segundo, ou um minuto, tudo ficou preto, girando, e, quando parou, eu corri. — Lágrimas lhe

desceram pelas bochechas, e ela ficou vermelha. — Corri para o andar de baixo. Quase caí, mas desci as escadas e liguei para a polícia. Leia me obrigou a sentar e me preparou um chá. Ela disse que tinha havido um acidente e que teríamos de esperar pela polícia. Tudo isso estava em sua programação, eu acho. Mas não pode ter sido um acidente. Como aquilo pode ser um acidente? *Tem* de ser um acidente!

— Você conhece alguém que quisesse machucar Bart?

— Como alguém poderia querer o mal de Bart? Ele é apenas um criança. Um criança muito inteligente.

— E quanto à família dele?

— Os pais moram na Carolina do

Norte. Quando a U-Play decolou, ele comprou uma casa na praia para eles, como sempre quiseram. Oh, Deus, meu Deus, os pais dele! Alguém precisa contar a eles.

— Vou cuidar disso.

— Certo. — Ela fechou os olhos com força. — Vai ser melhor, porque acho que eu não conseguiria. Não sei como enfrentar nada disso.

— E quanto a você? Tem ex-namorados?

Seus olhos se arregalaram.

— Oh, Deus, não. Quer dizer, sim, tive namorados antes de Bart, mas ninguém que... Nunca tive um tipo de separação que pudesse provocar... Não estava saindo com ninguém que fosse

especial ou firme antes de me ligar ao Bart.

— E no trabalho dele? Bart teve que demitir alguém recentemente ou repreendeu com firmeza algum dos funcionários?

— Acho que não. — Ela passou os dedos nas bochechas com a testa franzida, refletindo sobre a pergunta. — Ele nunca comentou nada sobre isso comigo, e, certamente, o teria feito. Pelo menos acho que sim. Ele odiava confrontos, exceto nos videogames. Teria me contado se tivesse problemas com alguém no trabalho, eu creio. Ele é um cara feliz, sabe? Também faz outras pessoas felizes. Como isso pôde acontecer? Não sei como. Você sabe?

— Ainda não.

Eve fez com que CeeCee fosse levada para casa e começou sua própria investigação, cômodo por cômodo. Havia muitos, observou, e cada um deles fora projetado para que os ocupantes pudessem jogar com bastante conforto. Poltronas espaçosas e sofás enormes pareciam gritar com suas cores berrantes. Nada de coisas sem graça para Bart. Os cardápios dos AutoChefs e o conteúdo das geladeiras eram voltados para aquele gosto adolescente — pizzas, hambúrgueres, cachorros-quentes, batatas fritas e doces. Havia refrigerante e, em número bem menor, vinho, cerveja e outras bebidas

alcoólicas.

Ela não encontrou drogas ilícitas, apenas alguns medicamentos comuns de venda liberada.

Estava quase completando sua busca inicial na suíte principal quando Peabody entrou.

— Não encontrei substâncias ilegais de nenhum tipo — informou Eve. — Não há brinquedos sexuais também, embora ele tenha algum material pornográfico em vídeo e em discos de jogos. A maioria dos computadores exige senha para o acesso, e os que não exigem são só consoles para videogames. Nenhum dado especial nem aparelhos de comunicação.

— A androide confirma o depoimento

da namorada de que ela foi a primeira a entrar na cena do crime — disse Peabody. — A vítima ordenou o desligamento da androide durante a noite, assim que voltou para casa, e o registro confirma que isso foi feito. Ela tem um sistema de despertar automático marcado para as nove da manhã, que foi ativado, já que a vítima não a religou antes. Eu a acho um pouco assustadora.

— Como assim?

— Eficiente demais. Além disso, não parece uma androide. Não tem nada que entregue que não é humana, como normalmente acontece. Nunca gagueja, nem fica com olhar de paisagem quando processa alguma informação. Definitivamente, é um equipamento top

de linha. Sei que ela não se *sentiu* chocada nem triste de verdade, mas me pareceu que sim. Ela me perguntou se alguém iria entrar em contato com os pais dele. Isso é pensamento ativo, não parece coisa de androide.

— Ou é apenas uma programação meticulosa e completa. Vamos descobrir mais sobre a U-Play. Ninguém compra um trípex neste bairro por uma ninharia. Vamos descobrir quem ganha toda essa grana e quem está na fila para assumir o controle da empresa. Precisamos saber no que ele estava trabalhando. E quem era tão bom nisso quanto ele.

Ela fez uma pausa e olhou ao redor da sala mais uma vez.

— Alguém entrou aqui, passou pela

androide e adentrou aquele quarto sem deixar rastros.

Ela só conhecia uma pessoa que conseguiria desvendar isso — e era casada com ele. Talvez Roarke conhecesse mais alguém.

— Nossa prioridade é tirar o disco do console do salão holográfico e executar o programa.

— A equipe de eletrônicos já está a caminho, e os peritos também. Um dos policiais já apreendeu todos os discos de segurança das últimas vinte e quatro horas.

— Você continua aqui vasculhando cômodo por cômodo. Vou notificar os parentes mais próximos pelo *tele-link*. Depois, veremos o que a Divisão de

Detecção Eletrônica pode fazer por nós e, por fim, faremos uma visita à sede da U-Play.

Ela ficou parada por alguns minutos depois de enviar a notificação, esperando tudo se acalmar. Acabara de destruir a vida de duas pessoas que ela sequer sabia que existiam menos de uma hora atrás, refletiu, sentada na beira da cama de Bart Minnock. Eles nunca mais seriam os mesmos, nada seria como antes.

Assassinatos faziam isso. Destruíam algumas vidas, esmagavam outras, mudavam todas para sempre.

Afinal de contas, por que alguém precisava ou queria acabar com a vida

de Bart Minnock? E por que escolheria um método como aquele?

Dinheiro. Inveja. Vingança. Segredos. Paixão.

Por tudo que Eve descobrira até agora, fazendo uma rápida varredura nas suas finanças, era que ele tinha dinheiro. Certo, ele tinha muito dinheiro e a U-Play era uma empresa forte e jovem. Seu primeiro instinto foi acreditar nas palavras de CeeCee. Nenhum ex-namorado ciumento. Mas o dinheiro, muitas vezes, gerava inveja. A vingança poderia vir pelas mãos de um concorrente ou de um funcionário que se sentia humilhado ou pouco reconhecido. Segredos todos tinham alguns. Paixão? Os videogames certamente eram a

paixão da vítima.

Método: assassinato durante um jogo. Algo até poético, de um jeito doentio. Decapitação. Separe a cabeça — o cérebro — do corpo, e ele cai. Minnock era o cérebro da U-Play, pelo que pareceu em sua rápida investigação. O corpo cairia sem ele? Ou alguém já estava pronto, apenas esperando para assumir o controle?

Quaisquer que fossem as respostas, o método tinha sido ousado, intencional e complexo. Ela e Deus sabiam que havia outras maneiras mais fáceis de matar. Era muito provável que o assassino fosse tão focado e dedicado aos videogames quanto a vítima.

Capítulo Dois

Eve ouviu McNab antes mesmo de vê-lo. Se fosse uma adolescente histérica em vez de um homem adulto, ela teria considerado aquele som como um gritinho.

— Meu Jesus Cristinho! Este lugar é *mag* ao cubo!

— Acalme-se, garoto. Isto é uma cena de crime.

Eve gostou da reprimenda de Feeney, mas reconheceu traços de empolgação no tom do capitão. O chefe da DDE tinha sido seu parceiro alguns anos antes; não era apenas um homem adulto,

refletiu, mas também um avô amoroso.

De qualquer modo, talvez todos os *e-geeks*, no fundo, fossem crianças para sempre.

— Alguém deveria dizer alguma coisa aqui. Uma espécie de oração.

Quem disse isso foi Callendar, a ajudante que eles também tinham trazido. Os murmúrios reverentes que ela emitiu fizeram com que Eve sacudisse a cabeça. Talvez esperasse mais daquela figura, já que Callendar era mulher.

Eve foi até a escada e olhou para os três. Viu a cabeça grisalha de Feeney — o ruivo misturado ao prata —, reparou nas escandalosas calças cargo em tom laranja de McNab e na estampa de raios

de sol na blusa de Callendar.

— Quando vocês deixarem o espanto e a cafonice de lado, talvez possam vir aqui em cima. Temos um pequeno assassinato desagradável para desvendar.

Feeney olhou para cima, e Eve viu que ela estava certa... Havia um rubor de empolgação no rosto geralmente triste dele. McNab simplesmente sorriu, e os pequenos saltos que dava ao caminhar faziam balançar seu rabo de cavalo louro. Callendar, pelo menos, teve a graça de parecer um pouco envergonhada quando encolheu os ombros.

— Este lugar é um santuário para tudo relacionado a eletrônicos e videogames!

— exclamou McNab.

— Tenho certeza de que o cara morto aqui em cima ficaria feliz com a sua aprovação. Salão holográfico, terceiro andar.

Ela subiu sem esperar resposta, mas parou por um momento ao ver que Morris, o chefe dos legistas, vinha subindo; ele não tinha enviado um dos seus assistentes para a cena do crime. Em vez disso, tinha ido pessoalmente.

Ele estava com boa aparência naquele dia, mas, geralmente, era assim. Seu terno preto liso não parecia fúnebre, graças aos toques de prata na mecha entrelaçada em sua comprida trança e no padrão sutil da sua gravata. Ainda assim, parecia estar usando preto com

mais frequência nos últimos tempos, e Eve entendeu que aquilo era um sutil sinal do luto que sentia pela perda de sua amada.

Foi a vida dele que Eve destruiu em uma bela manhã, na primavera passada; ela sabia que a vida dele nunca mais seria a mesma por causa daquela perda.

Ele deve ter ouvido os pensamentos de Eve enquanto examinava o corpo, porque disse:

— Isso é algo que não se vê todos os dias, mesmo no nosso trabalho.

— Foi o que eu disse.

Ele ergueu os olhos, e o seu rosto exótico pareceu suavizar com um sorriso.

— Muitas vezes, as pessoas perdem a

cabeça por causa de um assassinato. Quando as informações chegaram, quis ver a cena do crime com meus próprios olhos — Ele apontou com o queixo em direção à cabeça. — Pelos respingos e pela poça de sangue, parece que aquela parte dele deixou esta aqui para trás com muita rapidez e muito “splash”.

— Esse é um termo médico?

— Claro. *Zap* e *splash*. É uma pequena piada do destino que o rosto tenha caído com os olhos virados para a porta. Parece que o pobre infeliz morreu antes mesmo de perceber que sua cabeça tinha ganhado asas, mas vamos examiná-lo por inteiro para ver o que encontramos.

— Foi preciso muita força para

decapitá-lo com um golpe só, além de uma lâmina muito afiada.

— Concorde.

— A namorada tem menos de um metro e sessenta de altura e acho que uns cinquenta quilos. Não teria força para isso. Mas um androide teria, certo?

— Possivelmente, se a programação fosse alterada e aprimorada.

— Não encontrei nada que indique autoextermínio, mas, uma teoria lógica, dadas as circunstâncias, é que talvez ele quisesse deixar essa existência de um jeito chamativo. Programou a androide, ela fez o trabalho, descartou a arma e religou o sistema de segurança. Parece bobagem, mas é uma possibilidade.

— As pessoas costumam fazer coisas

incompreensíveis. É isso que as torna tão fascinantes. Ele estava jogando?

— Pelo visto, sim. Seja qual for o jogo, ainda está preso dentro do console. — Ela apontou para os controles. — A DDE está subindo. Talvez ele tenha colocado a androide para jogar com ele e alguma coisa tenha dado errado. — Ela balançou a cabeça e enfiou as mãos nos bolsos. — Só que isso não explicaria uma reprogramação independente. É de última geração, segundo Peabody, mas algo assim está além do que se conhece. Androides exigem que um operador humano altere a sua programação.

— Até onde sei, sim, mas não entendo muito dessas coisas. Em geral,

androides que parecem clones de humanos têm um ar um pouco assustador e são dignos de pena.

— E como! — Ela tirou a mão do bolso e apontou para ele em sinal de aprovação. — É exatamente assim que penso.

— E, já que não fazem coisas incompreensíveis sem que um humano os programe, não são assim tão interessantes. — Morris deu de ombros e se levantou. — Você deveria perguntar ao seu consultor civil para esses assuntos. Acho que ele saberá explicar tudo que precisamos saber.

— Vou ver o que os *geeks* do departamento têm a dizer antes de ligar para Roarke.

— Uau.

Ela se virou para ver os tais *geeks*, que finalmente tinham aparecido.

— Uau mesmo! — repetiu McNab. — Puxa, isso é uma perda lamentável... Bart Minnock, o jovem gênio.

— Sempre achei que a cabeça dele iria se destacar da dos outros... — Callendar estremeceu diante do que disse. — Desculpem.

— É inevitável. O corpo é de Morris. — Eve apontou com o polegar para os dois pedaços de Minnock e, depois, para o painel de controle. — Aquilo é de vocês. Parece que a vítima entrou aqui para jogar ou, talvez, testar um novo programa. Seja lá o que ele tenha colocado no console ainda está lá.

Parece codificado e à prova de falhas. Preciso disso sem danificar o disco ou o console. Quero que o sistema de segurança desta porta e da porta de entrada seja examinado minuciosamente. Os registros dizem que ninguém entrou ou saiu depois que ele trancou a porta, mas, considerando que ele não fez isso com as próprias mãos, os arquivos foram adulterados. Peabody e eu estaremos trabalhando no resto da casa. Já que todo mundo aqui está com a cabeça no lugar... Viram só como é inevitável? Espero algum progresso quando voltarmos para a Central.

Ela os deixou trabalhando e fez sinal para chamar sua parceira.

— A polícia interrogou os vizinhos

— anunciou Peabody assim que saíram.
— Como o apartamento dele ocupa os três últimos andares do prédio, não conseguimos nada. O porteiro de plantão na noite passada respondeu ao nosso chamado. Confirmou a hora da chegada da vítima e jura que ninguém veio ver Minnock, nem circulou pelos últimos andares até a namorada chegar hoje de manhã.

— Um *e-geek* inteligente trabalha, emprega e conhece outros *e-geeks* inteligentes. Vamos descobrir quem não gostava do bom e velho Bart.

A U-Play ocupava toda a extensão de um antigo armazém reformado. Havia muita atividade no ar e algo mais, que Eve

sentiu como uma energia efervescente que zumbia à sua volta. Vindos dos incontáveis computadores e telões até os laboratórios e escritórios abertos, ouviam-se sons de colisões de veículos, guerras espaciais, gargalhadas maníacas, ameaças de bomba e comemorações de vitória.

Pequenos mundos, fantasias complexas, competições sem fim, pensou Eve. Como alguém ali conseguia se manter sério?

Algumas daquelas pessoas mal tinham idade para comprar bebidas alcoólicas. Todas vestiam roupas com cores berrantes, muito largas e confortáveis, e se espalhavam pelos quatro andares abertos do lugar. Eve teve a impressão

de que todos falavam ao mesmo tempo em seus incompreensíveis jargões nerds, enquanto operavam dispositivos portáteis, se comunicavam através de headsets, jogavam em telas inteligentes e saboreavam uma variedade de refrigerantes.

Era como a DDE, só que estimulada por zeus, uma droga poderosa.

— Isso aqui é o mundo dos nerds! — exclamou Peabody — Ou a galáxia *geek*. Não consigo decidir qual porque são muitos nerds e *geeks*.

— É o mundo dos nerds na galáxia *geek*. Como eles conseguem ouvir os próprios pensamentos? Por que ninguém fecha as portas das salas?

— Na condição de alguém que mora

com um *geek* meio nerd, posso afirmar que eles alegam que o barulho, o movimento e o caos basicamente os mantêm ligados.

— A cabeça dele deveria explodir.
— Eve observou as pessoas subindo e descendo nos antigos elevadores de carga revestidos de vidro ou correndo para cima e para baixo em escadas de ferro — todas calçando botas pesadas ou sapatos com sola maleável. Outros descansavam em poltronas reclináveis e sofás, focados em videogames, com o olhar vidrado de maratonistas.

Eve agarrou uma jovem que vestia o que lhe pareceu um macacão todo salpicado por respingos de tinta feitos por uma criança de três anos

enlouquecida.

— Quem está no comando?

A mulher, que tinha vários piercings nas orelhas, nariz e sobrancelhas, piscou duas vezes.

— Como assim?

— Deste lugar. — Eve levantou um braço e o girou para abranger toda a loucura.

— Oh... Bart. Mas ele ainda não chegou. Acho que não.

— Quem é o seguinte na cadeia de comando?

— Hã...

— Vamos tentar de outro jeito. — Eve exibiu o distintivo.

— Oh, caramba. Somos todos legalizados e tal... se você quer falar

sobre licenciamentos para jogos ou algo assim, procure Cill, Benny ou Var.

— Onde encontro Cill, Benny ou Var?

— Hã... — Ela apontou para cima. — Provavelmente, estão no terceiro andar — Ela girou o corpo, olhando para cima. — Benny está bem ali, no terceiro andar. Consegue ver aquele cara muito alto com *dreads* vermelhos no cabelo? Eu tenho trabalho a fazer, ok? Então... fui!

Benny Leman tinha mais de dois metros de altura, pela avaliação de Eve, mas pesava cerca de noventa quilos, como se seu corpo tivesse emagrecido subitamente. Era um varapau com pele cor de ébano e a cabeça coberta por largos *dreadlocks*.

Quando elas chegaram ao terceiro andar, os tímpanos de Eve pareciam latejar com o barulho, e seus olhos se contraíam com força diante do ataque de cores e imagens. Eve decidiu que a U-Play, na realidade, era o sétimo círculo do inferno de Dante.

Encontrou Benny fazendo os típicos gestos de *e-geek* enquanto gritava palavras estranhas no headset, operava um tablet com uma das mãos e digitava em uma tela virtual com a outra.

Mesmo assim, ele conseguiu dar um sorriso branco ofuscante para ela e erguer a mão pedindo que aguardasse um instante. Suas palavras eram um zumbido confuso a respeito de nano, placas-mãe, terabytes e CGI.

O *tele-link* em sua estação de trabalho entulhada de coisas tocou, e, quando seu bolso emitiu os sons, Eve percebeu que ele tinha outro *tele-link* ali. Alguém chegou à porta, levantou o polegar de uma das mãos, balançou a outra para a frente e para trás. Benny respondeu acenando com a cabeça, deu de ombros e remexeu em alguma coisa; isso pareceu satisfazer o seu colega de trabalho, que foi embora.

— Desculpe. — Em uma voz bonita, com um leve sotaque jamaicano, Benny ignorou os toques e bipes para oferecer outro sorriso. — Estamos um pouco atolados por aqui hoje. Se veio fazer a entrevista, é melhor procurar Cill. Eu posso...

— Sr. Leman. — Eve ergueu o distintivo. — Sou a tenente Dallas, da polícia de Nova York. Esta é a minha parceira, detetive Peabody.

— Puxa vida! — Embora o sorriso permanecesse no lugar, ele pareceu intrigado. — Alguém está em apuros?

— Podemos dizer que sim — Eve apontou para Peabody, mandando que ela fechasse a porta. Assim como as paredes, a porta era de vidro, mas, pelo menos, abafava parte do barulho. — Pode desligar a sua tela?

— Ok. Estou em apuros ou algo assim? Ah, merda, Mongo falou alguma besteira pelo *tele-link*? Não fui para casa ontem à noite, mas meu androide deveria cuidar dele. Eu...

— Quem é Mongo?

— Meu papagaio. Ele é um bom menino, mas gosta de usar o *tele-link* para passar trotes.

— Não estou aqui por causa do seu papagaio. Vim por causa de Bart Minnock.

— Bart? Bart está com problemas? Isso explica por que não consigo encontrá-lo. Mas Bart não faria nada ilegal. Ele precisa de um advogado? Acho que é melhor... — Algo surgiu em seu rosto, um novo tipo de perplexidade e as primeiras sombras do medo. — Ele está ferido? Houve um acidente?

— Sinto muito ter de lhe comunicar que o sr. Minnock foi assassinado ontem.

— Ah, qual é?! — Uma raiva instantânea substituiu o medo. — Ele estava aqui ontem. Nada a ver. Bart sabe que aguento pegadinhas numa boa, mas isso não tem a menor graça.

— Isto não é uma pegadinha, sr. Leman — confirmou Peabody, com voz suave. — O sr. Minnock foi morto no final da tarde de ontem, na casa dele.

— Nã-não... — A comovente negação infantil saiu acompanhada de lágrimas, que brotaram de seus profundos olhos escuros. Benny deu um passo cambaleante para trás e caiu sentado no chão. — Não. Não o Bart. Não!

Para manter seu rosto no mesmo nível do dele, Eve se agachou.

— Sinto muito pela sua perda. Sei

que isso é um choque, mas precisamos fazer algumas perguntas.

— Na casa dele? Mas Bart tem segurança. Um bom sistema de segurança. Só que confia em todo mundo. Ele deixou alguém entrar? Eu não entendo. — Ele olhou para ela com ar suplicante enquanto as lágrimas lhe escorriam pelo rosto. — Tem certeza?

— Tenho, sim. Conhece alguém que quisesse feri-lo?

— Não o Bart. — Benny balançou a cabeça. — Não ele. Como aconteceu? Como assim ele está morto?

Ela não quis divulgar os detalhes.

— Quando foi que você o viu pela última vez ou teve contato com ele?

— Ele saiu mais cedo ontem. Não

tenho certeza. Cerca de quatro da tarde, talvez. Tinha um encontro com CeeCee, a namorada dele. E tinha algumas coisas para fazer em casa. Estava muito feliz.

— Ele agarrou a mão de Eve. — CeeCee? Ela está ferida? Ela está bem?

— Sim, está bem. Ela não estava lá.

Com a respiração ofegante, Benny fechou os olhos.

— Não, claro, isso mesmo. Ele ia jantar na casa dela. — Esfregou as mãos no rosto e o cobriu com elas. — Não sei o que fazer.

— Ele estava tendo algum problema aqui, com a empresa ou com funcionários?

— Não. Não. As coisas aqui estão bem. Tudo muito bem. É um lugar feliz.

Bart dirige um lugar feliz.

— E quanto aos concorrentes?

— Nada de importante. Alguns tentam invadir nosso sistema ou colocar informantes aqui dentro. É assim que a coisa funciona, como em qualquer outro negócio. Bart é cuidadoso. Somos todos cuidadosos. Temos uma ótima segurança. Seleccionamos as pessoas, realinhamos a equipe regularmente.

A porta se abriu. Eve olhou para trás e viu uma deslumbrante mulher asiática com cabelos negros amarrados à altura da nuca, deslizando até a cintura. Seus olhos brilhavam com um tom de verde claro em seu rosto de estrutura delicada.

— Bens, que diabos está acontecendo? Estou atolada e você está

parado aqui... o que houve? — Ela correu e se agachou ao lado dele. — O que aconteceu?

— Bart, Cilly, é o Bart. Ele está morto.

— Ora, não seja idiota. — Ela bateu no braço dele e começou a se levantar, mas ele a agarrou pela mão.

— Cilly, é verdade. Essas pessoas são da polícia.

— Do que você está falando? — Sua reação foi de insulto quando ela se levantou de forma elegante e olhou para Eve. — Mostrem os distintivos.

Ela pegou o distintivo de Eve e retirou um pequeno *scanner* do bolso.

— Ok, parece verdadeiro, só que... — Ela parou de falar e sua mão tremeu

um pouco quando olhou para o nome no distintivo e para o rosto de Eve. — Dallas... — sussurrou. — Você é a tira do Roarke.

— Eu sou da Polícia de Nova York — corrigiu Eve e pegou o distintivo de volta.

— A tira do Roarke não faz pegadinhas — Cill se ajoelhou e envolveu os ombros de Benny com um braço. — O que aconteceu com Bart? Meu Deus, que merda, o que aconteceu com Bart?

— Existe algum lugar onde possamos conversar em particular, sem ser no térreo? — quis saber Eve.

— Hã... — Cill passou a mão pelo rosto. — Na sala de descanso, no andar

de cima. Posso esvaziá-la para conversarmos. Mas precisamos de Var. Temos de ouvir tudo juntos antes de... antes de contarmos aos outros. — Ela se virou e apoiou a testa em Benny. — Vou liberar a sala e chamar Var. Por favor, me deem só um minutinho. Benny as levará até lá. — Ela se recostou um pouco, apoiada nos tornozelos, e respirou fundo antes de encontrar os olhos de Eve novamente. — Você investiga assassinatos, eu a conheço. Mas então... isso significa que Bart foi... Eles o machucaram? Por favor, me conte apenas se o machucaram.

— Só posso lhe dizer que acredito que foi tudo muito rápido.

— Ok. Certo. Você as leva lá para

cima, Bens, e não conte nada a ninguém até sabermos o que aconteceu. — Ela segurou o rosto dele por alguns segundos. — Aguenta só mais um pouco.

Ela se levantou e saiu correndo.

— Qual é a sua função aqui, Benny? — perguntou Eve. — A sua, a de Cill, a de Var. Qual é a ordem hierárquica?

— Bem... no papel, somos todos vice-presidentes da empresa. Mas Cill é a faz-tudo. Sou eu quem põe a mão na massa; Var é o cara das ideias. Todo mundo aqui sabe que pode procurar um de nós, ou Bart, se tiver uma ideia ou algum problema.

— E qual era o título não oficial de Bart?

— O cabeça. — Seu sorriso vacilou.

— Ele é sempre o mais inteligente da sala. Acho melhor levar vocês lá para cima.

Quando chegaram, os telões das paredes estavam desligados; os computadores, silenciosos; e todas as cadeiras da sala estavam vazias. Cill ficou olhando para uma das várias máquinas de venda automática. Elas ofereciam cafés sofisticados, todas as marcas de refrigerantes do planeta e um estoque de petiscos que funcionava 24 horas por dia. Eve imaginou que os AutoChefs dali eram tão incríveis quanto os da casa de Bart e teve um súbito desejo de comer pizza.

— Pensei em tomar um energético, porque é o que sempre tomo —

murmurou Cill —, só que perdi a vontade. — Ela se virou. — Var está chegando. Não contei a ele o porquê de precisarmos da sua presença. Achei que... enfim, vocês querem alguma coisa? Posso usar o meu crachá.

— Não, obrigada, estamos bem — disse Eve.

— Sente-se, Benny. — Cill pegou o crachá, selecionou uma garrafa de água e a entregou a Benny. — Beba um pouco.

Ela cuidava dele, pensou Eve. Não como uma amante, mas como uma irmã coruja.

Cill voltou à máquina e selecionou um café.

— É para o Var — explicou. — Ele

vai querer café.

Var chegou logo depois, um homem robusto, cerca de trinta anos, vestindo as imensas calças cargo que McNab adorava usar, só que em cáqui, uma cor que não agredia os olhos; seus tênis, porém, muito gastos, tinham o mesmo tom vermelho vivo de sua camisa. Os cabelos castanhos cortados muito curtos emolduravam um rosto que se situava entre simpático e rústico.

— Caraca, Cill, já disse que estou atolado em trabalho. Não há tempo para pausas. Ainda não consegui entrar em contato com Bart e tenho uma pilha de merda para resolver antes de...

— Var... — Cill passou o café para ele. — É melhor você se sentar.

— Nada disso! Preciso voltar ao trabalho, sério. Conte logo qual é o problema e... — Nesse instante, ele notou a presença de Eve e Peabody. — Desculpem. — Seu semblante se abriu em simpatia quando ele sorriu. — Não sabia que tínhamos companhia. Vocês são as representantes da Gameland? Eu só esperava a chegada de vocês à tarde. Eu estaria mais preparado para conversarmos depois do almoço. Provavelmente.

— Estas são a tenente Dallas e a...

— Detetive Peabody.

— Sim. — Cill respirou fundo e fechou a porta de vidro. — Elas estão aqui por causa de Bart.

— Bart? — Uma risada rápida

explodiu. — O que ele aprontou? Ficou bêbado e foi em cana? Vamos ter de pagar fiança?

— Sente-se, Var — murmurou Cill.

— Por quê? O que houve? — O ar divertido desapareceu. — Ai, cacete, que merda, ele foi assaltado ou algo assim? Está ferido? Está bem?

— Somos da Divisão de Homicídios — anunciou Eve. — Bart Minnock foi assassinado.

O café escorregou da mão de Var e derramou sobre seus chamativos tênis vermelhos.

— O que você quer dizer? Como assim?

— Sente-se, Var. — Cill puxou uma cadeira para ele. — Sente aí e não se

preocupe com a sujeira, limpamos tudo depois.

— Mas isso é loucura. Bart não pode estar... quando? Como?

— Em algum momento entre quatro e meia e cinco da tarde de ontem, no apartamento dele, a alguns quarteirões daqui — afirmou Eve — Ele foi encontrado por CeeCee Rove no início desta manhã, no salão holográfico. Foi decapitado.

Benny deu um suspiro estrangulado, e o silêncio tomou conta da sala. Ao lado dele, Cill ficou mortalmente pálida. Sua mão desabou, e Var a segurou.

— Alguém arrancou a cabeça dele?
— Quando Cill começou a tremer, Benny colocou um braço em volta dela e

os três se mantiveram sentados no sofá, colados uns aos outros. — Alguém arrancou a *cabeça* de Bart?

— Exatamente. Parece que ele estava no salão holográfico no momento do ataque; estava jogando um videogame. A DDE, Divisão de Detecção Eletrônica, está trabalhando para remover o disco do console holográfico. Preciso verificar os álibis de vocês entre as três e as seis da noite de ontem.

— Nós estávamos aqui — disse Cill, baixinho. — Estávamos todos aqui. Bem, eu saí um pouco antes das seis. Tinha uma aula de ioga às seis em ponto. A academia fica aqui mesmo na rua, na Blossom. Benny e Var ainda estavam aqui quando saí.

— Acho que fiquei aqui até seis e meia — pigarreou Var. — Fui... fui direto para casa. Meu grupo está trabalhando em um videogame... um jogo chamado *Warlord*, e ficamos jogando das sete às dez. Benny ainda estava na empresa quando saí, e já estava aqui hoje quando cheguei para trabalhar, às oito e meia da manhã.

— Sim, trabalhei até muito tarde e acabei dormindo aqui mesmo. Alguns dos funcionários também ficaram até sete ou oito da noite... não me lembro com exatidão, mas podemos verificar os registros. Fechei a empresa e trabalhei até cerca de uma da manhã, depois desabei. Nenhum de nós machucaria Bart. É como se fôssemos uma família.

Somos uma família.

— Elas têm que saber. — Cill encostou a cabeça no ombro dele por um momento. — É uma das etapas. Você tem que passar pelas etapas até chegar à próxima fase. Se Bart deixou alguém entrar em seu salão holográfico, certamente confiava na pessoa, ou...

— Ou... — incentivou Eve.

— Ele podia querer se exhibir. — A voz de Var falhou, e, mais uma vez, ele pigarreou.

— Como assim, querer se exhibir? No que ele estava trabalhando que quisesse levar para casa a fim de jogar e se exhibir?

— Temos muitas coisas em desenvolvimento — disse Var. — Há

muitos produtos prontos para ser lançados, e outros projetos ainda passando por ajustes. Bart levava muitas cópias em disco para casa para testá-las, procurar defeitos, possíveis falhas e formas de aprimorar o trabalho. Todos nós fazemos isso.

— Então ele deve ter registrado a saída do disco, certo?

— Deve, sim. — Var pareceu ficar sem expressão. — Oh, eu poderia confirmar. Posso ir verificar.

— Vou com você. Peabody, continue aqui — disse Eve com um aceno de cabeça, e seguiu Var para fora da sala enquanto sua parceira continuava o interrogatório.

Eles pegaram um dos elevadores, e Var afastou as pessoas do caminho. Seus bolsos emitiam sons diversos; bipes, apitos e zumbidos. Ela o viu tentar atender algum dos aparelhos — um movimento instintivo —, mas logo deixou a mão cair.

— Eles vão saber, vão perceber que tem alguma coisa errada — avisou a Eve, apontando para os funcionários. — O que vamos dizer a eles? Não sei o que dizer a eles.

— Precisamos interrogar todos que trabalham aqui. Quantos são no total?

— Na sede? Setenta e poucos. Temos algumas dúzias de pessoas a nível nacional, que trabalham remotamente em vendas, testes, esse tipo de coisa. — Fez

um gesto para ela, e eles entraram em um escritório que parecia a estação de comando de uma nave espacial.

— Esta é a estação de trabalho de Bart. É... uma réplica do CIC, Centro de Informação de Combate, da *Galactica*. Bart trabalha — trabalhava — melhor enquanto se divertia.

— Ok. Precisamos vasculhar as coisas dele aqui, levar computadores e comunicadores.

— Você não precisa de um mandado ou algo assim?

Ela o olhou com frieza.

— Você quer que eu traga um mandado?

— Não. Desculpe. — Ele passou a mão pelo cabelo e deixou as pontas

levantadas em pequenos tufo. — Não. É só que... são as coisas dele. Tudo isso são coisas dele. Ele teria registrado qualquer objeto que levasse para casa. É um inventário. Nós quatro temos a mesma senha desta sala para podermos verificar tudo que entra e tudo que sai. Também existe um código secundário diferente para cada um de nós, que é exigido em nossos próprios computadores. Para evitar problemas, entende?

— Tudo bem.

Ele digitou a senha manualmente, de costas para Eve.

— Var — declarou ele para o sensor, e segurou o crachá para verificação.

Var está liberado para entrar, anunciou o

computador.

— Mostre registros de saída de material que Bart tenha levado para uso externo no dia vinte e três de junho.

— Aumente o intervalo para uma semana — disse Eve.

— Ah, sim. Alterar para o período entre dezessete e vinte e três de junho.

Um momento, por favor. Como vão as coisas, Var?

— Já estiveram melhores.

Sinto muito por ouvir isso. Aqui está sua lista. Posso ajudar em mais alguma coisa?

— Não agora, obrigado. Não há nada que tenha saído daqui ontem. — Ele apontou para a tela. — Bart tem alguns projetos em desenvolvimento externo e trabalhou neles fora daqui durante a semana, mas os trouxe de volta e registrou a entrada. Ele não levou nada para casa ontem.

— Vou levar uma cópia dessa lista e uma cópia de qualquer um dos programas que ele tenha levado para casa esta semana.

— Nossa, puxa... Não posso fazer isso. Quero dizer, não posso lhe entregar cópias das coisas que temos em desenvolvimento. — O rosto dele passou de chocado a desconfortável e preocupado. — É tudo... bem,

confidencial. Ninguém, além de nós quatro, está autorizado a tirar algo daqui. Benny nem gosta de fazer isso até estarmos prontos para divulgar tudo. É por isso que ele acaba trabalhando aqui durante noites inteiras. Fica nervoso em levar para fora daqui algo que ainda não esteja devidamente preparado.

— Então vou trazer um mandado.

— Ah, cara... não sei o que fazer, não consigo pensar direito. — Lágrimas surgiram em seus olhos antes de ele se virar para escondê-las. — Preciso proteger a empresa, mas não quero fazer nada que atrapalhe a investigação. Nem sei se posso dizer sim ou não. Temos que fazer uma votação; nós três. Precisaríamos chegar a uma conclusão.

Você poderia nos deixar fazer isso primeiro?

— Vou lhes dar um tempo. Há quantos anos você conhecia Bart?

— Desde a faculdade. Ele já era amigo de Cill e Benny. Eles se conheciam desde a escola, e, depois, nós simplesmente... veja o nosso logotipo. — Ele apontou para o logo da U-Play na tela. — Bart recebeu sugestões mais chamativas, algumas espetaculares, mas quis este aqui. O nome da empresa em um quadrado. Ele disse que esse quadrado éramos nós, porque era preciso o trabalho de nós quatro para que tudo acontecesse. Pode me dar licença por um minuto? Por favor. Eu só quero... um minuto.

— Fique à vontade.

Quando Var se retirou, o *tele-link* de Eve tocou.

— Dallas falando.

— Tenho uma boa notícia e outra má — anunciou Feeney.

— Quero ouvir a boa primeiro, porque esta manhã está uma bosta.

— Conseguimos extrair alguns detalhes do programa que está dentro do console. O nome é *Fantastical*, e está codificado como SED.12, sistema em desenvolvimento, décima segunda versão, pelo meu palpite. Consegui o registro dos direitos autorais da U-Play e a data da última edição, que ocorreu há dois dias.

— Ele estava jogando sozinho ou

havia alguém com ele?

— O console estava definido para um só jogador, mas isso faz parte da má notícia. Não há como saber que diabo é a *Fantastical* porque o disco se autodestruíu quando hackeamos a última barreira ao invadir o sistema.

— Merda.

— O aparelho quase derreteu. Podemos conseguir algo caso haja um milagre. Eles têm que ter uma cópia disso. É impossível esta aqui ser a única.

— Eu assumo a partir daqui. Preciso de uma equipe para apreender os equipamentos de trabalho da vítima. Tentem não explodi-los também.

— Isso dói, garota.

— Bem, isso é para que este dia se torne uma bosta para vocês também — disse Eve, e desligou antes de chamar Peabody pelo *tele-link*. — Preciso que você venha ao escritório da vítima. Comece uma busca preliminar e mantenha todos os outros longe do local. Estou indo para lá.

— Entendido. Já tenho as principais informações dos dois que estão aqui e vou levantar dados sobre os três. Vamos interrogar os funcionários hoje?

— Quanto antes, melhor. Vamos coletar os álibis de cada um e, depois, procuraremos mais informações.

— São mais de setenta pessoas, Dallas.

Ela suspirou.

— Eu sei. Entre em contato novamente com Feeney. Ele, McNab e Callendar podem vir ajudar. Afinal, todos falam esse idioma *geek*.

— Certo. McNab vai se mijar nas calças quando vir este lugar.

— Isso não vai ser divertido? Você vem para cá; eu vou para aí. Agora. — Eve desligou novamente.

A tenente não teve pressa de voltar. E percebeu que Var tinha razão: as pessoas sabiam que algo estava acontecendo, algo muito errado. Cabeças se viravam em sua direção, e sussurros a seguiam. O lugar cheirava a culpa, preocupação e uma leve sensação de empolgação.

O que está acontecendo? O que eles

aprontaram? Será que estamos em apuros?

Ela viu Var caminhando na direção dela, parecendo destruído, e os sussurros viraram murmúrios.

Ela o deixou entrar na frente e fechou a porta.

— O que é *Fantastical*?

A pergunta foi respondida com um silêncio de puro choque.

Capítulo Três

— Vou conseguir um mandado de busca e apreensão. — Eve acompanhou com o olhar todos os rostos à sua frente, em busca de um ponto fraco. — E a DDE vai verificar cada byte de cada arquivo. Vou fechar a empresa enquanto eles estiverem investigando. Isso poderá levar semanas.

— Mas você não pode fazer isso, não pode fechar a empresa — protestou Benny. — Temos mais de setenta pessoas trabalhando aqui e muitas outras que colaboram remotamente e dependem de nós. Sem falar nos distribuidores, nos

contadores. E tudo que ainda está em desenvolvimento.

— Sim, é uma pena. Só que um assassinato atropela todo o resto.

— Eles têm contas, têm família... — tentou Cill.

— E eu tenho as duas partes de Bart.

— Isso é golpe baixo — murmurou Var. — Isso é muito baixo.

— Assassinato costuma ser golpe baixo. A escolha é de vocês. — Ela pegou o *tele-link*.

— Podemos chamar nossos advogados. — Cill olhou para Benny e, depois, para Var. — Só que...

— Um assassinato atropela todo o resto — repetiu Eve. — Meu mandado vai chegar e vou conseguir todas as

respostas. Só vai levar mais tempo. Enquanto isso, o seu amigo ficará no necrotério. Mas talvez um jogo signifique mais para vocês.

— Não se trata apenas de um jogo. — A paixão aflorou na voz de Benny. — É a maior conquista de Bart, de todos nós, da empresa. Confidencialidade em nível máximo. E nós juramos manter segredo, juramos não falar sobre isso com ninguém que não estivesse diretamente envolvido no projeto. E, mesmo assim, só falamos o necessário.

— *Eu* preciso saber. Ele o estava jogando quando foi morto.

— Mas... mas isso não é possível — espantou-se Cill. — Você disse que ele foi morto em casa.

— Exatamente. Havia uma cópia do *Fantastical* no console holográfico.

— Isso é um engano, não pode ser verdade. — Mais pálido agora, Var balançou a cabeça com força para os lados. — Ele não teria levado uma cópia de um projeto ainda em desenvolvimento para fora da empresa sem nos comunicar, muito menos sem registrar a saída. Isso é quebra de protocolo.

— Ele estava com o videogame em casa? Ele o levou sem contar a nenhum de nós? — Benny olhou para Eve com olhos que exibiam traição e choque na mesma medida.

— Ela só está tentando fazer com que contemos tudo a ela...

— Pelo amor de Deus, Var, use a cabeça! — exclamou Cill. — Ela não saberia sobre o jogo se eles não o tivessem encontrado na casa de Bart. — Quando ela pressionou os dedos sobre os olhos, meia dúzia de anéis brilharam e cintilaram sob a luz. — Ele andava muito empolgado porque o projeto estava quase pronto. Faltava pouco. Não entendo por que ele levou o disco para casa sem nos informar, ainda por cima sem registrar a saída. Ele é muito rígido quanto a isso, mas a verdade é que ele estava empolgado demais.

— Sobre o que é esse jogo?

— Trata-se de um videogame interativo de fantasia holográfica. É multifuncional — completou Benny. —

O jogador, ou jogadores, escolhe o que fazer em um menu de configurações, níveis, enredos, mundos, eras... Ou pode criar suas próprias adaptações por meio dos recursos de personalização. Ele aceitará as escolhas pessoais do jogador, ações, reações, movimentos, e ajustará a situação de acordo com o pedido. É quase impossível reproduzir qualquer situação exatamente da mesma maneira duas vezes — continuou. — Isso sempre dará ao jogador um novo desafio e uma nova direção a seguir.

— Ok, isso é tecnologia de ponta em termos de diversão e custo, mas não é assim tão revolucionária — rebateu Eve.

— As características sensoriais são

indescritíveis — garantiu Var. — Parece mais real do que a realidade, e o jogador tem a opção de adicionar mais recursos à medida que avança. Há recompensas e punições.

— Punições? — repetiu Eve.

— Digamos que você seja um caçador de tesouros — explicou Cill. — Talvez descubra pistas, ou pedras preciosas, artefatos, qualquer coisa, dependendo da fase e da cena. Mas, se você erra e estraga tudo, é transferido para outro desafio e perde pontos. Talvez seja atacado por forças inimigas, pode cair e torcer o tornozelo, pode perder seu equipamento em um rio turbulento. Se fizer tudo errado, o jogo acaba, e você precisa voltar ao início

daquela fase.

— O programa *monitora* você —
continuou Benny. — Sua pulsação, sua
pressão sanguínea, sua temperatura
corporal. É como um sensor médico. Ele
adapta os desafios às suas
características físicas específicas.
Combina as sensações da realidade
virtual mais avançada com imagens
baseadas em realidade holográfica de
altíssima qualidade. Você luta contra o
dragão para salvar a princesa? Vai
sentir o calor e o peso da espada. Mate
o dragão, e a princesa ficará muito grata.
Você também sentirá isso. Terá a
experiência completa.

— E se o dragão vencer?

— Você recebe um solavanco

violento. Nada doloroso, apenas um tremor e, como Cill disse, o jogo termina. Você pode iniciá-lo novamente a partir desse ponto, voltar ao início ou alterar um dos muitos fatores. Mas o programa também mudará. Ele se transforma e recalcula tudo — acrescentou, obviamente se empolgando com o assunto. — Os personagens de cada programa são aprimorados com a mesma tecnologia de inteligência artificial usada em andróides. Seja amigo ou inimigo, eles estão programados para querer vencer tanto quanto o jogador.

— É um salto quântico em termos de tecnologia — disse Cill. — Um avanço fantástico na área de fusão de novas

técnicas. Estamos trabalhando em alguns probleminhas de execução, mas temos planos para lançá-lo no de fim do ano. Quando isso acontecer, o valor de mercado da U-Play vai disparar. Bart queria uma estrutura mais amigável para o cliente e achava importante manter o custo baixo. Então pretendemos lançá-lo em versão doméstica, para fliperama, em várias plataformas e... é muito complicado.

— Investimos demais na tecnologia, no aplicativo, na programação, nas simulações. Se alguma informação vazar antes de estarmos prontos para o lançamento... — Os lábios de Var se apertaram com força.

— Isso poderia nos destruir —

completou Cill. — É oito ou oitenta.

— Em seis meses, um ano no máximo, estaríamos no topo, junto com a SimUlate. Seríamos globais, universais — garantiu Benny. — Não seríamos mais novatos no mercado, nem “os jovens gênios dos videogames”. Estaríamos no mercado *de igual para igual*. Só que sem Bart no comando...

— Não sei se conseguiremos. Não sei como podemos fazer isso — disse Cill.

— *Temos* que fazer. — Var pegou a mão dela. — Não podemos perder essa chance. Bart começou, e nós temos que terminar. Vocês precisam manter o jogo em segredo — disse Var, olhando para Eve. — Vocês *precisam*. Se alguém colocar as mãos naquele disco em

desenvolvimento...

— Ele se autodestruíu quando a equipe de eletrônicos tentou removê-lo do console.

— Sêrio? — Benny piscou duas vezes. — *Mag!* Desculpe... — emendou ele rapidamente. — Desculpe mesmo. É só que... Bart deve ter adicionado mais uma camada de segurança. É por isso que ele é o Bart.

— Quantas cópias existem?

— Quatro. Uma para cada um de nós, material de trabalho. Era nisso que eu estava trabalhando ontem à noite — acrescentou Benny. — Fiz uma simulação para jogar como operador, com um androide. Geralmente, trabalhamos nesse projeto depois que

todos os funcionários vão para casa.

— Só vocês quatro sabem sobre esse jogo?

— Não exatamente. Todo mundo sabe que estamos trabalhando em algo grandioso. Temos ótimos cérebros aqui — afirmou Cill. — Nós os utilizamos. Mas ninguém sabe exatamente o que temos, só peças soltas. E, sim, alguns desses cérebros são espertos o suficiente para juntar muitas dessas peças. Mas tomamos todo o cuidado para sermos discretos. Vazamentos representam morte no negócio dos videogames.

Ela pareceu perceber o que disse e estremeceu.

— Você acha que alguém descobriu

e...

— É uma possibilidade. Vou precisar de uma cópia do jogo.

Os três olharam para ela com ar de desconsolo.

— Escutem... — argumentou Eve. — Se a coisa é como vocês afirmam e qualquer informação vazar do meu lado, vocês vão processar o Departamento de Polícia e, possivelmente, a cidade de Nova York, pedindo muita grana de indenização. Se eu for culpada, é provável que possam me processar também. Vou perder a minha reputação e, quem sabe, até mesmo o meu distintivo, e isso é tão importante para mim quanto os videogames são para vocês. Meu único interesse nesse jogo é

entender a relação dele com o assassinato de Bart.

— Ela é a tira do Roarke — avisou Cill, olhando para os outros.

— O quê? Merda.

Cill se virou e fuzilou Var com um olhar.

— Roarke não vai roubar nada de nós. Ele não roubaria nem o túmulo de Bart, cacete! — As lágrimas escorreram novamente. — Ele nos ajudou a dar início a tudo isso. Gostava *muito* de Bart.

— Roarke conhecia Bart? — perguntou Eve, e tentou ignorar a fígada no estômago.

— Ele quis nos recrutar. — Cill limpou as lágrimas com as costas das

mãos enquanto seus olhos brilhavam como piscinas verdes. — Todos nós, embora ache que seu interesse era específico em Bart. Mas queríamos dar início ao nosso próprio negócio. Ele nos ajudou, nos deu conselhos, nos permitiu trocar ideias com ele sobre como configurar tudo. Todos nós recebemos uma oferta para trabalhar nas Indústrias Roarke, na SimUlate ou em qualquer das empresas do grupo que escolhêssemos. Ele não roubaria nada de nós. Se tivermos de ceder uma cópia, prefiro que seja para a tira do Roarke, ou para o próprio Roarke. Ele vai garantir que ninguém mais ponha as mãos no projeto. Fará isso por Bart.

Ela se levantou, ainda limpando as

lágrimas.

— Precisamos conversar com o advogado. Precisamos verificar muita coisa, talvez obter algum tipo de documentação sobre a entrega de uma cópia para vocês. De qualquer modo, vai demorar algum tempo para fazermos cópia de tudo. Temos diversos níveis de segurança, é muito complexo, então pode demorar um pouco. Talvez um dia para conseguir tudo. Mas vou cuidar disso. Bart está morto — disse ela antes que qualquer um dos amigos tivesse chance de abrir a boca. — Ninguém vai fazer nada que nos impeça de descobrir quem fez isso com ele. Nem mesmo nós.

— Sinto muito — disse Var quando Cill saiu da sala. — Eu não quis dizer

nada de mau sobre Roarke, como pareceu.

— Não tem problema. — O *tele-link* emitiu um bipe, avisando Eve de que os detetives eletrônicos tinham chegado. — Minha equipe está aqui. É melhor vocês contarem ao seu pessoal o que está acontecendo.

Ela os liberou e trouxe Peabody para dentro.

— Tenho alguns detalhes sobre o videogame que a vítima jogava quando morreu e vou falar sobre isso mais tarde. Por enquanto, quero dividir todos os funcionários no local entre nós cinco. Escolha cinco locais para os interrogatórios, consiga a lista completa de empregados, e vamos reparti-los

entre nós. Depois, precisamos verificar as pessoas que não vieram trabalhar hoje. Consiga declarações, impressões, dados importantes e álibis. Vamos investigar todos e, depois, suas famílias e ligações externas. Por fim, vamos verificar as finanças. Talvez encontremos alguém passando dados para um concorrente em troca de uma graninha extra.

— Acha que o crime teve a ver com o jogo?

— É mais que um jogo — disse Eve, com um leve sorriso. — É uma aventura. Preciso cuidar de uma coisa agora. Pode enviar a minha parte dos funcionários listados para cá quando você terminar a divisão.

— Você vai ficar na sala mais legal de todas.

— Vou, sim. Agora, mãos à obra.

Aquilo precisava ser feito, pensou Eve. Ela teria de contar tudo a ele de qualquer modo quando chegasse em casa. O assassinato vazaria para a mídia logo, e ele saberia de imediato, pois fazia questão de monitorar as notícias policiais de Nova York. Era o jeito dele de acompanhar a vida dela.

Se ela soubesse como fazer isso, também iria monitorar o mercado de ações e as notícias sobre negócios, para acompanhar a vida dele. Ainda bem, para ele, que Eve não tinha a menor ideia de como fazê-lo.

Ela escolheu ligar para o *tele-link*

peçoal dele, imaginando que estaria ocupado demais para atender, e, então, ela poderia simplesmente deixar uma mensagem em vídeo.

Mas o rosto dele cintilou na tela e seus ousados olhos azuis se fixaram nos dela.

— Olá, tenente, é muito bom ver você.

Aqueles olhos somados à leve cadência das colinas e dos vales verdes da Irlanda em sua voz poderiam ter transformado uma mulher mais fraca em uma poça derretida. Mesmo assim, ela não conseguiu evitar o pequeno salto que o seu coração deu.

— Desculpe interromper o que você está fazendo.

— Estou voltando de uma reunião de almoço, então você me pegou em um bom momento.

Seus olhos se estreitaram.

— Onde você almoçou?

— Florença. A massa estava excepcional. O que posso fazer por você?

— Peguei um caso novo.

— Como sempre.

Era melhor falar logo, pensou ela. Sempre era.

— É Bart Minnock.

Tudo mudou... O bom humor, a desconstrução e o flerte fácil desapareceram. As linhas duras de raiva não diminuíram a força do rosto marcante; em vez disso, o tornaram

irresistivelmente perigoso.

— O que houve com ele?

— Não posso entrar em detalhes agora, mas acabei de descobrir que você o conhecia. Não queria que soubesse pela mídia.

— Isso teve a ver com o trabalho dele ou foi pessoal?

— Ainda é muito cedo para dizer, mas o trabalho dele certamente tem algum envolvimento.

— Onde você está?

— Na U-Play

— Vou aterrissar em Nova York daqui a vinte minutos. Estarei aí em quarenta.

— Roarke...

— Se o crime tiver a ver com o

trabalho dele, serei útil. Se não tiver... veremos. Ele era um bom menino, Eve. Um garoto, brilhante e inofensivo. Quero fazer o que puder por ele.

Era isso que ela esperava,

— Procure Feeney quando chegar aqui. Sinto muito, Roarke.

— Eu também. Como foi que ele morreu? — Como ela não disse nada, a tristeza nublou sua raiva. — Foi assim tão ruim?

— Conto tudo quando você chegar. É complicado.

— Tudo bem, então. É bom que ele tenha você para cuidar disso. Chegarei aí em breve.

Eve respirou fundo. Ele seria útil, pensou, olhando para a tela apagada do

tele-link. Não só com o trabalho eletrônico, mas com o negócio propriamente dito. Feeney e sua equipe faziam bem sua parte, mas não sabiam nada de negócios. Roarke, sim.

Ela conferiu a hora e ligou para Morris.

— Dallas.

— Dê-me o que puder — pediu ela.

— Não sei quando conseguirei passar aí.

— Peça o que quiser. Posso dizer que ele não tinha drogas ou álcool no organismo. Sua vítima era um homem saudável de vinte e nove anos, apesar do apetite por salgadinhos de soja com queijo e cebola... e refrigerantes de laranja. Há alguns hematomas menores e

uma incisão mais séria no braço dele, todos feitos perto da hora da morte. A cabeça foi decepada com um único golpe aplicado por uma lâmina larga e afiada. — Morris usou a palma da mão para demonstrar.

— Tipo um machado?

— Acho que não. Um machado costuma ser mais grosso na parte de trás, como uma cunha. Eu diria que foi uma espada... Uma espada longa e resistente, usada com força considerável por alguém que se colocou um pouco acima dele. Um golpe certo. — Mais uma vez, ele demonstrou o que dizia juntando as mãos como se empunhasse uma espada, balançando-as com vigor sobre a mesa e inclinando-se para a frente. —

Tem algo que achei estranho...

— Além de um cara ter a cabeça decepada por uma espada?

— Sim, além disso. Há pequenas queimaduras em todos os ferimentos. Ainda estou trabalhando nisso, mas acredito que sejam de origem elétrica. Até as contusões mostram isso.

— Uma espada eletrificada?

Havia um traço de humor em seus olhos.

— Nosso trabalho nunca é tedioso, não é? Ficarei com ele algum tempo ainda. É um jovem muito interessante.

— É sim. Mais tarde volto a ligar.

Ela guardou o *tele-link* e começou a andar de um lado para o outro.

Uma vítima trancada, sozinha, em seu

próprio salão holográfico, decapitada por uma espada que, aparentemente, tem propriedades elétricas.

Isso não fazia sentido algum.

Ele não poderia estar sozinho porque foram necessárias duas pessoas: o assassino e a vítima. Portanto, havia uma brecha no sistema de segurança dele. Ou ele parou de jogar, abriu a porta e deixou o assassino entrar. Teria que ser alguém em quem ele confiava e que conhecia o grande projeto secreto.

O que significava que seus três melhores amigos estavam no topo da lista de suspeitos. Todos tinham álibis, refletiu, mas não era difícil para um *e-geek* burlar o sistema da empresa, caminhar alguns quarteirões, passar pela

segurança do apartamento e pedir ao bom amigo Bart que abrisse a porta para ambos jogarem um pouco.

Isso não explicava como o assassino conseguira entrar com a arma, mas, tudo bem, isso poderia ser arranjado.

Tinha sido arranjado.

Depois, ele religou tudo e voltou para o trabalho.

Menos de uma hora, mesmo contando o tempo de limpar os rastros.

Foi alguém da U-Play ou alguém de fora que conquistou a confiança da vítima.

Possivelmente, algum interesse amoroso. Alguém que ele mesmo deixou entrar depois de mandar a androide se desligar. Ele gostava de se exhibir. Os

homens tendem a se exhibir para conseguir sexo, especialmente sexo ilícito.

O assassinato não teve nada a ver com sexo, mas parte dos meios poderia ter.

Ela revirou os pensamentos e os guardou no canto da mente quando ouviu uma tímida batida na porta de vidro. Era a garota de macacão, reconheceu Eve assim que ela entrou. Tinha acrescentado olhos vermelhos e chorosos ao visual.

— Eles disseram que eu tinha que vir aqui para conversar com você porque alguém matou Bart. Quero ir para casa.

— Sim, eu também. Sente-se.

Quando estava na metade da lista, Eve teve sua primeira fígada de instinto.

Roland Chadwick, vinte e três anos, não conseguia ficar parado. Tudo bem, os caras ligados em eletrônica geralmente eram muito agitados. Seus olhos cor de avelã estavam úmidos e continuavam desviando dos dela. Aquele fora um dia difícil, e algumas figuras do mundo dos videogames tinham habilidades sociais muito limitadas.

Ainda assim, a maioria deles não parecia transpirar culpa em ondas grossas e fedorentas.

— Há quanto tempo trabalha aqui, Roland?

Ele coçou a lateral do longo nariz

fino e sacudiu os joelhos.

— Como eu já disse, estagiei aqui por dois verões durante a faculdade, depois fui contratado quando me formei. Então um ano trabalhando e os dois verões antes disso. Três anos ao todo.

— E o que você faz exatamente?

— Basicamente, pesquisa, como Benny. Verifico o que está no mercado e estudo como podemos modificar e melhorar o que já existe. Ou, então, tipo, se alguém tem uma ideia nova, faço uma varredura antes de começarmos o trabalho, para evitar copiar sem querer o que já está sendo desenvolvido por outra empresa.

— Então você conhece tudo que está em desenvolvimento ou na fila para ser

desenvolvido.

— Basicamente, sim. — Ele balançou os ombros e bateu com os dois pés no chão. — Às vezes, percebo alguns bits e bytes no ar, pego ideias soltas ou esboços, por assim dizer. É preciso verificar os títulos, os nomes dos personagens, dos lugares e tudo o mais para não haver repetições ou misturas. A menos que seja proposital, como no caso de uma referência ou sequência de uma série.

— E ontem? Onde você estava?

— Eu estava... aqui. Entrei às nove e três da manhã e saí às cinco da tarde. Ou pouco depois disso. Talvez cinco e meia? Porque fiquei de papo com Jingle por algum tempo depois do expediente.

— Você saiu na hora do almoço? Saiu do prédio em algum momento durante o dia?

— Não ontem. Estava atolado. Isso mesmo, atolado de serviço até o pescoço.

— Mas você não fez uma pausa, não almoçou?

— Sim, claro, almocei. A gente precisa colocar combustível na máquina, certo?

— Então vamos lá... Você entrou em contato com alguém? Ligou para algum amigo para passar o tempo durante o intervalo?

— Hã... — Seu olhar desviou um pouco para a esquerda. — Não sei.

— É claro que sabe. E você pode me

dizer logo quem foi, porque vou descobrir quando verificarmos seu computador e seu *tele-link*.

— Acho que liguei para Milt algumas vezes.

— E quem é Milt?

— Milt é o meu... você sabe.

— Ok, já entendi. Esse “Milt Você Sabe” tem um sobrenome?

— Dubrosky. Milton Dubrosky é o nome completo. Isso não tem nada demais. — Gotas de suor lhe surgiram acima do lábio superior. — Temos permissão para ligar para pessoas de fora.

— Hã-hã... — Eve pegou o tablet e começou a investigar os dados de Milton Dubrosky. — Quer dizer que

você e Milt moram juntos?

— Mais ou menos. Quero dizer, ele ainda tem um apartamento só dele, mas quase sempre fica no meu. Geralmente.

— E o que Milt faz?

— Ele é ator. É muito bom. Está trabalhando em algo que poderá ser sua grande chance.

— Aposto que você o ajuda com isso. Ajuda-o a decorar o texto.

— Claro. — Seus ombros se sacudiram novamente e os dedos dos pés se movimentaram. — É divertido. É como trabalhar em um jogo.

— Sendo ator, ele provavelmente tem ótimas ideias também. Ele ajuda você com essas coisas?

— Talvez.

— Vocês já estão juntos há muito tempo?

— Nove meses. Quase dez.

— Quanto você contou a ele sobre o *Fantastical*?

A cor desapareceu por completo do seu rosto e, por um instante, ele ficou absolutamente imóvel.

— O quê?

— Quanto você contou, Roland? Apenas pequenos bits e bytes ou mais do que isso?

— Não sei do que você está falando.

— O novo projeto? O grande segredo? Acho que você sabe algo sobre isso. Você trabalha na área de pesquisa.

— Só sei o que eles me contam. Não estamos autorizados a falar sobre isso.

Tivemos de assinar um termo de confidencialidade.

Eve manteve o sorriso tranquilo no rosto e o peso no coração.

— Mas você e Milt são... “você sabe”, e se ajudam mutuamente. Ele está interessado no que você faz, certo?

— Claro, mas...

— E um grande projeto como esse é muito empolgante. Qualquer um comentaria sobre isso com o seu parceiro.

— Ele não entende nada do meu trabalho.

— Não mesmo? Isso é estranho, já que ele cumpriu pena duas vezes por roubo de informações eletrônicas.

— Não, isso não é verdade!

— Você é um idiota, Roland, ou um vigarista muito escorregadio. — Ela inclinou a cabeça. — Eu voto em idiota.

Ela mandou Roland sair da sala. Apesar de ele reclamar um pouco e, depois, chorar convulsivamente, foi levado direto para a Central de Polícia. Em seguida, Eve enviou uma equipe de policiais para pegar Dubrosky e levá-lo à delegacia.

Milton Dubrosky não tinha registros de crimes violentos, pensou ela, mas sempre havia uma primeira vez.

Ela terminou os interrogatórios, calculando que isso daria a Roland tempo para parar de chorar e algum tempo para Dubrosky ponderar sobre o que estava acontecendo. Ela encontrou

mais dois funcionários que admitiram ter falado sobre o projeto para um amigo, cônjuge ou amante, mas a conexão Chadwick-Dubrosky parecia a melhor possibilidade.

Ela abriu uma lata de Pepsi enquanto confirmava alguns detalhes com os peritos e acrescentava novos dados às suas anotações. Só ergueu a cabeça quando a porta se abriu e Roarke entrou.

Ele transformou o lugar, pensou ela, só por estar ali. Não só para ela, mas para a maioria das pessoas. A mudança vinha da aparência dele certamente... uma figura alta e esbelta, com aquele cabelo escuro, os olhos muito azuis, que podiam queimar lentamente ou congelar. Mas o controle e o poder que ele

exalava sempre atraíam atenção imediata.

Mesmo agora, pensou, quando ela conseguia enxergar a tristeza naquele belo rosto, ele modificava o lugar.

— Disseram que você já terminou sua parte dos interrogatórios. Tem um minuto para mim?

Nem sempre ele perguntava, lembrou ela. E ela nem sempre se levantava e ia até ele para lhe oferecer consolo.

— Sinto muito pelo seu amigo — disse ela quando o enlaçou com os braços.

O abraço foi breve... Afinal, as paredes eram de vidro. Mas sentiu que um pouco da tensão o deixou antes de ela recuar.

— Eu não o conhecia muito bem, na verdade. Não posso dizer que éramos amigos, apesar de termos tido um relacionamento amigável. É uma perda terrível.

Ele andou até a parede e olhou através do vidro.

— Ele e os amigos estavam construindo algo grandioso aqui — continuou. — Ainda havia muitos furos, mas eles se saíram muito bem por esforço próprio. Criativos, brilhantes e jovens o suficiente para criar tudo isto.

— Que tipo de furos?

Ele olhou para trás e sorriu de leve.

— Você se interessou por essa parte? E imagino que, apesar de eletrônica não ser o seu ponto forte, já deve ter

descoberto alguns desses furos.

— Quando mais de uma pessoa conhece um segredo, ele deixa de ser segredo.

— Exatamente. Em termos de eletrônica, parece que ele cobriu suas bases muito bem. Será preciso muito trabalho para passar por elas, e me contaram que você já perdeu uma evidência crucial.

— Sim, ela se autodestruíu, mas eles conseguiram o suficiente para me servir de trampolim. Quanto você sabe sobre esse videogame, esse tal de *Fantastical*?

— Combinação de realidade virtual e holográfica, RPG de fantasia, situações personalizadas à escolha do jogador.

Níveis sensoriais amplificados através de leituras do sistema nervoso e de ondas cerebrais do jogador.

Aquilo praticamente resumia todo o grande projeto secreto, pensou ela.

— Quando foi que você ficou sabendo disso tudo?

— Ah, já faz algum tempo. Esse é um dos furos deste lugar. Muitos funcionários sabiam demais; as pessoas sempre acabam falando.

— Você conhece Milt Dubrosky?

— Não. Deveria?

— Não, mas isso anula a possibilidade de uma possível complicação. Se a tecnologia desenvolvida para esse jogo é tão inovadora, por que você não a tem?

— Na verdade, temos algo que suspeito ser bastante similar em desenvolvimento. — Ele foi até a máquina de venda automática, observou o que ela oferecia e voltou. — Só que o meu pessoal não abre o bico.

— Porque eles são muito bem pagos e têm medo de você.

— Exato. Tenho certeza de que Bart pagava ao seu pessoal o melhor que podia, mas não creio que o temessem. — Ele tocou o braço dela, apenas com as pontas dos dedos, enquanto perambulava pela sala. — Deviam gostar do chefe, e muito. Bart era um deles. É um erro ser igual aos próprios funcionários, porque eles nunca o enxergarão totalmente como quem

manda.

— Quando você o viu ou falou com ele pela última vez?

— Ah... quatro ou cinco meses atrás. Eu estava a caminho de uma reunião e encontrei com ele na rua. Paguei-lhe uma cerveja e colocamos o papo em dia.

Ele estava inquieto, reparou Eve. Andar de um lado para outro era característica dela, não dele. Por fim, ele suspirou uma vez e pareceu se acalmar.

— Um dos meus olheiros me contou sobre Bart quando ele ainda estava na faculdade. Depois que li o relatório e confirmei as informações, convidei-o para uma reunião. Acho que ele tinha vinte anos. Por Deus, tão ingênuo, tão

sincero! Ofereci-lhe um estágio remunerado até ele se formar e um emprego de período integral a partir de então.

— Essa é uma tremenda oferta — comentou Eve.

— Teria sido uma bela aquisição. Só que ele me disse que tinha planos de iniciar sua própria empresa, junto com três amigos. Delineou seu modelo de negócios para mim e pediu meu conselho. — Roarke sorriu de leve, apenas uma discreta curva daqueles lábios perfeitamente esculpidos. — Ele me desarmou, tenho de reconhecer. Acabei me encontrando com os quatro algumas vezes e fiz o que pude para ajudá-los a evitar algumas armadilhas.

Não creio que seria possível prever esta armadilha.

— Se ele se abriu com você logo de cara, pode ter sido igualmente tagarela com outras pessoas.

— Pode ser... Mas essa foi exatamente uma das armadilhas sobre as quais os alertei. Ele... Eles queriam ser donos do próprio negócio, e eu sei bem o que é isso, esse fogo, essa necessidade. Foi isso e... bem, o talento do garoto me chamou atenção. Foi fácil lhes dar um pequeno impulso no início.

— Dinheiro?

— Não. — Seu ombro se ergueu, um gesto descontraído. — Poderia ter sido se eles tivessem pedido. Mas tinham algum capital inicial, e as pessoas

trabalham com mais dedicação quando as coisas não vêm com facilidade. E como eu tinha este espaço vazio...

— *Este espaço?* Este imóvel é seu?

— Era, na época. Pode relaxar — disse ele, com um leve indício de impaciência. — Não estou envolvido com este lugar. Aluguei o espaço para eles durante um tempo; quando a empresa decolou, ele me pediu para vender o imóvel. Como eu disse, o garoto me impressionou muito, então eu vendi. Ganhei um dinheiro, e eles ganharam um espaço próprio. Foi um bom negócio para todos.

— E esse negócio vale uma grana considerável agora.

— Relativamente, sim.

— Para você é só um trocado, mas dinheiro sempre é um motivo, bem como a tecnologia na qual eles estão trabalhando. Eles vão conseguir manter esse lugar assim sem Bart?

— Ninguém é indispensável. Exceto você para mim.

— Oh... — Mas ela revirou os olhos e isso o fez rir um pouco. — Eles vão dividir tudo por três, em vez de quatro.

— E sofrer o golpe pela perda do quarto. Do ponto de vista de negócios, eliminar Bart seria um movimento tolo. Ele era a peça principal daqui — explicou Roarke. — O rosto da empresa, a imagem pública de tudo. E ele era bom nisso.

— Esse tipo de assassinato?

Sensacionalista e ligado a um negócio? Vai ter muita repercussão na mídia — argumentou ela. — E tudo de graça, uma propaganda que gera receita por pura curiosidade.

— Você tem razão. — Ele considerou a situação. — Sim, mas isso seria um impulso temporário, continuaria sendo ruim para a empresa a longo prazo. Além disso, a menos que a dinâmica tenha mudado, é difícil imaginar qualquer um dos outros três fazendo mal a Bart.

— As pessoas fazem as coisas mais ilógicas. Tenho outra perspectiva para verificar. Feeney irá mantê-lo ocupado, se você quiser. Preciso de uma cópia do disco do jogo. Eles vão entregá-la, mas

vão reclamar um pouco. Já que confiam em você, talvez seja capaz de conseguir isso com mais facilidade.

— Verei o que posso fazer.

— Estarei por aqui.

Ele pegou a mão dela enquanto ela caminhava para a porta.

— Cuide da minha esposa.

— Ela sabe cuidar de si mesma.

— Quando se lembra disso.

Ela saiu e desceu as escadas. Olhou para trás uma vez e o viu atrás da parede de vidro, com as mãos nos bolsos; a tristeza que talvez só ela conseguisse enxergar ainda lançava uma sombra sobre o seu rosto.

Capítulo Quatro

De volta à movimentada Central de Polícia, Eve analisou Roland Chadwick através do vidro da sala de observação. Ele continuava a suar um pouco, e seus olhos inchados de tanto chorar corriam de um lado para outro na sala, como se esperasse que algo se materializasse em um canto e lhe desse uma grande mordida.

Perfeito.

— Vamos interrogá-lo juntas para começar — disse Eve a Peabody. — Vou pegar pesado. Ele já espera isso de mim a essa altura.

— Se não fosse por isso, você certamente iria lhe oferecer chá de ervas e um travesseiro fofo.

— Vou deixar a fofice para você, depois que eu sair da sala revoltada, cuspidando ameaças terríveis pelo caminho.

— E eu vou bancar a boazinha, consolando-o, até ele dar com a língua nos dentes.

— Esse é o plano.

Eve viu quando Roland deitou a cabeça sobre a mesa como se quisesse dormir. Não seria surpresa se ele começasse a chupar o dedo.

— Enquanto você o estiver consolando, vou interrogar Dubrosky. Ele já tem algumas passagens por aqui e

deve saber que o trouxa ali dentro é como uma menininha assustada que vai abrir o bico. Aposto que ele também vai colocar tudo para fora.

Peabody sorriu quando Roland apoiou o rosto sobre os braços cruzados.

— Meu carinha vai falar antes.

— Talvez. Vamos descobrir.

Ela entrou com seu ar de mulher durona e impaciente, capaz de lhe dar uma bela mordida e ainda lambe os beiços. A cabeça de Roland se ergueu de repente, mas seu corpo se encolheu na cadeira.

— Ligar gravador. Tenente Eve Dallas e detetive Delia Peabody dando início ao interrogatório de Roland

Chadwick a respeito do assassinato de Bart Minnock. Roland Chadwick — continuou ela, usando os dois nomes para acrescentar um pouco mais de intimidação —, alguém já leu os seus direitos?

— Sim, já, mas...

— Você entende todos os seus direitos e deveres com relação a este assunto?

— Ok, entendi, mas...

Ela deixou cair a pasta do caso sobre a mesa com tanta força que o som ecoou como uma bofetada. Isso o calou.

— Você trabalhava para Bart Minnock, correto?

— Sim, senhora, eu já lhe disse que...

— Pode me informar onde esteve na

tarde de ontem?

— Eu estava em casa... quero dizer, eu estava no trabalho, mas depois...

— Qual dos dois? — Ela quase cuspiu as palavras e se inclinou sobre a mesa, praticamente invadindo o espaço dele — Casa ou trabalho? É uma pergunta fácil, Roland.

— Eu...eu... eu... eu estive no trabalho o dia todo, até que fui para casa. — Assim como as palavras balbuciadas que lhe saíam da boca, a cor pareceu vacilar em seu rosto... rosado, depois pálido, depois rosado, depois pálido. — Registreí minha saída e tudo. Já passava das cinco. A senhora pode conferir.

— E você registra *todas* as suas saídas do prédio, Roland? Todas as

vezes?

— Bem, quase sempre. No fim do expediente, com certeza. Sempre! Eu não fiz nada. Não entendo por que a senhora está tão brava comigo. — Sua voz soou como um gemido tão agudo que só os cães conseguiriam ouvir. — Eu não fiz nada.

— Será que não? Talvez Bart discordasse. Talvez ele tivesse algo a dizer a respeito. Se não estivesse morto. — Ela abriu a pasta e espalhou as fotos da cena do crime sobre a mesa. — Só que é um pouco difícil articular as palavras quando a sua cabeça está do outro lado da sala, bem longe do resto do seu corpo.

Roland olhou para as fotos e seu rosto

pareceu esverdeado. Ele disse, com bastante clareza:

— Argh! — Seus olhos reviraram quando ele deslizou para o chão.

— Ah, merda. — Eve soltou um suspiro e colocou as mãos fechadas nos quadris. — É melhor pegar um pouco de água para ele, Peabody.

— Ele caiu como uma pluma. — Peabody pegou um copo de água enquanto Eve se agachou para dar alguns tapinhas nas bochechas de Roland.

— Apagou de verdade, ele não está fingindo. Ok, Roland, acorde! É melhor arranjarmos um médico para o caso de... espere, está voltando. Roland! — Ela o chamou ríspidamente quando seus olhos tremularam e, logo em seguida, piscaram

depressa. — Eve esticou a cabeça para Peabody entrar em cena e bancar a enfermeira.

— O senhor está bem, sr. Chadwick?
— Peabody se ajoelhou e apoiou a cabeça dele. — Tente tomar um pouco de água. Tome um gole... Isso mesmo, devagar. Respire fundo. Você precisa de cuidados médicos?

— Eu não sei o que... o que aconteceu?

— Você desmaiou. Quer que eu chame um médico?

— Não. Não, acho que... preciso só de... — Seus olhos se arregalaram, e ele agarrou o braço do Peabody como um homem que se afoga. — Não me faça olhar para essas fotos de novo. Não me

obrigue a olhar!

— É mais difícil olhar do que ser o responsável por isso? — perguntou Eve, com frieza.

— Eu não fiz isso. Eu juro! — Ele quase se arrastou para o colo de Peabody, e Eve então soube que seu trabalho ali estava terminado. — Eu *juro*! Não me obrigue a olhar de novo.

— Ok, tudo bem — acudiu Peabody. — Não precisa olhar. Tome mais um pouco de água. Vamos esperar até que você esteja em condições para prosseguirmos.

— Tudo bem, tudo bem. — Eve guardou as fotos de novo na pasta. — Você quer mimá-lo, fique à vontade. Ele é todo seu. Eu é que não suporto estar na

mesma sala que ele. Tenente Eve Dallas deixando o interrogatório.

Ela bateu a porta com força ao sair, não sem antes ouvir o murmúrio de gratidão de Roland para a sua parceira.

Satisfeita com a parte A, ela foi para a outra sala de interrogatório a fim de executar a parte B.

Milt Dubrosky tinha a aparência muito bem cuidada e polida de um rato de spa. Eve imaginou que ele dedicava boa parte do dia à academia e uma parte considerável da semana a tratamentos estéticos. Seu cabelo — com mechas perfeitas demais para ser um presente da natureza — formava ondas sutis ao redor de um rosto liso e com contornos marcantes. Seus olhos, em um tom de

azul claro suave, brilhavam através de cílios longos e escuros, e ele exibiu um sorriso eletrizante.

— Guarda, não sei por que estou aqui, mas, pelo menos, a vista ficou muito melhor.

— Tenente!

Seu sorriso brilhou junto com os olhos quando ele fez uma breve continência.

— Sim, senhora. Desculpe, senhora.

— Ligar gravador. Tenente Eve Dallas dando início ao interrogatório de Milton Dubrosky a respeito do assassinato de Bart Minnock.

— O quê? — Seus olhos ousados se arregalaram, e ele puxou o ar com força.
— Bart foi assassinado? Quando? O que

aconteceu?

— Você já foi interrogado antes, Dubrosky. — Ela bateu na pasta que continha seu histórico de antecedentes criminais. — De modo que já sabe que sou eu quem faz as perguntas aqui e você só as responde. Alguém já leu os seus direitos?

— Sim, os policiais que me trouxeram. Mas eles não me disseram nada.

— Você pode me informar onde estive entre as três da tarde e as oito da noite de ontem?

— Certo. Claro. Eu estava no salão de beleza, o Urban Meadows, entre uma e três e meia da tarde e, depois, fui encontrar uma amiga para um café. Fiz

algumas compras e fui para a casa de um amigo por volta das cinco e meia. Roland, Roland Chadwick. Ele trabalha para Bart, na U-Play. Ele chegou em casa logo depois de mim, e ficamos lá o resto da noite. Ele pode confirmar.

— Quero o nome e as informações de contato da sua amiga do café.

— Tudo bem, sem problemas. Britt Casey. — Ele informou o número de um *tele-link* e um endereço no Upper West Side. — Estamos fazendo um *workshop* juntos. De teatro. Costumamos nos encontrar de vez em quando para conversar sobre nosso trabalho.

Ele era bom, decidiu Eve, mas não tão bom. Pobre Roland, pensou ela, de quantas maneiras você pode ser

enganado?

— E a que horas você se despediu da sua colega de teatro e ficou sozinho?

— Por volta das cinco, eu acho.

— Quero o nome da cafeteria e os dados das compras. Onde você tomou esse café? Onde fez compras? Você tem os recibos?

— Na verdade, não me lembro do nome da cafeteria. E, para ser franco, não comprei nada, fiquei só olhando as vitrines.

Eve não disse nada, simplesmente o encarou.

— Ok, escute. Eu estava no salão, como já disse. O nome da minha cabeleireira é Nanette. Você pode perguntar a ela. E eu me encontrei com

Britt depois, mas não foi para tomar café, se é que você me entende. — Ele tentou o sorriso de novo, um que dizia que era um canalha impossível de não se amar. — Fomos ao Oaks Hotel por algumas horas. O problema, entenda, é que ela é casada e eu estou morando com outra pessoa.

— Chadwick?

— Ah, não. Só que ela e Britt não sabem uma da outra. Eu agradeceria muito se as coisas pudessem continuar assim.

— Nome dessa tal colega de quarto?

— Chelsea Saxton.

Eve ergueu as sobrancelhas.

— E onde, exatamente, Roland Chadwick se encaixa nessa história?

Dubrosky levantou os ombros e os deixou cair em um gesto de “pois é”.

— Digamos que eu estou meio que morando com ele também.

— Roland também não sabe da existência das duas garotas, nem elas sabem sobre ele?

— O que posso dizer? Sou um cara que gosta de pessoas.

— Isso é demais para a minha cabeça. Um homem que consegue fazer esse tipo de malabarismo certamente conseguiria arranjar um tempinho para dar uma passada no apartamento de Bart.

— Eu nunca estive lá — garantiu ele, com um aceno de mão suave e despreocupado. — Nunca tive motivo

para isso. Eu o conhecia um pouco, claro, porque Roland trabalha para ele na U-Play. Parecia um cara legal. Ro acha que Bart é o máximo. Não sei por que alguém mataria o pobre coitado.

— Você também entende de eletrônica.

— Isso é um *hobby*, na verdade. Atuar é a minha verdadeira paixão.

— E, combinando *hobby* com paixão, você consegue levantar uma boa grana vendendo informações privilegiadas para pessoas interessadas. Especialmente quando um cãozinho apaixonado e tapado, como é o caso de Roland, come na sua mão.

— Ah, puxa, Ro é um amor. Talvez um pouco lento quando se trata de

qualquer coisa que não seja tecnologia ou videogames, mas é um garoto amável. Quanto a mim? Tenho necessidade de ser admirado, confesso. E ele me admira. — Dubrosky ergueu as mãos como quem diz: “Olhe só para mim! Quem não admiraria tudo isso?”

— Ele admira você a ponto de vazar dados sobre o *Fantastical*.

Dubrosky tentou se fazer de desentendido, mas não conseguiu.

— Desculpe, nunca ouvi falar disso.

— Deixe de sacanagem comigo, Dubrosky. Meu radar nessa área está bem sintonizado e operante. E Roland, o seu admirador, já abriu o bico. — Ela se recostou na cadeira. — Admirar você não significa assumir a culpa pelo seu

crime. Ele não é tão idiota quanto você pensa.

— Ro não é burro — Dubrosky não perdeu o ritmo. — Mas fica meio confuso, às vezes, quando se trata do mundo real. É tão ligado aos videogames que não percebe muito o que se passa fora daquela bolha.

— Como sacar que você tem duas amantes e uma propensão à espionagem eletrônica?

— Não é ilegal eu me espalhar por aí. Acredite, todos os meus amantes estão satisfeitos. — Ele passou um braço ao redor do encosto da cadeira e fez pose de gostosão. — Que mal há nisso?

— Isso tudo me diz que você não tem escrúpulos, e um homem sem escrúpulos

não pensa duas vezes na hora de trapacear, roubar e mentir. Daí a cometer um assassinato é um pequeno passo.

— Eu não mato pessoas, querida. Eu as seduzo.

— Me chame de “querida” de novo!
— Ela se inclinou na direção dele com os olhos fixos. — Vamos lá!

— Desculpe, não quis ofendê-la. — Ele ergueu as mãos pedindo paz. — Não nego que levei meu *hobby* longe demais em alguns momentos. E fui pego, como às vezes acontece. Mas, se você tem a minha ficha criminal, sabe que nunca usei de violência. O fato, queri... tenente — corrigiu ele depressa —, é que eu não preciso disso. É claro que Ro me

contou algumas coisas sobre o projeto confidencial. Está muito animado com isso e gosta de conversar. Parte de uma boa sedução é saber ouvir. E eu sei ouvir. Isso não é crime.

— Então tente escutar com atenção o que vou lhe dizer — sugeriu Eve. — Sabe o que mais tenho comigo, além da sua ficha? O histórico das suas finanças. Também é uma leitura muito interessante. Vi um monte de belos depósitos na sua conta, que devem bancar seu tempo no salão com Nanette. Isso fica ainda mais interessante porque seus registros indicam que você não tem um emprego remunerado há quase um ano.

— As pessoas me dão dinheiro de

presente. É parte da admiração que sentem por mim.

— Aposto que Bart não o admirava. Aposto que, quando você foi até ele pedindo dinheiro para manter em segredo as informações que o seu manezão passou, ele ameaçou chamar a polícia.

— Não faço chantagem. — Ele olhou para as unhas. — É muito complicado.

— Pois aqui está uma coisa realmente complicada. — Mais uma vez, ela pegou a pasta e exibiu as fotos da cena do crime.

Dubrosky não ficou verde; também não desmaiou, mas ficou branco como uma folha de papel.

— Oh, Jesus. Oh, meu Deus. Alguém

cortou a cabeça dele!

— Aposto que você treina com espada nesses workshops de atuação. Para poder trabalhar em produções de ação e de época. — Eve ergueu a cabeça e o avaliou detalhadamente, com frieza, da cabeça aos pés. — Aposto que consegue manusear uma espada pesada sem muita dificuldade.

— Escute. Escute o que tenho a dizer. — O jeito descontraído que ele exibira até ali se transformou em sobriedade. — Eu ganho a vida dormindo com pessoas que podem me dar dinheiro e me comprar coisas caras. Ganho uma grana a mais vendendo informações, quando as consigo. Não machuco as pessoas. E, com toda certeza, não as mato. Roland é

um alvo, claro. Um alvo fácil. Mas vou ser franco: estou caindo fora dessa relação e é por isso que estou ficando com Britt. Ela tem um marido rico que a deixa brincar de atriz e gastar todo o dinheiro que quiser. Ele é consultor financeiro e passa muito tempo fora da cidade. Eu planejava seguir esse novo plano por algum tempo, talvez entrar na casa deles e invadir um dos computadores para procurar algo valioso. Se estava preparando terreno para um novo golpe, por que faria algo desse tipo? Não trabalho assim. Não fui eu quem fez isso.

— Para quem você planejava vender essas informações?

— Ai, cacete! — Ele passou a mão

pelo cabelo, arruinando sua perfeição, mostrando a Eve que estava sinceramente assustado. — Se eu entregar, você terá que me apresentar um acordo.

— Eu não tenho que fazer porra nenhuma. Você já confessou atuar com espionagem corporativa e isso ficou gravado. E vou ser franca também, Milt. E *u não* admiro você, longe disso. Nomes. Agora!

Ele se recostou na cadeira, fechou os olhos suaves e cintilantes e colocou para fora tudo que ela queria saber.

Quando terminou com Dubrosky, Eve o levou de volta para a cela. Ela faria o possível para garantir que ele passasse

os próximos anos como hóspede do generoso estado de Nova York. E torceu para que sentisse muita falta das visitas ao salão de beleza.

— Já tenho todas as informações do meu interrogado — avisou Peabody quando as duas se encontraram na sala da tenente.

— Então estamos empatadas. — Eve programou a máquina de café e apontou para que Peabody se servisse.

— Não entendi metade do que ele me contou. Quanto mais tenso ficava, mais tagarelava, e a tagarelice acabou ficando muito técnica. Vou pedir a McNab que assista ao interrogatório e traduza para a nossa língua, mas... — Peabody fez uma pausa, assoprou o café duas vezes e

tomou um gole. — Pelo que entendi, ele contou a Dubrosky detalhes sobre sua pesquisa e de outros trabalhos que fez para o projeto *Fantastical*, entre outras coisas em que estava envolvido ou de que ouvira falar. O cara tem a língua maior que a boca. Eles não estavam cuidando tanto do sigilo do projeto quanto acreditavam.

— Um dos furos — murmurou Eve, pensando no comentário de Roarke. Ela caminhou até a estreita janela e olhou para um teleférico que passava enquanto refletia. — O meu interrogado é tão nojento que, se eu pisasse nele sem querer, nem sequer me preocuparia em lavar a bota, simplesmente a jogaria direto no incinerador. Ele ganha a vida

com sexo e com algo que julga ser charmoso: procura alvos fáceis e se alterna entre vários deles ao mesmo tempo. Afirmou que estava tendo relações sexuais com seu novo alvo no instante em que Bart perdeu a cabeça. No Oaks Hotel.

— Esse lugar é muito caro para sexo casual.

— O alvo atual de Milt tem um marido rico. Vou confirmar a versão que ele contou, mas me pareceu verdade. Ele também está morando com outro alvo, quando não está divulgando segredos industriais por aí. Os otários dão tudo que ele pede; ele investiga seus negócios e segredos e vende as informações a uma parte interessada. E

eu descobri quem é o suposto comprador dessa vez.

Ela tomou um gole de café e pensou em Roland, aquele jovem burro. Pensou também em Bart, aquele jovem ingênuo.

— Não creio que Dubrosky tenha invadido a casa de Bart para degolá-lo. Afinal, ele poderia quebrar uma unha ou levar algum respingo de sangue em seu cabelo perfeito. Mas ele vai ficar preso pelos outros crimes. E, se conseguirmos provar que o comprador dos segredos tem a ver com o assassinato, poderemos acusá-lo de cumplicidade. Ele merece passar um bom tempo dentro de uma gaiola minúscula.

— Puxa, você realmente não gostou dele.

— Não gostei *mesmo*. Mas a questão é que, se ele não tivesse tirado vantagem do apaixonado Roland, talvez Bart Minnock ainda estivesse com a cabeça sobre os ombros. Você interroga as duas mulheres com as quais ele estava saindo. Vou levantar alguns dados sobre um tal Lane DuVaugne, da Synch Entertainment, antes de falar diretamente com ele.

Peabody olhou para a sua caneca de café.

— Elas vão ficar muito putas.

— Ah, se vão! Você sempre fica com a parte divertida. — Ela deu a Peabody os nomes e as informações de contato. — Seja discreta — acrescentou. — Britt Casey é casada. Ela provavelmente

merece uns tapas, mas, se for tão burra quanto Roland, estou inclinada a pegar leve com ela e deixar o marido fora disso.

— Serei uma alma caridosa. Se esse cara estava transando com três pessoas ao mesmo tempo, como é que arrumava tempo para outras coisas?

— Pelo visto, é só uma questão de gerenciar bem o tempo.

— Será que ele ingere suplementos vitamínicos ou segue uma dieta especial?

— Vou me lembrar de perguntar a ele na próxima vez que conversarmos. Caia fora!

Eve se sentou para começar a investigar DuVaugne e sua empresa;

enquanto os dados começavam a aparecer, resolveu seguir um palpite.

Mais uma vez, Roarke atendeu na mesma hora.

— Tenente.

— Você está na Central?

— Estou. Na DDE.

— O que pode me dizer, por alto, sobre Lane DuVaugne e a Synch Entertainment?

— Vou até aí.

— Não precisa... — começou ela, mas já estava falando sozinha.

— Tudo bem, então.

Ela pesquisou pelo nome DuVaugne. O vice-presidente, de cinquenta e nove anos, já estava na segunda esposa, que — sem surpresa — era vinte e oito anos

mais jovem. Desde o casamento, três anos antes, eles moravam no Upper East Side e tinham casas de férias em Belize e na Riviera italiana. Sua atual esposa era uma ex-modelo de lingerie.

Os homens eram mesmo muito superficiais.

Ele ocupava essa posição na Synch havia dezesseis anos e ganhava inacreditáveis vinte e dois milhões de dólares por ano, mais bônus.

Não tinha antecedentes criminais.

— Estamos prestes a mudar isso — murmurou ela.

Que mudança deseja implementar?, perguntou o computador.

— Nenhuma. Nem se pode mais falar sozinha por aqui!

Ela fez uma rápida busca sobre a empresa. A companhia tinha quase a mesma idade que DuVaugne; desenvolvia, fabricava e distribuía videogames e consoles. Tinha escritórios e fábricas em todo o mundo. Eve franziu a testa ao ver as cidades, leu a história da empresa, tentou percorrer os dados financeiros e empregatícios oficiais.

Odiou admitir isto, mas sentiu certo alívio quando Roarke entrou. Até que ele fechou a porta.

— Ih... — suspirou ela.

— É que simplesmente prefiro não conversar em voz alta sobre negócios.

— Suas indústrias têm a ver com a Synch?

— Não no momento. Onde está o seu chocolate?

— Que chocolate?

Ele a encarou.

— Sei muito bem que você esconde chocolates nesta sala. Preciso de uma dose de energia.

Eve fez uma careta, e o seu olhar seguiu em direção à porta.

— Não deixe ninguém entrar. É um esconderijo muito bom.

— Você poderia facilmente colocar uma câmera oculta aqui e pegar no flagra quem está roubando o seu estoque.

— Um dia, vou pegar o ladrão de

chocolate, mas vai ser com perspicácia e inteligência, não com tecnologia. É uma questão de orgulho e princípios.

Ela pegou uma chave de fenda em sua mesa e se agachou diante da recicladora de lixo. Depois de girar a chave algumas vezes, removeu a frente da máquina e pegou um saco plástico de evidências criminais, preso na parte de trás.

— Seus truques de perspicácia e inteligência fazem com que você guarde as barras de chocolate no reciclador, junto ao lixo?

— Está lacrado. — Ela quebrou o lacre com um pequeno estalo e ouviu-se o som do ar saindo da embalagem. Só então pegou uma das três barras de chocolate. Atirou-a para ele, guardou as

duas restantes em uma nova embalagem e tornou a escondê-la. Olhou para trás e o viu analisando o chocolate.

— Se for ficar de frescura, devolva.

— Houve uma época em que eu vasculhava o lixo dos becos para comer, sem pensar duas vezes. As coisas mudam. — Ele desembulhou a barra e deu uma mordida. — Se bem que, nem tanto.

Ela recolocou a frente da máquina e ficou de pé com as mãos nos quadris estudando a recicladora em busca de sinais de adulteração.

— Ok. Continua seguro.

— Essa é uma demonstração de amor verdadeiro. — Ele passou a mão pelos cabelos castanhos desgrehados de Eve

e bateu com o dedo na covinha do queixo dela, antes de tocar seus lábios com os dele. — Isso é melhor que chocolate.

As sombras haviam se dissipado, notou ela. O trabalho conseguia fazer isso: canalizar o pesar e o arrependimento.

— Synch Entertainment — insistiu ela.

— Ah, sim. Cerca de um ano atrás, tentei adquirir a corporação.

— Naturalmente. Se existe, você quer.

— Pelo contrário. — Ele se sentou na antiga cadeira de visitantes. — Depois de algumas pesquisas e estudos, decidi que não a queria, pelo menos não

naquele momento.

— Por quê?

— Ela está em apuros. Do tipo que não tenho necessidade nem desejo de assumir. É melhor esperar até que o valor caia para eu poder comprá-la barato, ou aguardar um pouco mais até que eles resolvam os problemas para eu oferecer um bom preço por uma empresa saudável.

— Que tipo de problemas? Além de terem fechado duas fábricas no planeta nos últimos dezesseis meses? Fábricas pequenas, no exterior. Eles não têm fábricas nem escritórios fora do planeta, então das duas, uma: ou estão perdendo esse mercado ou o custo de distribuir produtos para outros planetas seria

proibitivo.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Bem, agora meu coração se encheu de orgulho. Percebi o seu tino para negócios.

— Banque o engraçadinho e vai perder o chocolate.

— Por que não vem aqui e tenta pegá-lo? — Sorrindo agora, ele bateu no joelho, convidando-a.

Ah, sim... Ele já estava se sentindo bem melhor.

— Não sei nada sobre o mercado de videogames, exceto que precisa ser quase à prova de falhas. As pessoas querem jogar o tempo todo; nos fliperamas, em casa, nas festas, no escritório. Então vamos lá... Por que

motivo uma empresa que está no mercado há mais de meio século não consegue fazer as coisas funcionarem?

— Porque eles investiram mais, pelo menos na última década, em marketing e executivos caros do que em mentes criativas e novas tecnologias. Além disso, continuaram a ignorar o mercado fora do planeta, considerando-o muito pequeno e com custos proibitivos. — Ele encolheu os ombros quando deu outra mordida na barra de chocolate. — Estão aprisionados a uma visão estreita de negócios, e, se isso não mudar logo, ficarão com uma geração de atraso.

— Ok, então eles pagam demais aos executivos e acham que, se isso funcionou bem dez anos atrás,

funcionará bem agora.

— Basicamente. As duas pessoas que fundaram a empresa, cinquenta e tantos anos atrás, a venderam no auge do sucesso. Ela teve seus altos e baixos desde então, como acontece com qualquer negócio. Só que, nesse momento, a queda é lenta, mas constante.

— Um produto como o *Fantastical*, da U-Play, faria diferença na balança.

— Poderia fazer, claro, se o jogo fosse bem desenvolvido e bem comercializado. Esse foi o motivo do crime?

— Talvez. DuVaugne pagou a um espião quase cento e cinquenta mil dólares, até agora, por dados sobre o programa. Ele é vice-presidente da

Synch.

— Sim, no setor de desenvolvimento — acrescentou Roarke. — Fiz uma pesquisa sobre ele enquanto vinha para cá. Ele seria um herói se levasse essa ideia para a empresa, bem como os meios para criá-la. Imagino que o contrato que tem com eles inclua cláusulas de bônus. Ele se arriscaria um pouco por um investimento muito pequeno.

— Isso é um bom motivo para um assassinato, ou para fazer outro investimento maior e ficar com o videogame. Ele também tem uma segunda esposa muito jovem, um relacionamento relativamente recente. Aposto que ela gosta de levar uma vida

de extravagâncias.

Ele sorriu.

— A maioria das mulheres gosta.

— Hã-hã... então, daqui a algumas décadas, se você pensar em me trocar por uma garota novinha, lembre-se de quem carrega a arma naquela casa.

— Isso é algo que eu nunca esqueço ou deixo de apreciar.

— Ok. Preciso ter uma conversinha com esse DuVaugne.

— Eu também adoraria conversar um pouco com ele.

— Não posso fazer isso. Não posso — repetiu ela, sacudindo a cabeça. — Você é um concorrente e poderia azedar minhas chances de sacudi-lo. Ou complicar as coisas.

— Tudo bem, então.

— Eu deveria entrar em contato com Morris e quero dar mais uma olhada na cena do crime. Mantenha-me atualizada sobre o trabalho eletrônico.

— Farei isso, mas quero ir com você até a casa de Bart.

Ela pensou em negar, mas parou e reconsiderou.

— Tudo bem, você poderá ser útil.

— Faço o melhor que posso. — Ele amassou a embalagem vazia do chocolate e a arremessou na recicladora sem se levantar da cadeira. — Obrigado pelo chocolate.

Ela sorriu.

— Que chocolate?

Capítulo Cinco

— Você acha que o pênis alguma vez fica cansado?

Enquanto dirigia, Eve virou-se para Peabody e baixou os óculos escuros, que raramente se lembrava de usar.

— O pênis de quem?

— De qualquer pessoa, ora... quero dizer, qualquer pessoa que tenha um. Será que o pênis alguma vez pensa: *Pelo amor de Deus, cara, dá um tempo!* Ou será que é sempre: *Oba, lá vamos nós de novo!*

— Isso é pertinente ao caso ou você engatou um papo de garotas?

— Tem inspiração no caso. Eu estava pensando naquele babaca do Dubrosky. Lá estava ele trepando com Britt Casey ontem à tarde. Deu três seguidas, segundo ela. Uma no chão — assinalou, contando com os dedos —, uma na cama e a terceira contra a porta. Então, ontem à noite mesmo, lá está ele em uma luta de espadas com Roland: o capitão pirata e seu imediato.

— Pare!

— Espere! E, depois, hoje de manhã? Ele encaixa um café, seguido de uma rapidinha com Chelsea Saxton, e, depois, ainda recebe um boquete no chuveiro.

— Nossa, Peabody.

— Bem, eu não *perguntei* pelos

detalhes sórdidos, mas os três soltaram tudo quando descobriram uns sobre os outros. Acho que qualquer pepeca diria: *Ei! Nem pense em enfiar nada aqui por algum tempo.*

— Pepeca?

— É um nome simpático para vagina. Acho que, depois de algumas rodadas, na maioria das vezes, uma pepeca comum diria: *Ok, vou ficar feliz por um tempo.* Será que o pênis faz o mesmo ou continua procurando o próximo orifício? Eu me pergunto se é assim, já que não tenho um.

— Caso esteja se perguntando, eu também não.

— Já vi você nua, então sei disso. Acho que até mesmo o pênis mais

robusto e energético, em algum momento, diria: *Por hoje, basta, pelo menos esta noite e, já que estou finalmente relaxado, vou tirar uma folga ou uma bela soneca.*

— Viu só? Agora, fiquei com uma imagem na cabeça de um belo pau sentado em um bar dentro de uma piscina, em um resort, usando óculos escuros e tomando um daqueles drinques idiotas enfeitados com guarda-chuvinhas de papel.

— Ah, que fofo!

— Não é nada fofo, é meio assustador. Ou nojento. Não tenho certeza. Talvez ambos. — Eve soltou um suspiro cansado. — Acho que ambos.

— Ele também deveria usar um

pequeno chapéu de palha. De qualquer forma, não creio que o grande lance com o pênis de Dubrosky seja apenas sexo.

— Peabody, não tenho palavras para dizer o quanto *não quero pensar* no pênis de Dubrosky.

— O lance aqui é só vício — continuou Peabody, imperturbável. — Aposto que Mira concordaria comigo — acrescentou, referindo-se à psiquiatra do departamento que montava perfis de criminosos. — Ele associa o seu valor como pessoa ao seu pênis e, basicamente, o usa como arma.

— Que beleza, agora estou imaginando um pau usando cordão de ouro e exibindo uma arma. Quer parar, por favor?

Agitando-se no banco, Peabody lançou para Eve um olhar divertido.

— Você consegue as melhores imagens mentais, por isso é uma boa policial. Dubrosky surgiu com todo aquele papo furado sobre precisar ser admirado, mas veja só... Provavelmente, estava se referindo à sua aparência e ao seu charme, mas, de forma subconsciente, falava sobre o pênis dele.

— Ok, se eu concordar com você, porque, na verdade, eu concordo, você vai parar?

— Eu só acho interessante. Agora, vamos a esse tal de DuVaugne...

A mandíbula de Eve se apertou.

— *Não comece a falar no pênis dele.*

— Um homem larga a sua esposa depois de vinte anos de casado por uma peituda com uma pepeca jovem.

— Meu Deus!

— Ele só faz isso porque começa a pensar na própria mortalidade quando, na verdade, não quer pensar sobre isso. Precisa dos peitões e da pepeca jovem para poder dizer: *Ei, olhem só o que eu tenho! Vejam o lugar que meu pênis frequenta. Isso prova que ainda sou forte e viril.* O que nos leva de volta ao pênis, que, sim, precisa ser admirado. Sabe, poderíamos consultar Charles a respeito.

Eve estacionou junto ao necrotério e deu um tempo a si, descansando a testa sobre o volante por um minuto.

— Não precisamos de um antigo colega licenciado, agora terapeuta sexual, para nos ajudar neste caso. Além disso, ele e Louise estão em lua de mel.

— Mas voltarão daqui a alguns dias. Acredito que obter informações sobre o pênis poderá ser de grande ajuda para investigações futuras.

— Tudo bem, vá em frente e marque uma consulta com Charles. Depois, redija um relatório sobre o assunto. Mas, agora, não quero ouvir a palavra *pênis* pelo resto do dia.

— Puxa, mas não existe nenhuma palavra simpática para... para essa *coisa* em particular — argumentou Peabody enquanto elas entravam no prédio. — Todas as palavras são muito duras,

entende? Ou muito bobas. Mas quando a gente pensa a respeito, é bem bobo ter essa coisa pendurada balançando por aí. Portanto...

— Eu vou te matar! Vou economizar o dinheiro dos contribuintes fazendo isso aqui mesmo no necrotério. É mais eficiente.

Eve aproveitou o ar gelado e as paredes brancas para compensar as imagens que as teorias de Peabody tinham gravado em sua mente. Avistou Morris no final do corredor comprido, conversando com um dos técnicos de jaleco branco.

— Vou lá confirmar em alguns minutos — disse ele ao técnico e, em seguida, se virou para Eve. — Já estava

me perguntando se você conseguiria passar aqui hoje.

— Quis vir logo para pegar você antes do fim do turno.

— Eu estava a caminho da minha sala para lhe enviar um relatório. Acho que vai querer vê-lo novamente.

Ele começou a andar ao lado dela.

— Fale-me sobre as queimaduras — pediu Eve.

— São pequenas, mas foram encontradas nas bordas de todos os ferimentos, até mesmo nas contusões. — Ele abriu as portas da sala de autópsia, onde o corpo estava sobre uma mesa de aço e a cabeça estava em uma bandeja menor. Ele pegou dois micro-óculos e os entregou às visitantes. — Você verá

que elas vão aumentando de tamanho gradativamente. Consegue enxergar esses hematomas aqui na pele, no antebraço esquerdo e no tornozelo? São tão pequenos que ele pode não ter sentido o golpe. Mas aqui no ombro, onde há hematomas e ferimentos um pouco mais profundos, houve um impacto poderoso, porque a marca está mais forte.

— Quanto mais grave é o ferimento, piores são as queimaduras?

— Não, embora, inicialmente, eu também tenha pensado assim. A canela tem mais hematomas do que o tornozelo e o antebraço, mas as queimaduras são muito suaves. No braço e no pescoço, as queimaduras são praticamente idênticas.

Mas no pescoço o ferimento foi muito mais sério.

— Quero dizer que os... impactos, ou seja lá o que provocou essas queimaduras, foram aumentando à medida que o jogo avançava. Quanto mais tempo ele jogava, maior o choque quando era atingido.

— Parece o mais provável.

— Geralmente, novos desafios surgem nos jogos — comentou Peabody — à medida que você avança em uma fase ou passa para a próxima.

— Ok. — Eve absorveu essa informação. — Aumento de potência, talvez. Roarke tem um jogo virtual desse tipo, em que o jogador usa armas reais... revólveres. Quando o bandido o atinge,

ele sente um leve solavanco, então sabe que foi atingido e em que parte do corpo. É o suficiente para avisar, não para ferir. Alguém mudou as regras no jogo de Bart. Só que isso não explica as queimaduras internas. Entendo como elas apareceram na pele, mas os talhos e cortes maiores também são internos, não apenas superficiais. O que significa que a arma em si teve que despejar uma carga elétrica forte. Para quê? Uma espada grande e afiada já não seria o suficiente?

— Certamente teria sido.

Ela foi até a cabeça e examinou o pescoço.

— Todos os ferimentos batem uns com os outros?

— Perfeitamente.

— Talvez a carga tenha sido adicionada ao impulso. Pode ter acrescentado mais potência, então o assassino não necessariamente precisava ser forte. Isso deu a ele mais força, mais velocidade. — Ela tirou os óculos de proteção. — O golpe foi aplicado de frente?

— Sim, é o que me parece — concordou Morris.

— Teria que ser bem rápido, não é? Extremamente rápido. Ele não estava drogado, não estava algemado e enfrentava alguém com uma espada imensa. Ele iria correr, tentaria dar o fora dali. Teria recebido o golpe pelas costas, porque duvido muito que ele

ficaria apenas esperando ser decapitado. O assassino lhe deu um gostinho do que iria acontecer com o ferimento no braço. Quis ver a sua reação, quis chocá-lo. E, então, aplicou o golpe certo.

Ela assentiu e anunciou:

— Vou voltar à cena do crime.

Mas DuVaugne tinha que vir antes disso.

Ela mandou Peabody ligar para o escritório do suspeito e, como imaginava, ele já tinha ido para casa. Executivos e policiais não tinham a mesma carga horária de trabalho nem o mesmo salário.

Ela não se ressentia disso, mas era um saco saber que teria de dirigir até a zona norte da cidade para voltar depois.

— Sabe de uma coisa? — começou Peabody, e Eve rosnou.

— Se você mencionar qualquer parte da anatomia de alguém, vou jogar você pela janela desta viatura em movimento, no meio do trânsito!

— Não era nada disso, mas, agora, estou pensando nisso de novo. Eu ia falar sobre a espada. Não a espada masculina eufemística, mas a arma do crime. Ano passado, fui a uma *comic-con* com McNab.

— Que diabos é uma *comic-con*?

— Um encontro de *gamers*; *con* é abreviatura de convenção. Aconteceu aqui em Nova York, no Centro de Convenções. É um festival *geek* completo e é muito mais divertido do

que parece.

— Como isso parece um pesadelo em pleno inferno, não precisa de muito para melhorar.

— Bem, as pessoas se vestem como personagens de videogames, filmes e séries. Os atores que interpretam os personagens vêm, distribuem autógrafos, se apresentam. Lá eles vendem todo tipo de coisa, e rolam até mesmo leilões. Rola grana alta também. Há festas, concursos, seminários e muita interação com os participantes. Você pode jogar praticamente qualquer videogame se estiver disposto a enfrentar multidões e ficar na fila. A U-Play teve uma grande participação, eu lembro. Puxa, provavelmente, vi a vítima lá antes de

ele se tornar vítima. Enfim, o lugar é como o reino dos *geeks*.

— Uau, estou louca para visitá-lo.

— A questão é que eles têm armas por lá: réplicas e armas virtuais. Grande parte dos jogos mais populares possuem temática de guerra.

— Sim, as pessoas nunca se cansam de matar umas às outras. — Mas Eve refletiu e viu nisso uma abordagem interessante. — Uma espada eletrificada faria muito sucesso nesse lugar.

— Pode apostar. Conseguimos assistir a um dos leilões, e havia uma espada, que nem era eletrificada, usada por Elda, a Rainha Guerreira, que foi arrematada por mais de cinco milhões.

— Meu Deus! De dólares?

— Sim, de dólares! Foi a espada que Elda usou no filme para defender seu trono e tudo o mais. Esses jogos são o máximo. McNab e eu jogamos alguns.

— Quem faz o papel de rainha?

— Rá-rá... eles também têm versões holográficas, mas, como não temos um salão holográfico, jogamos no computador. O que quero dizer é que existem centenas de armas nessas convenções, sem falar nos fornecedores e colecionadores. Eles têm armas de laser, clavas mágicas, lanças de fogo, sabres de luz e desintegradores. Mas, pelo que vi, as espadas são o maior sucesso. São mais *sexy*.

Aquela era uma abordagem realmente interessante, tornou a pensar Eve. Uma

boa linha de investigação.

— Aposto que Bart achou *sexy* ser decapitado por uma — refletiu a tenente.

— Colecionadores, fornecedores e *comic-cons*. Esse é um bom caminho para explorar. Mas talvez tenhamos sorte, e DuVaugne simplesmente nos mostre a sua espada mágica, porque aí nós o atingimos com uma arma de laser e encerramos o caso.

— Espada mágica é um eufemismo para a palavra que começa com “p”?

Eve estacionou junto ao meio-fio em uma zona proibida e ligou a luz da viatura.

— Se ele nos mostrar qualquer coisa, nós o derrubamos.

Rindo, Peabody saltou do carro.

— Puxa, que casa!

Para quem gosta de aço, vidro e ângulos agudos, pensou Eve. O tom dourado do vidro da janela refletia os raios de sol, e ela se sentiu grata por estar de óculos escuros. Perguntou a si mesma quantas pessoas tinham ficado cegas só por passar diante daquela extravagante residência de três andares, provavelmente em estilo urbano pós-pós-moderno. Ela supôs que, naquele espaço, devia ter existido, antes, uma digna mansão de pedra ou uma estilosa casa de tijolinhos que fora destruída ou mortalmente danificada durante as Guerras Urbanas. Em seu lugar, estava o brilho das paredes de aço escovado e vidro dourado.

Talvez os ocupantes se sentissem nobres dentro de sua caixa de vidro ou desfrutassem de uma vista privilegiada das ruas e da cidade.

Ela teria se sentido exposta e assustada, mas tem gosto para tudo.

Em vez de degraus da calçada até a entrada, havia uma rampa inclinada que levava a uma plataforma, onde um detector de movimento emitia imediatamente um bipe baixo. Ela examinou as câmeras duplas e a placa de reconhecimento por impressão palmar.

— Não há muros, mas as trancas são poderosas — comentou ela.

Padrão vocal não reconhecido. Esta casa não recebe vendedores. Todas as entregas devem

ser autorizadas. Não estamos à espera de visitas no momento. Por favor, identifique-se e informe seu propósito. Obrigado.

— Bem, pelo menos, ele disse “por favor”. — Peabody encolheu os ombros. — E “obrigado”.

— Sim, muito educado. Acho que eles não gostam muito da vizinhança.

Sua identificação deverá ser fornecida nos próximos dez segundos. Este local é protegido pela Secure-One. Do contrário, as autoridades competentes serão alertadas.

— Não foi tão educado dessa vez. — Eve exibiu seu distintivo. — Aqui é a tenente Eve Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. Temos negócios

a tratar com Lane DuVaugne.

Não há compromisso agendado.

— Escaneie o distintivo e informe ao sr. DuVaugne que há policiais em sua porta. Do contrário, um monte de policiais chegará aqui com um mandado em trinta minutos.

Por favor, posicione sua identificação na placa de reconhecimento palmar para verificação. Obrigado.

— Ficou educado novamente — comentou Eve enquanto colocava o distintivo sobre a placa.

Identificação confirmada. Tenente Eve

Dallas, do Departamento de Polícia de Nova York. O sr. DuVaugne será informado da sua chegada. Um momento, por favor.

Demorou um pouco, mas a segurança liberou a entrada e a porta se abriu.

Um mordomo androide, muito esbelto e com aparência digna em um austero terno preto fez Eve bufar. Ele parecia irmão de Summerset, não apenas na aparência, mas no desprezo e no ar de ironia em seu rosto quando olhou para ela.

— Ei, ele se parece muito com...

— Eu sei! Aquele pé no saco — completou Eve, pensando no mordomo sargento de Roarke. Exibiu um sorriso forçado para ele e perguntou: — Você tem nome ou apenas um número?

— Meu nome é Derby. — Ele tinha sido programado com um elegante sotaque britânico. — Se a senhora me informar a natureza de seu assunto com o sr. DuVaugne, vou comunicar a ele. Sua parceira ainda não se identificou.

— Detetive Delia Peabody. — Peabody levantou seu distintivo.

— Agora que fomos todos apresentados, você pode *comunicar* ao seu proprietário que o Departamento de Polícia de Nova York poderá conversar com ele aqui, no conforto de seu lar, ou nós o acompanharemos até o nosso lar. O que seria, é claro, a menos confortável e mais pública Central de Polícia. O assunto que vamos tratar com ele não é da sua conta. Processe isso.

— Assim informarei ao sr. DuVaugne. Solicito que as senhoras aguardem na antessala. Ativei todas as câmeras de segurança internas. Os seus movimentos e as suas conversas serão gravados.

— Tudo bem, vamos resistir à tentação de nos coçarmos em lugares inadequados.

Ele fungou e virou as costas; em seguida, conduziu-as pelo saguão aberto com uma piscina central de água em tom azul-vênus, enfeitada por uma espécie de escultura de metal de uma mulher seminua, pronta para mergulhar.

A antessala, com paredes de vidro, tinha dois sofás iguais em prata reluzente, com almofadas vermelho-

sangue, além de poltronas em um estampado estonteante com ambas as cores. Todas as mesas eram de vidro transparente. Algumas continham buracos com flores estranhas que surgiam de suas bases. No teto, um emaranhado de aço e vidro formava candelabros. Os pisos tinham o mesmo tom e textura do aço que revestia o exterior da casa.

Eve tentou pensar se já tinha visto um ambiente mais exagerado e desconfortável que aquele, mas não conseguiu se lembrar de nenhum.

— Aguardem aqui — ordenou Derby. Quando ele saiu, Eve foi até a parede que dava para a rua.

Sim, aquilo definitivamente a fazia se

sentir exposta.

— Por que uma pessoa iria querer apenas uma folha de vidro entre ela e o resto do mundo? — Encolheu os ombros e, em vez de estremecer, se virou para a sala. — Impressões?

Peabody revirou os olhos, como se quisesse lembrar a Eve que estavam sendo filmadas.

— Hum. Aqui é tudo muito limpo. E silencioso. Não dá para ouvir nenhum barulho da rua. — Ela apontou para a janela. — É como um vídeo com o áudio no mudo.

— Pois é. Ou nós entramos em um universo paralelo onde o mundo fora deste vidro está em absoluto silêncio. Arrepiante.

— Agora sim é meio assustador. — Peabody apertou os olhos e os revirou mais uma vez. — Mas muito limpo.

Eve girou o corpo ao ouvir o som de passos de um homem, acompanhado pelo clic-clic dos saltos de uma mulher.

Analizou a mulher antes e percebeu que a nova esposa tinha sido a modelo para a escultura seminua no saguão. Agora, ela estava com um vestido curto de verão que combinava com o azul suave dos seus olhos e um sapato da última moda, um modelo que deixava o peito do pé totalmente desnudo. As unhas dos dedos dos pés estavam pintadas em vários tons pastéis. Seu cabelo se despejava sobre ombro em uma cascata de vários tons de ruivo com

reflexos dourados, que emolduravam um rosto dominado por lábios carnudos.

Ao lado dela, o homem usava um terno discreto, típico de um executivo, com corte conservador. Ainda assim, sua mandíbula se manteve firme e os olhos castanhos muito suaves combinavam com sua cabeleira cheia e chamativa.

A gravata dele, ligeiramente torta, e o olhar satisfeito e um pouco sonolento no rosto da esposa deram a Eve uma boa pista sobre o que o casal estava fazendo antes da sua chegada.

— Tenente Dallas, certo? E detetive Peabody. — DuVaugne atravessou a sala para dar apertos de mão entusiasmados. — O que posso fazer por

vocês?

— Estamos investigando o assassinato de Bart Minnock.

— Ah. — Ele acenou com a cabeça com ar sóbrio e deu um suspiro de pesar. — Sim, fiquei sabendo, mas a mídia não deu muitos detalhes.

— Você mantinha relações de amizade com o sr. Minnock?

— Para ser franco, não. Eu o conhecia, é claro, já que atuamos no mesmo ramo.

— Puxa vida, querido, você precisa convidar as visitas para sentar. — Ela estalou a língua em sinal de desaprovação.

Ela realmente tinha estalado a língua. Seu forte sotaque do Bronx contrastava

com os tons refinados do androide que ela tentava imitar. Eve achou isso notável.

— Meu nome é Taija. A sra. Lane DuVaugne. Por favor, sentem-se. — Ela fez um gesto amplo e muito suave, como as lindas modelos que exibem prêmios nos programas de TV. — Gostariam de beber alguma coisa?

— Não, obrigada. — Mas Eve aceitou o convite para se sentar. — Estamos bem. Então você nunca encontrou Bart Minnock pessoalmente?

— Bem, acho que nos encontramos uma ou duas vezes. — DuVaugne se sentou no sofá vermelho e prateado, ao lado da esposa. — Em convenções ou eventos, esse tipo de coisa. Ele parecia

ser um jovem brilhante e simpático.

— Mas então... por que alguém o matou? — quis saber Taija.

— Excelente pergunta — disse Eve, e isso fez com que Taija irradiasse orgulho, como uma aluna elogiada pela professora.

— Se não fizermos perguntas, não encontramos respostas — emendou a jovem.

— Essa é a minha filosofia. Deixe-me aplicá-la perguntando-lhe uma coisa, sr. DuVaugne. O senhor poderia nos informar onde esteve ontem, entre as três da tarde e as sete da noite?

— Onde eu estive? Você está insinuando que eu sou um *suspeito*? — Sua indignação brotou com força no

olhar, mas Eve achou que perplexidade teria sido uma escolha melhor. — Ora, eu mal conhecia o sujeito.

— Nossa, Lane não mataria ninguém. Ele é gentil como um cordeiro.

— É procedimento padrão. Como já disse, sr. DuVaugne, você e a vítima atuavam no mesmo ramo.

— Sim, mas isso não é motivo para assassinato! Inúmeras pessoas nesta cidade trabalham com videogames, mas você entra na *minha* casa e exige que eu responda às *suas* perguntas!

— Calma, calma, amorzinho. — Taija acariciou o braço dele. — Não fique assim tão nervoso. Sabe que isso não é bom para você. A tenente está sendo muito educada. Você sempre diz que as

peessoas precisam desempenhar bem o trabalho pelo qual são pagas. Especialmente os funcionários públicos. Você é funcionária pública, certo? — perguntou a Eve.

— Sou sim, exatamente.

— De qualquer forma, querido, você sabe que ficou no trabalho até quase quatro da tarde. Ele trabalha muito! — disse a Eve, como quem conta um segredo. — Depois, veio para casa e descansamos um pouco antes de nos vestirmos para ir jantar na casa de Rob e Sasha. Foi uma festa maravilhosa.

— Taija, é uma questão de princípios.

— Sim, sim — concordou ela, acariciando-o. — Acalme-se, vamos lá.

DuVaugne inspirou de forma lenta e ruidosa.

— Taija, acho que eu gostaria de beber o meu martíni noturno.

— Claro, querido, vou dizer ao Derby para prepará-lo. Peraí... quero dizer, por favor, me deem licença um minuto.

Depois que ela se retirou com seu clic-clic no piso, DuVaugne se virou para Eve.

— Minha esposa é ingênua em certos aspectos.

Talvez, pensou Eve, mas parecia sincera e era absurdamente simpática.

— Ingênua o suficiente para não entender que “trabalhar muito” inclui pagar um vigarista por informações

confidenciais sobre os trabalhos e projetos da U-Play? Nós temos Dubrosky sob custódia — avisou Eve antes que ele tivesse chance de falar. — Ele entregou você.

— Não faço ideia do que ou de quem você está falando. Agora, por favor, preciso pedir que se retirem.

— Peabody, leia para o sr. DuVaugne os direitos dele.

Enquanto o homem bufava, Peabody recitou os direitos e deveres dele.

— Você entende os seus direitos e deveres nesta situação? — perguntou Peabody ao terminar.

— Isso é inacreditável! — Seu rosto parecia arder e ficou em um tom de vermelho forte quando ele se colocou de

pé. — Vou ligar para o meu advogado.

— Ótimo. Diga a ele para nos encontrar na Central de Polícia. — Com um ar frio e tranquilo que contrastava com o dele, Eve se levantou. — Você poderá se acalmar um pouco na cela até ele chegar, quando, então, poderemos repassar as perguntas ao seu representante sobre esses dois assuntos: o seu envolvimento em espionagem corporativa e a sua ligação com o assassinato de Bart Minnock.

— Só um minuto, só um minutinho, droga. Eu não passei nem perto do apartamento de Minnock ontem. Eu *nunca* fui ao apartamento dele.

— Foi solicitada a presença de um advogado, sr. DuVaugne — lembrou

Eve. — Somos obrigadas a esperar até que o seu representante converse com você antes de colhermos o seu depoimento ou continuarmos este interrogatório. Vamos mantê-lo em segurança na delegacia até lá, enquanto o fichamos pelas acusações pendentes.

— Vocês estão me prendendo? Estão realmente me prendendo? Esperem um pouco. Por favor, esperem. — Ele não suou como Roland, mas sua mão tremeu de leve quando ele a passou pelos cabelos sedosos. — Sugiro deixarmos o advogado de lado. Vamos manter isso só entre nós.

— A escolha é sua.

— Martínis! — anunciou Taija, cantarolando alegremente enquanto

voltava para a sala, à frente de Derby. — Vamos todos nos sentar e saborear um belo drinque. Oh, querido, olhe só para você! Está com o rosto todo vermelho! — Ela se aproximou e lhe acariciou as bochechas. — Derby, sirva as bebidas. O sr. DuVaugne precisa de um estimulante.

— Me dê isso! — DuVaugne agarrou a gigantesca coqueteleira e despejou o conteúdo em um copo até quase transbordar. Em seguida, bebeu tudo de uma só vez.

— Opa! Você se esqueceu das azeitonas. Derby, sirva as bebidas às nossas convidadas.

— Não temos autorização para beber em serviço, sra. DuVaugne. Mesmo

assim, agradecemos.

A boca de Taija se curvou em uma careta solidária.

— Puxa vida, isso não me parece justo.

— Taija, vá lá para cima. Tenho alguns negócios para discutir aqui.

— Oh. — Depois de disparar um olhar magoado em direção ao marido, ela se virou para Eve e Peabody. — Foi um prazer conhecê-las.

— Foi um prazer conhecer você também.

— Derby, deixe-nos em paz. — DuVaugne se sentou e esfregou os olhos com força. — Eu não tive nada a ver com o assassinato de Minnock. Fiquei no meu escritório até quatro da tarde.

Meu motorista me trouxe para casa. Não tornei a sair até as sete. Você pode confirmar tudo.

— Posso e vou. Mas, quando um homem contrata alguém para roubar coisas para ele, é provável que possa contratar alguém para matar por ele.

DuVaugne baixou as mãos.

— Não sei o que esse tal de Dubrosky lhe contou, mas ele é um ladrão e mentiroso. Não é confiável.

— Você confiou a ele cerca de cento e cinquenta mil dólares — afirmou Eve.

— Negócios, esse é simplesmente o preço que se paga do fazer negócios. — Ele acenou com a mão, como se aquilo não tivesse importância, e colocou as mãos nos joelhos. — Foi ele quem me

procurou. Disse que queria desenvolver um jogo, que trabalhava em uma nova tecnologia e precisava de apoio financeiro. Normalmente, eu o teria dispensado, mas ele foi persuasivo e a ideia me pareceu interessante, então lhe dei alguns milhares de dólares para a continuidade do trabalho. E mais um pouco depois disso, pois confesso que fiquei fascinado com a ideia. Eu deveria ter desconfiado, é claro, mas se enganar não é crime. Depois de eu investir tempo e dinheiro consideráveis no projeto, ele me contou que tinha roubado os dados da U-Play.

DuVaugne bufou com força e se serviu de um segundo martíni — sem esquecer as azeitonas.

— Fiquei chocado, indignado, e ameacei entregá-lo às autoridades, mas ele me chantageou. Eu tinha pagado a ele, entende? Ficou parecendo que eu o contratara para acessar essas informações confidenciais. Continuei a pagar. Eu não sabia mais o que fazer.

Eve se manteve quieta por um momento.

— Você acredita nessa balela, Peabody?

— Não, senhora. Nem uma palavra.

Obviamente atônito, ele colocou o copo sobre a mesa.

— Vocês acreditam na palavra de um criminoso comum, mas não na minha?

— Neste caso... — Eve pareceu refletir um pouco — Acredito, sim.

Você não é ingênuo, DuVaugne. Não é como a sua simpática esposa. E não gastaria uma grana preta para ajudar um programador com dificuldades para desenvolver um jogo. Você *contratou* Dubrosky e pagou para ele fazer exatamente o que fez: usar um trouxa para lhe fornecer os dados que queria. Se você levasse esse jogo e a nova tecnologia para a sua empresa, que está afundando rapidamente, viraria herói. Seu investimento voltaria multiplicado centenas de vezes. O único obstáculo para tudo isso era Bart Minnock.

— Eu não sou um assassino! — DuVaugne bebeu metade do segundo martíni antes de recolocar com força o copo na mesa. — Se Dubrosky matou

aquele homem, foi por iniciativa própria. Não tive nada a ver com isso.

— Você só pagou para que ele roubasse as informações, então?

— Assim é o mundo dos negócios — insistiu DuVaugne. — São apenas negócios. Minha empresa está enfrentando problemas, é verdade. Precisamos de sangue novo e ideias revolucionárias para darmos um impulso no mercado. Quando as informações chegam à minha mão, eu as uso. É uma boa prática empresarial. É assim que a indústria funciona. É um campo muito competitivo.

— Quando você paga alguém para copiar ou transferir propriedade intelectual de uma empresa, o nome

disso é roubo. Sabe o que acontece agora? Você vai para a cadeia. E, se esse roubo tiver alguma ligação com o assassinato, você receberá o bônus de ser acusado de cumplicidade.

— Isso é loucura! Sou um homem de negócios fazendo o meu trabalho. Nunca machucaria ninguém, nem tomaria parte nisso.

— Roubar o produto do suor de outra pessoa causa danos, e veremos o que conseguimos adicionar a essa acusação antes de terminarmos. Você poderá ligar para aquele seu advogado quando estiver a caminho da delegacia. Lane DuVaugne, você está preso por contratar alguém para roubar propriedade intelectual, bem como pelo recebimento

desta. Também terá de responder por conspiração para cometer espionagem corporativa. Algeme-o, Peabody.

— Não! Por favor, por favor. A minha esposa. Vocês precisam me deixar explicar tudo para a minha esposa. Deixem-me avisar que vou acompanhar vocês para ajudá-las na investigação. Por favor, não quero deixá-la preocupada.

— Ligue para ela de lá. Conte-lhe a versão que quiser. Mas ela vai descobrir tudo quando precisar pagar a fiança... caso assim o juiz determine.

Ela não tinha feito isso por ele, pensou Eve enquanto Peabody preenchia a ficha criminal. Fez isso para dar à esposa um

pouco mais de tempo para se adaptar à mudança que viria. DuVaugne poderia conversar com seu advogado, poderia até tentar enrolar a polícia, mas não teria tempo de conseguir marcar uma audiência para solicitar pagamento de fiança antes da manhã seguinte.

Ela ia esperar para ver o que ele teria a contar depois de passar uma noite preso.

De sua sala, ligou para Roarke e avisou que estava de volta. Em seguida, redigiu e arquivou o relatório.

Enquanto esperava por ele, fez o que não tivera tempo de fazer o dia todo: começou a montar o seu quadro sobre o homicídio.

Quando terminou, sentou-se na

cadeira, colocou os pés sobre a mesa, tomou um gole de café e analisou o quadro.

Bart Minnock, com seu rosto simpático e um sorriso ligeiramente tolo, estava acima das horripilantes fotos da cena do crime, entre outras imagens do corpo no necrotério e das pessoas que ela sabia que tinham ligação com ele.

Seus amigos e sócios, sua namorada, o patético Roland, Dubrosky, DuVaugne. Ela examinou a lista de funcionários, suas contas, dados financeiros, a linha do tempo que conhecia até aquele momento e, por fim, os relatórios dos peritos.

Competição, pensou ela... Negócios,

ego, dinheiro, dinheiro e mais dinheiro; paixão, ingenuidade, segurança. Videogames.

O ramo dos videogames era um baita negócio; egos imensos, muito dinheiro, grandes paixões, e o que resultava de tudo isso: gigantescos esquemas de segurança.

Em algum ponto ao longo do caminho, a segurança falhou e um ou mais desses outros elementos tinham se infiltrado ali para matar Minnock.

— Ouvi que você já fez uma prisão — disse Roarke, atrás dela.

— Não pelo assassinato, ao menos por enquanto. Mas pode existir uma ligação. Eles vão dar continuidade ao projeto, ao jogo, mesmo sem ele. Não só

porque é isso o que fazem, mas também porque não iriam querer decepcioná-lo.

— Sim, vai ser mais complicado e poderá ocorrer um atraso, mas eles vão levar o projeto adiante.

— Nesse caso... de que serviria matá-lo? — Ela balançou a cabeça e deixou os pés caírem no chão. — Vamos dar mais uma olhada na cena do crime.

Capítulo Seis

Ela deixou Roarke dirigir para poder trabalhar em suas anotações, determinar quem entre os interrogados precisava de uma segunda conversa e quem ela ainda precisava contatar.

— Falei com a advogada da vítima, que está de férias. Ela antecipou a volta, e vou me encontrar com ela amanhã de manhã. Era amiga dele — acrescentou Eve. — Parece disposta a me informar tudo que preciso saber e já me contou sobre os termos básicos do acordo de sociedade da vítima na empresa e o seu testamento. Quase tudo vai para os pais,

mas sua parte na U-Play deve ser dividida igualmente entre os três sócios restantes. É uma boa grana.

— Você acha que um ou dois deles decidiram eliminá-lo para ficar com uma fatia maior?

— Não posso descartar essa hipótese. Mas, em alguns casos, dinheiro não é o mais importante. — O dinheiro, refletiu ela, era, muitas vezes, a abordagem mais fácil, não a única. — Às vezes, o motivo nem tem a ver com isso. Mesmo assim, não posso descartar a possibilidade. Você disse que eles, provavelmente, teriam vários contratempos e algum atraso para lançar esse novo jogo, mas também vão atrair muita publicidade. Então parece que, quando for lançado,

vai ser um grande sucesso. Você também acha isso?

— Acho. Poderia e vai ser um grande sucesso. Apesar de termos um console e um videogame com recursos semelhantes prestes a serem lançados, será um salto considerável nessa tecnologia. E eles terão muita atenção da mídia voltada para eles devido à morte de Bart e às circunstâncias. Isso lhes dará um empurrãozinho, só que o futuro é uma incógnita. Perdê-lo foi um golpe e tanto.

— Sim, mas muita gente não raciocina a longo prazo. E, por outro lado, do ponto de vista competitivo, se você cortar a cabeça da empresa, literal e figurativamente, estará apostando que,

mesmo com o atraso, haverá tempo suficiente para superar os problemas. Eles podem ser sócios e ter muita inteligência, mas Bart era o líder da empresa. É o que me parece.

— Eu concordo. E se o motivo for o negócio? Isso me parece mais um ato da concorrência do que uma aposta arriscada pela atenção da mídia. Não consigo ver assim, Eve.

Talvez não, pensou ela, mas seria um subproduto.

— O que você sabe sobre armas de videogames? Esses brinquedos de um jogo específico, modelos usados em filmes, réplicas, itens de colecionador?

— Elas podem ser, e são, fascinantes; certamente, conseguem movimentar

muito dinheiro, particularmente em leilões.

— Você é colecionador. — Ela se virou para estudar o perfil de Roarke. — Mas só de armas de verdade.

— Basicamente, sim. De qualquer modo, é uma área de grande interesse para qualquer pessoa do ramo ou que veja o mercado de videogames com seriedade. Essas armas vão das coisas mais básicas e simples até as mais detalhadas e complexas. Elas adicionam um elemento de imediatismo e realismo, uma percepção forte da vida real.

Ele olhou para ela.

— Você gosta de armas.

— Gosto de saber que tenho uma — reagiu Eve. — E que ela faz o que deve

ser feito quando preciso dela.

— Você já curtiu alguns jogos. E é uma pessoa competitiva.

— Qual é o sentido de jogar se vencer não for o objetivo?

— Concordamos nesse ponto.

— Só que um jogo é apenas um jogo — ressaltou ela. — Um brinquedo é um brinquedo. Não entendo essa compulsão por vivenciar a fantasia, a ponto de decorar seu escritório como se fosse a estação de comando de uma nave interestelar fictícia.

— Bem, uma pessoa faz isso por diversão ou por escapismo, embora alguns levem isso longe demais. Nós deveríamos ir a um leilão qualquer dia desses, só para você ver como é tanto o

mundo dos videogames quanto o ato de colecionar qualquer coisa ligada a eles. É muito interessante.

— Gosto de brinquedos. — Ela encolheu os ombros. — O que não entendo é por que alguém pagaria milhões por uma réplica de espada semelhante à que foi empunhada por algum guerreiro em um filme ou videogame.

— Alguns poderiam dizer o mesmo sobre arte. É tudo uma questão de interesse. De qualquer forma, algumas dessas peças de grande apelo para colecionadores são baseadas nesses objetos; outras são usadas em videogames; e tem as que são adquiridas apenas para exibição. Dependendo da

disponibilidade no mercado, do ano, do uso, da origem, elas podem ser valiosas para colecionadores. Sempre lançamos edições especiais limitadas de algumas das nossas armas e acessórios unicamente para esse fim.

— E quanto a uma espada eletrificada?

Ele parou o veículo quando o sinal fechou e sorriu para ela.

— Há espadas de fogo, outras que são carregadas por raios, há espadas para atordoar inimigos e assim por diante. Elas executam um show de luzes e efeitos sonoros interessantes... brilham, fazem estrondo, vibram, esse tipo de coisa. Mas nenhum acessório de jogo iria além de fazer o oponente sentir

uma pequena vibração. São inofensivos.

— Você conseguiria alterar a função de uma delas?

— Conseguiria, mas isso iria diminuir o seu valor em qualquer mercado legítimo. Existem regulamentos, Eve, exigências de segurança; é tudo muito rigoroso. Você nunca conseguiria transformar qualquer coisa desse tipo em uma arma real por meio de modificações. Não foi um equipamento de videogame que matou Bart.

— Uma réplica então, feita especificamente para esse propósito. Uma lâmina mortal que carrega uma corrente elétrica alta o suficiente para queimar.

Ele seguiu em frente quando o sinal abriu e não disse nada por um momento, enquanto se aproximava do meio-fio em frente ao prédio de Bart.

— Foi isso que o matou?

— É o que temos até o momento. — Ela saiu depois que Roarke estacionou. — Algo me diz que isso não foi o suficiente para matar. Tinha que haver também um espírito de combate. Tinha que ser divertido ou excitante para o assassino. Quem fez isso teve de se sentir parte daquilo, parte do jogo. E ele, certamente, jogou para ganhar. Preciso descobrir o que ele ganhou com isso.

— Tenente. — O porteiro se afastou do seu posto. — Há algum progresso na

investigação? A senhora já sabe quem matou Bart... isto é, o sr. Minnock?

— A investigação está em andamento. Estamos verificando todas as pistas. Alguém tentou entrar no apartamento dele?

— Não. Ninguém esteve lá desde que o seu pessoal foi embora. Ele era um cara legal. Um pouco mais velho que o meu filho.

— Você estava de serviço quando ele chegou em casa ontem. — Tudo já havia sido perguntado antes, ela sabia, mas, às vezes, surgiam detalhes na repetição das perguntas. — Como estava o humor dele?

— Ele assobiava. Chegou sorrindo. Isso me fez sorrir também. Parecia muito

feliz.

— E ninguém entrou depois ou antes dele, alguém que poderia ter acesso ao apartamento?

— Ninguém. Estava tudo calmo ontem. Lembra-se do tempo que fez? As pessoas ficam dentro de casa em dias assim se não precisarem ir a algum lugar. Quase ninguém entrou ou saiu deste prédio o dia todo, e eu conheço todos os moradores.

— Ele teve problemas com algum vizinho? Alguma reclamação?

— Ele era um cara amigável, descontraído... talvez um pouco tímido, quieto. Nunca o ouvi reclamar de ninguém, e nunca ninguém reclamou dele.

Ela mudou a abordagem.

— Sabe se ele era mais próximo de algum outro condômino?

— Bem, das crianças, claro.

Pronto, pensou ela, um novo detalhe.

— Que crianças?

— Os filhos dos Sing e o menino dos Trevor. Não temos muitas crianças no prédio. Há algumas adolescentes, que não se importam muito com videogames. Em compensação, os meninos mais novos adoravam Bart.

— É mesmo?

— Sim, porque ele os deixava subir e jogar em sua casa às vezes. Dizia que eles eram a sua pesquisa de mercado. De vez em quando, lhes dava algum material novo de demonstração e lhes

trazia novos jogos antes de chegarem às lojas.

— Os pais aceitavam tudo isso numa boa?

— Claro. Bart não agiria desse modo sem a aprovação deles. Na verdade, o dr. Sing se juntava a eles de vez em quando. Ele curte mais jogos de estratégia e temas semelhantes do que aqueles que as crianças tanto gostam. Elas levaram um grande choque desde que as notícias foram divulgadas. Bem, pelo menos os filhos dos Sing. Os Trevor estão de férias, então não sei se já sabem.

— Qual é o apartamento dos Sing?

— Eles moram no 510. É um belo apartamento duplex. Toda a família está

lá agora, se quiser conversar com eles. Posso interfonar para avisá-los.

— Por favor, faça isso. Depois, vamos dar mais uma olhada no apartamento do sr. Minnock.

— É bom saber que vocês continuam investigando. Muito bom. Quem fez mal àquele garoto... — Seus lábios se apertaram, e ele desviou o olhar. — Bem, não posso nem dizer o que penso a respeito de quem fez isso. Somos demitidos se usarmos linguagem imprópria.

Roarke ligou seu tablet assim que eles entraram no elevador.

— Dr. David Sing, neurologista. A mulher dele é cirurgiã pediátrica. Chama-se Susan. Os meninos, Steven e

Michael, têm dez e oito anos, respectivamente. Os pais são casados há doze anos. Ambos se formaram na Harvard Medical School e trabalham no Mount Sinai Hospital. Nenhum dos dois tem antecedentes criminais.

— Desde quando você consegue acessar registros policiais nesse tablet?

— Desde que virei consultor da minha adorável esposa. — Roarke guardou o tablet no bolso.

— Tenho um cara detido por acessar informações sigilosas.

Roarke simplesmente sorriu e estendeu as mãos com os pulsos para cima.

— Quer me levar preso, amor?

As portas do elevador se abriram e a

pouparam de uma resposta.

— Só quero dar uma olhada, sentir o ambiente. Talvez tudo tenha sido algum tipo de acidente. Os meninos estão brincando, se divertindo, até que alguém acaba degolado.

— E as crianças limpam tudo depois, adulteram o sistema de segurança e reprogramam uma androide muito sofisticada?

— Não, mas elas têm pais muito inteligentes. Imagino que sejam, já que estudaram em Harvard. Não é muito provável, mas...

— Você não pode desprezar a hipótese — terminou Roarke, e ele mesmo apertou a campainha do 510.

— Tente se parecer com Peabody.

— Como assim?

— Banque o sério, aja com autoridade, mas seja acessível.

— Você se esqueceu do “adorável”.

— Peabody *não é* adorável.

— Pelo meu ponto de vista, ela é, sim. De qualquer modo, eu estava falando de mim mesmo.

Ela mal sufocou a risada antes de a porta se abrir.

David Sing usava jeans e uma camisa branca impecável. De botas, Eve era alguns centímetros mais alta que ele, e os olhos cansados do médico voaram dela para Roarke.

Ele usou as palavras com muita precisão. Isso mostrou a Eve que o inglês não era sua língua nativa, mas que

tinha bastante fluência no idioma.

— Vocês são da polícia, certo? Sou David Sing. Por favor, entrem.

Havia vestígios de sua herança asiática na decoração do apartamento, nas belas cores, na coleção de dragões entalhados, na estampa das mantas em seda que enfeitavam os estofados. Ele os conduziu até um sofá azul claro que exibia algum desgaste, mas era muito bem cuidado.

— Vamos tomar chá — ofereceu ele.
— A babá dos meus filhos já está preparando. Ela ficou até mais tarde hoje, pois eles estão muito abalados pelo que aconteceu com o nosso amigo. Por favor, sentem-se e me digam em que posso ajudá-los.

Ele não pediu identificação, mas Eve exibiu seu distintivo.

— Sou a tenente Dallas. Trabalho como investigadora-chefe no caso do assassinato de Bart Minnock.

— Sim. Jackie me disse quando interfonou. E eu reconheço a senhora. Vocês dois, na verdade. Só soubemos da morte de Bart hoje à tarde, e tanto minha esposa quanto eu tiramos o resto do dia de folga. Não queríamos que nossos filhos ouvissem a notícia antes de termos chance de conversar com eles e prepará-los. Aqui está nosso chá. Min, esta é a tenente Dallas e este é Roarke.

A mulher, que empurrava o carrinho de chá com a bandeja, era miúda e tinha mais de setenta anos. Ela se curvou de

forma educada e disse algo em voz baixa, em um idioma que Eve não entendia. Em seguida, colocou a mão sobre o ombro de Sing, em um gesto que transmitia uma conexão longa e profunda entre eles.

— Pode deixar que eu sirvo, Min. — Ele estendeu a mão e apertou a dela de leve. — Vá descansar, coloque os pés para cima por algum tempo. — E acrescentou algo mais em sua língua nativa.

A mulher beijou o topo de sua cabeça e saiu da sala.

— Min foi minha babá quando eu era garoto. Agora, ela ajuda a cuidar dos nossos meninos. — Ele despejou o chá de um dourado pálido sobre chávenas

sem asa. — Minha esposa está no andar de cima com as crianças. Podemos conversar livremente.

— Seria útil falar com sua esposa e seus filhos.

— Sim, eles vão descer em breve. Achei que... caso a senhora precisasse descrever alguns detalhes... Espero que possa poupar um pouco as crianças. Eles são muito pequenos e adoravam Bart.

Eve desejou, por um segundo, ter Peabody ao seu lado. Peabody era muito melhor que ela para tratar com crianças. Bem, qualquer um era, decidiu, e observou Roarke, que dizia:

— Falaremos sobre isso com seus filhos cuidadosamente, dr. Sing.

— Eles entendem a morte, dentro das limitações de uma criança. Afinal de contas, seus pais são médicos. Mas é difícil para eles, para qualquer um de nós, entender como um amigo pode estar morando no andar de cima um dia e, no dia seguinte, ter partido para sempre. A senhora sabe informar se já existem planos para algum tipo de funeral? Acho que seria bom se meus filhos estivessem presentes.

— Não tenho essa informação no momento, mas vou cuidar para que o senhor receba os detalhes assim que tiver.

— Obrigado. Imagino o quanto a senhora deve estar ocupada. Vou buscar minha família.

Quando ele saiu da sala, Eve se virou para Roarke.

— Acho que você deveria conversar com as crianças.

— Engraçado. Eu não acho.

— Eles são meninos. Provavelmente, se identificariam mais com você.

Com o rosto calmo e muito à vontade, ele provou o chá.

— Covarde.

— Tudo bem, mas isso não significa que eu não esteja certa. Além do mais, sou a investigadora-chefe. Eu dou as ordens por aqui.

Ele sorriu para ela.

— Sou apenas um civil.

— Desde quando? — replicou ela.

— Experimente o chá. Está muito

bom.

— Vou mostrar o que você pode fazer com esse chá. — Mas ela adiou a demonstração assim que viu a família Sing chegar.

A mulher tinha a pele negra, as maçãs do rosto muito protuberantes e a postura real de uma princesa africana. Devia ter mais de um metro e oitenta de altura e distribuía o seu peso por um corpo exuberante e admirável. Ela e o marido se colocaram ao lado dos meninos, as mãos em seus ombros, indicando união.

Eve não entendia muito de crianças, mas tinha certeza de que olhava para dois dos mais belos exemplares da espécie. Eles tinham os olhos pretos e amendoados do pai, as maçãs do rosto

da mãe e a pele em um tom indescritível que, de alguma forma, misturava as cores dos pais em uma perfeição dourada e reluzente.

Os garotos estavam de mãos dadas, algo que fez o coração de Eve se apertar. Ao lado, ouviu Roarke suspirar e o entendeu.

Tanta juventude e tanta beleza nunca deveriam ter de enfrentar a violência sem sentido de um assassinato.

— Esta é a minha esposa, Susan; estes são os nossos filhos, Steven e Michael.

— Tenente. Senhor. Vocês estão aqui para ajudar Bart. — Susan acariciou, com muito carinho, as costas de Steven.

— Sim. Agradecemos muito pelo seu

tempo. — Eve se preparou e olhou para as crianças. — Sinto muito que vocês tenham perdido um amigo.

— A polícia encontra os caras maus — explicou o menino mais novo, Michael. — E os prende. Então eles vão para a cadeia.

Alguém, pensou ela, tinha explicado às crianças a ordem em que as coisas aconteciam.

— Isso mesmo, você tem razão.

— Às vezes, eles não vão para a cadeia. — A mandíbula de Steven se contraiu. — Às vezes, a polícia não os encontra e não os prende. E, às vezes, mesmo depois que são encontrados, eles não vão para a cadeia.

Alguém lhes explicara a realidade

também.

— Exato, às vezes, isso acontece.

— A tenente Dallas sempre encontra os caras maus — garantiu Roarke ao menino —, porque nunca desiste. Ela não para de procurar pelas pessoas más porque, mesmo sem ter conhecido Bart antes, ele agora também é amigo dela.

— Como ela pode ser amiga dele se não o conheceu?

— Porque, depois que ele morreu, ela foi até onde ele estava, olhou para ele e prometeu que iria ajudá-lo. É isso que os amigos fazem. Eles ajudam.

— Ele me ajudou com ciência da computação, na escola — anunciou Michael. — Também deixava a gente jogar seus videogames e tomar

refrigerantes... — Ele olhou meio de lado para a mãe.

Ela sorriu.

— Está tudo bem.

— Não devemos tomar muito refrigerante — explicou Michael. — Não fazem muito bem à saúde. Como você pega os caras maus? Eles não se escondem e fogem?

Ok, decidiu Eve, com isso ela saberia lidar.

— Eles tentam. Pode ser que vocês consigam me ajudar a encontrá-los.

— Você precisa de pistas.

— Isso mesmo. Às vezes, descubro pistas conversando com as pessoas. Então vamos lá... por que vocês não me contam sobre a última vez em que

estiveram com Bart?

— Não foi ontem, nem anteontem, foi um dia antes. — Michael olhou para o irmão em busca de confirmação.

— Estava chovendo muito e não pudemos ir ao parque depois da aula de música. Mas fomos até a casa de Bart para fazer um teste.

— Que jogo vocês testaram?

— *Bases Loaded* — disse Steven. — A nova versão, que ainda nem foi lançada. É o máximo, quase tão bom quanto brincar no parque de verdade.

— Havia mais alguém lá?

— Só nós, até que Min apareceu para nos buscar. Bart a convenceu a jogar um pouco de *Scrabble*, aquele jogo de palavras-cruzadas, antes de irmos

embora. Ela ganhou. Ela sempre ganha no *Scrabble*.

— Talvez ele tenha falado com alguém pelo *tele-link*.

— Não, senhora, não falou. Ah, mas Leia também estava lá. Eu esqueci.

— A androide.

— Ela preparou um lanche. Um lanche saudável — acrescentou Michael, olhando mais uma vez para a mãe. — Mais ou menos saudável.

— Ele mostrou a vocês algum outro jogo novo? Um que ainda não tenha sido lançado?

— Não naquele dia.

— O que vocês sabem sobre o *Fantastical*?

Os dois meninos inclinaram a cabeça.

— O que é isso? — quis saber Steven. — Parece um jogo de magia. Linc gosta muito de jogos que têm magia.

— Linc Trevor — explicou Sing. — Ele é amigo dos meninos, também mora aqui no prédio. Ele e a família estão de férias.

— Eles viajaram já faz um *tempão*! — reclamou Michael.

— Tem menos de duas semanas. — Susan olhou para Eve. — Vão ficar um mês inteiro fora.

— Quando ele voltar, antes do início das aulas, vamos dar uma festa. Se estiver tudo bem — acrescentou Steven. — Bart disse que todos nós íamos nos reunir: Linc e os amigos do trabalho de

Bart também virão, porque haverá um novo jogo. O melhor videogame de todos os tempos. Todos vamos jogar e... mas, agora, não podemos. Não vamos mais fazer isso. Porque Bart está morto. Esqueci que Bart morreu.

— Vocês estão me ajudando a ajudar Bart agora — disse Eve ao ver que os olhos do menino tinham ficado cheios de lágrimas.

— Como?

— Conversando comigo. Ele contou alguma coisa sobre o jogo novo? O melhor videogame de todos os tempos?

— Ele disse que você poderia ser qualquer um ou qualquer coisa que quisesse. Bastava imaginar e ir em frente. Foi isso que ele disse. Eu lembro

porque ri. Eu achei engraçado.

— Nem mesmo Bart resistiu à tentação de vazar algumas informações sobre o projeto. — Eve parou do lado de fora do apartamento onde ele fora assassinado, antes de quebrar o lacre. — Eram apenas crianças que não chegaram a compreender plenamente nada além de “festa” e “jogo novo”. Mas, se ele contou algo a essas crianças, pode ter feito o mesmo para mais alguém que saberia processar muito mais informações.

— Matá-lo não fez com que essa pessoa conseguisse o jogo — lembrou Roarke.

— Não podemos ter certeza disso.

Não sabemos o que ele pode ou não ter dito ao assassino. Dubrosky usava sexo para obter dados. O assassino pode ter usado o mesmo recurso, ou algum outro tipo de sedução. Elogios, interesse, apoio financeiro. Tudo nos faz voltar ao jogo — disse ela enquanto fechava e trancava a porta atrás deles. — Tem de haver alguma relação.

Ela ficou ali por um momento, observando a sala de estar e tentando ver tudo através dos olhos da vítima.

— Por mais inteligente que fosse, ele era um sujeito simplório. Veja as cores aqui, em toda parte. Tons estimulantes, obviamente, mas simples. Cores primárias. Cartazes de videogames e de filmes usados como decoração, o que

refletia o seu gosto. O que ele apreciava, o que o deixava confortável. Cada um dos cômodos foi preparado para videogames.

“Ele é leal, mas isso também é uma forma de simplicidade. Você faz amigos e mantém esses amigos. Os amigos se tornam colegas de trabalho; você os conhece, os entende, se identifica com eles... E tudo é muito confortável. Sua namorada representa um relacionamento muito confortável também. Sem dramas, sem sobressaltos. Apenas uma garota legal com um cara que também é legal. Os novos amigos, relativamente falando, são as crianças do prédio. Elas também são simplórias. Um garoto desses vai jogar desde que você o deixe jogar. Não

vai escolher uma refeição sofisticada quando houver pizza no cardápio. Ele recebe crianças porque grande parte dele ainda é criança.”

— Não tenho como discordar até agora. — Roarke a observou enquanto ela vagava pelo cômodo.

— Crianças, a não ser que essas crianças fossem você ou eu, costumam confiar muito facilmente. Mas ele tinha um bom sistema de segurança. Não era bobo. Mesmo assim, trouxe para casa um jogo ainda em processo de desenvolvimento, e não registrou a sua saída. Era o seu grande projeto e ele trouxe uma cópia para casa onde, só para lembrar, existe um bom sistema de segurança. Só que... e se ele fosse

assaltado na rua, atropelado por um maxiônibus ou e se alguém tivesse furtado o jogo sem que ele percebesse? Ele não pensou nisso porque é simplório, e porque quer experimentar o jogo novo. Em sua própria casa. O *seu* jogo. Portanto...

Ela voltou até a porta de entrada.

Chega em casa um pouco mais cedo que o normal. Não consegue esperar. O porteiro não está mentindo, então ele entrou sozinho. A DDE relatou que a androide estava programada para lhe oferecer um refrigerante assim que ele chegasse; também foi programada para lembrá-lo de quaisquer compromissos ou eventos. O registro de memória da máquina confirma esse comportamento e

o desligamento que lhe foi ordenado. Ele bebe seu refrigerante, e o tempo que se passou entre o desligamento da androide e a entrada dele no salão holográfico indica que ele foi para lá quase que imediatamente. Os registros revelam que Leia sugeriu que ele trocasse de calçados; os que ele usava estavam molhados por caminhar para casa na chuva. Mas ele não o fez. As imagens de segurança na entrada mostram-no usando o mesmo par de tênis com o qual morreu.

— Jovem — comentou Roarke — e ansioso para jogar. Não dá para se preocupar muito com os tênis encharcados.

— Pois é. — Ela balançou a cabeça

quando os dois começaram a subir. — Talvez alguém já estivesse aqui dentro. Ou talvez ele tenha deixado alguém entrar depois de desligar a androide, antes de subir.

— Alguém que ele conhecia e em quem confiava — ajudou Roarke.

— Não há sinal de luta, nenhum ferimento defensivo, exceto a incisão no braço; nenhuma substância química em seu organismo, nenhuma evidência de ter sido amarrado ou algemado. Talvez eles o tenham hipnotizado, sei lá, mas, pelo que vemos, ele entrou no salão holográfico com o assassino.

— Um amigo de jogatina.

— Mas não foi uma criança. Nenhum dos filhos dos Sing conseguiria planejar

tudo isso.

— Então você pode descartá-los como suspeitos.

— Se eles estivessem aqui e tivesse acontecido um acidente, teriam me contado tudo. — Ela pensou mais uma vez naqueles olhos escuros e cheios de lágrimas. A simplicidade, a inocência. — O mais novo contou sobre os refrigerantes. Você poderia dizer “puxa, que fofura”, mas o que eu vejo por trás disso tudo é honestidade. Ainda assim, pode ter sido um acidente com alguém não tão simplório ou honesto quanto dois meninos.

— Eles formam uma bela família.

O olhar de Eve vasculhava tudo enquanto eles continuaram procurando

por qualquer coisa fora do lugar, qualquer coisa que pudesse ter escapado à sua atenção antes.

— Não sei por quê, mas sempre me surpreendo ao ver essas coisas. Talvez eu não interrogue famílias tão adoráveis, tão estáveis, regularmente. Estáveis. Minha impressão é que Bart veio de uma família desse tipo. Talvez seja uma desvantagem de certo modo.

— Como isso poderia ser uma desvantagem?

— Você pode acabar virando uma pessoa simplória demais e confiar muito facilmente nos outros. — Ela olhou para ele. — Esse, com certeza, não foi o nosso problema.

— A policial e o criminoso? — Ele

acariciou as costas dela. — Aposto que há muita gente como nós em famílias estáveis também. É isso que preocupa você, Eve, quando pensa em dar início à nossa própria família? Sei que ainda não é a hora certa — acrescentou ele, achando graça do pânico imediato que enxergou nos olhos da sagaz oficial —, mas, quando o momento chegar, será essa a sua preocupação? Que nós coloquemos no mundo policiais, criminosos ou pessoas ingênuas demais?

— Não faço a menor ideia. Mas, por exemplo, quem se lembrará de dizer “chega de refrigerantes por hoje”? E se eu quiser um? Ou então “nada de pizza novamente no jantar”, quando, na verdade, eu vou estar pensando: *Ah,*

qual é, por que não? Estaremos diante de mais um conjunto interminável de regras para aprender. Ainda nem entendi todas as regras do casamento.

— E, no entanto, aqui estamos nós. — Ele abaixou a cabeça e a beijou de leve. — Acho que muito só se aprende quando se tem filhos.

— Tudo bem quando se tratam de adultos conscientes, mas deve haver regras mais rígidas quando estamos diante de uma daquelas coisinhas agitadas, que ficam balançando os pés e as mãos, como Bella, a filhinha de Mavis. Enfim... — Ela tinha se permitido distrair, e Bart merecia um trabalho melhor.

— Ele entra sozinho ou com um

amigo. Sozinho não faz sentido. Seu *tele-link* ainda estava com ele, e desligado; o tempo de inatividade corresponde ao registro de entrada no salão holográfico. Ele entrou e desligou todos os comunicadores para não ser perturbado. Ou alguém os desligou por ele. Mas, se ele entrou sozinho, isso significa que alguém entrou logo atrás dele, ou seja, a pessoa, ou pessoas, conseguiu escapar do sistema de segurança não apenas do prédio, mas também do apartamento e do salão.

Soltando um suspiro, ela balançou a cabeça.

— Isso requer muito trabalho, muito empenho. Se você é tão bom, quer minimizar os riscos.

— E entra com ele.

— Ele tinha que ter companhia aqui. Talvez tenha planejado dessa forma, embora não haja nada em seus *tele-links* ou computadores que mostre que ele pretendia se encontrar com alguém. Um impulso, talvez. Alguém do trabalho, do prédio, alguém que encontrou no caminho de casa? Mesmo assim, um estranho ainda precisaria passar pelo porteiro, a menos que chegasse mais cedo ou tivesse entrado por outra porta, sem ser a principal. Uma entrada dos fundos, o telhado, um apartamento vazio. Sabemos que há, pelo menos, um apartamento vazio, pois os Trevor estão de férias. Provavelmente, há outros, que, certamente, ficam vazios durante o dia.

— Eles teriam que esperar Bart voltar para casa a fim de cruzar com ele.

— Exatamente — concordou ela. — O que nos leva de volta a alguém da U-Play. Só é preciso um momento. Ele está a caminho. Entre, arrume um jeito de esbarrar nele, ou bata na porta alguns minutos depois de ele entrar. Alguns minutos depois de ele ter desligado a androide e aprontado tudo para ter uma hora inteira livre para jogar. *E aí, como vão as coisas? Eu estava aqui perto e vi você entrar.* Bart está muito alegre, feliz, empolgado. Está quase pronto para lançar sua nova criação, só quer brincar com ela antes para fazer alguns ajustes finais. Aqui está alguém que ele conhece. Outro cara que curte

videogames. Tem que ser... de outro modo, por que ele o convidaria para entrar?

Eve circulou pelo salão, parou e colocou as mãos nos quadris.

— Não gosto nada disso. Muitas pontas soltas, muitas variáveis. — Fechou os olhos por um momento e tentou analisar os fatos por outro ângulo. — Ele pegou o disco do jogo, mas não registrou a saída. Ou registrou e alguém adulterou o sistema. De qualquer forma, é algo relacionado ao trabalho. Foi alguém do trabalho, alguém envolvido no projeto, talvez alguém de quem ele quisesse ajuda com detalhes específicos. Mas de forma discreta. Eles não chegaram juntos, então talvez o

assassino tenha armado tudo para encontrá-lo. *Vou me encontrar com você lá* ou algo assim. Isso dá a ele uma chance de entrar de outra forma, antes ou depois de Bart sair do trabalho. Antes seria melhor. *Tenho umas coisas para fazer primeiro, então a gente se encontra lá.* Consegue entrar às escondidas para que ninguém saiba que ele estava lá. O disco não tem registro de saída da empresa, e a casa de Bart fica a uma curta caminhada de distância. Um lugar muito movimentado. Alguém vai notar se um funcionário sumir durante uma hora?

“Isso poderia funcionar”. Um pouco complicado, pensou ela novamente, mas passível de ser realizado. Os *gamers*

sempre gostam das coisas mais complexas, certo? “Você está lá dentro e a única pessoa que o conhece estará morta.”

— E a arma? — perguntou Roarke.

— Um brinquedo grande e brilhante. *Olha só o que eu trouxe. Precisava mostrar isso para você.* O novo jogo está ali e eles jogam, porque tudo faz parte do projeto. A competição, o jogo. Não foi acidente, foi premeditado! Caso contrário, não haveria necessidade de invadir o sistema de segurança. Não haveria necessidade de calcular o tempo. Teria de ser algum tipo de fantasia de guerra, luta, esportes... algo que explicasse os pequenos hematomas. Luta. Uma luta de espadas? Cavaleiros

de armadura reluzente, senhores de guerra ou sei lá que porra os meninos curtem.

Ela circulou pela sala tentando ver tudo, para obter algum tipo de imagem em sua mente.

— Talvez Bart estivesse dominando o jogo, acumulando pontos. Isso só serviu para irritar o assassino, o ajudou a se preparar melhor para matar. Ele lhe deu um gostinho antes ou talvez tenha apenas errado o golpe. Tirou um pouco de sangue, como vemos no braço ferido. Viu o choque em seu rosto, cheirou o sangue... sentiu o gosto de cobre no fundo da garganta. Então, um golpe extremamente violento e está tudo feito. Fim de jogo. Só que o sangue é real

agora, tanto sangue que o gosto de cobre é forte demais. É preciso se limpar, trocar de roupa, colocar a roupa ensanguentada em uma sacola. Sair da mesma maneira que entrou.

— E deixar o disco com o jogo para trás?

— Se ele conhecia Bart bem o suficiente para entrar, também o conhecia bem o suficiente para conhecer o sistema de segurança. Qualquer um que tente ejetar o disco sem todas as senhas fará com que se autodestrua. É só uma cópia. O disco em si não é o ponto principal. O importante é o todo... o jogo, a empresa, o homem, tudo. Porque, para fazer o que foi feito aqui, o assassino tinha que estar muito puto da

vida. Paixão — murmurou ela. — Paixão e ego. Mais que dinheiro, imagino. O dinheiro também desempenha um papel aqui. Quase sempre isso acontece, mas não foi o que motivou esse ataque.

Ela ergueu a mão quando um novo pensamento brotou em sua mente.

— Ele trouxe o disco para casa. Foi uma caminhada de cinco minutos. Aposto que não foi a primeira vez que fez isso. A DDE baixou o registro completo?

— Só a partir do começo do ano. Antes disso, está tudo arquivado. Dei uma rápida olhada, pois estamos trabalhando para conseguir acessar os seus computadores e tentando ligar

todos os pontos. Mas não espere muita coisa com relação a isso. Não há muito além de cinzas.

— Mas o registro de entradas e saídas poderá nos fornecer algum padrão. Isso, os discos de segurança do prédio, e os discos de segurança e registros da U-Play.

— Esta noite vai ser longa — previu Roarke.

Capítulo Sete

No caminho para casa, ela se comunicou com os membros da equipe e registrou as atualizações. Enviou cópias de todos os relatórios para o seu superior e, depois, agendou uma consulta com Mira para o dia seguinte.

— Duas prisões hoje — disse ela, pensando em DuVaugne e Dubrosky. — Ambos merecem algum tempo atrás das grades, mas nenhum deles matou minha vítima. Foi alguém mais próximo. Alguém mais divertido.

Ela se lembrou da ideia de Peabody.

— Essas convenções, *comic-cons*,

onde as pessoas se vestem com roupas estranhas, jogam, participam de concursos e assistem a apresentações... Aposto que você conheceria muitas pessoas divertidas nesses lugares caso fosse aficionado.

— Interesses compartilhados, mentes parecidas. É isso, então, que você está procurando?

— E as armas. Uma bela espada mágica. Talvez ela tenha sido um suborno ou algum tipo de pagamento. *Deixe-me jogar esse videogame, deixe-me ser* — como era mesmo que Bart chamava os meninos Sing? Seus testadores-beta — *um testador-beta* — e você poderá ficar com a espada.

— A maioria dos leilões e lojas tem

registros desse tipo de venda. Posso tentar encontrá-los. — Roarke manobrou ao redor de um maxiônibus e se enfiou em um espaço minúsculo entre dois táxis da Rapid Cabs enquanto o tráfego noturno fluía, ficava confuso ou simplesmente parava. — Mas é muito provável que tenha sido uma transação particular e não haja registro.

— Vale a pena tentar. Tente ligar essa venda a alguém que trabalhe na U-Play. Alguém que a vítima tenha conhecido em uma convenção; talvez até tenha contratado para trabalhar na empresa ou como consultor. Alguém que ele usou antes em testes-beta. — Ela olhou para fora da janela, onde o calor fazia com que os turistas enchessem as calçadas,

mas viu apenas o salão holográfico de alta segurança onde a sua vítima tinha morrido com tênis molhados, depois de caminhar pela chuva assobiando.

— Ele conhecia o assassino — garantiu ela —, seja quem for que tenha planejado o crime.

Pensou em DuVaugne novamente quando eles passaram pelos portões da casa. Não no sentido do crime, mas sim no gosto que ele demonstrara, em um sentido mais amplo. Um caixote de aço e vidro, pensou; um caixote muito frio e sem vida, desesperado para estar na moda. E ali, diante dela, estava o gosto e o sentido mais amplo de Roarke — nas linhas fortes e graciosas de sua casa, nas torres maiores e menores, algo que

adicionava um pouco de sofisticação, nas fileiras de plantas e jardins floridos, no aconchego e nas cores.

No entanto, o homem que construía tudo aquilo tinha vivido no frio e na dificuldade por muito tempo, como ela. Mas, quando lhe foi dada a escolha, tinha preferido o que era forte e aconchegante.

E, por sua vez, tinha oferecido tudo isso a ela.

— Devíamos comer alguma coisa — declarou ela.

Ele se virou para olhá-la quando estacionou o carro.

— Agora você está usando as minhas falas?

— Pois pode começar sua busca pela

arma enquanto eu arrumo algo para comermos.

— *Você* arruma?!

Ela não podia culpá-lo por ser tão incrédulo.

— Não vou programar uma pizza.

Ele saltou do carro, esperou por ela e a pegou pela mão.

— O que vamos festejar?

— O seu bom gosto para casas.

— Tenho bom gosto para tudo. Especialmente para esposas. — Ele levou a mão dela aos lábios enquanto subiam os degraus da frente e entravam na casa.

Ela observou Summerset de cima a baixo, longamente. Ele estava exatamente onde ela esperava. No

saguão, com seu ar macabro e o gato gorducho aos seus pés.

— Conheci seu gêmeo diabólico — contou ao mordomo. — Se bem que... espere... *você* é o gêmeo diabólico. Acho que você e ele têm o mesmo alfaiate: o sr. Funéreo.

— Muito bem, espertinha — sussurrou Roarke, e beliscou a mão que tinha acabado de beijar. — Vamos comer lá em cima hoje à noite — anunciou para Summerset.

— Isso não é novidade. Preparei um delicioso peixe-espada grelhado caso vocês resolvam se alimentar como adultos.

— Peixe-espada — considerou Eve. — Pode ser uma boa ideia, pensando

bem. E não precisa me beliscar — acrescentou enquanto subiam a escada, com o gato, de olho na comida, disparando na frente deles. — Eu não estava brincando, realmente conheci o gêmeo diabólico dele. Pergunte a Peabody. Era um androide, tinha até um sotaque britânico de elite, mas era um impostor. Aposto que você conseguiria um desses bem barato, caso quisesse substituir o soturno pelo androide.

— Você está pedindo mais um beliscão.

— Provavelmente, essa troca seria má ideia. Por mais que eu odeie dizer isso, acho que o androide é pior. Summerset já lhe disse para não beber muitos refrigerantes porque não são

saudáveis?

— Possivelmente. Provavelmente — disse Roarke quando eles entraram no quarto. — Quero tirar este terno.

— E, enquanto dava conselhos, também ensinava você a roubar.

— Eu *já sabia* roubar. Ele simplesmente me ensinou a roubar com um pouco mais de sutileza. Vamos jantar — propôs ele enquanto tirava o paletó. — E, se você escolher o peixe-espada, abra um Lautrec, safra 1957. Deve ser um bom acompanhamento.

— Nada de sugestões — disse ela enquanto trocava as botas por tênis. — Caso contrário, não ganho minha estrela na coluna Boa Esposa de hoje.

Eve saiu do quarto ainda usando o

coldre, que Roarke imaginou que ela se esquecera de tirar, já que aquilo era tão característico dela quanto a covinha no queixo.

Como queria uma roupa leve e confortável, ele vestiu jeans e camiseta antes de passar às ligações que pretendia fazer com alguma privacidade. Tinha havido muitos olhos e ouvidos ao redor dele ao longo de todo o dia, refletiu. Olhos e ouvidos de policiais. Podiam ser da sua esposa, de seus amigos, mas alguns assuntos eram mais fáceis de serem tratados sem o peso da lei em seus ombros.

A lei de Eve, pensou, podia ser particularmente pesada às vezes. Então ele programou uma série de pesquisas,

varreduras e buscas remotas antes de entrar em seu escritório, que ficava ao lado do dela.

Ele podia ouvi-la conversando com o gato, ordenando ao seu computador que rodasse um programa de probabilidades, e, em seguida, percebeu seus movimentos ao redor da sala.

Ela estava montando o quadro do homicídio, concluiu, enquanto ele programava buscas por novos ângulos e pontas soltas para uma espada que podia ou não existir.

Aquela era uma noite bastante típica para eles, lembrou Roarke, sem ter do que reclamar. Teria de dedicar várias horas do que poderia ter sido tempo livre para cuidar dos seus próprios

negócios, prejudicados devido às interrupções do dia — e, provavelmente, de outros dias que viriam em seguida. Mas ele gostava muito do seu trabalho, então aquilo não era nenhum sacrifício.

De qualquer forma, as interrupções do dia tinham sido uma resolução e uma escolha dele.

O jovem assassinado tinha lhe chamado atenção em vida: muito entusiasmo, a alegria das descobertas. E, na morte, o jovem tinha lhe comovido: a crueldade daquele desperdício.

Isso o tocara fundo, porque Bart tinha confiado nele, que era um concorrente. Mais que isso, um concorrente com

recursos e experiência para trair essa confiança e esmagar sua jovem empresa como se fosse uma formiga.

Talvez isso explicasse por que ele se sentia na obrigação de ajudar a descobrir quem seria capaz de fazer isso. Não pela empresa, mas pelo próprio rapaz.

Eve tinha chamado Bart de simplório, lembrou Roarke. Ele não tinha certeza se concordava inteiramente com isso, mas a verdade é que Bart não era uma pessoa complicada. Era generoso, ansioso, honesto, brilhante... E tinha feito a diferença ao trabalhar com o que amava junto de pessoas que amava.

A vida deveria ser descomplicada assim para todo mundo, refletiu Roarke.

Talvez, no fundo, Bart tivesse despertado algo nele devido às suas diferenças, e não às semelhanças. Ninguém, admitiu Roarke, jamais poderia considerá-lo generoso ou honesto. E ele nunca tinha tido, nem mesmo quando menino, toda aquela ânsia pelo novo, nem aquele brilhantismo espontâneo.

Mesmo assim, ele alcançara seus objetivos, ao passo que Bart apenas começava a arranhar a superfície do seu próprio potencial.

Ele deixou a busca no automático, atravessou a porta compartilhada e foi até Eve, que terminava de montar o quadro de homicídios. Como sempre acontecia, pensou, eles teriam os mortos

como companhia para o jantar.

O gato a observava atentamente, esparramado sobre a poltrona reclinável de Eve como se fosse um cobertor grosso e peludo. Galahad abanou o rabo lentamente em saudação quando Roarke chegou. Ele passou a mão sobre o gato, da cabeça à cauda, e recebeu um ronronar baixo em resposta.

— Você demorou um pouco, então resolvi começar. E já dei comida ao gato — acrescentou ela. — Não deixe que ele o convença do contrário.

Roarke pegou o vinho que ela já tinha colocado sobre a mesa perto da janela — Eve tinha seguido a sugestão dele — e serviu duas taças.

— As buscas estão rodando no

automático — Ele levantou uma das tampas quentes e observou que ela havia escolhido o peixe-espada, acompanhado de aspargos e batatas fritas.

— As batatas fritas são uma concessão para mim, já que vou comer peixe. — Ela se virou do quadro concluído para pegar a taça que ele ofereceu. — Pensei em fazer uma concessão a você também servindo um daqueles tipos de arroz de que você tanto gosta sabe-se lá por quê. Só que isso seria como ir a um restaurante, e não uma refeição caseira. Então você vai comer a mesma coisa que eu.

— Você segue umas linhas de raciocínio estranhíssimas. — O que ela tinha feito, bem como seu jeito e seus

motivos, afugentava algumas das sombras que pairavam no ar, e ele simplesmente brindou com ela. — Tudo isso me parece bom.

— É melhor que pareça mesmo, porque trabalhei como uma escrava diante do AutoChef durante cinco minutos inteiros. — Ela se sentou, sorriu para ele. — Por que esse peixe tem uma espada?

— Isso é uma charada?

— Não, só uma pergunta. Será que eles dizem *en guard* e *touché* ou, simplesmente, nadam por aí perfurando peixes desarmados só porque podem?

— Talvez eles lutem com tubarões-martelo.

— Uma espada tem alcance maior

que um martelo, mas um martelo consegue quebrar uma espada. Pode ser interessante, mas acho idiotice levar um martelo para uma luta de espadas, a menos que seja a única arma que você tem.

— Use o primeiro recurso que tiver ao seu alcance, e ele se tornará uma arma em potencial.

— Exato. Se Bart estivesse em um videogame com luta de espadas, não escolheria um martelo.

Roarke percebeu que era mais fácil considerar os detalhes da morte do que mergulhar na filosofia do argumento.

— Dependendo do jogo, da fase e da programação, talvez ele tivesse que conquistar suas armas. Elas também

podem ser perdidas, destruídas, ficar emperradas ou simplesmente sem carga ou munição. Ou seja, depende.

— Você alguma vez jogou com ele?

— Algumas vezes. Nunca em um salão holográfico, porque isso leva muito tempo e exige instalações especiais. Mas já nos confrontamos em jogos de realidade virtual e em outros de computador. Ele era muito bom e mostrava reflexos rápidos. Embora tivesse uma tendência a correr riscos desnecessários, compensava isso com entusiasmo. Mas, na maioria das vezes, apenas conversávamos sobre tecnologia, negócios e marketing. Tivemos pouco contato nos últimos dois ou três anos.

— Alguma vez você o trouxe aqui em

casa?

— Nunca. Não confio tanto assim nas pessoas, e nunca houve qualquer motivo ou ocasião para convidá-lo. Não socializávamos muito nem tínhamos interesses em comum, com exceção dos videogames. Ele era mais jovem do que eu em vários aspectos; muitas pessoas na faixa dos vinte anos consideram alguém com mais de trinta como integrante de outra geração.

— Jamie é mais jovem que você — lembrou Eve, referindo-se ao afilhado de Feeney, um mago da eletrônica. — Ele sempre está por perto, e você já trabalhou com ele. Eu também.

— Bart era muito diferente de Jamie. Não tinha a malandragem e a sabedoria

das ruas e, certamente, não tinha aspirações em transformar suas consideráveis habilidades digitais em uma carreira na DDE. Jamie é como se fosse da família.

Roarke fez uma pausa e bebeu um pouco de vinho.

— Esta conversa ajuda você a justificar a minha presença nesta investigação, apesar de eu ser concorrente da vítima?

— Não preciso justificar sua participação, mas não custa nada ter isso em mente, ainda mais depois de você ter me contado que tem um projeto semelhante em desenvolvimento.

— É sempre bom não ser um suspeito. — Ele viu uma sombra de

irritação surgir no rosto dela e não conseguiu explicar a si mesmo o motivo de ter dito isso.

— Entenda uma coisa: de um ângulo estritamente objetivo, você poderia ter esmagado a U-Play antes mesmo de ela decolar, e teve chance de fazer isso o tempo todo, desde então. Eles não representam uma ameaça para você. Afinal, você tem o martelo *e* a espada, além de outras armas e um monte de bombas. Se quisesse derrubar uma empresa e o seu cérebro, você usaria dinheiro, estratégia e astúcia, não uma espada mágica.

Ela espetou um pedaço de peixe com o garfo.

— Você tem outra perspectiva sobre

a vítima... não era um parceiro, não exatamente um amigo, também não era inimigo, e era concorrente apenas no sentido mais técnico. Então você adiciona novos ingredientes à imagem que tenho dele, enquanto expõe o básico e a extensão da ligação entre vocês.

— Isso é muita explicação — disse ele suavemente.

— Talvez.

— Então suponho que devo acrescentar minha explicação, para garantir total transparência. Implementei o nível três em todos os funcionários que estão envolvidos no desenvolvimento do meu projeto de videogames holográficos, e também nos que estão ligados indiretamente a ele.

Bem como suas associações, dados financeiros e comunicações.

— Isso não é trabalho para você.

— Discordo. Eles são meus funcionários, e quero ter certeza de que não empreguei alguém que esteja envolvido nisso, em qualquer nível, de qualquer jeito.

— Mas a lei do sigilo...

— Dane-se. — Um pouco de raiva e calor, admitiu ele, trazia mais conforto que a tristeza inexplicável. — Qualquer um que trabalhe comigo ou pretenda trabalhar sabe que será regularmente monitorado e assina um termo abrindo mão de sua privacidade.

— Mas não para nível três, pelo menos não sem um motivo forte. Esse

nível de invasão só vale para a polícia e para o governo.

— Um assassinato é um motivo forte.

— Seu tom era tão contido e frio quanto o vinho.

— É uma zona cinzenta.

— Sua zona cinzenta é maior e mais escura do que a minha. Existem incentivos ligados a um projeto como esse, e bônus que podem ser muito lucrativos. — Ele fez uma nova pausa e inclinou a cabeça. — Isso tudo você já sabe muito bem, já que fez ou está fazendo a sua própria investigação nível três nos meus funcionários.

— É o meu trabalho.

— Você poderia ter me contado. Deveria ter confiado em mim, pois eu

obteria essas informações para você.

— Você também poderia ter *me* contado — retrucou ela. — Deveria ter confiado *em mim* o suficiente para saber que eu iria fazer o meu trabalho. Droga. Não lhe contei porque você tinha uma ligação pessoal com a vítima e não vi razão para aumentar o seu desconforto dizendo ou pedindo que você obtivesse os dados que eu precisava. Qual é a sua desculpa?

— Não preciso de desculpas. Eles são meus funcionários. Mas, quando eu tiver os dados, sejam quais forem os resultados, vou repassá-los para você, a fim de diminuir ou expandir sua lista de suspeitos.

— Bastava ter me dito isso.

— O mesmo vale para você. Não há motivo para ficar revoltada.

— Não estou revoltada, estou apenas... ofendida.

— *Você* está ofendida? Pense só, Eve, no quanto eu ficarei ofendido se alguém em quem confio, alguém a quem eu pago um salário, estiver envolvido neste caso.

Ele apontou para o quadro.

— Você não pode se sentir responsável por cada pessoa que recebe um salário das Indústrias Roarke. — Ela ergueu as mãos. — Isso é metade do mundo, cacete!

Dessa vez, havia mais que calor ou raiva na voz de Roarke quando ele reagiu.

— Ah, mas eu posso, sim. Isso não tem nada a ver com números e tudo a ver com estar no comando. Você sente exatamente a mesma coisa com relação a cada policial da sua divisão. E de todo o departamento, aliás.

Ela pensou em reagir, mas não o fez porque ele tinha razão.

— Quaisquer dados obtidos pela sua pesquisa têm de coincidir com os meus e, oficialmente, terão sido obtidos por mim, mesmo que isso inocente toda a sua equipe ou faça surgir algum suspeito.

— Sei como isso funciona, tenente. Agora, vou voltar às minhas buscas para que você consiga o que quer antes de voltar para os seus domínios.

— Isso foi golpe baixo — murmurou ela quando ele saiu.

— Talvez.

Ela ficou ali, sentada, e olhou longamente para o vinho. Não sabia exatamente o porquê de eles estarem em desacordo. Basicamente, os dois estavam fazendo a mesma coisa, e pelos mesmos motivos.

Mais ou menos.

Mas ele deveria deixá-la fazer isso ou, então, esperar até que ela o designasse para isso. Provavelmente, era isso o que a incomodava. A questão da *atribuição* de tarefas. Nem poderia ser de outra forma. Ela era a tenente, a investigadora-chefe do caso... Era *ela* quem tinha de dar as malditas ordens.

Agora, percebeu ela, estava mais que *ofendida* e seguia em direção a *revoltada*.

Só estava tentando protegê-lo um pouco. Esse também não era o trabalho dela?, refletiu, com indignação, quando se levantou. Isso era parte do acordo matrimonial, certo? Sendo assim, por que eles estavam brigando quando ela apenas fazia o seu trabalho?

E, agora, ela era obrigada a lavar os malditos pratos, tarefa que planejava despejar em cima dele.

Recolheu tudo da mesa enquanto franzia a testa para a porta entre os dois escritórios, que ele deixara fechada. A luz vermelha acima do portal indicava que não queria ser perturbado.

Aquilo era típico, pensou ela enquanto levava os pratos para a cozinha. Quando ele ficava muito irritado, saía porta afora e se trancava até esfriar a cabeça. O que, provavelmente, era o melhor a fazer, pois evitava uma briga mais séria. Mesmo assim, era... ofensivo.

Ela se perguntou por que duas pessoas que se amavam feito bobalhonas conseguiam se irritar tantas vezes uma com a outra, como acontecia com eles.

Ela não podia refletir sobre isso agora, decidiu enquanto colocava os pratos na máquina de lavar louça. Havia muito trabalho a fazer.

Programou café e levou uma caneca cheia até a sua mesa.

Já que ele estava fazendo as pesquisas, quer Eve quisesse ou não, ela deixaria essa parte de lado por enquanto. Não adiantava os dois executarem simultaneamente a mesma tarefa.

Em vez disso, estudou as probabilidades que havia deixado o computador executando antes do jantar.

Com os dados disponíveis, o computador calculou em mais de noventa e dois por cento a probabilidade de Bart Minnock conhecer seu assassino. Em seguida, o programa determinou em pouco menos de sessenta por cento a chance de premeditação; passava dos noventa por cento quanto à possibilidade de o

assassino trabalhar ou estar envolvido no negócio dos videogames, mas caía para setenta e poucos por cento quando se tratava de funcionários da U-Play.

— Se não foi premeditado, como ele conseguiu se limpar e sair de lá sem as roupas cheias de sangue? Droga!

Será que o assassino vestira roupas de Bart?, imaginou. Bastava uma camiseta e uma calça, porque Bart não estava em posição de reclamar. Isso aumentava a possibilidade de um acidente ou impulso violento.

— Preciso da arma — murmurou. — Preciso identificar a arma. A quem ela pertencia?

Eve tornou a procurar nos dados financeiros de Bart, vasculhando tudo

em busca de um sinal de que ele comprara algo caro de alguém ou o nome de algum fornecedor que negociasse armas para videogames.

Fez referências cruzadas dos seus dados financeiros com o inventário de armas, colecionáveis e réplicas encontradas no apartamento e no escritório da vítima.

— Sabre de luz. É um tipo de espada eletrificada... só que não é uma lâmina, é mais uma espécie de... tubo? Um sabre de luz não teria uma lâmina reta e afiada, não poderia ser a arma.

Ela examinou os registros financeiros da U-Play. Eram sólidos, pensou. Havia lucros crescentes e saudáveis desde o início, com grande parte dos ganhos

reinvestidos no próprio negócio. Isso demonstrava uma parceria de longo prazo.

Os quatro sócios participavam de muitas convenções, sozinhos ou em grupo, e, às vezes, enviavam representantes. A empresa pagava os custos e as altas taxas dos estandes e espaços para demonstração. Muitas vezes, também patrocinava concursos e eventos.

Era preciso muito dinheiro para isso, notou. Será que essa prática era usual, dava retorno, era inteligente? Olhou para a porta fechada. Ela só precisava perguntar ao seu expert civil quando ele estivesse com um humor melhor.

Usando as imagens da cena do crime,

as descobertas de Morris e os relatórios dos peritos, ela programou uma reconstituição virtual do assassinato. Seus olhos se estreitaram quando ela analisou as duas figuras que ficaram frente a frente; viu a espada desmoronar e a ponta dela rasgar o antebraço da vítima. Em seguida, a arma foi para cima e para trás, antes de executar o forte golpe que decapitou-o.

— O primeiro golpe deve ter doído. Deve ter doído assim como um choque. O que alguém costuma fazer quando sente dor, quando sofre um corte, quando está sangrando? Por que você não fez isso, Bart? — perguntou ela em voz alta. — Por que não pressionou o ferimento com a mão? Não havia sangue

na palma da sua mão. O ferimento cortou, queimou, sangrou, mas você não tentou estancar o sangue, nem tentou colocar a mão. Isso é instintivo. Mas você não poderia cobrir o ferimento com a mão se estivesse segurando algo, como o cabo de uma espada. Não poderia, se tentasse defendê-lo ou se o golpe mortal viesse rápido demais.

Ela repassou tudo do início, mudando as variáveis, e, depois, passou a mão pelo cabelo.

— Que jogo era esse? Por que você usaria uma espada falsa se o seu oponente tinha uma espada de verdade? Porque você não sabia — ela mesma respondeu. — Mas deveria saber, droga.

Ela se levantou e circulou pela sala,

até ceder e bater com o punho na porta fechada.

Ele demorou alguns instantes para responder. Será que fazia isso de propósito? Para obrigá-la a esperar? De repente, a luz ficou verde e a porta se abriu.

— Preciso usar o salão holográfico — disse ela. — Preciso de um jogo que me mostre como Bart devia estar no momento do assassinato. Preciso de você para configurá-lo e jogar comigo.

— Tudo bem. Encontro você lá.

— Imagino que você não tenha um par de espadas do tipo não letal.

— Tudo na minha coleção de armas é autêntico, então não. Terá que se contentar com armas holográficas.

— Certo. — Ela tentou pensar em outra possibilidade, mas acabou dando de ombros e foi para o salão holográfico.

O salão de Roarke era maior que o de Bart. Grande novidade!, pensou ela, com uma cara azeda. Provavelmente, as instalações domésticas de Roarke eram do mesmo nível ou superiores a tudo que o próprio Roarke tinha no seu departamento de pesquisa e desenvolvimento.

Mas o tamanho não importava.

A reconstrução holográfica de um assassinato ocorrido durante uma partida de videogame holográfico lhe daria uma percepção melhor do que tinha acontecido; pelo menos, era o que

ela esperava. Saber *a forma*, muitas vezes, levava ao *porquê* e ao *quem*.

Ela caminhou pelo imenso espaço vazio, ouvindo o eco dos próprios passos. Não curtia muito videogames, na verdade. Exercícios para treinamento, sim, eram diferentes, e, para isso, ela achava o salão holográfico muito prático.

Mais de uma vez, Roarke tinha usado o local para levá-la a algum lugar fantástico — uma noite chuvosa em Paris, um barco à deriva em um mar solitário. Romance e sedução... Bem, o salão holográfico era muito útil para essas coisas também, embora, naquele momento, ela duvidasse que algum dos dois estivesse no clima.

Ele entrou com um disco.

— Você ainda está usando a sua arma.

Ela tinha se esquecido de tirar a arma, então tirou o coldre junto e o colocou ao lado da porta de entrada.

— Você queria algo parecido com o *Fantastical*, da U-Play. Investigamos o que foi possível descobrir sobre ele na DDE, mas não tenho os dados aqui, nem os componentes. Pareceu meio que... uma zona cinzenta trazer qualquer material relacionado a ele para continuar o trabalho aqui.

— Concorde.

— Mas tenho a versão mais atualizada do nosso videogame. Ele ainda não tem nome, pois isso poderia

vazar. Nós o chamamos de Programa HC84-K.

— E você o trouxe para casa? Não é um perigo para o sigilo?

— Bem.. antes de qualquer coisa, alguém teria que saber que ele está aqui e, depois, passar pelo sistema de segurança da casa, entrar no meu escritório particular, encontrar o cofre, invadir a segurança do equipamento e ultrapassar as senhas e contrassenhas do disco. Se conseguirem fazer tudo isso, provavelmente são bons o suficiente para desenvolver algo parecido por conta própria.

Ele colocou o disco em um *slot* na parede enquanto falava, usou a palma da mão e a leitura de sua retina, deu um

comando de voz e vários comandos manuais.

— De qualquer forma — continuou —, é algo que ainda estou aperfeiçoando e prefiro fazer isso aqui. Portanto...

Ele recuou e observou Eve de cima a baixo.

— Você quer uma luta de espadas, mas não conhece os dados sobre a época, a configuração, o modo ou o objetivo do jogo. Não conseguimos descobrir nada sobre o disco que Bart usou para informar a você. Você mesma terá que escolher.

— Não sei. Uma luta comum de espadas. Nada de espadas pequenas e finas — acrescentou. — Lâmina larga, forte e reta.

— Uma espada medieval. — Ele inclinou a cabeça e sorriu de leve...

— Não me ponha em uma roupa idiota de donzela em perigo. — Ela apontou um dedo para ele. — Estou falando sério! Não vou lutar quase nua só para a diversão de um pervertido.

— Uma pena, mas me parece justo. Vamos tentar algumas das opções que temos. — Ele digitou algo manualmente, e Eve suspeitou que aquilo era para ele manter seu joguinho em segredo até ela ser sugada para a realidade virtual.

O ar cintilou, vacilou, e, de repente, ela se viu de pé em meio a uma floresta sombria — e usando algum tipo de antiga vestimenta asiática. Tinha uma espada larga na mão e botas macias nos

pés.

— Quando e onde estão os...

Ela parou e arregalou os olhos. Seus pensamentos eram formulados em inglês, mas sua voz saía em outro idioma... talvez japonês.

— Como foi que você...

— Recurso de tradução automática. Aumenta o realismo — explicou ele, na mesma língua. — É um pouco diferente do que existe por aí. Ainda estamos em fase de aperfeiçoamento.

— Eu... não, isso é muito estranho. Não quero falar japonês.

— Tudo bem, vamos tentar outra coisa.

Depois de um novo cintilar, ela se viu em uma colina verde, o cabelo longo

amarrado lhe descendo pelas costas. Usava, assim como Roarke, uma espécie de blusa de couro que lhe descia até o meio das coxas. As calças, justas no corpo, entravam por dentro das botas.

Ela hesitou, depois tentou novamente.

— Ok, agora, me diga onde... gaélico. Isso é gaélico, não é? Estou reconhecendo o sotaque.

— Irlanda, Era Tudor.

— O ar... cheira a floresta; também sinto um aroma de terra e fumaça.

— Turfa queimando. Todos os recursos sensoriais foram aprimorados. Os cenários do mundo real, o idioma, a sintaxe, as roupas, bem, todos os detalhes foram meticulosamente pesquisados e replicados. Existem

inúmeras opções de fantasia já programadas, e os jogadores podem definir os detalhes, seja a partir de um menu de opções ou acrescentando variações manualmente. Não existem limites.

— Ok, *mag*, porque estou ouvindo você falar gaélico, mas meu cérebro processa inglês. *Fantastical* tem esse recurso?

— Não sei, mas duvido, considerando os dados que conseguimos e a configuração que eles têm na empresa. Vamos oferecer uma versão mais barata sem o tradutor, mas creio que o recurso do tradutor, que é tecnologia de ponta, será o principal atrativo para a venda. E ainda existe um

aspecto educativo.

— Certo. Educativo. — Ela inclinou a cabeça. — Eu ouvi... — Ela se virou e soltou uma exclamação de espanto. Uma batalha se desenrolava no vale abaixo deles. Havia centenas de guerreiros, cavalos e fogueiras. Ela teve a impressão de que estava assistindo a um castelo ser saqueado.

— Aqui há mais recursos do que já vi em qualquer outro videogame holográfico — espantou-se ela. — O alcance da paisagem também é maior. É mais como estar dentro de um filme. Um filme muito bem produzido.

— Os únicos limites são a habilidade e a imaginação do jogador. O programa se ajustará e seguirá as escolhas e

estratégias dele.

— Como se desliga isso?

— Simplesmente dizendo ao programa para parar, pausar ou alterar cenário. Em um jogo multiplayer, como este aqui, isso custaria ao jogador muitos pontos ou resultaria em desclassificação.

— Ah, é? — Ela se virou para Roarke, e ele lhe pareceu magnífico com todo aquele cabelo preto solto ao vento, a roupa de couro marcada por arranhões de antigas batalhas e a espada que reluzia em seu punho. — Não vou mandar pausar. — Ela ergueu a espada. — Vamos jogar!

Capítulo Oito

Ela se preparou, plantando os pés no chão com firmeza para atacar. Ouviu o som de metal, sentiu o choque quando aço encontrou aço e uma físgada lhe subiu pelo braço.

Eles se entreolharam por cima do V formado pelas duas lâminas.

— Suponho que você já tenha percebido que somos inimigos.

— É mais divertido assim — afirmou ela, e se virou para tornar a atacar com um novo impulso.

Ele bloqueou o golpe, e ela recuou alguns passos.

— Isso depende. — Ele encenou uma manobra falsa, atacou à direita, novamente à direita e, depois, à esquerda. Ela repeliu os golpes e fingiu recuar, mas fez um esforço e atacou mais uma vez, forçando-o para trás.

Ele ergueu a lâmina por baixo, sob a guarda dela, mas Eve dançou e pulou de lado para, em seguida, girar mais uma vez e usar a rotação para ganhar velocidade e força no ataque seguinte.

— Você tem treinado — afirmou ele em tom neutro quando suas lâminas assobiaram e cantaram mais uma vez.

— Você também.

— É parte do meu trabalho. — Sua lâmina colidiu e cintilou ao encontrar a dela. — Mas não se veem muitos

policiais empunhando espadas.

— Nunca se sabe.

Ela o conhecia e sabia que estava se contendo um pouco. Sabia que ele se divertia com aquela situação, o que era vantagem para ela. Usando isso, sorriu para ele.

— A espada tem um bom peso. — Ela segurou a arma pelo punho com as duas mãos, como se quisesse testá-la, e, quando ele abaixou sua espada uma fração de centímetro, ela investiu.

Atingiu-o no ombro, um arranhão leve, antes de ele repelir a espada dela para o lado.

E, então, ela viu sangue.

— Oh, meu Deus! Ah, merda. Cortei você. Como foi que...

— Não é real. — Ele levantou a mão antes que ela pudesse se aproximar. Ambos sabiam que ele poderia tê-la derrubado e terminado a luta naquele momento de choque. — É apenas parte do programa. — Ele inclinou a cabeça. — Ponto para você, tenente.

— A coisa pode ter acontecido desse jeito. Foi algo parecido. Venha! — Ela usou a mão livre, atraindo-o com os dedos, em desafio. — Pode atacar.

— Este é o seu jogo, mas eu diria que já chegamos ao fim do aquecimento.

Ele investiu com força, fazendo-a recuar. Ela quase perdeu o equilíbrio, sentiu o vento do ar deslocado e o fluxo de adrenalina quando a lâmina passou zunindo próximo ao seu rosto.

Dessa vez, quando ela empunhou a espada com as duas mãos, foi para reunir a força necessária para repelir o ataque.

O golpe lhe pareceu uma ferroadada; podia jurar que deu para sentir o cheiro do próprio sangue quando ele acertou outro golpe no seu quadril.

— Ponto para você — anunciou ela.

Eles circularam um ao outro enquanto, no vale abaixo, a batalha continuava. O braço que segurava a espada doía com o peso e o esforço; seu quadril latejava e o suor lhe cobria a pele. Ela podia ouvir sua própria respiração, agora um pouco ofegante, e ver o sangue que manchava o couro esgarçado no ombro de Roarke.

Ela estava se divertindo como nunca.

Levantou a espada acima da cabeça, apontou para o oponente e, mais uma vez, afastou os pés.

— Hora do desempate.

Ele sorriu e a chamou com o dedo indicador. Os olhos dela se estreitaram, mas ela não ia cair naquele papo com tanta facilidade. Ela girou o corpo, aparou o golpe dele fazendo um arco descendente, depois atacou de baixo para cima e quase acertou aquele rosto irresistível.

O sol atravessou as nuvens e cintilou nas lâminas afiadas, que zuniam ao se encontrar. O coração dela martelou no peito, e o som ritmado da batalha fez seu sangue correr mais depressa.

O vento e os movimentos rápidos de Roarke fizeram seu cabelo dançar em torno do rosto úmido de suor. Ela achou os olhos dele mais reluzentes, mais ousados que as lâminas.

Ele não deu trégua; e ela não queria moleza. Empurre, ataque e golpeie. Empurre, ataque e defenda. Quando eles combinaram poder contra poder, velocidade contra astúcia, ela sentiu a emoção da batalha contra um oponente que estava perfeitamente à sua altura.

Mais uma vez, suas espadas se cruzaram e se mantiveram unidas. Eles se encararam com a respiração ofegante e o suor escorrendo.

— Que se dane o jogo! — exclamou ele.

— Concorde.

Os dois jogaram suas espadas de lado e saltaram um na direção do outro.

Rolaram sobre a grama abundante e áspera, suas bocas se encontrando, como tinha acontecido com suas espadas. Sem fôlego, desesperada, ela agarrou o cabelo dele e usou os dentes. Sua respiração ficou curta e ofegante quando ela agarrou a roupa de couro e a puxou com força.

— Como diabos se *tira* isso?

— Sei lá!

— Mas o jogo é seu.

— Droga! — Ele rolou sobre ela e lhe empurrou o rosto contra a grama para desamarrar os cordões das costas dela. — Essa porcaria está presa como

se estivesse soldada. — Com uma súbita inspiração, pegou a adaga que trazia no cinto, cortou os cordões com força e lançou a adaga, espetando sua ponta na grama.

Abaixando-se na direção dela, ele deu a si mesmo o prazer de ver as costas de Eve nuas, seu corpo esbelto, o movimento dos músculos sob aquela pele quente e suave. Quando a mão dele passou pela ferida no quadril, ela se encolheu.

— Como está aqui?

— Dói um pouco, o suficiente para lembrar que fui atingida. — Ela se virou, esticou a mão e pegou a adaga que estava presa à grama. — E o seu ombro?

— Vou sobreviver.

Ela sorriu.

— Melhor ficar parado, senão eu ganho pelo padrão do jogo. — Ela cortou o couro com a adaga. Com os olhos nos dele, ela virou a lâmina. — Confia em mim?

Ele agarrou o pulso dela e lhe forçou o braço para baixo, até que seus dedos se abriram e soltaram o cabo.

— Não.

Com uma risada, ela o puxou para cima dela.

A boca dele brigou com a dela em rápidas mordidas e línguas deslizantes, enquanto seus corpos, escorregadios de suor e manchados de sangue, se moviam sobre a grama áspera.

A fumaça subia do vale abaixo; ao fundo, ecoava o som do infindável combate. Um som adequado, pensou ela. Não importava o quão harmoniosos ela e Roarke pudessem estar, sempre haveria outra batalha se formando sob a aparente calma.

E sempre desse jeito, sempre com a necessidade de pegar, consumir, possuir, ser. Mesmo ali, em meio àquela fantasia violenta, ela não queria nada além das mãos dele passeando sobre ela antes de os seus corpos se unirem.

Ela rolou novamente e se colocou por cima dele. As mãos dele se fecharam possessivas sobre os seus seios, e, logo depois, ele se ergueu um pouco para que sua boca pudesse fazer o mesmo.

Ela saboreou a luta — quente e úmida com a presença do couro, e, sob aquela boca faminta, o seu coração trovejou. Para ele. E enquanto o corpo dela tremia, toda a sua força e toda a sua vontade estremeciam. Tudo para ele. Esse era o milagre dele, e o seu maior tesouro.

— Minha — gemeu ele. — Meu coração. — E ele sentiu a emoção renovada de ouvi-la responder na língua do sangue dele. Suas mãos emaranhadas no cabelo dela, os fios longos e selvagens que lhe provocavam uma outra sensação, nova e estranhamente sedutora.

Ele se ergueu, girou e a colocou de costas na grama, com as espadas

cruzadas logo acima de sua cabeça. Então, quando se lançou dentro dela com força e ela gemeu, foi puro prazer.

O poder dele se encontrou com o poder dela mais uma vez, e a velocidade dos movimentos foi aumentando naquela nova batalha que travavam. Quando ela se apertou em torno dele e estremeceu em um orgasmo libertador, ela o levou consigo em meio à agitação violenta, até alcançar o gozo da paz.

Ela ficou deitada, virada para o céu; o vento soprou sobre seu corpo e os raios do sol pulsaram, vermelhos, contra seus olhos fechados. A grama e todos aqueles tufos ásperos fizeram sua pele se arrepiar — mas essa não parecia uma boa razão para se mover. Ainda mais

por que Roarke estava deitado ao lado dela, quase na mesma posição.

O som do coração dela, que ainda ressoava em seus ouvidos, diminuiu e se acalmou o suficiente, e ela ouviu a guerra que continuava vale abaixo. Aparentemente, a colina tinha alcançado uma trégua.

— Quem ganhou? — ela quis saber.

— Vamos dizer que foi um empate.

Isso lhe pareceu justo.

— Acho que ainda estamos um pouco chateados um com o outro.

— Pensei que estávamos “ofendidos”.

— É a mesma coisa. Mas com a luta e o sexo, já deixei quase tudo para trás.

— Então vamos dizer que empatamos

nisso também.

De que adiantava discutir sobre esse assunto?, perguntou ela a si mesma. Eles começariam tudo de novo, e nada mudaria o que ele fez, nem quem ele era. Nada mudaria o que ela fez, nem quem ela era.

Às vezes, o meio-termo que havia entre eles era estreito e escorregadio. O truque era descobrir como seguir em frente.

— É um bom jogo — disse Eve. — Realista, empolgante, envolvente.

— Nós mal começamos.

— E quanto a isso? — Ela colocou a mão no quadril, examinou a mancha na palma da mão. Parecia sangue... parecia e tinha cheiro de sangue.

— Tudo ilusão. Isso tem a ver com aprimoramento sensorial, acompanhamento dos seus sinais vitais, suas características físicas, seus movimentos e suas reações.

— E se você arrancar um braço ou uma perna... ou uma cabeça?

— Fim de jogo. Se estiver jogando em modo multiplayer, será fim de jogo para quem perdeu o membro ou a cabeça.

— Quero saber se a pessoa sentiria, se veria isso de verdade.

— Não no caso dos jogadores humanos. Se estiver jogando com um personagem de computador e conseguir atingi-lo, verá tudo acontecer nele.

— E se for um androide?

— Bem, você poderia programar uma luta contra um androide. Teria os mesmos resultados O androide é sólido. Portanto, o jogo o trataria como um ser humano. Mas as armas não são reais, Eve. Elas não podem machucar ninguém.

— Isso é o que a vítima teria imaginado, não importa se jogou contra um humano, um androide ou um personagem. Tudo era apenas um jogo. Só que não. — Ela continuou a examinar o sangue na palma da mão. — Eu senti o golpe... não como um corte, não como se você tivesse realmente me cortado com uma espada...

— Eu não conseguiria fazer isso, mesmo.

— Mas senti um solavanco. Como um

choque elétrico. Suave, mas forte o suficiente para me informar que eu tinha sido atingida. E senti latejar enquanto lutávamos. Continuei lutando, mesmo ferida.

— Essa é a ideia.

— Eu sei disso. Mas a vítima estava com queimaduras. Se a voltagem aumentar, você sofrerá queimaduras.

— Não sem contato direto. O jogo entende o golpe, o registra e o transmite.

— Ok, mas se alguém reprogramar o jogo e usar uma arma de verdade? — Ela se sentou e puxou o cabelo para trás, surpresa e desconcertada com o longo comprimento dele.

— Está diferente... o seu cabelo. — O olhar dele a analisou de cima a baixo.

— Interessante.

— Ele atrapalha, comprido assim.

Quando ele sorriu, ela pegou uma mecha comprida e a passou por entre os dedos.

— Parece tão real. Se eu puxar os fios, eu sinto, mesmo sabendo que não estão aqui de verdade. Minha arma está ali atrás. Não consigo vê-la, mas sei que está lá. É real. Então, se o assassino trouxesse uma espada de verdade... *Ah, puxa, esqueci que trouxe essa espada de verdade.* Ele pode tê-la guardado em um lugar específico. Só precisaria lembrar onde ela estava, pegá-la e usá-la. Mas por que tudo isso? Por que passar por todos os movimentos do jogo antes?

— Espírito esportivo?

— Talvez... talvez... mas as contusões, as queimaduras. Se o jogo foi sabotado antes e os níveis subiram além do que poderiam pelo código-base, pensando nas vendas, isso também aumentaria o nível competitivo, não é? E se o assassino usou um androide, não precisaria estar aqui. Nenhum álibi teria importância se analisarmos por esse ângulo. Bastava sugerir a Bart que testasse o jogo em casa com um androide.

— O androide também teria que ser sabotado ou criado e programado com elementos fora do código-base. A arma seria registrada pelo sistema como verdadeira e letal, então tudo teria de

ser programado para não ser percebido pelo sistema como letal, ou para desprezar essa possibilidade. Em seguida, ele teria de limpar tudo e religar os sistemas de segurança. Parte disso envolveria o uso de um computador, e isso certamente alertaria o CompuGuard, o sistema de vigilância do governo.

— Você conseguiria fazer isso.

— Sim, conseguiria. Mas eu tenho equipamentos não registrados e a possibilidade para fazer o trabalho sem deixar rastros. A DDE vasculhou todo o galpão onde funciona a empresa. Não há equipamento lá sem registro. Nem no apartamento de Bart.

— O que significa apenas que,

potencialmente, mais alguém tinha uma cópia desse disco e trabalhou fora da empresa. Você sabe que tudo isso foi feito de maneira chamativa. O assassino gosta de se exhibir — completou ela, e começou a se levantar.

Lembrou-se de que estava nua e viu suas roupas ilusórias rasgadas e manchadas de sangue.

— Ah, vamos desligar isso.

— Já que você quer... desligar jogo.

A colina sumiu, os sons da guerra desapareceram. Ela observou o sangue na palma da sua mão se desvanecer. Pegou a camisa e analisou o rasgo atrás da peça, de cima a baixo.

— Não havia adaga de verdade — explicou Roarke. — Então, basicamente,

rasguei a blusa que você usava de verdade para remover a túnica que você não tinha.

— Causa diferente, método diferente, mesmo resultado. Isso é o que temos aqui. Mais ou menos. Uma mistura de ilusão e realidade... uma combinação planejada para matar alguém. — Ela ergueu a blusa arruinada. — Essencialmente, foi exatamente isso que fizeram com Bart Minnock.

De manhã, porque não havia motivos para adiar, ela comparou os resultados de suas pesquisas de nível três, as mais profundas, com os de Roarke.

— Não há nada aqui que levante suspeitas, pelo menos não nesta

investigação.

— De fato — concordou ele, mas continuou a avaliar os dados na tela.

— Você viu algo que eu deixei passar? — quis saber Eve.

— Não, nada relacionado. É que não consigo decidir se estou aliviado ou frustrado.

— Bom, realmente seria bem mais fácil se algo tivesse aparecido aqui ou nas varreduras que fiz na vida dos funcionários da U-Play. DuVaugne foi um grande achado na Synch, mas ele não passa de um trapaceiro.

Ela bebeu mais café.

— Quem fez isso entende muito mais de tecnologia e é mais criativo que DuVaugne. Pelo que sabemos da vítima,

o assassino é muito superior a ele para ter conseguido passar pelos bloqueios de segurança. Vou conversar com a advogada dele hoje e, depois, com Mira. Talvez isso traga algo à tona.

— Também tenho minhas próprias reuniões. Farei o que puder para trabalhar com a DDE quando estiver livre.

— Enquanto isso, pretendo tentar por outra perspectiva: a espada. Vou enviar Peabody e McNab para farejar essa trilha; quero que a dupla designada tenha, pelo menos, um *geek*. McNab pode conversar com desenvoltura sobre o assunto e se passar por colecionador. Está acontecendo uma pequena convenção no leste de Washington.

— Temos um estande nesse evento. Posso arrumar credenciais para eles.

— Ótimo, um problema a menos. — Ela foi até o quadro de homicídios e caminhou diante dele. — Vou conversar com os três sócios hoje. Individualmente dessa vez.

— Amigos de longa data que, de repente, se transformam em assassinos? Ela olhou para ele.

— Às vezes, as pessoas se ofendem. Roarke ergueu uma sobrancelha.

— Será que devo me preocupar com a possibilidade de perder a cabeça?

— Provavelmente, não. Nós costumamos colocar tudo para fora, lutar até aliviar o estresse e gritar, de modo que as ofensas e os momentos em que

ficamos putos um com o outro não chegam a esse ponto. Com outras pessoas, a coisa, às vezes, foge ao controle. Talvez tenhamos uma figura desse tipo aqui. Os três têm os meios, o conhecimento tecnológico e a criatividade. Tinham a plena confiança da vítima e fácil acesso à sua casa e ao seu escritório. Eles também têm motivos, considerando que vão se beneficiar com a morte ao aumentar a sua participação na empresa. E têm oportunidade também.

— Eles se amavam.

— Esse é mais um motivo. Quantas mulheres e crianças estão no Dochas agora porque alguém as amava? — perguntou ela, referindo-se ao abrigo

para vítimas de abuso que Roarke mantinha.

— Isso não é amor.

— A pessoa que abusa costuma achar que é. Acredita realmente que é. Trata-se de uma ilusão, como o jogo, mas parece real. Muitas coisas desagradáveis crescem a partir do amor se ele não for... cultivado da forma correta. Ciúmes, ódio, ressentimento, desconfiança.

— Uma avaliação pessimista e, infelizmente, precisa. Amo você.

Ela conseguiu dar meia risada.

— Que momento estranho para dizer isso!

Ele foi até ela e lhe emoldurou o rosto com as mãos.

— Eu te amo, Eve. E, por mais que cometamos erros, acredito que fazemos o melhor possível para cuidar de tudo da forma correta.

Ela ergueu as mãos e cobriu as dele.

— Eu sei disso. Sempre que algo desagradável surge entre nós, cortamos o mal pela raiz com boas viradas de mesa antes que a coisa vá adiante.

— Eu não estava exatamente zangado com você, falo sério. E percebi que esperava encontrar algum suspeito nessa busca, mesmo que fosse um dos meus funcionários. Seria algo específico, entende? Em vez dessa vaga preocupação, haveria um alvo.

Ele olhou em direção ao quadro de homicídios e completou:

— Não consigo explicar nem para mim mesmo por que a morte dele me atinge, e o ponto exato em que isso acontece.

— Ele poderia ter sido você se as coisas tivessem sido diferentes. Ele poderia realmente ter sido você — repetiu ela quando Roarke fez que não com a cabeça. — Se você tivesse um cenário diferente para brincar na infância. Algumas das suas características podem ter paralelos com as dele. Nós dois conseguimos enxergar isso. Acho que foi por isso que procurei alguém como você, e você fez o mesmo comigo.

— E por que, então, quando confrontados com essa escolha, nós dois

ficamos... *ofendidos*? — Observando o rosto dela, acariciou-lhe os braços. — Isso tudo faz sentido, considerando nós dois.

— Sim, considerando nós dois. Estamos numa boa.

Ele descansou a fronte na dela.

— Estamos numa boa.

— Tem uma coisa que você precisa fazer. — Ela se afastou dele um pouco para que seus olhos pudessem se encontrar. — Você precisa parar de se perguntar o que aconteceria se tivesse feito algo diferente, se tivesse dito outra coisa ou tomado outra atitude... Se Bart tivesse subido a bordo desse empreendimento com você, em vez de formar sua própria empresa. E, nesse

caso, se ainda estaria vivo. A vida não é um programa de computador.

— Não tenho feito isso. Nem tanto — consertou ele. — Mas eu poderia ter tomado outras decisões, poderia ter dito mais coisas e feito outras de forma diferente. Gostei da ideia de ele seguir sozinho, inventar o próprio caminho e percorrer as próprias curvas difíceis. Por isso, não fiz nada diferente. Sei perfeitamente bem que nada do que aconteceu tem a ver comigo e, agora, posso ter certeza de que nada tem a ver com a minha empresa. Continuo sem o alvo específico, mas isso me ajuda a clarear a mente.

— Ok, sua cabeça está clara, então. E, como sei que você vai pesquisar a

ideia da espada mágica quando tiver tempo hoje, não se esqueça de me avisar se aparecer alguma coisa.

— Pode deixar.

— Tenho que ir. Advogados, psiquiatras, suspeitos...

— Oh, puxa! — O olhar confuso dela diante da reação dele o fez rir, e ele a puxou para lhe dar um beijo animado. Depois, a segurou por mais um instante. — Vá em frente e seja uma boa policial. Eu aviso caso consiga acabar aqui para ir ajudar Feeney.

Ele acharia um jeito de conseguir, pensou ela. Sempre achava.

Eve encontrou Peabody no escritório da advogada Felicity Lowenstien. A

recepção tinha um ar elegante; era pequena, mas eficiente, decorada em tons de vermelho, preto e prata, e ocupada por uma recepcionista atraente que, por questão de estilo ou preferência, combinava com a decoração — exibia cabelos prateados curtos e vestia um terninho preto com uma imensa rosa vermelha de pano presa na lapela.

Ela as levou diretamente para a sala dos fundos, sem papo-furado nem espera, passando por uma pequena sala, que parecia ser uma biblioteca jurídica, até uma porta fechada. A mulher bateu brevemente na porta ao lado e a abriu em seguida.

— Aqui estão a tenente Dallas e a

detetive Peabody.

Lowenstien levantou-se de trás da mesa. Quando deu a volta para recebê-las, Eve notou que a advogada compensara seu pouco mais de um metro e meio de altura com sapatos de salto-agulha de quase dez centímetros. Também usava preto, com um leve toque de renda branca na lapela do terninho. Seu cabelo, enrolado em um coque suave, era castanho-escuro com mechas douradas.

Ela ofereceu a Eve e a Peabody um firme aperto de mão e apontou para as poltronas.

— Agradeço por vocês terem vindo até aqui. Tenho tudo que acho que possam precisar ou querer. — Fez uma

pausa e soltou um suspiro. — Antes, permitam que lhes dê algumas informações pessoais. Conheci Bart na faculdade, através de Cill. Ficamos muito amigas, e ela decidiu que iria me juntar com Bart.

— Romanticamente falando?

— Essa era a ideia. Não funcionou, mas Bart e eu ficamos amigos. Quando conseguimos nos estabelecer profissionalmente em Nova York, eu me tornei advogada. Cuidei dos acordos da sociedade e, depois, dos bens dele. Não entendo muito de legislação criminal, mas já namorei um promotor. — Ela sorriu de leve, fazendo Eve perceber que as coisas também não tinham ido adiante com ele. — Sei que há pouco

que vocês possam ou pretendam me contar, mas preciso perguntar: vocês já encontraram alguma pista?

— Estamos seguindo várias linhas de investigação.

— Imaginei que diria isso. — Ela suspirou e se virou para olhar pela janela. — Nós não saíamos mais com tanta frequência. Cill comigo, ou eu com Bart e os outros sócios. Tomamos rumos diferentes profissionalmente, esse tipo de coisa. Mas ele era uma boa pessoa. Uma cara amável.

— Quando foi a última vez que você teve contato com ele?

— Alguns dias atrás, na verdade. Ele queria tratar de bolsas de estudos, queria fazer uma bela doação para a

escola de ensino médio onde ele, Cill e Benny se formaram. Marcamos uma reunião para a próxima semana... os quatro sócios, eu e o consultor financeiro deles. Conversamos por algum tempo, na verdade. Colocamos os assuntos em dia, pois fazia vários meses desde a última vez em que tínhamos nos encontrado. Ele estava envolvido com uma mulher, me pareceu algo sério. Aparentava estar muito feliz.

— Ele falou com você sobre algum projeto em andamento?

— Não, não exatamente. Não entendo muito de eletrônica, certamente não no nível de Bart ou dos outros. Mas tenho a impressão de que algo estava em gestação. Ele estava muito animado.

— Os outros concordaram sobre essa questão das bolsas de estudos?

— Sim, embarcaram na ideia. Até onde sei — especificou ela. — Eles nunca fizeram nada sem que todos os quatro concordassem.

— Então ele não lhe pareceu preocupado com nada nem com ninguém?

— Pelo contrário. Ele estava com um astral elevadíssimo.

— Ele estava com um astral elevadíssimo — repetiu Eve ao se posicionar atrás do volante. — Feliz e assobiando. Não parece o tipo que termina em cima de uma maca do necrotério com a cabeça em uma

bandeja.

— Ele era rico, relativamente bem-sucedido, contente com o que fazia em um negócio muito competitivo — comentou Peabody. — Isso tudo é um terreno fértil para inveja.

— Sim, é verdade. — Ela pegou o *tele-link* que tocava e leu a mensagem de texto enviada por Roarke. — Vamos nos separar agora — avisou a Peabody. — Quero que você vá com McNab até o leste de Washington. Está acontecendo uma pequena convenção no Hotel Potomac.

— Vamos cair na estrada! — Peabody socou o ar com o punho.

— Antes de pegar os salgadinhos de soja e as bebidas para viagem, saiba que

vocês vão lá como colecionadores. Estão especialmente interessados em espadas.

— Vamos cair na estrada como espiões! — Dessa vez, ela executou uma dancinha feliz.

— Meu Deus, Peabody, mantenha alguma dignidade.

— Preciso passar em casa para trocar de roupa. Estou dando a maior bandeira de que sou policial.

Eve examinou as calças de verão arejadas e os tênis alegremente listrados.

— Você acha?

— Já sei qual roupa usar... roupas — corrigiu Peabody. — Preciso de muito mais brilho e cor.

— Ótimo, pegue seu brilho, sua cor e McNab, e suba no primeiro ônibus.

— Ônibus espacial? Um daqueles de Roarke?

— Não, um daqueles com rodas, como pessoas comuns fazem, incluindo policiais disfarçados em viagens a trabalho.

O sorriso gigantesco de Peabody se transformou em um bico de decepção.

— Ah...

— Quero saber tudo sobre a U-Play, quaisquer dados sigilosos que possam ter vazado sobre esse jogo, informações sobre a espada e armas desse tipo. E quero que vocês fiquem bem longe de problemas.

— Puxa, tudo parecia muito mais

divertido um minuto atrás.

— Quer diversão? Vá ao circo. Agora, pegue McNab e vá até lá. Apanhem as credenciais para a convenção na Central de Informações. Estão lá com os nomes falsos de vocês. E não quero ver nenhum brinquedo ou jogo na sua relação de despesas extras.

— E se tivermos que comprar alguma coisa para manter o disfarce?

— Não.

— Puxa, isso fica menos divertido a cada minuto. Estamos liberados para ficar em um hotel caso precisemos seguir uma pista?

Eve estreitou os olhos.

— É melhor que seja uma pista muito boa e um hotel barato, senão vou

arrancar as despesas do couro de vocês dois.

— Se houver boatos, insinuações ou dados concretos sobre essa espada, uma convenção *geek* é o lugar perfeito para ficar sabendo. Na boa!

— Se eu não acreditasse nisso, não estaria enviando você para lá. — Ela parou na calçada em frente ao apartamento de Peabody. — Vá pegar seu namorado *geek*. Avise quando chegarem lá. E não estraguem tudo.

— Seu nível de confiança em nós é comovente.

— Você vai derramar lágrimas se estragar tudo — avisou Eve. Deixou Peabody na calçada e voltou para o tráfego.

Ao chegar à delegacia, foi direto para a Divisão de Homicídios. Não havia necessidade de ir até a DDE, pois Peabody certamente já teria avisado a McNab segundos após colocar os pés para fora do carro. Resolveu subir e conversar com Feeney depois de conferir os trabalhos em sua própria sala e ler com mais cuidado os arquivos que recebera da advogada.

Ela entrou e parou quando viu seu superior.

— Senhor — cumprimentou Eve.

O comandante Whitney assentiu e apontou para a sala de Eve.

— Gostaria de um minuto do seu tempo, tenente.

Whitney era um homem grande, que

tinha desenvoltura; ainda conseguia se movimentar como um policial, apesar dos anos atrás da mesa de um gabinete. Um ar de liderança revestia o seu rosto escuro e largo, tornando-se mais presente com o grisalho de seu cabelo cortado curto.

Ela entrou atrás dele e fechou a porta.

— Poderia me servir um pouco de café?

— Sim, senhor. — Ela programou o AutoChef. — Tenho uma reunião com a doutora Mira daqui a pouco para consultá-la sobre o caso Minnock.

— Já soube disso pelo seu relatório. Você acaba de chegar de um encontro com a advogada da vítima, certo?

— Exatamente, senhor. Ela é outra

amiga dos tempos de faculdade e se mostrou muito cooperativa. Já consegui o espólio da vítima, seu testamento e detalhes da sociedade na empresa. Tudo me parece estar em ordem.

Ele assentiu novamente e se sentou na cadeira de visitas. Eve ficou de pé.

— As circunstâncias são... *bizarras*; essa é a palavra que me vem à mente — começou ele, e tomou um gole do café como se bebesse um vinho de excelente safra. — Detalhes estão vazando para a mídia. Muitas pessoas sabem demais, e estamos cientes de que trata-se de uma história muito lucrativa.

Eve olhou para o *tele-link* e a luz que piscava sem parar, indicando numerosas mensagens.

— Não creio que seja oportuno divulgar nada além da declaração padrão para a mídia no momento. Além dos detalhes bizarros, há várias pistas e linhas para analisarmos. Não podemos negar a decapitação, mas acredito que seja necessário manter o resto oculto por enquanto.

— Concordo, tenente. Se o público imaginar que isso aconteceu como resultado de um videogame, teríamos o pânico instalado. Cada jovem, cada filho e filha desta cidade tem algum tipo de console ou videogame, em casa ou no *tele-link*.

— Estou me concentrando em identificar a arma do crime, ou melhor, designei Peabody e McNab para essa

missão. Vou enviá-los a uma convenção de videogames em Washington hoje.

— Você fez duas prisões. Vamos usá-las, por enquanto, para manter a discrição. Falei com o capitão Feeney. Você terá todo o auxílio que precisar da DDE, incluindo consultores civis.

Ele fez uma pausa e saboreou mais um gole de café.

— Roarke me contou que conhecia a vítima e disse que sua própria empresa tem um videogame semelhante em desenvolvimento — completou o comandante.

— Sim, senhor. Já conduzi uma investigação de nível três nos funcionários dele que estão ligados à pesquisa e ao desenvolvimento do jogo.

Não encontrei nada suspeito.

— Mantenha tudo registrado, Dallas, e certifique-se de que Roarke tenha uma documentação clara de *quando e como* esse videogame dele foi ou está sendo desenvolvido.

— Sim, senhor.

Ele terminou o café e colocou a caneca de lado.

— Não estou aqui para lhe ensinar a fazer o seu trabalho, Dallas — disse ele, e se levantou. — Quero só que você prossiga com cautela e transparência, especialmente nos pontos em que a vida pessoal e profissional de vocês se entrecruza.

— Entendido, comandante. Posso pedir a Roarke para entregar toda a

documentação para que ela fique em nossos arquivos.

— Ele já fez isso por meio de Feeney. — Whitney inclinou a cabeça. — Ele está servindo como consultor direto da DDE, não é, tenente?

— Claro, senhor. Sim, esse seria o procedimento adequado.

— Vou deixar você voltar ao trabalho.

Sozinha, ela ponderou aquilo por um momento. Podia ser o procedimento adequado, o de Roarke entregar toda a documentação a Feeney, mas ele poderia ter *contado* a ela que já tinha feito isso. É claro que ele teria contado se ela tivesse perguntado. Ou, provavelmente, supôs que ela sabia que ele iria fazer

isso, ou... Ah, que se dane!

Ela não podia ficar ali tentando decifrar o funcionamento do cérebro de Roarke quando, no momento, não conseguia decifrar nem seus próprios pensamentos.

Desistiu e saiu para a consulta que marcara com a dra. Mira.

Capítulo Nove

Havia certo ritual envolvido nas consultas de Eve com a dra. Mira, a psiquiatra. Mira oferecia — e Eve se sentia obrigada a aceitar — um chá floral, servido em uma sofisticada xícara. A psiquiatra e a tenente sabiam que Eve preferia café; as duas também sabiam que aquele chá tinha um efeito calmante sobre Eve e era uma pausa na pressão do trabalho. Pelo menos durante os momentos iniciais da conversa.

Quando Eve se sentou em uma das poltronas azuis de Mira, notou, como de costume, que o consultório era eficiente

e feminino, como a mulher que o geria. Aparentemente, não incomodavam Mira em nada as discussões sobre as mentes criminosas e os horrores infligidos às vítimas enquanto fotos de sua família observavam tudo.

Talvez a doutora tivesse escolhido cores tranquilizantes em sua decoração e no seu guarda-roupa para neutralizar tantos horrores, e espalhava fotos da família pela sala para se ater mais fortemente à sua realidade.

Ocorreu a Eve que ela, diferentemente, não tinha fotografias em sua sala — nem na Central, nem em casa. Talvez, pensou, elas fossem uma distração do trabalho; ou talvez apenas achasse desconcertante ser “observada”

enquanto trabalhava. Ou então...

Não importava, nada disso se aplicava ao caso. Tais análises e suposições eram território de Mira. Eve precisava entender a mente do assassino, precisava morar dentro dela por algum tempo — e seu estilo leve e sóbrio combinava com ela.

Considerou a própria roupa de trabalho, que costumava escolher pegando a primeira coisa que lhe aparecia no armário. Uma jaqueta leve de verão, uma camiseta regata, calças leves e botas. Ela combinava as roupas com o trabalho e o clima, apenas isso.

Mas Mira vestia um terninho arejado, leve como uma bala de hortelã — branco com pequenos detalhes em rosa-

chiclete. Os detalhes combinavam com os sapatos brilhantes e os saltos finos que valorizavam as belas pernas da psiquiatra. Ela usava o cabelo castanho brilhante em ondas suaves, que favoreciam o seu belo rosto e acrescentava algum brilho e vida aos brincos, ao colar e ao elegante e jovial relógio de pulso.

Nada exagerado, pensou Eve — pelo menos, nada que seu senso de estilo pudesse discernir. Tudo perfeito. E calmante também, admitiu.

— Você está muito calada — comentou Mira quando entregou a Eve a rotineira xícara de chá floral.

— Desculpe, doutora. Eu estava pensando em roupas.

Os olhos de Mira, azuis, suaves e bonitos, assim como ela, se arregalaram com humor e surpresa.

— SÉRIO mesmo?

— Sim, e em como elas se aplicam à profissão, à atividade ou à personalidade da pessoa. Não sei... — Viu só?, disse a si mesma. Pensar em escolhas e estilos pessoais era *mesmo* uma distração.

“Peabody e McNab estão indo para Washington a trabalho... uma missão sob disfarce em uma convenção de videogames — continuou ela. — Ela me veio com um papo de que precisava passar em casa para se livrar da roupa que a deixava com cara de policial; precisava se trocar para parecer

aficionada por videogames. Acho que ela vai continuar com cara de Peabody, porque qualquer coisa que vista terá saído do seu armário, certo? E a roupa está lá porque foi *ela* quem a colocou lá.”

— É verdade. Mas existem aspectos diferentes em todos nós, e, muitas vezes, nossa escolha de roupa para uma ocasião ou dever específico reflete isso. Você não usaria a roupa que está vestindo agora para acompanhar Roarke a um evento beneficente formal, por exemplo, nem o que usaria em um evento desses aqui no seu trabalho.

— Usaria, sim, caso estivesse atrasada para o tal evento beneficente... ou se fosse avisada quando estivesse na

cena de um crime. — Eve encolheu os ombros. — Mas entendo o que você quer dizer. Seria mais fácil poder usar o que desejamos para ir aos lugares que escolhemos.

— Você é uma mulher que respeita muito as regras. A sociedade e a moda também têm suas regras. Além disso, o que vestimos nos coloca no clima certo para o que temos que fazer.

Eve pensou na fantasia que o jogo que disputou tinha programado para ela. Teve de admitir que a roupa a colocara no clima da batalha e fez a espada parecer familiar e perfeita em sua mão.

— O guarda-roupa da vítima não apresentava muita variedade. Ele tinha roupas formais e trajes de negócios mais

tradicionais misturados, mas, basicamente, suas roupas eram casuais: jeans, calças cargo, muitas peças cáqui, camisetas e agasalhos leves. Muitas das camisetas exibiam temas ligados a jogos e filmes. Ele vivia o seu trabalho.

— Você entende isso.

— Não só o que ele fazia, mas quem era, sim, eu entendo. Tudo que vi me diz que ele amava aquele universo. Tinha brinquedos e colecionáveis pelo apartamento. Vi jogos e consoles em todos os cômodos.

— Ele deve ter sido um homem realizado por ser capaz de trabalhar no que amava, naquilo em que era melhor, todos os dias. Por ganhar a vida com o que o fazia feliz. Ao lado de amigos de

longa data.

— Feliz, normal, legal... essas são as palavras que estou recebendo nos depoimentos de todas as pessoas que o conheciam.

— Sim, isso se encaixa. Ele teve uma vida boa e, me parece, muito normal e saudável. Desfrutava de um relacionamento sério, mantinha contato com a família, cultivava suas amizades, tinha ambição suficiente para trabalhar e ver sua empresa ter sucesso e crescer, mas sem excluir esses relacionamentos.

Ela tomou um pouco de chá, e Eve entendeu que Mira usava esses momentos para organizar os próprios pensamentos.

— Seu relatório diz que ele gostava

da companhia das crianças do prédio onde morava e era amigo dos pais delas. Vivia intensamente o trabalho, mas parecia bem resolvido.

— Como é que um cara saudável, bem resolvido e feliz acaba sendo degolado dentro do seu próprio salão holográfico de segurança máxima? Isso não é realmente uma pergunta para você, doutora — acrescentou Eve. — Isso é algo que a DDE e eu temos que descobrir. Mas *por quê?* Essa é a pergunta. O método é significativo, exigiu do assassino muito esforço e trabalho.

— E é algo que distrai a atenção de quem vê.

— Sim, isso pode ser parte do plano.

Estamos tão confusos que o *como*, o *porquê* e o *quem* talvez nos escapem. Que tipo de pessoa usa esse método, essas circunstâncias?

— Decapitação é certamente uma forma de mutilação e indica necessidade ou desejo de profanar, de conquistar de forma absoluta.

Os detalhes dos brincos cor-de-rosa nas orelhas de Mira dançavam e cintilavam de leve quando ela sacudia a cabeça.

— Mas a extensão das outras lesões não combina com isso, nem o cuidado de acessar a casa da vítima e sair da cena do crime. Essas questões são organizadas, se apresentam em camadas, são bem estudadas e complexas. Separar

a cabeça do corpo pode ser simbólico, bem como a arma e o método usados. Um jogo. A vítima vivia e respirava videogames; usava a cabeça, por assim dizer, para construir o seu negócio.

“O que aponta para um concorrente ou um maluco que não gostava dos recordes que ele alcançava nos jogos. Maluco me soa mais plausível porque existem jeitos mais fáceis e menos extravagantes de se livrar de um rival. Ou pode ser alguém que tenha algum tipo de objeção violenta aos videogames propriamente ditos, o que é ainda mais louco. No entanto, por mais pirado que fosse, ele deveria ter habilidades excepcionais na área de eletrônica para conseguir entrar e sair da cena do crime

sem ser detectado. A menos que ele more ou trabalhe no prédio. Mas não encontramos nada nessa linha até agora.”

— A empresa da vítima contrata pessoas com habilidades eletrônicas excepcionais.

— Sim. Além do mais, quem fez isso teria de conhecer a vítima e o local; teria de saber que Bart estaria em casa pronto para jogar aquele videogame específico. O próprio disco do jogo já valeria uma quantia considerável para um concorrente, um rival. Se esse foi o caso, por que não matar Bart antes de ele travar o disco dentro do console? O assassino teria tudo: o cara morto e o disco de desenvolvimento do próximo

grande lançamento na área. Só que ele deixou tudo para trás, o que me diz que não precisava, não queria o disco, ou isso não fazia parte do motivo. Não gosto da segunda opção. Acho que ele simplesmente não precisava do disco.

— Você desconfia dos sócios e dos empregados.

— Eles estão no topo da lista de suspeitos — confirmou Eve. — Bart certamente não jogaria com alguém que não estivesse envolvido no projeto, que não soubesse sobre ele ou que não conseguisse manter sigilo. Ele usava crianças para fazer testes-beta em jogos; minha impressão é que ele gostava de brincar com elas. Mas ainda não estava pronto para lhes revelar o novo segredo.

— Porque, a essa altura, já não era apenas um jogo. Era um projeto. Um projeto muito importante.

— Exato. Ele disse às crianças que tinha algo grande para ser lançado e lhes deu alguns detalhes vagos, porque estava empolgado demais para ficar calado. Mas é rotina os funcionários jogarem e testarem jogos em todos os estágios de desenvolvimento nos escritórios da U-Play.

— Onde os detalhes não teriam sido tão vagos, mesmo para aqueles que estão fora do grupo principal.

— De acordo com o registro, a vítima jogava esse videogame com frequência, em modo solo ou multiplayer. Havia vários jogadores no modo multiplayer.

A DDE está tentando levantar esses dados para ver quais são os cenários de fantasia, caso existam, em que ele jogava com mais frequência. E contra quem ele lutava. Vou tentar conseguir uma cópia do disco. Os sócios se mostraram dispostos a cooperar, mas estão segurando a entrega da cópia.

Mira assentiu, aparentemente apreciando o chá.

— Você tem um assassino organizado, detalhista e habilidoso. Alguém que, como imagina, a vítima conhecia; alguém em que ela confiava. No entanto, o método do assassinato foi violento e brutal... rápido, eficiente e com uma arma de guerra. A arma é de fantasia, talvez, mas o método é antigo.

A decapitação também é algo ligado à guerra e à derrota total de um inimigo, a separação da sua cabeça do resto do corpo. Um método de execução que exige foco, habilidade e força.

— Não é coisa de um típico *e-geek*.

— De maneira alguma, a patologia diverge muito. Você pode ter dois assassinos.

— Sim, já pensei nisso. Um para planejar, outro para executar o plano. Cheguei a considerar um androide. E alguém que saiba reprogramar; alguém que conseguisse escapar da vigilância do CompuGuard; alguém que pudesse convencer Bart a testar o jogo contra um androide. Mas como foi que ele conseguiu colocar o androide dentro do

salão holográfico, e quando? Como e quando ele conseguiu a arma?

— Um androide? Isso é interessante.

— Mira se recostou e cruzou suas lindas pernas enquanto considerava a hipótese.

— Certamente, teria a eficiência, a rapidez e a força necessárias. E, se a programação foi para guerrear com uma espada, isso seria muito eficiente. Seria adequado ao assassino e à patologia do elemento humano; no caso, o assassino que usaria tais habilidades eletrônicas com inteligência. De certa forma, a seu modo, ele teria se colocado contra a vítima, teria vencido o jogo por consequência e eliminado seu oponente com um método que destacasse essas habilidades. Androides já foram usados

em combate e em assassinatos antes; essa é a razão pela qual as leis e proteções tecnológicas são tão rigorosas. Seria um desafio subverter essas leis e proteções. O assassino gosta de um desafio.

— Talvez precisemos dar mais uma olhada na androide da casa da vítima. Ela já foi examinada pela DDE e não foram encontrados sinais de adulteração ou reprogramação. Já estava lá dentro, era confiável, mas houve tempo mais que suficiente entre o assassinato e a descoberta para reprogramar tudo, descartar a arma do crime e, depois, deixar a androide exatamente onde deveria estar. Ou talvez ela tenha sido substituída mais cedo por uma duplicata.

A ideia abria outras possibilidades à investigação, mais complicações, e, enquanto pensava nelas, Eve bebeu o chá sem perceber.

— Tudo foi planejado com muitos detalhes, com organização. Mas foi uma espécie de exibição. Além do mais, tudo foi arriscado a um nível quase infantil. Se Bart não fizesse exatamente o que fez, o plano iria desmoronar. Ele podia não ter ido para casa mais cedo, ou não ter levado o disco, ou não ter conseguido tempo para jogar naquele momento. Qualquer uma dessas possibilidades faria tudo dar errado.

— Foram riscos calculados. A maioria dos jogadores os aceita, tanto quanto os assassinos.

— Ainda mais se o jogador conhecer os hábitos e o estilo do seu oponente. — Tudo voltava a isso: conhecimento prévio e confiança. — Há muito ego envolvido quando se trata de jogos, especialmente para quem os leva a sério. Uma montanha de ego. Ninguém gosta de perder. Algumas pessoas treinam de forma obsessiva, outras trapaceiam, outras ficam de mau humor depois de uma derrota. Isso pode se transformar em uma fixação.

— Quanto mais a sério alguém leva o jogo — comentou Mira — e quanto mais realista o jogo for para o jogador, mais frustrante será a derrota.

Eve assentiu.

— Brigas acontecem regularmente

nos fliperamas. O crime não foi assim, não houve toda essa paixão, revolta pela derrota ou ações impensadas. Mas pode ter tido suas raízes ali, e o que resultou disso transformou o entretenimento e a fantasia em algo real.

— Alguns têm dificuldade em separar a violência de um jogo do comportamento violento real. A maioria usa isso para extravasar, vê nisso um jeito de bancar o herói ou o vilão sem cruzar limites. Para alguns, porém, o jogo desperta tendências violentas já estabelecidas, reprimidas e controladas.

— Se não fossem os videogames, seria outra coisa. Mas, sim, eu diria que o limite entre fantasia e realidade é muito tênue. E o assassino cruzou esse

limite. Talvez ele esteja satisfeito, tenha conseguido o que queria. Ele venceu. Mas me parece que, quando o limite é difuso e é ultrapassado, torna-se mais fácil ultrapassá-lo novamente.

— Ganhar vicia — concordou Mira.

— Matar também.

Sair do consultório de Mira e ir direto para a DDE era como deixar uma casa elegante, onde as pessoas se envolviam em sóbrias discussões intelectuais, e ser lançado em um parque de diversões cheio de adolescentes entupidos de açúcar e cheios de energia.

Eve não sentia esse choque cultural porque já estava acostumada a isso. Mas tanto seus ouvidos quanto seus olhos

começaram a arder quando ainda estava do lado de fora, a alguns metros da entrada da Divisão.

Os oficiais que circulavam e trabalhavam ali gostavam de cores e estampas que agrediam os sentidos; eles conversavam em códigos incompreensíveis que se misturavam na mente de Eve como hieróglifos. Ninguém ficava parado na DDE. Os técnicos, os policiais, os detetives, todos se movimentavam com agilidade, passeavam ou dançavam ao som de alguma música interna que parecia estar sempre em ritmo acelerado.

Mesmo aqueles que se sentavam às mesas ou em cubículos balançavam a cabeça, batucavam, batiam com os pés

no chão e vibravam. Feeney dirigia com pulso firme o que Eve via como um hospício e até se empolgava por estar no controle de tudo aquilo. Com suas calças largas e a camisa eternamente amarrotada, ele a viu ali, como uma ilha firme e despretensiosa em meio a um mar revolto.

Ele estava em pé em sua sala, diante de uma tela, franzindo a testa e com olhar agitado, mas parecia *normal* enquanto movia blocos de números e letras — aqueles hieróglifos novamente — de um lugar para outro na tela.

— Tem um minuto? — perguntou ela.

— Sim, claro. Você levou meu garoto.

Como ali todos eram seus garotos,

independentemente do sexo, Eve levou um minuto para compreender.

— McNab? Mas eu pedi a você antes de convocá-lo.

— Eu ainda não tinha tomado meu café. Quando você tem essas ideias no meio da noite, fico em desvantagem.

— Já passava das seis da manhã.

— Para mim, ainda era meio da noite porque só fui dormir às duas da manhã. Agora, estou aqui, fazendo o trabalho dele.

Ela enfiou as mãos nos bolsos.

— Eu pedi antes de levá-lo — murmurou. — O que é isso?

— Pequenos pedaços soltos de informação que extraímos do que sobrou do disco onde estava o videogame, o

que não é muita coisa. Tentamos rodar os dados pelo computador, mas resolvi tentar pelo jeito antigo.

— Deu sorte?

Ele lhe lançou um olhar cansado.

— Pareço ter tido sorte?

— Faça uma pausa, um minutinho só.

— Os dedos dela encontraram algo no bolso, e ela pegou para ver o que era. — Olhe só! Encontrei um caramelo. É todo seu.

Ele olhou para o doce, encolheu os ombros e aceitou.

— Há quantos dias isso está no seu bolso?

— Não deve ter muito tempo. Summerset sempre reclama das coisas que deixo nos bolsos. Nada a ver,

porque são *meus* bolsos. Além disso, está fechado e embrulhadinho, não está?

Ele desembulhou o caramelo e o colocou na boca.

— Tenho algumas possibilidades novas que quero testar — disse ela. — Quero dar mais uma olhada na androide da casa da vítima.

— Ela está limpa.

— Sim, sim, eu sei, mas há duas possibilidades. Primeira: o assassino a programou e a usou para matar, e, depois, a configurou novamente para seu estado normal. Segunda: ele a desligou e trouxe uma duplicata programada para matar.

— Você acha que foi um androide que arrancou a cabeça do cara?

— Estou analisando a possibilidade. Temos dois estilos divergentes aqui... e Mira concorda comigo.

Enquanto ele chupava o caramelo, Eve repetiu por alto a conversa que tivera com a psiquiatra.

— Mas como ele trocaria os andróides?

— Um passo de cada vez, Feeney. Além do mais, nem sei se foram trocados. É uma possibilidade. Se você pudesse fazer um segundo diagnóstico, mais profundo dessa vez, com essas duas ideias em mente, poderíamos confirmar ou eliminar essas hipóteses.

— Se pretendia invadir a programação de um androide e ultrapassar os bloqueios de segurança,

essa pessoa precisaria de tempo e privacidade. E equipamento também.

— Eles têm equipamentos na U-Play. Muitos deles trabalham até tarde, ficam depois do expediente. Isso os dá o tempo e a privacidade.

Ele coçou a bochecha.

— Talvez.

— O segundo problema é invadir os registros dos videogames para encontrar um padrão no jeito de jogar da vítima. Que versão ele usava mais e com quem jogava? Quero ver quem geralmente vencia e em quais jogos ele se dava melhor.

— Puxa, mas você acha que alguém cortou a cabeça dele só porque sempre perdia em algum jogo?

— É um fator. E a teoria funciona. Por que matá-lo durante um jogo, a não ser que esse jogo seja muito importante? É puro exibicionismo, não é? Tudo isso é uma espécie de falta de modéstia. *Vejam como sou bom nisso. Eu tornei a vitória real. Eu venci.*

— Mas ele não pode contar isso a ninguém. Isso tira um pouco o brilho da façanha — prosseguiu Feeney. — Se ele é um jogador sério, vai querer seu nome entre os campeões. Quer os parabéns e os aplausos. Quer a glória.

— Certo, eu entendo isso. — Ela caminhou pela sala. — Então vamos lá... talvez ele receba esse aplauso e essa glória de outra forma. Por exemplo, há pessoas que roubam obras de arte ou

mandam roubar para, em seguida, guardar o produto do roubo em um cofre onde ninguém possa encontrá-lo. Tudo aquilo pertence a elas. Isso é uma espécie de glória também. O grande segredo, a posse. Isso exige controle, muita força de vontade e um ego gigantesco. Foi preciso tudo isso para planejar esse assassinato. Foram necessários muita precisão, brutalidade e sangue frio para executar a matança. Então isso me leva de volta à ideia de, talvez, termos dois envolvidos. Talvez duas pessoas, possivelmente uma pessoa e um androide. Ou ainda um tipo de personalidade múltipla, mas isso está no fim da lista por enquanto.

Ele mastigou o caramelo e coçou a

bochecha mais uma vez.

— Os direitos autorais da androide da vítima são caros. É uma réplica da personagem de um filme, existem direitos de imagem e tudo o mais. Então você precisa registrar um androide. Há algumas formas de contornar essas questões se você comprar no mercado negro ou paralelo, mas essa androide é genuína. Ela tem um chip de registro e o número do modelo devidamente autenticado. Encontramos o registro feito pela vítima e o certificado de autenticidade. Pode ser que ela tenha sido adulterada, mas passou no nosso diagnóstico padrão. Podemos investigar mais a fundo. Quanto às cópias... Bem, é um modelo popular. É uma personagem

clássica por um bom motivo. Você pode executar uma pesquisa de propriedade, talvez encontre algo suspeito.

— A menos que ela tenha vindo do mercado negro ou paralelo.

— Se você for rodar um programa de probabilidades, aposto que vai encontrar uma chance bem alta de a vítima saber identificar uma imitação. Até mesmo um bom fraudador teria de ter o material genuíno para conseguir passar pela vítima, se quer saber. Isso não quer dizer que eles não tenham conseguido o material verdadeiro fora do nosso radar, mas qual o sentido de seguir esse caminho, já que não é crime comprar o material genuíno através de fontes adequadas? É muito menos

arriscado desse jeito. Vamos dar uma olhada.

Ele acompanhou Eve até o setor de Evidências. Digitou uma senha e colocou o polegar sobre um sensor.

Capitão Ryan Feeney está liberado para entrar.

Ele abriu a porta do que parecia um covil organizado de piratas eletrônicos. Havia computadores, *tele-links*, telões, comunicadores e dispositivos de vigilância, todos rotulados e arrumados em imponentes prateleiras. Os andróides também estavam bem representados — havia andróides domésticos, de jardinagem, outros de aparência

mecânica, miniandroides baratos e várias réplicas humanas enfileiradas como se fossem suspeitos.

Eve estudou a roupa que a androide da vítima usava.

— Essa roupa não foi projetada para lutar.

— Versão escrava da Princesa Leia, *O Retorno de Jedi*. Mas ela se defende numa boa. A garota é uma rebelde e se manteve firme. Ajudou a chutar o traseiro do Império.

— Caramba, Feeney. Isso aqui é uma androide... A réplica de uma personagem *fictícia* de uma novela espacial.

— Estou só comentando — murmurou ele. — Este modelo é *top* de linha. Foi

projetado para replicar exatamente as características físicas da personagem, e tem capacidade de programação para fugas de alto nível.

— Ele brincava com ela?

— Agora é minha vez de dizer: caramba, Dallas!

— Não dessa maneira, cacete. Blergh! Quero saber se ele a usava para jogar videogames.

— Ela foi programada para participar de videogames, sim. Ela poderia dialogar com a interface do jogo, escolher os cenários e as regras. Seria uma adversária durona.

Não me parece tão durona com essa roupa, refletiu Eve, mas resolveu aceitar a palavra de Feeney.

— Saber lidar com uma espada? —
ela quis saber.

— Com certeza.

Mas Eve sacudiu a cabeça.

— A vítima era bem mais alta. O golpe veio de cima, cortando para baixo. Mas ela poderia estar de pé sobre algum objeto, ou lutava em um terreno mais alto.

— Se ela, ou alguém como ela, foi programada para fazer isso, eles acabarão descartando o modelo. Uma pena. Ela é uma belezinha.

Ela pensou em comentar, mais uma vez, que “ela” era apenas uma máquina, mas se lembrou com quem estava falando.

— Faça os testes que eu pesquisarei

sobre o modelo.

— Vou fazer isso pessoalmente. E vou pedir a Callendar que faça as análises sobre os cenários virtuais e os jogadores mais usados.

— Obrigada. Estarei em trabalho de campo na U-Play.

— Um tremendo lugar, aquele — elogiou Feeney. — Tenho muita pena do garoto. Ele tinha construído uma empresa espetacular.

Não foi surpresa, para Eve, encontrar os escritórios da U-Play mais vazios. O ruído continuava alto, mas o olhar brilhante, os olhos levemente arregalados dos que ocupavam as estações de trabalho, os cubículos, as

salas e os laboratórios estavam diferentes; tudo fora substituído por um ar solene.

Muitos usavam braçadeiras pretas contrastando com seus trajes coloridos, e ela notou que muitos que corriam de um lado para outro na véspera não tinham comparecido hoje.

— Tenente. — Var desceu as escadas de um dos andares superiores. Seus olhos fundos e sua cor pálida e doentia eram sinais de uma noite difícil e agitada. — Já tem alguma novidade?

— Estamos trabalhando com várias possibilidades. Você me parece estar com falta de pessoal hoje.

— Depois de... anunciarmos oficialmente o que aconteceu, demos a

todos a opção de ficar em casa hoje. Pensamos em fechar a empresa durante alguns dias, em sinal de respeito, só que... decidimos que todos lidaríamos melhor com as coisas se tivéssemos trabalho a fazer. Não está ajudando muito. — Ele esfregou as mãos no rosto. — Talvez seja até pior, não sei. Tudo aqui tem a ver com Bart. Cada vez que vou trabalhar em algum projeto, penso em algo novo que quero perguntar ou contar a ele. Então lembro que não posso fazer isso. Nós conversamos com os pais dele. Deus, meu Deus! Foi muito difícil. Foi horrível. Vamos organizar um velório aqui amanhã à tarde, porque... este é o lugar onde ele mais gostava de estar. Você acha adequado

fazemos isso? Quero dizer, não é uma igreja nem uma capela, mas...

— Acho que tem tudo a ver.

— Ok. Bem, nós também achamos que sim, então... ok.

— Cill e Benny estão por aqui hoje?

— Estão, sim. Precisa falar com eles?

Eu posso...

— Já chego nessa parte. Já que você está aqui, por que não conversamos primeiro? Que tal o seu escritório?

— Eu... claro, com certeza. — Ele pareceu confuso com a ideia de ir sozinho, mas guiou-a até o andar de cima, em uma das salas com paredes de vidro.

— Você nunca sente vontade de ter um pouco de privacidade? — perguntou

Eve.

— Hã... — Ele olhou ao redor como se estivesse surpreso.

— Deixa para lá. — Ela examinou o espaço dele. Estação de trabalho em completa desordem, vários computadores e sistemas, muitos colecionáveis, uma banqueta em forma de alienígena com tentáculos. — Não estou exatamente certa sobre quem faz o que por aqui. Vocês quatro eram sócios, mas cada um deve ter funções, deveres e responsabilidades específicas.

— Bem, todos trabalhávamos na parte de desenvolvimento. Dependendo de quem bolou o conceito inicial, cada um de nós assume tarefas diferentes...

Ele se sentou e desligou o headset.

— Benny, basicamente, trabalha com pesquisa; Cill é a organizadora geral. Pode-se dizer que ela é a “mãe” de todo mundo, quando se trata da equipe de funcionários. Meu foco é o marketing. Mas todos nos sobrepomos nessas funções. Nada é fixo. Gostamos disso.

— E Bart?

— Desenvolvimento, claro. Ele sempre conseguia pegar um conceito e transformá-lo em algo melhor. Pode-se dizer que era mais habilidoso com a parte empresarial do negócio. Contas, clientes e os detalhes do dinheiro. Margens de lucro, custos de desenvolvimento, esse tipo de coisa. Todos nós participamos disso, mas ele conseguia manter muitos dos detalhes

aqui dentro. — Ele bateu na testa. — Além do mais, ele era uma espécie de imagem pública da U-Play.

— E recebia a maior parte da atenção da mídia.

— Sim, ele gostava dessa parte externa de se misturar, se enturmar, dar entrevistas. — Ele soltou um suspiro e passou a mão pelo cabelo muito curto. — Benny fica nervoso com esse tipo de atenção. Cill fica constrangida e se sente desconfortável.

— E quanto a você?

— Gosto do silêncio. — Ele sorriu. — Sabe como é, as coisas que acontecem por trás das cortinas. Tento resolver problemas e cuidar das questões internas. A maioria das

peessoas que trabalha nessa área não é muito boa em lidar com o público. Bart era o melhor nisso. Você aceita um refrigerante ou algo assim?

— Não, estou bem. Quem será a imagem pública da empresa agora?

— Eu... eu não sei. Não falamos sobre isso. Para ser franco, acho que nem pensamos sobre o assunto. — Ele baixou a cabeça e olhou para os joelhos. — Temos que superar o dia de hoje, depois o dia de amanhã e o próximo.

— Talvez vocês tragam outro parceiro.

— Não. — Ele disse isso com muita rapidez e firmeza quando sua cabeça se ergueu novamente. — Não, o problema é nosso. Vamos dar um jeito.

— E quanto aos planos para lançar o *Fantastical*?

— Vamos manter o cronograma. Esse videogame era a menina dos olhos de Bart.

— Preciso da cópia do disco, Var.

— Vamos entregá-lo em mãos ao capitão Feeney, da DDE. Está quase pronto. Temos documentos para assinar relacionados a sigilo e tudo o mais.

— Tudo bem. Bart trabalhava muito no programa, então. Sempre testando, jogando em diferentes cenários e vários níveis.

— Certo. Todos nós fazíamos isso. Faz parte da rotina. — Seu rosto simpático ficou sério. — Se não nos divertirmos com o que fazemos, por que

alguém o faria? Não dá para comercializar algo em que não acreditamos. O produto não ficaria tão legal.

— Bom argumento. Afinal, ele tinha algum jogo de fantasia favorito ou um cenário que sempre gostava de repetir?

— Ele gostava de misturar tudo. Essa é a beleza do jogo, qualquer um deles. Você pode fazer o que quiser se estiver no clima.

— Quais os cenários que vocês dois costumavam jogar mais?

— Nossa, trabalhamos nisso há meses. Foram muitos cenários. Velho Oeste, Roma Antiga, Universo Alternativo, Missões, Resgates, Gângsteres, Guerras. Pode citar

qualquer um; já testamos todos em algum momento.

— Quem ganhava?

Ele riu.

— Era difícil superar Bart, mas até que eu não ia mal. — O riso morreu. — Vai ser estranho não tê-lo no salão holográfico. Não tê-lo por perto quando lançarmos o *Fantastical*.

— Tenho certeza que vai ser difícil. Você já jogou com andróides?

— Andróides? — Var piscou duas vezes. — Claro. Nós os usamos para testes em diferentes estágios do desenvolvimento. Ninguém consegue manter um segredo tão bem guardado quanto um andróide. Só que, nos estágios finais, a competição tem que ser

com pessoas de carne e osso. Não vamos vender o produto para andróides.

— Desculpem. — Cill apareceu na porta. — Vi você aqui dentro, tenente. Aconteceu alguma coisa que... há alguma novidade?

— Não, sinto muito. Este é apenas um acompanhamento de rotina. Isso ajuda a clarear o meu entendimento. Obrigada pelo seu tempo — disse ela a Var e, depois, se voltou para Cill. — Por que não vamos à sua sala? Vou tentar não ocupar muito do seu tempo.

— Tudo bem. Podemos conversar o tempo que for preciso. Var, depois que a tenente terminar comigo, acho que vou para casa. Estou sendo inútil aqui hoje. Estraguei tudo em que coloquei as mãos

e tive que desistir. Estou fazendo uma grande bagunça.

— Quer que um de nós a acompanhe?

— Não. Não. Acho que só preciso ficar um pouco sozinha. Preciso de mais um tempo. Avise a Benny que vou embora se o vir antes de mim. Amanhã, volto normalmente. Devo estar melhor amanhã.

— Vou ligar para você mais tarde, para ter certeza de que está bem. — Ele foi até ela e lhe deu um abraço que pareceu sincero para Eve e, ao mesmo tempo, desajeitado. — Tente descansar um pouco, certo?

— Sim. Você também. — Seus olhos corajosos e brilhantes se encheram de lágrimas antes de ela se virar. — Minha

sala é por aqui, tenente.

Ao longo do caminho, Eve olhou para trás e viu Var em pé através do vidro, observando-as sair, com um ar muito infeliz.

— Aceita alguma coisa? — perguntou Cill. — Tenho energéticos, refrigerantes e sucos, comuns e *diet*.

— Não, obrigada, mas pode pegar alguma coisa para você.

— Não quero beber nada. — Cill enfiou as mãos nos bolsos, tornou a puxá-las para fora e remexeu os dedos. — Você faz isso o tempo todo... conversa com pessoas que perderam alguém. Eu queria saber quanto tempo leva até a gente se conscientizar de que perdeu uma pessoa e parar de imaginar

que vai vê-la a qualquer momento.

— É difícil. — Foi tudo que Eve disse.

— Não sei o que é pior, esquecer que morreu ou parar de esperá-lo. Ou se é pior me lembrar dele o tempo todo. É como... você olha para a sua mão e nem percebe que ela está lá. Simplesmente está. E se você a perde, será que não fica esperando vê-la no lugar?

— Acho que sim. Um terapeuta de luto pode ajudar. Se quiser, posso lhe dar os nomes de algumas pessoas com quem você poderia conversar, talvez possa ajudar.

— Talvez. — Ela empurrou seus cabelos escuros para trás dos ombros. — Nunca fiz terapia, aconselhamento,

nada disso. Mas talvez.

— Você conhecia Bart há muito tempo. Vocês dois devem ter trabalhado em muitos projetos e videogames juntos.

— Muitos mesmo. Nós fazíamos *brainstorm*. Nos sentávamos em algum lugar, pegávamos uma pizza ou qualquer outra coisa e saíamos bolando coisas. Então chegávamos a uma conclusão. Como traduzir as ideias para um programa? Benny é o homem das pesquisas, porque, se vamos em frente com uma ideia que já existe, perdemos tempo, dinheiro e recursos.

— Então vocês bolavam as ideias.

— Pode-se dizer que sim. Desafiávamos uns aos outros para dar mais impulso a tudo.

— Quem inventou o *Fantastical*?

— Ah... caramba! — Ela se sentou e franziu a testa. — Não tenho certeza. Muitos dos conceitos evoluíram por meio dessa intensa troca de ideias. Acho que... acho que foi Var quem teve a ideia de um videogame de fantasia que oferecesse cenários controlados pelo usuário. Então, acho que... sim, acho que falei alguma coisa sobre já haver muitos deles no mercado. E qual seria o próximo nível? Que tal se usássemos a holografia para refinar, melhorar *de verdade* a qualidade da imagem e a jogabilidade?

Ela desviou o olhar de Eve e observou, pela parede de vidro do escritório, as pessoas que passavam.

— Então, se lembro bem — continuou —, Benny disse que já havia videogames holográficos e programas modernos desse tipo e lembrou que a empresa de Roarke conseguia as melhores imagens do mercado. Então qual seria o próximo grande salto?

— E Bart não teve nada a dizer sobre isso?

— Teve sim. Ele não fala muito nessas horas porque está sempre trabalhando as ideias dentro da cabeça. — Ela se levantou e pegou um energético.

Ela se movimentava bem, observou Eve, pensando nas aulas de ioga. Movimentos precisos e fluidos.

— Tem certeza de que você não quer

um?

— Tenho sim. De qualquer modo, obrigada.

Abrindo a lata, Cill se sentou e, depois de um gole, deixou a bebida de lado.

— Acho que também não estou a fim de beber isso. Esqueci onde estava... ah, sim... então continuamos a brincar com as ideias, e Bart disse que a questão não passava apenas pelas imagens espetaculares. Propôs uma carga sensorial completa, uma tecnologia inteligente. Os militares usam tecnologia inteligente no treinamento. Poderíamos aplicar isso ao jogo, adicionar um modo sensorial completo e criarmos imagens absurdamente realistas.

Ela pegou a bebida, mas simplesmente a segurou.

— Isso representa um grande investimento de tempo, energia e dinheiro, mas ele realmente nos vendeu a ideia: *Não vamos oferecer só um menu de opções para misturar e combinar. Vamos deixar todas as possibilidades em aberto. Será um jogo não apenas controlado pelo usuário, mas no qual o jogador possa, literalmente, programar a sua própria fantasia e cada elemento, ou misturar suas ideias com os elementos padronizados.* Continuamos trabalhando duro até completarmos o esquema teórico básico. Então tivemos que arregañar as mangas e descobrir como

diabos conseguiríamos fazer tudo aquilo. — Ela quase abriu um sorriso. — E nós conseguimos. O jogo vai ser o melhor dos melhores.

— Vocês o estão testando e jogando.

— Puxa, e como! Nós quatro, ou quem estivesse por perto, trabalhávamos muito nisso, principalmente depois do expediente. Pelo menos foi assim no começo. Fomos discretos a respeito dos planos porque esse lançamento ia... vai ser grande. Por isso, pedimos a Felicity que preparasse uma papelada imensa antes de entregarmos o disco a vocês da polícia.

— Entendo. O que Bart mais gostava de jogar?

— Ah, ele mistura tudo. Mas não

importa o que jogue, ele gosta de ser o herói. Quem não gosta? Prefere situações onde luta por uma causa, por uma mulher ou por sua própria alma. Melhor ainda se conseguir juntar os três.

— O programa coloca você dentro da cena e te faz ralar para alcançar seu objetivo, certo?

— Não seria divertido de outra forma.

— Então ele era bom nas lutas?

— Melhor que o resto de nós, geralmente. Bart gosta de assistir a filmes de guerra com batalhas armadas, lutas de espadas, lutas com facas. Estuda discos de instruções, conversa com soldados, policiais e tudo o mais. É importante estar preparado para

conhecer todos os movimentos e as estratégias para poder oferecê-los ao jogador.

Ela tomou outro gole da bebida com um ar ausente e olhou pela parede de vidro mais uma vez.

— Acho que a maioria dos programadores não gosta tanto da parte mais física, mas Bart gosta. Gosta de ganhar... e gosta de jogar. Ele é um ótimo jogador. Era — disse ela, a voz fraquejando. — Ele era. Ele era o meu melhor amigo. Não sei o que vou fazer agora. Não sei o que nenhum de nós vai fazer.

Eve pegou um cartão e anotou alguns nomes e contatos.

— Tente um desses. Pode ser que

ajude conversar e ter alguém escutando.

— Sim, tudo bem, obrigada. Acho que vou fazer isso. Há algum problema se eu for para casa agora?

— Não. Cill, você conhece a família Sing?

— Ah, claro, claro. Os meninos são uns amores.

— Var mencionou que vocês vão organizar uma cerimônia fúnebre para Bart aqui na empresa amanhã. Eles gostariam de comparecer. Se você puder avisá-los...

— Sim, farei isso. Eles já estão na minha lista, mas vou cuidar disso imediatamente. Vou ligar de casa. Tudo que quero agora é ir para casa.

— Ok. Onde posso encontrar Benny?

— Ele estava em sua sala quando passei por lá agora há pouco. Basicamente, nós três estamos aqui apenas tentando superar os minutos, um de cada vez. Provavelmente, ele ainda esteja lá.

Capítulo Dez

Ela não encontrou Benny na sala, e isso lhe ofereceu a oportunidade perfeita para estudar o ambiente. Porta aberta, observou; paredes de vidro, permissão implícita. Como os outros, ele tinha uma unidade de refrigeração para escritório e um AutoChef, um monte de computadores, uma coleção de brinquedos e jogos.

Havia mais arquivos e mais tralhas do que na sala de Vare, menos do que na de Cill, observou Eve. Blocos de anotação estavam empilhados em sua estação de trabalho, e havia um monte

de discos ao lado deles. Muitos outros discos estavam arquivados por número em uma prateleira. E, como no consultório de Mira, havia várias fotos.

Ela observou imagens de Benny com Cill e Bart quando garotos, todos com rostos jovens e sorrisos tolos. Benny, já alto e magro desde então, exibia uma improvável explosão de cabelos vermelhos. Ele se elevava muito acima dos seus companheiros, enquanto os olhos verdes e afiados de Cill emitiam um brilho de felicidade maliciosa; o malfadado Bart aparecia no meio dos dois. Em outra foto, eles eram adolescentes no que parecia ser a costa de Nova Jersey, com guarda-sóis, camisetas com estampas *geek*, cabelos

voando ao vento, quase atacando a câmara.

Outra foto os mostrava vestidos com fantasias; Cill com uma peruca sofisticada com grandes coques nas duas orelhas, um vestido branco esvoaçante e uma espécie de arma a laser na mão. Benny usava um traje de soldado espacial, exibia um sorriso travesso e segurava outra arma; Bart vestia uma túnica branca e carregava uma espada tubular brilhante.

Não... um sabre de luz, corrigiu. Claro, claro, o negócio dos Jedi, aquela história de *Star Wars* — como sua androide.

Ela deu uma olhada mais de perto no sabre de luz e balançou a cabeça. Não

era a arma do crime.

Outras fotos incluíam Var — mais velhos agora, nos tempos de faculdade — com cabelo desgrenhado, roupas desleixadas, olhos sonolentos. Os quatro diante do galpão, com neve já derretida no chão. Cada um usava uma camiseta da U-Play e tinha um sorriso de quase um quilômetro, enquanto todos brindavam diante da câmera com taças cheias do que parecia ser champanhe.

Ela guardou tudo em sua mente antes de sair. Examinou a área — as paredes de vidro, as escadas abertas, as estações de trabalho e os cubículos vazios. Não havia muito burburinho hoje, mas, ainda assim, era grande o movimento.

Franziu a testa quando observou a

forma como o sol irradiava e refletia luz sobre todo o vidro — e cobria algumas áreas com sombras suaves.

Aquilo era interessante, analisou. Com paredes de vidro ou não, em certos momentos do dia, seções se tornavam invisíveis pelo ofuscar da luz do sol.

Ela parou um sujeito com meio milhão de minúsculas tranças antes que ele decolasse com seu skate elétrico.

— Estou procurando por Benny.

— Hã... já olhou na sala dele?

— Já. Ele não está lá.

— Hã... talvez ele tenha ido para casa. Hoje é um dia de bosta. Aí, Jessie! Viu Benny?

— Hã... acho que ele estava indo para o Laboratório Três. Talvez.

— Laboratório Três — repetiu o cara do skate elétrico, com ar prestativo. — Talvez.

— E onde fica isso?

— Hã... terceiro andar. — Ele apontou para o leste. — Para lá.

— Obrigada. — Ela se perguntou quantos “hãs” eram lançados naquele lugar em um dia normal.

Pegou o caminho mais longo. Ninguém a parou, nem perguntou quem era ou o que fazia ali. As pessoas cuidavam de seus assuntos ou se reuniam em pequenos grupos com suas braçadeiras negras como feridas que cortavam as cores vivas das roupas que usavam.

De vez em quando, ela notava alguém

usando um crachá magnético, mas a maioria das portas permanecia aberta.

Viu Benny atrás do vidro de um laboratório, sua parede externa forrada por computadores e telões. Ele parecia estar executando algum tipo de *kata*, movimentos de artes marciais; tinha a boca cerrada e os olhos protegidos por óculos de realidade virtual.

Bons movimentos, decidiu ela. Suaves, controlados, rápidos, apesar da silhueta excessivamente magra.

Ali estava um homem que costumava fazer mais que simplesmente sentar em um cubículo e fingir.

Ela enfiou os polegares nos bolsos de trás, observando, até que ele fez a reverência ritual no fim.

Benny deu um pulo de susto quando ela bateu com os nós dos dedos no vidro.

Quando tirou os óculos, seus olhos pareciam atordoados e vidrados, o que fez Eve se perguntar há quanto tempo ele estava imerso em realidade virtual.

Ele se atrapalhou um pouco com a senha de desbloqueio, mas conseguiu abrir a porta.

— Tenente Dallas. Desculpe, eu não sabia que você estava aqui.

— Não tem problema. Você está em boa forma. Em que nível está?

— Oh, nenhum. — Houve um momento de constrangimento em seu encolher de ombros, algo que ela não tinha visto nos movimentos da luta. —

Pelo menos, não no mundo real. — Virtualmente e no salão holográfico, eu me garanto, mas, na verdade, não participo de competições nem pratico qualquer esporte.

— Pois deveria.

— Bem.. — disse ele, e tornou a encolher os ombros. — Há algo de novo no caso de Bart? Já descobriram quem o matou?

— Estamos trabalhando nisso. Você estava testando algum videogame novo?

— Ah, não. Não exatamente. Estamos sempre adicionando novas funções e níveis aos nossos programas educativos de realidade virtual. Mas, basicamente, eu estava apenas... fugindo do mundo por um tempo. Deveríamos ter fechado a

empresa hoje. — Ele olhou por cima do ombro dela, para longe. — Acho que deveríamos ter permanecido fechados. Mas Var argumentou que estaríamos melhor aqui, fazendo alguma coisa juntos. Ele está certo, eu acho. Não sei o que eu faria em casa. — Deu de ombros novamente. — A mesma coisa que estou fazendo aqui, provavelmente. Desculpe, gostaria de entrar? Ou prefere ir para a sala de descanso? Quer beber alguma coisa?

— Aí dentro está ótimo. — Ela passou por ele. — Você faz alguns dos seus testes ou alguma tarefa de desenvolvimento aqui?

— Isso mesmo. Basicamente, temos realidade virtual e telões interativos

neste laboratório. Temos outros laboratórios para computação direta, minigames, educativos e holografia. Também utilizo este laboratório para pesquisas, comparando os lançamentos do mercado com as coisas nas quais estamos trabalhando.

— Deve ser divertido.

— Sim, na maioria das vezes, é. Bart... ele implementou essa política desde cedo. Todo mundo joga. Isso faz parte do escopo de trabalho. Todos os funcionários têm que jogar um certo número de horas. Você não pode criar jogos se não jogar... essa é a filosofia dele.

— Quer dizer que todos que trabalham aqui têm uma chance de ver as

coisas que ainda estão em desenvolvimento?

— Não. Isso depende do nível e do envolvimento específico de cada um. Mas todos os nossos videogames que já estão no mercado estão disponíveis para os funcionários; e muitos dos videogames dos concorrentes. Quer experimentar algum deles? Posso prepará-la.

— Que tal o salão holográfico? Quero experimentar o *Fantastical*.

Ele estremeceu.

— Não posso fazer isso, não mesmo. Sinto muito. Não o testamos ainda com a nossa equipe. Fazemos isso nos fins de semana e depois do expediente. Daqui a algumas semanas estaremos prontos.

Bart já está falando sobre o lançamento e o quanto... quero dizer... por Deus. Droga!

Benny se recostou numa bancada de trabalho, como se suas longas pernas não o suportassem mais.

— Não consigo entender. Simplesmente não consigo aceitar essa nova realidade. Ele se foi. Ele realmente se foi.

— Bart tinha grandes planos para o novo jogo.

— Superplanos! Ele tinha uma maneira especial de enxergar a coisa toda e como tudo iria se desenrolar com o tempo. E tinha sempre um plano B e um plano C prontos, só por segurança.

— Vocês compartilham uma longa

história juntos. Passei na sua sala, à sua procura. Vi as fotos.

— Sim. Mal me lembro do tempo em que Cill e Bart não estavam na minha vida. Depois, veio Var. — Ele formou um quadrado no ar com as pontas dos dedos. — Nós juntamos as quatro pontas e fechamos a caixa. Somos quatro lados. Oh, meu Deus.

— É uma perda difícil. Um amigo, um sócio. Vocês compartilharam muitas coisas. Vi a foto de vocês com as fantasias. *Star Wars*, certo?

— Sim, *Uma nova esperança*. Episódio quatro. — Depois de soltar um suspiro, ele pressionou a base das mãos contra os olhos e, em seguida, as deixou cair. — Leia, Luke e Han. Aquilo foi no

verão antes da faculdade, na Worldcon.

— Bart deve ter sido um grande fã a julgar pela fantasia e pela androide que tinha em casa.

— Sem dúvida, *Star Wars* foi o que pavimentou o nosso caminho, e os efeitos especiais desenvolvidos por George Lucas... — Ele conseguiu mostrar a sombra de um sorriso. — Nem me faça começar a falar disso.

— Provavelmente, ele jogava muito e curtia videogames de fantasia. Talvez preferisse essas versões no novo jogo.

— Nem tanto. Quer dizer, não no novo jogo. Já existe um monte de videogames com temas de *Star Wars* e Jedi. Já saturou.

— Mas ele sabia usar um sabre de

luz.

— E como! Era *mag*! E sabia pilotar qualquer nave ou outro meio de transporte em realidade virtual. Quando Bart joga, ele mergulha de cabeça. Trabalha nisso o tempo todo.

— O que ele preferia nesse novo jogo?

— Puxa, nós misturamos muitas coisas. Isso é necessário quando se está desenvolvendo um novo jogo. — As perguntas e a nova linha de pensamento pareceram acalmá-lo. — Ele gosta das batalhas. Salvar a garota, a aldeia ou o planeta. Missões e magia, enfrentar o Cavaleiro das Trevas, matar o dragão. O grande barato no jogo novo é que você pode fazer tudo isso e muito mais. Pode

construir o mundo e a mitologia.

Enquanto falava, a empolgação transpareceu em sua voz e em seu rosto.

— Bart é o campeão invicto na construção de novos mundos. Ele escreveu os esboços e foi consultor nos roteiros dos filmes baseados em *Charrah* e *Third Star*. É um roteirista muito bom, e, quando você combina isso com técnicas de programação, consegue algo fora da realidade.

Benny se acalmou, suspirou e pareceu desanimar novamente.

— Não consigo aceitar, entender por que ele se foi. Que se foi para sempre. Sinto que o conceito se recusa a se fixar na minha mente assim, de uma hora para a outra. Não sei o que vamos fazer.

Quando descobrir quem fez isso, quando prender essa pessoa, as coisas vão melhorar? Será que vão?

— Não sei. Mas você saberá quem fez isso e por quê. E saberá que Bart conseguiu justiça.

— Isso importa — assentiu ele. — Justiça importava muito para Bart. Era por isso que ele gostava de interpretar o herói, eu acho. Mas o problema, tenente Dallas, é que a justiça não o trará de volta.

— Não, não trará.

Ela o deixou, foi até os degraus e começou a descer a escada. Quando olhou para trás, ela o viu, com os óculos de realidade virtual posicionados novamente, as mãos unidas quando ele

fez uma reverência de abertura.

Ele vai se afastar do mundo mais um pouco, pensou Eve.

Depois do calor pegajoso e abafado que parecia saltar das ruas do leste de Washington para o rosto de qualquer um que passasse, o frio de um saguão do hotel era o paraíso.

Melhor que isso: Peabody se sentiu no topo do mundo com sua calça cor de ameixa repleta de zíperes roxos; o corte e a colocação estratégica dos fechos metálicos ajudavam o seu traseiro a parecer menor, assim acreditava ela. Tinha complementado com botas lustrosas de cano alto e uma regata decotada para dar aos seios um bom

destaque.

Também tinha acrescentado uma tatuagem temporária em um daqueles seios perfeitamente empinados: um dragão alado dentro de um coração. Além disso, exagerou na maquiagem; resolveu ser selvagem e acabou desfiando e encaracolando o cabelo. Por fim, se encheu de brilhos.

Não tinha como ela ainda estar parecendo uma policial.

Percebeu que a roupa funcionou quando McNab a analisou lentamente de cima a baixo, emitiu aquele seu lisonjeiro *hummmmm* e lhe apertou o traseiro.

Trabalhar sob disfarce significava se misturar às pessoas, e ela concluiu que

eles passariam no teste — ela com sua roupa ameixa e seus acessórios rosa-choque; McNab de calça verde-grama primaveril e camiseta com estampa de *Son of Zark*. De mãos dadas, eles deslizaram pelo saguão, ela de saltos altos e ele de tênis de cano longo. Foram direto para o balcão de registro.

Em seus muitos bolsos e zíperes, eles carregavam armas. Isso exigiu uma parada e uma identificação privada no Setor de Segurança, onde também deixaram os distintivos, as algemas, os *tele-links* e os comunicadores.

Nenhum dos dois esperava ter problemas, mas quase torciam para isso.

Pegaram suas credenciais e seus pacotes de convites com brindes, que

incluíam canecas temáticas com personagens de um novo jogo, alguns demos de videogames, cupons de desconto e mapas em disco.

— Este lugar é o *mag* dos *mags* — decidiu McNab quando eles entraram no primeiro andar da exibição. — Isso é demais! Viu que eles fazem demos de realidade virtual o tempo todo? Veja só, cara, aquele é o novo sistema 3-Z. Ele tem recursos holográficos portáteis. Custa os olhos da cara e ainda está na primeira geração, mas dá para curtir jogos holográficos mesmo sem ter um salão holográfico.

Peabody parou um tempo para assistir à demonstração.

— Os personagens parecem

fantasmas — criticou ela. — Fantasmas desbotados e sem definição.

— Pois é... bem, é a primeira geração. Espere uns dois anos e você verá a diferença. Tecnologia é o que há, *baby*.

Eles caminharam ao lado de alienígenas e guerreiros, vilões e heróis, *geeks* de todo tipo, enquanto o ar parecia pulsar, zumbir e explodir ao seu redor.

As filas para jogar demos serpenteavam pelo lugar. Também havia grandes filas para conhecer personagens que saíram dos videogames para os filmes e vice-versa. As telas explodiam com batalhas, guerras espaciais, perseguições aéreas e missões de magia.

— Ali está o estande da U-Play — apontou Peabody. — Devemos dar uma circulada e ficar um tempinho por aqui para ver se ouvimos algum boato.

— Sim, sim. — McNab esticou a cabeça para observar um telão enquanto ela o arrastava. — Eu conseguiria bater aquela pontuação. Eu *já bati* aquela pontuação. Acho que eu deveria me inscrever para jogar. Faz parte do disfarce.

— Mais tarde. Se Dallas me ligar enquanto você estiver de bobeira por aí, os nossos rabos estarão na reta. Vamos só fazer contato, sentir o clima, demonstrar muita empolgação pelas armas e ver o que descobrimos. *Depois*, você poderá chutar os traseiros dos

concorrentes no Buraco de Minhoca.

— *She-body!* — Ele a envolveu com o braço de leve. — Você é tão profissional. Eles têm jogos só para adultos no andar de baixo.

Ela olhou de rabo de olho para ele com seus cílios cor de ameixa.

— Sêrio mesmo?

— Eu verifiquei no mapa.

— Bem... seria parte do disfarce. Tudo pela causa.

— Isso aí! Se não experimentarmos alguns videogames enquanto estivermos aqui, alguém poderá suspeitar.

— Vamos lá para baixo depois. — Ela se inclinou e mordiscou a orelha dele, cheia de pequenas argolas. — É lá que vou derrubar você.

— Quero só ver, hein? — Ele deu um belo apertão no traseiro dela.

As pessoas se aglomeravam ao redor do estande da U-Play, formando uma multidão colorida, que contrastava com as cortinas pretas que cobriam as paredes do espaço. Um pôster de Bart Minnock ocupava o centro do espaço, enquanto, no telão acima de sua cabeça, ele apresentava uma palestra sobre jogabilidade.

Alguns dos visitantes choravam abertamente, enquanto outros compravam lembranças que invocavam a sua memória, bem como sistemas, jogos e *action figures*. Tudo com dez por cento de desconto, devido ao luto.

Eles forçaram passagem para chegar

mais à frente; Peabody arregalou os olhos para uma mulher que atendia em um dos balcões e perguntou:

— Ele está morto mesmo? Ouvi dizer que isso tudo é só publicidade para lançar um novo jogo.

— Sim, ele se foi. — Seus olhos, já muito vermelhos de chorar, se encheram de lágrimas. — Estamos todos simplesmente arrasados.

— Você o conhecia? — quis saber McNab. — Quero dizer, pessoalmente?

— Na verdade, não. Trabalho aqui em Washington, basicamente com o marketing voltado para esta região. Mas já o tinha visto, sim. Era um cara ótimo.

— Ah, sem essa! — Peabody forçou um ar de descrença. — O que estão

dizendo por aí não pode ser verdade. Ter a cabeça decepada em um salão holográfico. Isso, para mim, parece coisa de videogame.

Os olhos marejados da mulher ficaram frios.

— Ele foi assassinado, sim, e isso não é um jogo.

— Bem, puxa, desculpe. É que não parece real. Quero dizer, quem faria algo assim?

— Espero que descubram em breve e o façam pagar. O mundo dos videogames perdeu uma luz radiante. E aqueles que trabalham na U-Play... bem, parece que perdemos nosso próprio coração.

— Isso é muito triste — consolou

Peabody, e acrescentou um tapinha no braço da mulher. — Meu namorado é um grande fã. Faltamos ao trabalho e tudo o mais só para vir até aqui, depois de sabermos o que aconteceu.

— Eu disse que era verdade! — McNab tentou repreendê-la e se mostrar triste ao mesmo tempo. — Só quero dizer que eu me identificava muito com Bart. Sabe como é, ele era o rosto da minha geração de *gamers*. Meu primeiro console foi o PS da U-Play, e nunca mais quis saber de outra coisa. E comprei o PS-5 no Natal passado. É fora de série!

— Estamos muito orgulhosos disso. Vocês já visitaram a área de demonstração do *Excursion*?

— Não, ainda não.

— Deixe-me dar a vocês uma cópia de brinde de um dos nossos demos, em memória de Bart.

— *Mag!* Quero dizer, muito obrigado. Não quis parecer desrespeitoso.

— Eu entendo. — Ela entregou o disco. — Isso vai lhe permitir jogar dez vezes, antes que se autodelete. Espero que goste.

— Com certeza. Sabe quais são os meus favoritos? — McNab recitou com facilidade uma lista de jogos de guerra e armas. — Fazemos um torneio de *Dead of Knight* a cada dois meses em casa.

— Ele estava quase enviando um e-mail para a U-Play para convidar Bart — acrescentou Peabody, inspirada.

— Ah, você deveria ter feito isso! Era bem capaz de ele aparecer.

— Estou pensando em organizar um torneio especial mês que vem; roupas de todo tipo, acessórios, o pacote completo. Seria uma espécie de tributo.

— Se resolver fazer isso, me avise.

— Ela pegou um cartão. — Posso conseguir divulgação para o evento e fornecer alguns brindes.

— Puxa, seria o máximo! Já ouvi falar muito sobre a coleção pessoal de Bart. Também tem tudo a ver comigo.

— Eu que o diga! Meu criança aqui gosta de armas, especialmente as fállicas — acrescentou Peabody, com uma piscadela. — Temos um monte delas em nossa sala de jogos. Estamos sempre à

procura de algo excepcional. Gosto de encontrá-las e surpreendê-lo.

— Montaram uma exibição fantástica de armas aqui, no andar de cima.

— Sim, estamos indo para lá.

— Procure Razor e lhe mostre o meu cartão. Não sei muito sobre coleção de armas, mas ele conhece tudo. Se uma arma existir, qualquer que seja ela, ele conseguirá encontrá-la e vendê-la.

— *Mag!* Razor, certo? — McNab olhou mais uma vez para o pôster com o rosto de Bart. — Espero mesmo que encontrem quem fez isso.

— Todos nós esperamos.

Quando saíram do estande, Peabody abriu um dos bolsos ao ouvir o seu *tele-link* tocar. Depois de uma olhada no

visor, colocou a ligação em modo de privacidade.

— Oi, mãe!

— Engraçadinha! — reagiu Eve. — Eu estou... que diabos aconteceu com o seu rosto? E por que o seu cabelo está todo bagunçado?

— Estou trabalhando sob disfarce, lembra? — murmurou Peabody. — Estou me misturando ao pessoal.

— Participando do quê? Da Marcha das Vadias *Geek*?

Peabody estreitou os olhos.

— O que você sabe sobre vadias *geek*? E quem teve de vir aqui por saber *tudo* sobre o assunto?

— Certo, já entendi, deixe para lá. Estou voltando para a Central. Quero um

relatório atualizado, detetive Vadia.

— Hahaha! — bufou Peabody. — Chegamos aqui há pouco, ainda estamos sentindo o clima. Mas já tivemos uma boa conversa com uma das representantes no estande da U-Play. Eles colocaram panos pretos em todo o lugar e penduraram uma imensa foto de Bart; estão oferecendo um desconto nos produtos devido à morte dele. A galera do marketing não perde tempo.

— Um saldão de luto? Interessante. Eu me pergunto quem terá tido essa ideia.

— Estamos indo para a exposição de armas agora. A representante nos indicou um contato.

— Muito bem. Avise assim que surgir

alguma pista. Quantas vezes vocês já pararam para jogar?

— Nem uma vez. Eu juro!

— Puxa, joguem alguma coisa, pelo amor de Deus. Vocês devem parecer *gamers*. Não vai conseguir se misturar bancando a vadia aí dentro.

— Sabe de uma coisa? Estou começando a achar o termo “vadia” quase um elogio. Jogar está nos nossos planos.

— E voltem para cá o mais rápido possível. Feeney está reclamando que perdeu o seu “garoto”.

— Nós... — Peabody soltou um suspiro quando Eve desligou na cara dela. — Eu pareço uma *geek* vadia ou uma vadia *geek*?

— Se essas são minhas únicas escolhas, eu me abstenho. Acho que você se parece com a minha *She-body*: primeira, única e maravilhosa.

— Foi uma boa resposta. — Ela agarrou a mão dele, e ambos seguiram até o terceiro andar. — De qualquer forma, precisamos descobrir alguma coisa, jogar um pouco e voltar o mais depressa possível.

Mas McNab não respondeu. Ficou ali em pé, deslumbrado, circulando o ambiente com os olhos lentamente.

Havia armas de laser, machados de batalha, bastões elétricos, espadas, sabres, discos de raios e mais, muito mais. Alguns dos objetos brilhavam; em outros, as lâminas se acendiam — e

muitos estavam expostos devidamente trancados atrás de vidros de segurança.

Peabody estalou seus dedos sob o nariz de McNab.

Ele piscou e sorriu.

— Estou só me mantendo dentro do personagem.

— Você é um personagem, mas tudo bem. Qual é o encanto de coisas que mutilam, cortam e matam?

— Gosto mais de coisas que explodem. — Ele fez um barulho de explosão com a boca e sorriu novamente. — Mas, hoje, estou vidrado em espadas. Vamos procurar Razor.

Levou quase uma hora, mas Peabody não teve coragem de apressá-lo. Além do mais, ele parecia um *geek*

genuinamente hipnotizado pelas armas, o que era parte do disfarce. Ele conversou de igual para igual com muitos visitantes, colecionadores, representantes e ganhou pontos por lembrar a si mesmo, o tempo todo, que deveria parecer um cara ligado em espadas antigas, e não em pistolas modernas.

Ela o deixou sozinho algum tempo e foi até a máquina de venda automática pegar dois refrigerantes. Quando voltou, ele segurava uma arma espetacular — uma espada com três lâminas que chiava e lançava raios vermelhos quando era girada.

— Ei, querida, veja só isso! Essa é a espada tripla do Mestre, de *Edge of*

Doom. É uma das originais usadas no filme.

— Mas eu achei você já tivesse essa.

— Não, não, você está confundindo com o tridente do *Poseidon's Rage*.

— Ok, então. — Ela lhe entregou o refrigerante.

— Esta é a minha *Dee-Light* — disse ele, dando uma piscadela para o homem baixo e atarracado com uma careca brilhante adornada de tatuagens. — Este é Razor.

— Legal. Aquele que a representante lá embaixo disse que era “o cara”.

— Armas são o máximo, mas eu sou mais. — Ele apontou para a espada tripla de tal forma que a tatuagem de cobra, que ia dos seus dedos até o

cotovelo, pareceu se mexer. — Existem quatro delas, mas só duas ainda estão no mercado. Há muitas réplicas, é claro, mas esta é genuína. O comprador recebe até um certificado de autenticidade.

— É fantástica! — McNab colocou-se em posição de guerreiro. — De verdade — confirmou. — Vou deixá-la reservada, porque o que realmente quero é uma espada de lâmina única. Uma espada larga e eletrificada. A verdadeira: só me interessa a verdadeira. — Ele pousou a espada tripla no balcão. — Tenho licença de colecionador e estou montando uma coleção de lâminas de diferentes níveis, entende? Réplicas, adereços e espadas reais? Estou zerado em termos de

materiais verdadeiros.

— Entendo, mas continuamos falando de um adereço, uma réplica, mesmo se tratando de uma espada eletrificada. Dá para conseguir o modelo Doom, Gezzo, Lord Wolf e outros, com exceção dos que são usados nos filmes; mas isso poderá satisfazê-lo. Se não servir, posso conseguir um bom desconto em uma réplica. Mas não existem espadas desse tipo que sejam reais.

— No mercado negro, me informaram outra coisa.

— Mercado negro? — Razor bufou uma risada de ironia que fez o seu piercing do nariz tremer. — Você tem que gastar litros de saliva para ao menos chegar ao mercado negro.

— O que ouvi foi que existe uma arma nova, usada em um lançamento, e eles fizeram alguns modelos de verdade para poderem criar o programa. — Ele se inclinou um pouco mais. — Conheço o amigo de um amigo que trabalhou na área de Pesquisa e Desenvolvimento da U-Play. Algo surreal está chegando, e essa arma é a peça mais importante.

Os olhos de Razor viraram para a direita e para a esquerda.

— Algo surreal está chegando — concordou. — Também tenho amigos de amigos, e talvez realmente haja uma nova linha de armas. Mas se houvesse uma espada eletrificada de verdade, eu seria o primeiro a saber. Pode perguntar a qualquer um que trabalhe na área o

nome de quem sabe tudo que há para saber. Todos vão responder Razor.

McNab apertou os lábios e enfiou a mão em um dos bolsos.

— Não sei por que eles me fariam de bobo. O que está para ser lançado deverá ser algo, sabe... *fantástico*.

Razor fez um sinal com a mão para baixo, pedindo que diminuísse o tom de voz.

— Aqui entre nós. Sim, também já ouvi falar disso. Mas armas são o meu negócio principal, e não ouvi nada sobre isso que você está falando. Tenho muitas réplicas, brinquedos, modelos desse tipo de coisa, mas nada real. É tudo fantasia, cara.

McNab fez uma expressão que ficava

entre duvidosa e desapontada.

— Até que ponto esses modelos são idênticos às armas reais?

— Vou mostrar uma espada tão perfeita que você seria capaz de jurar que ela fatiaria seu oponente e deixaria as partes dele fumegando.

Eles passaram mais vinte minutos testando e discutindo diferentes espadas. Embora todas parecessem letais, nenhuma poderia ter provocado mais que um pequeno arranhão.

McNab acabou comprando uma réplica em miniatura da espada de três lâminas.

— É para o meu sobrinho — explicou. — Ele vai ficar muito empolgado. Escute, se você ouvir ou

souber de alguma coisa sobre o que estávamos conversando ainda agora — ele anotou um e-mail em um papel —, por favor, me avise.

— Pode deixar, mas você está perseguindo uma lenda urbana, amigo.

— Acho que é uma busca inútil — decretou McNab quando ele e Peabody se fundiram mais uma vez à multidão. — Meu instinto diz que, se alguém soubesse sobre esta arma, esse alguém seria Razor.

— Meu instinto bate com o seu. Ele percebeu que você tinha a vontade e a grana. Se pudesse ter intermediado uma venda, certamente o faria. E, se soubesse de algo a respeito, acho que não conseguiria disfarçar. Seu ego

dificultaria isso. Se existe algo assim por aí, o boato ainda não se espalhou, nem chegou ao submundo.

— Talvez seja algo militar, secreto.

— Pense um pouco: para que os militares precisariam de espadas de qualquer tipo?

— Tem razão. Acho que realmente é uma busca inútil, Peabody.

— Sim, mas cumprimos nossa missão. Acho que devíamos continuar sob disfarce e descer dois andares. — Ela mexeu as sobrancelhas o convidando. — Hora de brincar como adultos.

— *She-body*... essa é a minha garota!

— Você está prestes a provar isso.

Em Nova York, Eve redigiu um relatório atualizado antes de rodar o programa com uma nova série de probabilidades. Especulação, pensou ela, *sentimentos*, impressões baseadas em intuição. Isso tudo, para ela, era parte do trabalho policial e valia tanto quanto provas concretas.

Ela estudou os resultados, suspirou, colocou as botas sobre a mesa, fechou os olhos e pensou sobre o assunto.

— Bom trabalho.

Ela nem precisou abrir os olhos. Já tinha ouvido o clic-clic dos saltos altos no corredor, o ritmo deles. Conhecia Nadine Furst — a âncora jornalística do Canal 75 e apresentadora do popular programa *Now* — e sabia que a repórter

estava de pé à porta.

— Não sinto cheiro de rosquinhas — reclamou Eve.

— Estamos no meio da tarde. Trouxe cookies. — Ela sacudiu a caixinha que trazia na mão. — Consegui guardar três para você, mas não foi fácil.

— De que sabor?

— Cookies com enormes pedaços de chocolate. Conheço você bem, não é?

— Também conheço você bem. Não vou lhe dar nenhuma informação sobre a investigação.

— Não vim aqui para isso, embora não dispense informações. — Ela pousou a caixa sobre a mesa. — Recebi Bart Minnock no meu programa algumas vezes. Era um amor de pessoa. Espero

que você arranque as bolas do assassino.

Eve abriu os olhos e viu o rosto de Nadine, sempre pronto para as câmeras. Aqueles olhos verdes e sagazes pareciam esperançosos.

— Estou trabalhando nisso.

Nadine apontou para o quadro de homicídios.

— Já percebi.

— Merda. — As botas de Eve bateram no chão. — Isso não pode ser registrado.

— Eu sei. Há quanto tempo somos amigas?

— Não faz tanto tempo assim — retrucou Eve, e isso fez Nadine rir.

— Deus, você é muito durona. Deve

ser por isso que é minha amiga. Vim aqui pessoalmente para lembrá-la que a sua presença é esperada na festa de lançamento do meu livro, amanhã à noite. — Ela ergueu as sobrancelhas quando Eve franziu a testa. — Claro que não espero que você se lembre, mas Roarke, certamente, vai. Ele estará nas livrarias depois de amanhã. O livro, é claro, não Roarke. Portanto... — Ela passou os dedos pelo cabelo louro riscado por mechas e luzes mais claras, um gesto expressivo de aflição. — Por Deus, como estou nervosa. Nervosa não... estou mais para *apavorada*.

— Por quê?

— Por quê? *Por quê?* E se o livro for um fracasso?

— Por que seria um fracasso?

— Bem, sei lá... por ser ruim?

— Não é ruim. Você me obrigou a ler. Quero dizer, me *pediu* para ler — emendou Eve, para o caso de haver alguma regra de amizade que impedisse o verbo “obrigar” — e fez isso para confirmar a exatidão dos fatos narrados, já que eu fui a investigadora do caso Icove. Fiz o que você pediu. O livro não é uma merda, as informações são exatas.

— Ótimo, não é uma merda. — Nadine jogou as mãos para cima. — Fabuloso. Será que consigo fazer disso uma citação para a divulgação do livro? *O livro não é uma merda, segundo a tenente Eve Dallas.*

— Precisa da minha permissão por

escrito?

Nadine se largou sobre a cadeira.

— Nossa, fique à vontade, sinta-se em casa — reclamou Eve. — Não vê que estou trabalhando em um assassinato aqui?

— E você não vê que estou tendo um ataque de pânico? — retrucou Nadine, e isso fez Eve prestar atenção.

— Ok. — Como era muito raro ver Nadine tão nervosa, Eve se levantou e foi até o AutoChef. — Você pode tomar um café, se recompor e, depois, ir embora.

— Ah, muito obrigada.

— Escute, eu já disse que o livro era bom quando você me obrigou... merda... me *pediu* para ler. — Eve empurrou o

café para Nadine. — As resenhas dizem que é bom.

Nadine piscou.

— Você leu as resenhas?

— Talvez tenha lido uma ou duas, em algum lugar. A questão é que você fez um trabalho sólido. Mais que isso, já que a minha opinião é tão importante. Você tornou o assunto muito humano e relevante, e não sentimentalizou nada... se é que essa palavra existe. Entendeu tudo com perfeição; isso é bom, mas também tornou tudo muito genuíno. Isso, provavelmente, é tão ou mais importante que o resto. Então pare de ser uma bebê chorona.

— Eu sabia que me sentiria melhor se viesse aqui. Sua vaca! — Ela agarrou a

mão de Eve. — Eu gostaria muito que você estivesse lá amanhã à noite, mesmo que não possa ficar muito tempo. Posso precisar de você para me dar uma boa sacudida de novo.

— É para isso que servem os amigos. Olha, vou tentar ir. É a minha intenção, mas se algo de novo surgir neste caso...

— Lembre-se de com quem está falando. Eu conheço as prioridades do seu trabalho. Enfim, se você grelhar o saco de quem fez isso em vez de me dar sacudidas e beber champanhe, vou entender numa boa. Ela ficou sentada por mais um minuto, até terminar o café.

— Ok. Estou bem. Isso vai me segurar por algumas horas.

— Se precisar de uma sacudida, vá

incomodar outra pessoa.

— Eu tenho amigos além de você, sabia? — Ela olhou para o quadro novamente. — Vá pegar quem fez isso, Dallas.

Eve tornou a se sentar. Depois de um instante, ela abriu a caixa e pegou um cookie. Estudou-o por um momento, deu uma mordida e suspirou ao sentir a energia trazida pelo açúcar.

E pensou em amizades.

Capítulo Onze

Ainda pensando em amizades, Eve saiu de sua sala e entrou na sala de ocorrências. Lá, os policiais atendiam em balcões, pesquisavam em estações de trabalho e cubículos, acompanhavam pistas e lidavam com uma papelada sem fim.

Os sons familiares, bipes, tinidos, vozes e o assobio desafinado de Reineke se entrecruzavam no ar.

Havia amizades ali, ela sabia, nascidas graças ao distintivo e alimentadas, em alguns casos, por outros interesses em comum ou personalidades

afins. Também havia competição, mas ela considerava isso uma coisa boa, um elemento saudável e produtivo em qualquer grupo. A última coisa que queria era um bando de policiais despreocupados e complacentes.

O atrito, consequência inevitável, atacava as personalidades dos que trabalhavam longas horas e viviam com o estresse da atividade policial. Apenas andróides operavam sem atritos, e ela preferia homens e mulheres que suavavam, sangravam e, ocasionalmente, irritavam uns aos outros.

Sua divisão funcionava tranquilamente não apenas porque ela exigia, mas porque confiava em sua equipe; não vigiava e cobrava tudo a

cada passo de uma investigação.

Eles conviviam com assassinatos. Não precisavam da tenente para lembrá-los do que ela, o departamento e a vítima esperavam de todos.

Alguns eram parceiros, e isso era mais profundo até que a amizade; podia ser um relacionamento mais intenso e mais íntimo que o de amantes. Um parceiro lhe dava cobertura, compartilhava os riscos, o trabalho, falava a mesma língua, conhecia seus pensamentos e guardava seus segredos.

Se você era policial, sabia que um parceiro confiava a vida a você, e você fazia o mesmo com ele. Todo dia, a cada minuto.

A confiança, refletiu ela, era a base e

a rede de segurança de qualquer parceria.

Ela se preparou para sair. Uma segunda visita à DDE em um só dia poderia implodir seu sistema nervoso, mas tinha de ser feito. Antes de chegar à porta, Reineke assobiou e lhe fez uma saudação.

— E aí, tenente! — Ele se levantou da cadeira. — Estamos trabalhando naquele assassinato da pizza.

— Assalto na Rua Greene, certo? — Mesmo sem acompanhar diretamente os casos em que os detetives da divisão trabalhavam, Eve sempre os mantinha sob seu radar.

— Esse mesmo. O cara foi comprar uma pizza vegetariana e acabou

espancado e morto com uma chave de grifo. O ladrão levou a carteira e a pizza.

— Não vale a pena desperdiçar uma boa pizza.

— Exato. A esposa estava em casa à espera dele. Ficou preocupada porque o cara tinha saído havia quase uma hora. Tentou ligar para o *tele-link* da vítima, mas ele não atendeu por este pequeno detalhe: estava morto. A esposa ligou para a pizzaria, que já tinha fechado. Tentou ligar mais uma ou duas vezes para o marido e acabou notificando seu desaparecimento. Uma patrulha o encontrou a três quarteirões de distância, jogado sobre os degraus de uma escada.

— Ok. Em que pé está a investigação?

— Não há digitais na chave de grifo, não há testemunhas. Ele levou o primeiro golpe no rosto e um segundo que lhe abriu a cabeça. Quem o atacou roubou a carteira, chutou a vítima pela escada e foi embora. A questão é: por que alguém rouba uma pizza de vinte dólares e deixa para trás uma ferramenta que vale setenta e cinco? E por que o marido morto foi comprar uma pizza àquela hora da noite se eles entregam em casa? Isso me cheira mal.

Ela concordou, porque pensara a mesma coisa.

— Já investigaram a esposa?

— Sim. Os vizinhos dizem que eles

nunca brigavam. *Nunca.* — Ele balançou a cabeça, aqueles olhos desconfiados típicos de todo policial. — Você sabe que isso não é normal. Por coincidência, achamos a gravação de uma ligação no *tele-link* da casa, feita cinco minutos antes de ela começar a procurar o marido morto. *Desculpe, foi engano*; isso foi tudo que o cara disse. Essa ligação veio de um *tele-link* descartável, impossível de rastrear.

— Sim, isso cheira mal mesmo. O marido tinha seguro de vida?

— Ele aumentou o seguro seis meses atrás. Não é uma bolada, mas é uma bela grana. E, há alguns meses, ela anda saindo à noite duas vezes por semana. Aula de cerâmica.

— Aquela que usa o troço — Eve fez o contorno de uma base redonda com as mãos — e a gosma viscosa.

— Isso mesmo. Você coloca a gosma no troço, molda um objeto e o coloca no forno. Nunca entendi por que fazer isso... se a pessoa quer um vaso ou uma merda dessas, basta comprar na loja.

— A esposa de Feeney fazia aulas de cerâmica. Talvez ainda faça. Ela faz vasos e potes e, depois, os dá de presente. É estranho.

— Pois é, tem aula para tudo agora. Verificamos e vimos que a esposa está realmente matriculada. Nunca falta. Mas o lance é que a aula tem uma hora de duração, e algumas das vizinhas que prestam atenção contaram que, nessas

noites, ela sai de casa antes de o marido chegar e não volta antes das dez da noite, às vezes mais tarde. A aula vai das sete às oito, mas ela sempre sai de casa antes das seis. Então a gente se pergunta: o que ela andar­á fazendo durante essas três horas extras, já que o curso de cerâmica fica a uma caminhada de cinco minutos de casa? Ah, e o professor mora no estúdio; isso é muito cômodo.

— Parece que eles estão fazendo mais do que vasos de cerâmica. Antecedentes?

— Os dois têm ficha limpa.

— Qual é o plano de ação de vocês?

— Estamos tentando rastrear a chave de grifo. Podemos convocá-los para

depor e fazê-los suar um pouco, mas, a essa altura, eles devem achar que escaparam numa boa; ela faz vasos algumas vezes por semana, e talvez esteja louca para receber aulas extras. Parece que gostou de... sabe como é... colocar as mãos na gosma viscosa. Não há aula hoje à noite; nós confirmamos. Parece um bom momento para uma aula particular, se é que me entende.

— Sim, decifrei seu código complexo, Reineke. Vá até lá e faça uma pressão; pergunte se ela sempre tem compulsão pela gosma viscosa fora do horário das aulas. De um jeito ou de outro, traga e interrogue os dois.

— Certo.

Ela voltou a caminhar, mas parou em

seguida.

— Se ele não tem antecedentes e matou por causa da mulher, vai ser mais difícil de ceder ou confessar. Ela ficou em casa o tempo todo, tem um álibi, enquanto ele fez o trabalho sujo. Ele vai tentar protegê-la no início. Mas é a traidora que vai entregar tudo antes dele.

O casamento, pensou ela enquanto subia a escada, era um campo minado.

Seguindo sua intuição, ela contornou o caos da sala de ocorrências da DDE e seguiu para o laboratório. Perguntou a si mesma o que compelia os aficionados em eletrônica a sempre trabalhar em caixas de vidro. Será que eram claustrofóbicos por natureza? Ou exibicionistas? Era alguma necessidade

de ver os outros ou de ser vistos?

Qualquer que fosse o motivo, Feeney e sua equipe também se sentavam diante de computadores em estações de trabalho que ficavam dentro de caixas de vidro; seus movimentos e vozes eram silenciados pela barreira transparente. Aquilo era mais ou menos como ver uma espécie estranha em seu habitat natural.

Feeney, com o cabelo arrepiado em tufos enlouquecidos, jogou na boca uma das amêndoas açucaradas que tanto amava. Callendar, com seus quadris rebolantes, estalava os dedos e se mexia diante de uma tela onde rolavam códigos incompreensíveis. Alguém que Eve não reconheceu — quem conseguiria distingui-los? — ia de um lado para o

outro diante de uma bancada, sentado em um banco com rodinhas; vestia uma calça larga e uma regata vermelha com borrões em laranja; seus dedos cravejados de anéis voavam sobre teclados e controles.

Então viu Roarke.

Ele tinha tirado o paletó e arregaçara as mangas da camisa preta até os cotovelos. O cordão de couro, que lhe prendia o cabelo na nuca, era um indicativo de que ele entrara em modo de imersão completa no trabalho. Também estava sentado em um banco com rodinhas; porém, ao contrário de seus companheiros, permanecia imóvel de forma quase sobrenatural, a não ser pelos rápidos movimentos dos seus

dedos no teclado.

Eve sabia que ele trabalhava absolutamente focado em qualquer tarefa que executasse. Quando esbarrava em problemas, começava a pensar e murmurar xingamentos em irlandês.

Ele tinha deixado de lado o acordo de negócios que faria durante o dia e tudo que tinha na agenda para aquela noite e a seguinte. O que seria algo considerável, refletiu ela. Tinha feito isso não apenas pelo homem de quem gostava — o garoto, como ele dizia. Nem pelo prazer que adquiria com aquele trabalho e o quebra-cabeça que a investigação representava. Ele fazia isso por ela.

Independentemente de concordarem ou não sobre as formas de agir e os

meios usados naquele trabalho, aquele simples fato cintilou através da névoa cinzenta que se formara entre eles. Na vida de Eve, ninguém, jamais, a tinha colocado em primeiro lugar de forma tão completa e absoluta.

E, como ela o conhecia bem, captou o instante exato em que ele percebeu a presença dela. Os dedos pararam e ele virou a cabeça na sua direção. Aqueles olhos brilhantes se fixaram nos dela, como aconteceu na primeira vez em que se viram, no funeral do primeiro dos mortos que tinham compartilhado desde então.

O coração dela se abriu e se ergueu de alegria, sem peso e livre.

O casamento era um campo minado,

tornou a pensar ela, mas Eve arriscaria cada passo suado e ofegante por momentos como esse.

Ele se levantou, se afastou do borrão laranja e vermelho, contornou a rebolante Callendar e saiu da sala para falar com Eve.

Ela não protestou quando ele lhe ergueu o queixo e pousou os lábios sobre os dela.

— Você está com um olhar diferente, *a ghrá*.

— Estava pensando nas pessoas ainda agora. Amigos, amantes, parceiros. Você está presente em todas as colunas.

Ele pegou a mão dela e a envolveu de leve com os dedos.

— A que conclusões chegou?

— Às vezes, você tem sorte com as pessoas que deixa entrar em sua vida. Às vezes, não. Hoje, estou me sentindo sortuda.

Os lábios dele se abaixaram lentamente, e ele os roçou novamente sobre os dela.

Feeney abriu a porta.

— Se vocês só conseguem pensar nisso, vão para um motel e resolvam logo o problema. Estamos num local de trabalho.

Se Eve fosse do tipo que fica vermelha, estaria escarlate. Em vez disso, a bronca a fez simplesmente encolher os ombros, enquanto Roarke ria.

— Eu bem que precisava de uma levantada no astral — disse ele.

— Você ficaria com o seu “astral” levantado por toda a eternidade se fosse possível — murmurou ela. — Nada de sentimentalismos durante o expediente.

— Foi você quem começou.

Ela não podia negar, então ficou calada e entrou na caixa de vidro.

— Algum progresso? — Quis saber, com o tom ríspido de uma policial.

— Estamos investigando as camadas do sistema holográfico da vítima — disse Feeney, no mesmo tom. — Procuramos sombras, ecos e sinais de adulteração. Até agora, está tudo cem por cento em todos os níveis. O mesmo com a androide doméstica. Nenhum

sinal de adulteração, nenhuma falha na passagem do tempo ou na programação.

— A segurança do salão holográfico também está perfeita — acrescentou Roarke. — Estamos investigando cada byte, mas não há indicação de que alguém tenha saído ou entrado naquela sala depois de Bart e antes de a androide abrir a porta na manhã seguinte.

— Se eu não soubesse que é impossível, diria que a cabeça do garoto se separou do corpo por conta própria. — Feeney estufou as bochechas. — Enviei uma equipe para lá esta manhã. Mandei-os escanear e rastrear manualmente cada centímetro daquela sala, em busca de outro acesso. Ela está

vedada.

— Eu tenho algumas novidades mais ou menos boas — anunciou Callendar, dirigindo-se a Eve. — Fiz a análise do histórico de registros do salão holográfico e do escritório da vítima. Ele levava videogames a sério. Costumava dedicar a eles de dez a doze horas por dia e até avançava noite adentro. Muitas vezes, jogava sozinho em casa, mas tinha uma boa variedade de parceiros, gente que jogava de casa ou do escritório.

Callendar tomou um gole de uma lata de Orange Sweet. Aquilo era tão doce que quase fez os dentes de Eve doerem só de olhar.

— Ele gastou muito tempo com o

novo jogo ao longo dos últimos meses, tanto sozinho quanto com gente da empresa. E aquela não foi a primeira vez que levou um disco de demonstração para casa para fazer testes.

— É mesmo? E sempre registrou a saída do material?

— Sempre. Jogou esse videogame em casa uma meia dúzia de vezes antes de morrer. Cruzando esses dados com os da casa dele, vi que sempre jogou sozinho. E sempre usou fases e versões diferentes do jogo.

— Tentando fazer melhorias — concluiu Eve. — Ele levava o material para casa a fim de testá-lo e fazer novos ajustes, talvez adicionar algumas mudanças a partir daí.

— É o que parece. No começo, eles chamavam o jogo de Projeto Super X.

— Você está brincando!

— Não, falo sério. Projeto Super X ou PSX. A hora do jogo era depois das cinco ou seis da tarde nos dias de semana, mas encontrei algumas longas sessões multiplayer nos finais de semana. Qualquer um que trabalhasse em qualquer parte do projeto precisava entrar no sistema com a senha e, depois, tinha um código de usuário. Os quatro códigos que davam acesso total nos levam aos quatro sócios, mas, se algum dos funcionários que trabalhou nas porções interdependentes trocou ideias com qualquer um dos que trabalharam nas outras porções, eles teriam acesso

praticamente a tudo.

— Então o jogo poderia ser duplicado.

— Quase. — Callendar tomou outro gole da lata laranja brilhante. — Isso levaria muito tempo, seria difícil e exigiria habilidade e cooperação, mas daria para chegar perto.

— E sobre o cenário que ele jogava no momento da morte?

— Isso é mais complicado. Vou passar a bola para você — disse ela a Roarke.

— Uma das medidas de segurança, que eu chamaria de precaução imediata, era alterar os nomes dos usuários e os códigos em todas as poucas execuções do programa.

— Então tanto faz se alguém tentou invadir de fora ou de dentro, essa pessoa atingiria uma nova barreira.

— Teoricamente, sim — concordou Roarke. — Mesmo assim, e mesmo com os firewalls e as falhas de segurança, você só precisa ter sorte uma vez para acessar a partir daquele ponto. Encontrei algumas tentativas de invasão e outras de infecção com vírus por fontes externas; eventos comuns, mas nenhum foi bem-sucedido. Também houve várias tentativas de invasão de dentro da empresa, mas elas coincidem com verificações básicas de segurança. Para executar o jogo na forma holográfica, o jogador teria que inserir o nome de usuário atual, a senha, e se

identificar com impressão digital e de voz. Todos esses obstáculos são possíveis de contornar, é claro.

Eve lhe lançou um olhar frio.

— É claro.

— Mas eles tinham segurança adicional, o que teria enviado alarmes em caso de tentativas de invasão, considerando que o hacker já não tivesse ultrapassado essa etapa. Os discos em si, pelo menos o do console da casa de Bart e a cópia que temos aqui, estão preparados para misturar os sinais caso qualquer uma dessas etapas seja omitida, ou se o processo de identificação falhar. Uma tentativa de remover o disco, como já descobrimos, resulta em autodestruição.

— Já sei disso tudo.

— Estou apenas estabelecendo as bases, tenente. Eles eram cuidadosos, espertos, vigilantes. Mas, certamente, o jogo não era totalmente à prova de invasões, como nada é. De qualquer forma, tantas precauções tornam difícil determinar quem jogou o quê e quando. Então nós temos que extrapolar.

— Isso significa “chutar”.

— Significa dar um palpite racional e qualificado, baseado em probabilidades. Bart usava uma variedade de nomes de usuários e códigos em casa e na empresa. Como a maioria das pessoas, porém, ele tinha um padrão que se repetia. Para simplificar, fiz com que o computador o selecionasse e o

identificasse como Usuário 1, tanto em casa quanto no trabalho.

Ele ordenou que os dados aparecessem no telão.

— Aqui, você vê as datas e os horários em que ele entrou no sistema do PSX, e tem a localização, bem como a indicação se a sessão foi solo ou multiplayer. Cruzamos isso com os outros jogadores. Aqui, você tem Cill Allen como Usuário 2, Var Hoyt como Usuário 3 e Benny Leman como Usuário 4. Rodamos um programa de dados separado para cada funcionário que trabalhou no jogo em algum momento, quando isso ocorreu, quanto tempo levou e onde aconteceu. Suponho que você vá fazer uma análise mais

aprofundada sobre isso.

— Quem são os amigos mais próximos, quem dormiu com quem e há quanto tempo trabalham lá... conheço a rotina.

Roarke sorriu.

— Levamos esse tempo todo para chegar até aqui simplesmente porque há milhares de acessos e, mesmo entre os quatro, eles usaram várias dúzias de nomes e códigos de usuários. Temos mais um problema.

— Que seria?

— A infinita variedade de cenários. Todos eles têm muito a oferecer usando os padrões básicos, mas quase cem por cento dos acessos estão fora desse menu. Alguns cenários são salvos para

alguém jogar novamente mais tarde, usando exatamente os mesmos elementos; ou são descartados; ou são salvos e reproduzidos com elementos alternativos. Às vezes, dois desses cenários podem ser mesclados.

— O sistema não mantém um registro de tudo isso? Qual é a graça de jogar se você não consegue marcar pontos?

— Ele mantém um registro, e a unidade holográfica iria gravar tudo. O problema é que os dados encontrados no salão holográfico de Bart não batem com nenhum dos nomes ou códigos dos cenários de usos anteriores.

— Foi um novo cenário, então?

— Possivelmente. Está listado como RCCT-BM.

— BM... Bart Minnock — concluiu Eve. — Era o seu jogo particular? Ou todos costumavam batizá-los com suas iniciais?

— Não, não tinham esse costume. Não há listagem disso na cópia da U-Play, que nos foi enviada hoje. O novo cenário não está no disco com esse nome, nem o código. Não há nada na unidade holográfica de Bart que mostre que foi criado no dia do assassinato, ou em qualquer outro dia. Mas sabemos que ele colocou no console uma outra cópia, a que estamos tentando reconstruir, e solicitou que o jogo já começasse no nível quatro.

— Você não começa no nível quatro se nunca jogou antes. Você quer

começar do início.

— Exatamente. Pelo menos, a probabilidade de ser assim é alta.

— Então ele já o tinha jogado antes, mas foi dado um nome ou código àquela cópia não usado anteriormente. — Ela caminhou pela sala, pensando. — Ele tinha um encontro com a namorada, então seu tempo era limitado. Ele não quis desperdiçá-lo nos primeiros estágios. Pulou logo para a fase que interessava. Uma seção que queria aprimorar ou da qual gostava particularmente, ou uma que tinha dificuldade em superar. Mas ele já tinha jogado antes. Não há dúvidas de que foi um jogo solo?

— Nenhuma — garantiu Callendar.

— O assassino pode ter começado o jogo e registrado tudo desse jeito para cobrir seus rastros.

— Então ele deveria ter sido registrado como “observador” ou “público”. A sala registrou apenas um jogador, um ocupante. Se alguém estava lá, encontrou uma maneira de contornar isso.

— Para um assassinato são necessários pelo menos dois jogadores — murmurou Eve. — Ele joga... machuca-se de leve e quase detona o ombro. Como? — Ela pensou em Benny, suave e gracioso em seus *katas*. — Ele sabe lutar e se defender. Leva videogames a sério, então estudou e treinou, mas não há sinal de luta.

Nenhum vestígio, nenhum sangue, nenhuma fibra; não ficou nada do assassino naquele salão. E cada reconstrução me garante que ele ficou parado enquanto a espada descia sobre ele.

“Pode ter sido o cenário de outra pessoa. O assassino criou o disco, adicionou padrões, elementos ou aberturas, e recodificou tudo. Fez algo que poderia enganar o sistema por tempo suficiente para conseguir isso. É exatamente o que esses caras fazem, certo? Encontrar novos caminhos, novas formas de jogar. O que ele jogava mais?”

— Há quatro cenários que eram os seus favoritos — disse-lhe Roarke. —

Ele misturava e alterava elementos aqui e ali, mas, geralmente, ficava com o mesmo roteiro e personagens semelhantes. Ele os batizou de Missão-1, Usurpador, Cruzado e Confronto Final.

— Eles estão na cópia?

— Estão, sim.

— E as estatísticas?

— Estamos levantando e organizando tudo agora.

— Ótimo. E, quando você rodar os jogos, priorize qualquer coisa que use espadas. É o mesmo lance da pizza e da chave de grifo.

— Que diabos significa isso? — perguntou Feeney. — Você está com um parafuso solto, garota, sabia disso?

— Não vale a pena desperdiçar uma boa pizza. Não adianta levar uma espada para uma batalha de pistolas a laser. Você quer usar o que tem e aproveitar o que é útil. O assassino levou a espada, mas deixou o disco. O disco seria inútil para nós, depois de se autodestruir, e seria incriminador se fosse encontrado com ele.

Ela enfiou a mão no bolso.

— Uma mulher diz para o marido que ela quer ver morto: *Puxa, querido, estou louca para comer uma pizza. Seja bonzinho, vá até a pizzeria e nos traga uma vegetariana.* Nesse momento, ele provavelmente diz: *Vamos pedir para entregarem aqui em casa.* Mas ela já está pronta para isso e retruca: *Ah, mas*

demoram muito para entregar e estou faminta. Por favor, amorzinho... Vou abrir um vinho, depois colocar uma roupa que você vai amar e faremos uma festinha com pizza e vinho.

— O que diabos isso tem a ver com o nosso caso?

Ela encarou Feeney. Ele era cínico e rude, mas ficava ruborizado por qualquer coisinha.

— Ainda estou tentando descobrir — disse Eve. — O cara gosta de pizza e vai ser recompensado, então, ora, isso vale uma caminhada noturna. A esposa que o quer morto já tem o amante de tocaia com uma chave de grifo, à espera do marido. *Pow. Bang.* Assim, não há necessidade de um divórcio e toda

aquela chateação. Nem é preciso perder o belo seguro de vida... Além do mais, há uma deliciosa pizza em jogo. É cruel. Pelo menos um pouco, mas também é um jeito eficiente e prático; ele fica com a pizza e deixa para trás a chave de grifo.

— Deixa a arma, mas leva o *cannoli* — explicou Roarke, e Feeney sorriu.

— Ok, essa eu entendi.

— É cruel. — Roarke ecoou Eve. — Pelo menos um pouco, mas também é eficiente e prático matar Bart durante um jogo que ele gosta, e fazer isso por meio de uma das fantasias dele. Cruel, eficiente e prático fazer isso na casa dele... E existe mais um elemento nesse jogo: como a polícia descobrirá? O assassino, certamente, já terá jogado

várias vezes usando esse cenário, e experimentou todos os elementos até adquirir confiança na própria vitória.

— Aposto que ele jogou muito — concordou Eve.

— Mas um bom jogo sempre tem um elemento desconhecido, um desafio maior. Esse desafio é você.

— O motel continua à espera de vocês — murmurou Feeney, e ganhou um olhar azedo de Eve.

— Mande uma cópia do jogo para mim. Vou trabalhar nisso em casa. Eles não vão nos dar um mandado de busca para residências privadas só com o que temos. Todos têm álibis, não existe um motivo claro, nenhuma prova física. Até mesmo as provas circunstanciais são

poucas neste momento. Precisamos de mais.

— Residências de quem? — quis saber Callendar.

— Parcerias e sociedades são como um casamento: um campo minado. Acho que um dos sócios de Bart decidiu comer pizza e usar uma chave de grifo.

De volta ao seu escritório, ela achou que era hora de investigar a fundo, bem mais a fundo, os três sócios restantes da U-Play.

Ela precisava de algo, qualquer coisinha com a qual pudesse trabalhar, mexer ou ajustar para convencer a Promotoria a solicitar um mandado de busca e apreensão.

Os computadores do assassino certamente estariam limpos de provas a esta altura. Ela não estava lidando com um idiota. Mas a DDE conhecia caminhos misteriosos, bem como o civil que trabalhava como seu consultor.

Enquanto o computador varria os dados, Eve rearranjou seu quadro de homicídios. Analisou tudo e tornou a organizar os dados.

Ela entendia, pelo menos parcialmente, o porquê do crime. Era algo mesquinho e ridículo, mas assassinatos eram cometidos por muito menos. Sem o faro apurado de Reineke, a morte de um homem poderia muito bem ter sido atribuída ao dinheiro que havia em sua carteira e a uma pizza

vegetariana.

Haveria mais por trás disso; aquilo era somente a ponta do *iceberg*, mas o que tinha naquele momento era suficiente por enquanto. O suficiente para ajudá-la a criar seu próprio cenário.

— Estou de volta! Sentiu minha falta?

— Peabody saltou para dentro da sala de Eve e se jogou na cadeira de visitas.

— Nossa, você sabe como fica o ônibus a essa hora? É um zoológico cheio de animais ferozes e cheiros estranhos. Para piorar, o ar condicionado pifou vinte minutos depois do início da viagem. Portanto, acrescente o calor da selva ao sufoco. Quero tomar um banho de duas horas.

— Você fez sexo.

— O quê? O quê? Por que diz isso? É proibido fazer sexo no ônibus! Eu morreria por excesso de calor e, depois, seria presa.

— Você fez sexo antes de entrar no ônibus. É melhor que eu não encontre amanhã, na minha mesa, uma nota de despesas de uma espelunca que cobra por hora.

— Não usamos uma espelunca que cobra por hora. Nós... — Peabody pigarreou com força enquanto Eve a encarava. — Jogamos um pouco. Como nos foi ordenado.

— Nem quero saber que tipo de jogo.

— Jogos muito bons, de verdade! Daqueles que exigem excelentes

reflexos e alta resistência física. — Ela sorriu, sem demonstrar arrependimento. — Vamos economizar e comprar um novo e espetacular console no Natal, um presente para nós dois.

— Este é o seu relatório?

— Não, este é o balbuciar incoerente do meu cérebro cozido pelo calor do ônibus. Ufa!

— O que está pintado no seu seio? Que diabo é isso?

— Ah. — Peabody baixou o queixo e olhou para baixo. — É o meu dragão do amor. É uma tatuagem temporária.

— Dragão do amor? Você está com um dragão do amor no seio, que, por sinal, está transbordando sobre seja lá o que você está vestindo?

— É um disfarce, e funcionou. Trueheart quase engasgou quando passei pela sala de ocorrências. — suspirou Peabody. — Foi muito legal.

— Acho que você confundiu disfarce com semi nudez. Enfim, não quero ver o seu dragão do amor amanhã. Agora, se já descansou e se recuperou da sua árdua tarefa, gostaria de ouvir o relatório.

— Certo. O contato, Razor, o “rei de todas as armas”, nunca ouviu falar de uma espada como a que estamos procurando, não uma que seja de verdade. Réplicas e brinquedos de natureza semelhante e não letais ele conhece muitos, mas nada que possa decapitar ou deixar queimaduras.

— Pode ter sido algo encomendado.

— Pensamos nisso depois que... depois que curtimos um jogo que nos inspirou. Voltamos lá e perguntamos isso a Razor. Foi preciso um pouco de persuasão, mas ele nos passou alguns contatos que poderiam produzir esse tipo de espada sob encomenda por um preço e tanto. Um preço absurdamente alto. Dos que ele nos informou, há, talvez, um ou dois que conseguiriam fazer isso sem ser detectados, em um equipamento sem registro. Mas isso elevaria o preço para o dobro do absurdamente alto. Analisamos a vida financeira dos suspeitos, e ninguém no nosso radar teve uma despesa assim.

— Estou fazendo investigações mais

profundas agora. Talvez surja alguma coisa. Algumas pessoas jogam por dinheiro — considerou Eve. — Algumas usam dinheiro não contabilizado. Então podemos achar alguém que tenha uma pilha de grana absurdamente alta e não declarada.

— Bem, enquanto isso, fizemos algumas pesquisas em sites de videogames do submundo durante o caminho de volta. Razor já está de antenas ligadas para nos ajudar. Deixamos claro que estamos dispostos a pagar e garantimos ter ouvido que há uma espada desse tipo por aí. Agora, ele está pesquisando, e nós estamos acompanhando tudo. McNab vai ficar de olho. Se Razor achar alguém, nós

também acharemos.

— Bem pensado. Vá para casa e tome aquele banho. Dá para sentir o seu cheiro daqui.

— Não é culpa minha. Pelo menos, suei tanto que talvez tenha perdido um ou dois quilos só sentada ali, tentando não respirar. — Ela se levantou. — Ah, quase esqueci. Trouxemos um presentinho para você.

— Por quê?

— Porque sim. — Ela abriu o zíper de um dos bolsos e tirou lá de dentro uma pequena arma.

— O que é isso?

— Uma arma de brinquedo. É uma Derringer minúscula, como as que as garotas de *saloon* usam nos filmes de

faroeste. Dá para esconder numa boa.

— Hmmm.

— E veja só que legal... — Peabody a empunhou, e uma voz feminina sensual sussurrou, vinda da arma: *Coloque as mãos onde eu possa vê-las, caubói.*

— Tem todos os tipos de sons, masculinos e femininos. Imaginei que você iria preferir uma voz de mulher. Tem mais uma surpresa...

Ela apontou para Eve, puxou o gatilho, e Eve reclamou:

— Ei!

A minúscula arma soltou um pequeno estalo, como o de uma espoleta.

A próxima vai acertar mais abaixo, e você não vai mais cutucar uma mulher com essa varinha pelo resto da sua

vida miserável.

— Não é fofo? Você pode bancar a garota do *saloon* com Roarke, e ele poderia ser o cara que aposta alto. Depois... Bem, o resto não é da minha conta. — Peabody ofereceu um imenso sorriso.

— Sim, é fofo; e, não, não é da sua conta. — Eve pegou a pequena pistola, a recarregou e a apontou para Peabody.

É melhor você dar o fora daqui antes que isso lhe faça outro buraco.

— Ela poderia usar falas melhores, mas essa foi bastante adequado. — comentou Eve. — Dê o fora!

— Sim, senhora.

— Peabody? Obrigada. — Eve estudou a arma e balançou a cabeça para

os lados. Incapaz de resistir, atirou com ela no computador e no AutoChef, divertindo-se com os péssimos insultos que se seguiram.

Essa era mais uma coisa sobre parceiros, decidiu. Eles sabiam o que faria você rir, muitas vezes antes de você mesmo descobrir.

Capítulo Doze

Houve uma época, não muito tempo atrás, refletiu Roarke, em que algumas horas dentro de um prédio público era algo a ser evitado a qualquer custo. Agora, ele passava tanto tempo na Central de Polícia que sabia quais máquinas de venda automática tinham problemas, quais passarelas aéreas viviam tumultuadas e o quanto o café de lá ficava ainda pior no fim do expediente.

Sua vida tinha tomado um rumo diferente e estranho desde o primeiro instante em que colocou os olhos em

uma oficial — a sua oficial —, que, naquele dia, vestia um casacão imenso sobre um terninho cinza horroroso.

Ele acariciou um botão do terninho, que tinha guardado no bolso desde aquele dia, para dar sorte e por puro sentimentalismo.

Ela tinha sido a primeira mulher que lhe causara essa impressão em um momento da vida em que ele chegou a acreditar que já tinha feito quase tudo que valia a pena ser feito ao menos uma vez. Será que estava entediado naquela época?, perguntou a si mesmo enquanto se dirigia a uma passarela aérea. Não... Não estava entediado, mas, talvez, um pouco inquieto, agitado, certamente insatisfeito de uma forma que ele mesmo

não tinha sido capaz de identificar.

E, então, lá estava ela e tudo mudou. Tudo lhe pareceu mais nítido. Ele não sabia explicar. Nada com Eve era fácil de explicar, mas as peças começaram a se encaixar. Algumas dessas peças, tanto de um como do outro, precisaram de um pouco mais de lapidação, e, provavelmente, outras ainda precisariam à medida que mais e mais da realidade deles viesse à tona.

Enquanto ele descia, dois oficiais subiam. O homenzinho rabugento entre eles protestava em alto e bom som, sem parar.

— Alguém deve ter colocado aquela carteira no meu bolso! Tenho inimigos. Só saí correndo porque estava chegando

o ônibus que eu ia pegar. Eu pareço um batedor de carteiras, por acaso? Pareço? Pareço?

Parece sim, e muito, pensou Roarke. E quem não consegue bater uma carteira sem dar bandeira merece ficar noventa dias na prisão.

Eve não pensaria assim, refletiu. Não pelo fato de o ladrão ter sido apanhado, mas pelo ato em si, que lhe valera a prisão. Na maior parte do tempo, ele concordava com ela; na verdade, ele compartilhava de sua opinião cada vez mais conforme o tempo passava. Quanto a um sujeito de mão leve? Bem, todo mundo precisava ganhar a vida, certo? Até um ladrãozinho de rua.

Ele sabia muito bem disso.

Entrou na Divisão de Homicídios, onde os sons, os espaços e os cheiros tinham se tornado tão familiares para ele quanto os da própria sede de sua empresa.

O detetive Baxter estava ao lado da própria mesa, ajeitando a gravata. Ele parou e bateu na têmpora com o dedo, em sinal de saudação.

— A tenente está na sala dela. Esse caso a está fazendo perder a cabeça.

Roarke reconheceu o humor negro com uma das sobrancelhas levemente arqueada.

— Você pensou em uma piada o dia todo, e essa foi a melhor que conseguiu?

— Já usei todas as boas. De qualquer forma, já encerrei meu turno há pouco

mais de uma hora. Portanto, meu cérebro deve estar um pouco... distante.

— Essa é um pouco melhor. Onde está o seu garoto?

— Mandei-o para casa e fiquei aqui para terminar a pesquisa sobre os quatro, além de outras baboseiras. Ele conseguiu um encontro.

— É mesmo?

— Sim. O nosso bravo Trueheart, finalmente, resolveu convidar a ruivinha do setor de Registros para sair. Ele estava com outra garota, mas a coisa não foi adiante. Os civis, às vezes, têm mais dificuldade em lidar com policiais. Você é exceção.

— Entendi.

— De qualquer forma, ele programou

apenas um jantar e um filme. Depois disso, provavelmente trocarão um aperto de mão amigável. Ele se move com a velocidade de uma geleira quando se trata de garotas. Fora isso, é bem rápido.

— Vocês se completam.

— Pois é, quem poderia imaginar? Enfim, vou nessa. Também tenho um encontro e espero apertar mais do que a mão dela no fim da noite.

— Boa sorte.

— Meu amigo, sorte não tem nada a ver com isso. — Ele deu a Roarke outra saudação e saiu.

Divertindo-se com aquilo e considerando o conceito dos encontros, Roarke entrou na sala de Eve.

Ela estava na frente do quadro de homicídios, com as mãos nos quadris.

— Computador — ordenou ela —, salve e copie todos os dados para o meu computador doméstico.

— Calculei bem a minha chegada — disse Roarke.

— Preciso de um tempo para refletir sobre algumas coisas.

— Trouxe a cópia do jogo. Está lacrada e teve a saída registrada.

Ela pegou o disco da mão dele.

— Você tem certeza de que não é um oficial?

— Definitivamente espero que não. Você pode ter seu tempo para refletir durante o caminho de volta.

— Mas tem mais algumas coisas

que...

— Seja o que for, pode esperar — interrompeu ele. — Quero jantar.

Ela pegou a Derringer do bolso. Obedecendo, ele levantou as mãos em sinal de rendição.

— Não atire. Estou desarmado.

— Aposto que não está.

Ele simplesmente sorriu.

— Você pode me revistar de cima a baixo mais tarde. Brinquedinho legal esse. Onde o conseguiu?

— Foi um presente de Peabody e McNab. — Ela engatilhou a arma.

Ela é pequena, mas implacável. Igualzinha a mim.

Ele riu e se adiantou para dar uma olhada na arma de brinquedo.

— Havia um seriado antigo no tempo da televisão... Era assim que se chamava o aparelho um século atrás — esclareceu ele. Como era mesmo o nome? De qualquer forma, a história se passava no Velho Oeste e o herói era um mercenário, um pistoleiro de aluguel. Ele tinha uma arma dessas.

— Espero que ele não tenha precisado usá-la muito.

— Ele também tinha uma do tamanho normal, mas essa aí era...

— A carta na manga.

— Exatamente. Precisamos assistir a alguns episódios quando tivermos um tempo livre. Agora, tenente, como diria Baxter, vamos nessa!

— Tudo bem. — Ela recolheu os

arquivos. — Você dirige. Eu reflito.

— Você suspeita dos três amigos, os sócios — afirmou Roarke enquanto eles desciam até o nível da garagem.

— Eram eles que tinham mais acesso ao espaço pessoal da vítima, tinham mais a ganhar e estavam intimamente familiarizados com os hábitos dele, suas rotinas, e o negócio em si. E a vida deles girava em torno dos videogames.

— Você está mais inclinada na direção de um dos sócios. — Com um ar de lástima e triste aceitação, que ele imaginou que ambos compartilhavam, entraram em um elevador lotado. — Um mais que os outros — completou ele, tentando se encaixar em um espaço exíguo que cheirava a cebolas cozidas e

desodorante vencido. — Qual deles?

— Ainda estou formulando a teoria. Além disso, não é assim que a banda toca. — Ela empurrou todo mundo para sair. — Qual dos três você escolheria?

— É difícil pensar que qualquer um deles seja capaz disso. Não os conheço muito bem, mas o que sei me faz rejeitar a ideia.

— Por que exatamente?

— Suponho que, em parte, por causa da maneira como eles se uniram e cresceram juntos. São companheiros de longa data.

— Você também teve os seus companheiros — comentou Eve. — Em Dublin.

— Tive, sim. E embora nenhum de

nós tenha escapado de ser um vigarista, já que a trapaça também é um tipo de jogo, nunca teríamos machucado ou magoado um ao outro.

— Sim, essa é uma das coisas em que tenho pensado hoje. Amizades antigas e novas, o que se encaixa e por quê. As amizades podem evoluir, certo? Podem melhorar, de certo modo. Mas uma amizade também pode sofrer erosão, se tornar áspera e afundar. Acrescente dinheiro, sexo ou ego à mistura, e tudo pode ferver.

— Não costumo ver as coisas de maneira otimista, nem duvido dos seus instintos. — Os passos deles ecoaram enquanto atravessavam a garagem. — Mesmo assim, já observei os quatro

juntos, falei com eles e ouvi Bart falar deles.

— Quer saber? Na época em que a mulher da pizza se envolveu com o marido que ela queria ver morto, aposto que também tinha coisas legais a dizer sobre ele.

Roarke teve que balançar a cabeça para os lados, um pouco por diversão e um pouco por resignação.

— Estamos de volta à pizza, então?

— Só estou dizendo que relacionamentos mudam, pessoas mudam. Às vezes, um evento, uma ação ou uma série de fatores simplesmente irrita alguém. — Ela entrou e se sentou no banco do carona, quando eles chegaram ao veículo, e esperou ele

assumir o volante. — Vamos jogar um jogo chamado *Dedução*. Se tivesse que escolher o sócio que assassinou ou mandou assassinar o amigo, qual seria? E por quê?

— Tudo bem, vamos lá... — Na pior das hipóteses, pensou ele, o tal jogo poderia ajudá-lo a alcançar certo nível de objetividade. — Antes de começar, se um deles cometeu o assassinato, Cill não teria força para isso.

— Bem, você pode estar enganado nesse ponto. Ela, como os outros, pratica artes marciais, luta de combate, defesa pessoal, armamento e tudo o mais; e pratica regularmente. Na verdade, ela é faixa preta em caratê e está prestes a receber uma faixa preta

em *tae kwon do*.

— Puxa! Não devemos subestimar os pequenos frascos.

— Ela é mais ágil, mais rápida e mais forte do que parece. E a arma em si pode ter lhe fornecido mais peso. Ser uma mulher pequena não a descarta do páreo.

— O golpe veio de cima, mas suponho que é possível que ela tenha subido em algo, pulado de algum lugar ou dado um salto para adquirir força e impulso.

— Agora, você está raciocinando.

Ele lhe lançou um olhar suave.

— Não consigo enxergar isso acontecendo, mas concordo que, por enquanto, ela não pode ser descartada. E

quanto a Var... As mesmas suposições se aplicam ao seu porte. Ele seria tão capaz fisicamente quanto os outros, presumo.

— Certo.

— Por outro lado, do meu ponto de vista de observador externo, Var e Bart eram como duas partes de um todo.

— Algumas pessoas se cansam de ser uma parte e querem ser o todo.

— Que raciocínio de policial — murmurou ele. — Ambos gostavam de se aprofundar no lado comercial das coisas, de explorar tanto os elementos básicos das vendas, da distribuição e do marketing, como do trabalho criativo. Gostavam de ter um ao outro por perto na hora de verificar números e balanços,

de ajustar os conceitos um do outro quando se tratava de promoções, expansões, esse tipo de coisa. Uma vez, Bart me disse que, quando conheceram Var, foi como se a última peça do quebra-cabeça se encaixasse. Sei exatamente o que é isso.

Eve esticou as pernas, confortável com a forma como ele enfrentava o trânsito irritante.

— E se eles discordassem em alguma coisa?

— Não sei dizer como resolviam conflitos porque eu não estava envolvido. Mas nunca ouvi Bart expressar qualquer tipo de frustração com relação a isso.

— Concordamos que a vítima era leal

e estava satisfeita com o *status quo*. Mas isso não significa que Var ou algum dos outros estava. Ou está.

— Existem maneiras muito menos problemáticas de dissolver uma sociedade ou mudar o *status quo*.

O sorriso de Eve foi quase de deboche.

— Existem maneiras mais fáceis de se livrar do marido do que arrebentar a cabeça dele a golpes de chave de grifo.

— Vou me certificar de que todas as ferramentas que temos em casa estejam bem trancadas. Agora, vamos a Benny. Ele é, na minha opinião, o mais intelectual dos quatro. Gosta de pesquisar, analisar detalhes, teorizar sobre o significado subjacente de um

jogo e as razões pelas quais ele atrai as pessoas. Pesquisa mitos, crimes reais, figuras históricas, guerras, batalhas e estratégias para adicionar novas camadas a um videogame.

— É bom com detalhes, estratégias e conhece a arte do combate.

— Você não acredita mesmo que...

— Estou só apontando os fatos. — Ela pegou o tablet e acrescentou algo às suas anotações. — Em resumo: todos eles tinham os meios e o motivo, e todos poderiam facilmente ter arranjado a oportunidade. Para ser franca, acho que todos ou pelo menos dois deles poderiam ter planejado tudo juntos.

— Mas com que finalidade? — quis saber Roarke. — A U-Play,

provavelmente, passará por um rápido aumento nas vendas por causa da curiosidade e da sede das pessoas por escândalos. Mas, sem Bart, eles terão de recuar nos planos, pelo menos por um tempo. Essencialmente, ele era, do ponto de vista dos negócios, a cola que mantinha essas quatro partes juntas, formando um todo produtivo.

Assentindo, ela digitou mais alguma coisa e lançou para Roarke um olhar ausente.

— Concordo. Mas isso não explica o ego e, novamente, a tal fúria profunda e inflamada que apenas as pessoas íntimas, de alguma forma, conseguem sentir umas pelas outras. Esses quatro eram muito íntimos.

— Uma família.

— Pois é. E ninguém mata mais do que famílias.

— Puxa, acho que vou tirar de casa todas as ferramentas, sem exceção. — Ele se virou para estacionar e a viu fazer uma careta.

— O que é isso? Pensei que estávamos indo para casa.

— É a primeira vez que vejo você se envolver tanto com um jogo que não prestou atenção ao seu redor. Eu não disse que íamos para casa — lembrou ele. — Disse que queria jantar.

— Mas ainda não atualizei meus relatórios, nem terminei a análise das pesquisas. Preciso executar uma série completa de...

Quando ele saiu e bateu a porta do carro, não ouviu mais nada. Deu a volta no veículo e abriu a porta do carona.

— Vamos lá, tenente, deixe tudo isso de lado por uma hora. A noite está linda. É um bom momento para dar uma pequena caminhada e curtir uma refeição.

— Viu só? — Ela cutucou o peito dele com o dedo quando saltou do carro. — É por isso que as pessoas em relacionamentos íntimos batem na cabeça das outras com ferramentas pesadas.

Ele pegou a mão dela e a beijou.

— Uma hora não vai matar nenhum de nós.

— Preciso analisar os detalhes de

cada cenário daquele jogo.

— Já eliminei metade das possibilidades. Você procura um jogo que use espadas. Há apenas dois. *Missão-1* e *Usurpador*. Os outros envolvem armas mais modernas.

— Mesmo assim.. — Ela parou de falar, e ele percebeu o instante exato em que o aborrecimento de Eve se desvaneceu o suficiente para ela reconhecer a vizinhança. E viu seu sorriso florescer com surpresa e prazer quando ela parou na frente da antiga pizzaria, quase um buraco na parede.

— Polumbi's. Já faz um tempão desde que estive aqui. Não mudou nada.

— É bom quando algumas coisas permanecem como sempre foram, não

acha? Você me disse que veio até aqui assim que chegou nesta cidade. Foi aqui que você comeu a sua primeira fatia de pizza em Nova York, enquanto observava as pessoas que passavam. E você estava feliz. Estava livre.

— Senti que minha vida poderia finalmente começar quando me sentei no balcão diante do vidro, olhando para a rua. Ninguém me conhecia ou se importava. Eu não tinha amigos nem amantes. Não havia ninguém além de mim. E foi incrível.

Ela o fitou com o calor daqueles olhos dourados, e, por um momento, pareceu que ninguém mais andava na calçada, ninguém mais respirava aquele ar. Só eles dois.

— As coisas são diferentes agora. É bom que elas tenham mudado. E é bom ver que, por aqui, tudo continua igual.

— Dessa vez, ela segurou a mão dele e entrelaçou os dedos nos dele, com força.

— Vamos comer uma pizza.

Eles não ficaram no banco de frente para a rua; resolveram se sentar em dois bancos estreitos, estofados com almofadas, diante do balcão.

Ele poderia ter escolhido qualquer lugar, reparou Eve. Poderia estalar os dedos e exigir uma mesa para dois no restaurante mais exclusivo da cidade. Algum lugar com garçons esnobes, uma adega de alta qualidade e um chef temperamental que cria pratos complexos com a habilidade de um

artista.

Mas ele a levava a uma espelunca lotada e barulhenta, onde as mesas ficavam tão juntas umas das outras que os cotovelos dos clientes se chocavam e os aromas de especiarias, cebolas e vinho barato, servido em jarras baixas, enchiam o ar.

Mais que isso, ele a levava uma lembrança.

Quando fizeram o pedido, ela apoiou o queixo na mão. Sim, as coisas eram diferentes agora, pensou. Ela não se sentiu envergonhada por se derreter por ele.

— Você comprou este lugar?

— Não. Algumas coisas devem permanecer como sempre foram. Mas

estamos de olho, caso os proprietários decidam se aposentar ou vender a loja.

Assim, ele poderia deixar tudo como estava... para ela, pensou, mesmo que se passassem muitos anos até ela voltar lá uma terceira vez.

— Hoje parece ser o meu dia de receber presentes. Também tenho um para você.

— Mesmo? O que poderia ser?

— Há um cookie na minha pasta. É um cookie muito bom com seu nome nele. Por assim dizer.

— Qual o sabor?

Ela sorriu.

— Cookie com pedaços enormes de chocolate. Nadine deu um pulo na minha sala. É por culpa dela que na sala de

ocorrências seja costume o suborno com doces e salgados, e ela sempre consegue o que quer.

— Nadine estava em busca de informações sobre a investigação?

— Na verdade, não. — A cerveja veio em garrafas, o que a tornou uma opção muito mais segura que o vinho. Eve pegou a dela assim que a garçonete a colocou no balcão. — Ela disse que recebeu Bart em seu programa algumas vezes, e acho que poderia ter forçado a barra para conseguir informações se não estivesse tão atordoada.

— O livro dela vai ser lançado esta semana.

— Exatamente. Quando você ia me lembrar sobre a noite de autógrafos?

— Amanhã. — Ele sorriu e tomou um gole de cerveja. — Assim, você teria menos tempo para se alvoroçar e descabelar por ter que ir a uma festa estando no meio de um caso.

— Eu não me alvoroço nem me descabelo.

— Não, você esbraveja e reclama, mas esta é uma noite tão especial que falei por código.

Ela olhou para ele por cima da borda da garrafa de cerveja. Não havia por que negar a verdade.

— Suponho que você já decidiu o que vou vestir.

— Já reservei um traje adequado, mas, naturalmente, pode decidir caso prefira outra coisa. — Ele passou a mão

de leve sobre a mão dela. — Você poderia visitar o seu closet hoje à noite e pensar um pouco no assunto.

— Sei, até parece que isso vai acontecer. Preciso ir à festa. Quero dizer, mesmo que o caso fique mais confuso, poderei contornar os problemas e aparecer por lá.

— Se o caso ficar mais confuso, e supondo que você esteja certa sobre ser um dos três, certamente não se verá diante de um assassino com uma longa carreira de crimes, nem estará lutando para salvar a própria vida. No fundo, eles serão sempre *geeks*.

— Um ou mais deles mataram um colega *geek* de um jeito muito criativo e horrível — lembrou ela. — Mas sim,

acho que posso lidar com ele, ou com ela, ou com dois deles.

— Então me diga por que acha que deve ir à festa de Nadine, já que esta não é a sua declaração padrão quando se trata de eventos desse tipo.

Ela soltou um suspiro quando a pizza pousou na frente deles.

— Porque falei sério quando disse que Nadine estava atordoada. Ela está preocupada, morrendo de medo e enrolada por causa do lançamento do livro. Acha que talvez seja uma merda e tudo o mais. A falta de confiança também não é o comportamento padrão dela.

— Nadine trabalhou muito em uma obra que, para ela, representa um

desafio em uma área nova.

— Pois é, eu sei. — Eve encolheu os ombros com outro gole de cerveja. — É por isso que preciso ir lá, pelo menos para mostrar a cara e dar um apoio moral. Esse é um dos dissabores das amizades.

— Essa é a minha garota.

Ela riu, pegou uma fatia e deu uma mordida. Fechou os olhos. Conseguiu ver a si mesma, com absoluta clareza, provando a primeira fatia de pizza junto à vitrine da loja, enquanto Nova York e todas as suas possibilidades passavam apressadas, se empurravam e reclamavam do outro lado do vidro.

Tornou a abrir os olhos e sorriu ao fitar o seu amigo, o seu amante, o seu

parceiro.

— Continua sendo uma pizza danada de boa.

Ele estava certo, pensou Eve ao sair da pizzeria. Aquele tempo com Roarke serviu para lhe clarear a mente, além de melhorar o seu humor e prepará-la para os próximos estágios.

— Quero passar pela U-Play antes de irmos para casa — anunciou ela.

— Eles estão fechados a essa hora — avisou Roarke, entrelaçando os dedos nos dela. — Mas com certeza posso ajudar você a entrar lá se o seu objetivo for invadir o lugar.

— Ninguém vai invadir lugar nenhum. Não quero entrar lá, mesmo.

— Então, qual é o plano?

— Sei que já está fechado, claro, mas eu me pergunto se está vazio.

Ele atendeu ao pedido dela e encarou o trânsito até o centro da cidade. A claridade do verão prolongava o dia, dava-lhe uma nova força e deixava a cidade dourada. O calor havia cedido um pouco, o suficiente para surgir uma brisa intermitente.

Tanto os turistas quanto os moradores da cidade aproveitavam a rua e a calçada, enchendo-as com uma multidão de pernas e braços nus. Eve se espantou ao ver uma mulher, com o cabelo louro ao vento, correr junto deles, as pernas longas como pontas de tesouras, muito bronzeadas, e os pés equilibrados em altíssimos saltos-agulha.

— Como elas conseguem fazer isso?

— Apontou para a loura, observando-a correr com elegância. — Como é que mulheres, travestis e *drag queens* andam por ruas assim em cima desses saltos? Como é que esse povo consegue correr de um lado para o outro como uma gazela que atravessa a... sei lá o que as gazelas atravessam.

— Imagino que a prática leve à perfeição, talvez até para as gazelas.

— E se não fizessem isso? Se as mulheres, travestis e *drag queens*, em todos os lugares, se revoltassem e dissessem *Vão todos à merda porque não vamos mais usar esses saltos de torcer o tornozelo* e realmente o fizessem? Os sádicos que projetam

esses sapatos filhos da mãe não teriam que jogar a toalha?

— Lamento dizer que mulheres, travestis e *drag queens* nunca vão se revoltar. Parecem curtir e muito o estilo e gostam de parecer mais altas.

— Você só gosta desses saltos porque fazem o traseiro rebolar.

— Eu me declaro culpado.

— Os homens ainda dominam o mundo. Não entendo.

— Qualquer comentário que eu faça poderá ser mal interpretado. Bem, você estava certa sobre o prédio. — Ele parou perto do galpão da U-Play. — Fechado, sem dúvida, mas não vazio.

Ela estudou o leve brilho da luz contra o vidro e imaginou a maneira

como o sol se inclinava ao atravessar as janelas no final do dia. As sombras projetadas, o lume que surgia em certos ângulos. Sim, eles usavam luz artificial. Pelo conforto, pensou ela, e pela praticidade.

Do mesmo modo, imaginou, os três que sobraram gostavam de ficar juntos naquele espaço. Pelo conforto e, talvez, pela praticidade.

— Você está seriamente imaginando aqueles três lá dentro conversando sobre como conseguiram se safar do assassinato e quais os passos a seguir? — quis saber Roarke.

— Talvez. — Ela inclinou a cabeça e o analisou. — Você não curte essa hipótese porque enxerga algo de si

mesmo em todos quatro. Nem que seja um pedaço aqui e ali. E, por causa disso, porque nunca mataria um amigo, um inocente, apenas por ser mais conveniente no momento, não gosta da ideia de um deles ter feito isso.

— Isso pode ser verdade, realmente verdade. Mas você e eu já matamos, Eve, e, depois que isso acontece, a gente aprende que tirar uma vida não é um jogo. Apenas os loucos pensam o contrário. Você acredita que um deles seja louco?

— Não. Acho que são todos muito sãos. Não estou procurando um cientista louco ou um *geek* psicótico. Trata-se de outra coisa. — Ela observou uma sombra passar por trás de uma das

janelas. — Quem fez isso pode estar arrependido agora, pode achar que foi um erro terrível, um pesadelo que não vai passar. Posso quebrar as defesas do assassino como uma casca de ovo, usando toda essa culpa e esse horror, quando chegar o momento certo.

Ela observou em silêncio, durante mais algum tempo, as janelas, as luzes e as sombras no prédio.

— Tem mais uma possibilidade, e nós dois sabemos disso. Às vezes, tirar a vida de alguém endurece você, calcifica a sua consciência. *Ele mereceu, eu só fiz o que tinha que ser feito.* Ou, pior ainda, empolga você. O assassinato abre uma porta que era tão secreta, tão pequena, tão fechada, que

ninguém, nem mesmo o assassino, sabia que estava ali. E surge uma espécie de alegria nisso. *Vejam só o que eu fiz! Observem o poder que eu tenho.*

Pensar nisso ainda era capaz de deixá-la enjoada, bem no fundo do estômago, caso ela permitisse.

— Esse é o tipo de pessoa que não consegue voltar atrás — disse ela baixinho, mas seus olhos estavam firmes, quase ferozes. — Alguém que precisa fazer isso de novo porque, mais cedo ou mais tarde, o poder vai exigir. Alguns psiquiatras alegam que é uma espécie de loucura, essa compulsão de sentir tanto poder e energia mais uma vez. Mas não é. É ganância, apenas isso. — Ela se virou para ele. — Eu sei.

Senti esse poder, até mesmo a energia, quando matei meu pai.

— Você não pode misturar autodefesa com assassinato, Eve. Não pode igualar um assassinato com o caso de uma criança que lutava por sua vida contra um monstro.

— Não foi assassinato, mas foi matar. Foi colocar um ponto final em uma vida. Foi sujar as minhas mãos com sangue.

Ele pegou a mão que ela estendeu, balançou a cabeça e pressionou os lábios na palma da mão estendida.

— Roarke, eu conheço o poder disso, a energia doentia. Conheço a culpa horrível que nos rasga por dentro; conheço até o endurecimento do coração e da alma, porque já senti tudo isso em

algum momento. Senti tudo! Embora o que eu fiz não tenha sido, tecnicamente, assassinato, sei o que os assassinos podem fazer e o que sentem. Isso me ajuda a encontrá-los. É uma ferramenta.

Eve tocou no rosto dele, entendendo que a vivência e as lembranças do que ela tinha passado até aquela noite, aos oito anos, machucavam tanto a ele quanto a ela própria. Talvez até mais agora, percebeu ela. Talvez até mais.

— Eu tinha vinte e três anos na segunda vez em que tirei uma vida — continuou ela. — Haviam se passado quinze anos entre um acontecimento e outro. Feeney e eu fomos atrás de um suspeito. Ele tinha espancado duas pessoas até a morte na frente de

testemunhas, deixou DNA e rastros na cena do crime. Era o culpado, só precisávamos encontrá-lo. Seguimos uma pista até um inferninho, um bordel onde a namorada dele trabalhava. Achamos que conseguiríamos sacudi-la um pouco para que ela nos contasse onde ele estava. Pois ele estava justamente no tal bordel. A idiota da namorada gritou para que ele fugisse e saiu correndo atrás. Ele começou a empurrar as pessoas para os lados e a quem não conseguia empurrar ele atropelava. Nós o perseguimos até o telhado, e, de repente, ele estava com uma lâmina de mais de vinte centímetros contra a garganta da namorada idiota, que começou a berrar como uma louca.

Ela ainda conseguia sentir, cheirar e ver tudo.

— Era verão — continuou. — Um calor escaldante. O suor escorria pelo rosto dele. Dela também. Ele gritou e avisou que iria degolá-la se chegássemos mais perto. Vimos que havia sangue escorrendo junto com o suor dela, no lugar onde ele furou sua pele para provar que falava sério. Ele a usou como escudo, e Feeney não tinha um bom ângulo para atirar nele com a pistola paralisante.

— Mas você tinha — murmurou Roarke.

— Sim. Um ângulo fechado, mas dava para acertá-lo. Continuamos tentando convencê-lo a se entregar, mas vi que

isso não ia acontecer. Ele tornou a apertar a faca contra ela, mais fundo. Feeney continuou conversando, falando, chamando a atenção do cara para o que ele dizia, e me deu o sinal.

Roarke conseguiu ver também. Podia ver tudo nos olhos de Eve enquanto ela contava.

— Eu disparei... Uma rajada limpa e certa que fez seu corpo se sacudir com a carga elétrica, como costuma acontecer. Ela se jogou para frente, tentando se afastar dele, e o empurrou para trás, mas ele ainda tremia. O filho da mãe despencou sobre a borda do telhado. Foi o impulso, a gravidade, a falta de sorte, seja o que for, mas ele acabou caindo na calçada, oito andares

abaixo.

“Não me senti energizada quando olhei para ele. Também não me senti culpada. Só um pouco trêmula, é claro. Santo Cristo, foi um choque direto; nenhum de nós esperava que tudo fosse acabar daquele jeito. Nem precisei passar pelo teste psicológico obrigatório na polícia para casos desse tipo. Ligamos nossas filmadoras quando começamos a persegui-lo e estava tudo lá: o impulso dado pela namorada e o tropeço que causou a queda. Tudo ali. Azar o dele, apenas isso.”

Ela soltou um suspiro.

— Mas fui eu quem mirou e atirou. Quinze anos entre uma morte e outra. Demorei todo esse tempo para ter

certeza de que não sentiria aquela energia, o peso da culpa ou o endurecimento da consciência quando tivesse de tirar outra vida.

Ela olhou de volta para o prédio.

— Um desses três, pelo menos um deles, pode estar se perguntando se vai sentir isso de novo. Um deles pode querer isso.

— Não tenho como descrever o quanto espero que você esteja errada.

Seus olhos, firmes e frios, encontraram os dele.

— Eu não estou errada.

— Não. Duvido muito que esteja.

Capítulo Treze

Ela passou um bom tempo coletando dados sobre a vida de três pessoas, analisando-as, examinando os mínimos detalhes de antecedentes familiares, educação, finanças e comunicações.

Comparou cada um deles com o perfil traçado por Mira, e o computador determinou que, diante dos dados apresentados, cada um dos três tinha uma probabilidade razoavelmente alta de ser o assassino.

Eles eram organizados, detalhistas, competitivos, tinham habilidades eletrônicas abrangentes, conheciam bem

a vítima e tinham a sua confiança.

Só que a violência do crime e a crueldade do cara a cara com sangue nas mãos fizeram a probabilidade dos três despencar novamente.

Além do mais, em lugar nenhum ela conseguiu encontrar indícios, muito menos evidências, de que alguém tivesse comprado uma arma como a que fora usada.

Dinheiro não era a única moeda para negócios desse tipo, refletiu ela. Favores, sexo, informações — tudo isso poderia substituir dólares sem aparecer em qualquer extrato bancário. Mas não explicava o fato de Bart conhecer seu assassino. Não havia a menor razão para acreditar que ele deixara um estranho

entrar em seu apartamento, em seu salão holográfico, em seu jogo.

Lá vamos nós de novo, disse Eve a si mesma, e se levantou para analisar e caminhar diante do quadro do homicídio.

A vítima chega em casa feliz, assobiando uma alegre melodia. Entra sozinha, de acordo com o porteiro e as câmeras de vigilância. A DDE verificou várias vezes, garantiu que não houve tentativa de arrombamento ou invasão eletrônica e determinou que ninguém tinha entrado no apartamento antes.

Ainda assim, considerou ela, estamos lidando com três *geeks* muito habilidosos e inteligentes. Se houvesse uma maneira de contornar a segurança

sem deixar rastros, eles a encontrariam.

Ou, analisando de forma mais realista, um deles ou outra pessoa de fora tinha encontrado a vítima na porta do apartamento para entrar com ele.

Só que a androide desmentiu essa versão — e, mais uma vez, a DDE reafirmou que não houvera adulteração ou reprogramação da Princesa Leia.

Eve fechou os olhos.

— Talvez ele não tenha trancado a porta de imediato. Está empolgado, feliz. A androide lhe trouxe um refrigerante, e ele mandou que ela se desligasse em seguida. O assassino pode ter entrado nesse momento, *depois* que a androide se desligou, mas *antes* da porta do salão holográfico ser trancada. Isso

era possível.

Um rosto conhecido apareceu de repente, pensou Eve, e disse à vítima algo como: *Não consegui resistir! Quero testar o jogo um pouco mais ou, pelo menos, observar.* Um dos sócios, tornou a pensar. *Você joga; eu observo e faço anotações.*

Também era possível outro diálogo, concluiu ela. *Por que esperar até o fim do expediente? O jogo está quase pronto. Vamos jogar!* O assassino pode ter trazido o disco, o que explica a vítima não ter registrado a saída, como era a rotina. Ou, então, o assassino disse à vítima que ele — ou ela — faria o registro depois, em nome de Bart.

Pode ser que a arma já estivesse no

local ou tenha sido levada pelo assassino.

E o jogo começa. O sistema determina que é uma partida solo. Bart joga, o assassino observa. É lógico; é eficaz.

Mas, em algum momento, o assassino para de observar. O ombro machucado indica uma briga.

E isso, pensou Eve, era onde a coisa não se encaixava.

A arma está lá, o plano está pronto, então por que a briga? Bart está em boa forma — excelente até, para um nerd — e estudou vários movimentos de combate. Por que arriscar uma luta? Por que o assassino se arriscaria a receber alguns golpes?

Uma discussão? Foi no calor do momento? Não, não, caramba, não foi impulso. Ele tomou todas as precauções para driblar a segurança e entrar.

Ego? Ela avaliou os três rostos no quadro.

Sim, ego. *Sou melhor que você. Já é hora de você descobrir o quanto eu sou melhor. Estou cansado de ficar em segundo plano enquanto banco o sócio e amigo leal.*

Sinta um gostinho disso.

Ela estudou as fotos da autópsia, os dados e se balançou para a frente e para trás sobre os calcanhares.

Considerando várias possibilidades, abriu o painel na parede que dava para o elevador e ordenou que ele a levasse até

a sala de armas de Roarke. Usou a placa de identificação palmar, digitou sua senha e entrou em um verdadeiro museu de combate. Vitrines e mais vitrines exibiam as armas que os homens tinham usado uns contra os outros — ou contra feras — ao longo dos séculos. Para matar ou defender, por terra, por dinheiro, por amor, pelo país, pelos deuses. Ali, ficava claro que as pessoas sempre encontravam um novo jeito de acabar com a vida umas das outras, e sempre havia uma bela desculpa para um derramamento de sangue.

De antigas lanças com ponta afilada a espadas de prata com punhos incrustados de pedras preciosas; passando por mosquetes rudimentares e

desajeitados que usavam pólvora e bolas de metal para rasgar a carne a armas automáticas elegantes e firmes que podiam provocar uma tempestade de aço com o movimento de um dedo. As lanças, as maçãs que pareciam bolas de ferro cravejadas com dentes de dragão, as pistolas de longo alcance das Guerras Urbanas, os finíssimos estiletes e o machado de dois gumes contavam a violenta história da espécie humana e, muito provavelmente, seu futuro.

Ela se pegou analisando cada uma das armas e observando atentamente todas aquelas ferramentas mortais reunidas em um único espaço, o que era fascinante e perturbador.

Abriu um estojo e escolheu uma

espada larga. Bom peso, decidiu ela, boa firmeza no cabo. Satisfeita, saiu e religou o sistema de segurança.

— Há algum problema? — quis saber Summerset, parecendo surgir das sombras.

Eve deu a si mesma vários pontos por não dar um pulo com o susto que levou; em vez disso, sorriu e se apoiou na espada.

— Por que pergunta?

— As armas não devem sair da prateleira.

— Puxa, acho melhor você chamar a polícia.

O olhar longo e frio que ele lhe lançou foi tão ridículo quanto seu atrevimento.

— O que você tem na mão é muito valioso.

— É por isso que não vou chegar perto de você com ela. Para não correr o risco de enfiá-la no seu traseiro e quebrar a ponta. Não se preocupe. Roarke é o único que vai usá-la.

— Espero que ela seja devolvida à prateleira na condição exata em que estava quando você a removeu.

— Sim, sim, blá-blá-blá. — Ela voltou ao elevador e não conseguiu resistir à tentação de encostar a parte plana da lâmina em sua testa, em uma rápida e sarcástica saudação antes de as portas se fecharem.

— É melhor eu não precisar costurar ninguém hoje à noite — murmurou

Summerset.

Eve saiu de sua sala e caminhou até a de Roarke.

— Oi.

Ele respondeu com um murmúrio e continuou a trabalhar em seu computador.

— Pode vir até aqui um instantinho?

— Cinco minutos — disse ele.

Enquanto esperava, Eve foi para o seu próprio computador e rodou uma reconstituição do assassinato, usando figuras para representar cada um dos parceiros em termos de altura, peso e alcance.

— Do que você precisa? — perguntou Roarke. — E por que está com essa espada?

— Estou tentando entender como tudo aconteceu. Portanto... — Ela foi até o centro da sala e, imaginando o horror de Summerset, jogou a espada para Roarke. — Venha e me ataque.

— Você quer que eu ataque você com uma espada?

— Começaremos com essa versão.

— Não.

— Por que não?

— Não vou partir para cima de você com uma espada!

— Ora, mas pelo amor de Deus, eu não quero que você me *mate* com ela. Não quero que haja sangue por aqui. Isso é só para fins de simulação. Você é o assassino. — Ela apontou para ele. — Eu sou a vítima. — E bateu no próprio

peito. — Agora, você tem uma espada grande, afiada e reluzente, e eu tenho uma simples espada holográfica inútil, então você não vai...

Ela parou de falar quando ele deu um passo rápido à frente e posicionou a parte plana da lâmina a poucos centímetros da sua garganta.

— Isso, assim mesmo. Viu só? Minha reação instintiva ao seu movimento foi erguer minha arma inútil desse jeito. — Ela se moveu lentamente, como se o bloqueasse para tentar afastar a espada. — O problema é que o corte aconteceu no outro braço. A vítima era destra, então a lógica diz que ele empunharia a espada holográfica com a mão dominante. O ombro ferido está do outro

lado, mas Morris disse que esse é o tipo de lesão que você teria se girasse o ombro depressa demais.

— Talvez, em uma defesa instintiva com base em surpresa, ele tenha trazido o outro braço para cima.

— Sim, mas veja só: se ele fez isso, o corte está errado. — Ela tornou a demonstrar. — A lógica, mais uma vez, diz que a ferida devia estar na horizontal, não na vertical. Além disso, se você tivesse uma espada grande e longa e eu não, iria simplesmente enfiá-la em mim, certo? Você tem a vantagem do alcance.

— Eu faria isso, sim. Para vencer logo.

— Mas não foi o que aconteceu. Há

contusões nos braços e nas pernas. Afinal, estamos lutando. Abaixei a espada um minuto. — Quando ele o fez, ela o chamou com o dedo indicador. — Venha até mim.

Ela aparou o golpe e girou o corpo. Mas ele bloqueou o ataque lateral dela.

— Viu só? Estamos no mesmo nível praticamente. Se fosse para valer, haveria algumas contusões no lugar onde golpeei ou bloqueei você, ou onde você me bloqueou. Mas você não vai me bloquear usando o braço, já que tem essa espada enorme.

Ela ergueu a mão pedindo trégua.

— Rodei um programa de reconstituição dos movimentos. Eles simplesmente não combinam, em termos

lógicos.

— Nós brigamos e a luta se tornou física — sugeriu ele. — Eu perco a cabeça, empunho a espada e decepo a sua.

— Se aconteceu assim, por que a espada estava lá, para começo de conversa? — Ela se afastou e franziu a testa novamente enquanto observava o quadro. — Se foi assim, por que o disco não teve a saída registrada? Por que tudo foi cronometrado a fim de que o assassino chegasse depois da androide ter sido desligada? E por que o assassino escapou da segurança do prédio ao entrar?

— Pode ser coincidência.

— Uma coisa poderia ser

coincidência. — Com as mãos nos quadris, ela se virou. — Junte tudo isso e você tem um padrão.

— Bem, sou obrigado a concordar. Então tivemos uma briga. O que você faz quando eu pego a espada?

— Eu digo: *Que porra é essa?*

— Ou outras palavras de mesmo efeito — concordou Roarke. — E quando eu me aproximo de você?

— Eu corro ou, pelo menos, tento sair do caminho dessa arma muito afiada.

— E você correria, naturalmente, em direção à porta.

— Se o jogo continuou rodando, ele pode ter ficado desorientado.

— É verdade. — Assim como ela, Roarke tentou imaginar e se colocar na

situação. — Então, das duas, uma: você usaria o jogo e os recursos holográficos como cobertura para tentar se esconder, ou ordenaria ao jogo que desligasse, antes de correr direto para a porta.

— Sim. Mas o corpo foi encontrado dentro da sala, quase no centro, e virado para o lado oposto à porta. — Ela bufou com força. — Isso nega todos os princípios da lógica. Não consigo fazer as coisas se encaixarem na minha cabeça. Não consigo enxergar os passos. Talvez houvesse duas pessoas, além da vítima. Mira acredita que pode ter sido assim.

Ela inclinou a cabeça para a reconstrução que tinha deixado em pausa na tela. Talvez precisasse adicionar

outra figura.

— O assassino e o mandante. Mesmo assim, ele ainda precisaria conhecer e confiar em ambos para deixá-los entrar no salão holográfico durante o jogo. Aquele videogame era muito importante para ele deixar alguém que não conhecia, uma pessoa que não estivesse envolvida no projeto, ver uma prévia.

— Me deprime dizer isso, mas talvez tenham sido todos os sócios. Os três juntos.

— É possível. — Ela analisou as implicações em torno da ideia. — Não consigo entender por que os três iriam desejar a morte dele, mas é possível. Dois para fazer o trabalho, um para ficar para trás e dar cobertura aos dois.

Ela se afastou novamente.

— Não consigo encontrar nada na empresa que indique algum problema, qualquer evento que me faça pensar que ele poderia estar forçando a barra, ameaçando ir embora ou qualquer outra coisa que se relacione especificamente à sociedade e pudesse servir de motivação.

— Então foi algo pessoal.

— Acho que sim, isso mesmo. — Esse, refletiu ela, era o elemento que continuava se repetindo em sua cabeça. — O motivo pessoal poderia ter a ver com a própria sociedade ou com o negócio. Eles praticamente moravam juntos naquele lugar. Trabalhavam juntos, jogavam juntos. O único dos

quatro que estava envolvido em um relacionamento externo mais ou menos sério era Bart. Preciso conversar com ela novamente. A namorada — completou.

E se virou para Roarke.

— Está pronto para jogar?

— Vou precisar da minha espada?

— Haha. — Ela apontou para a espada larga. — Traga essa também.

— Haha — repetiu ele.

— Quero rodar os dois cenários que você selecionou. — Ela pegou o disco. — A partir da fase em que ele começou. Eles caminharam até o elevador. — Uma partida solo — decidiu ela, quando Roarke deu o comando para entrar no salão holográfico. — Vamos tentar

repetir ao máximo o que ele poderia ter feito.

— Uma pergunta: por que o videogame que ele estava jogando é tão importante para você?

— Porque não consigo enxergar o que aconteceu. — Isso, ela tinha que admitir, era muito irritante. — Não consigo fazer a cena funcionar, não importa de quantas formas tente. As lesões, o cálculo do tempo, a entrada e a saída do assassino. Toda vez que consigo estabelecer uma parte, outra me escorre por entre os dedos. Tem alguma coisa faltando. Eu poderia levar os três para a Central — disse ela quando eles tornaram a sair do elevador. — Poderia pressionar um pouco, tentar jogar um contra o outro.

Talvez eu os dobrasse. Ou talvez desse suporte a quem fez isso, porque algum elemento está faltando e não tenho como usá-lo. Quem cometeu o crime sabe disso. Nesse instante, eles acham que estão imunes às suspeitas, e talvez... talvez o assassino relaxe e cometa um erro. Se eu forçar a barra mesmo sem conseguir enxergar o alvo, haverá mais chances de ele cometer um erro. Você joga como o primeiro personagem da lista de Bart — propôs Eve.

— Tudo bem.

— Quem fez isso poderá fazer de novo.

Ele fez uma pausa e olhou para ela.

— Por quê? Se foi um ato específico contra Bart, por que repetir?

— Porque funcionou da primeira vez. O jogo pode ser uma espécie de vício. É isso que eles fazem; é isso que o assassino faz o dia todo, de um jeito ou de outro. É isso que os alimenta, que os energiza, que lhes dá propósito e prazer. A aposta aumenta, uma vez que você já matou. É um novo nível. Alguns jogadores começam a pular os níveis iniciais, como Bart fez, assim que os superam. Fica meio chato jogar desde o início, certo?

— Fica. Você tem razão.

— É difícil voltar às coisas simples depois de ter se colocado à prova e vencido. Não só com relação ao assassinato, como falamos antes, mas ao desafio. E tem mais: se o assassino for

um deles, supondo que seja só um, eles são próximos, são muito ligados uns aos outros. Todos os dias. Pode haver um pequeno deslize, algo que seja dito ou feito e leve os outros a se questionarem. Seria uma boa desculpa para cometer outro crime. Você está apenas se protegendo.

— O assassinato de outro sócio chamaria a atenção para os dois restantes — assinalou Roarke.

— *Gamers* de verdade curtem o risco e o desafio, certo? Eles gostam da energia que isso traz. Talvez precisem dela.

— Você acredita que o assassino está jogando contra você agora.

— Sim, pelo menos em um nível. E o

ego está dizendo que ele é melhor do que eu.

— O ego está errado — comentou Roarke.

Ela enfiou os polegares nos bolsos da frente enquanto ele inseria a cópia do jogo no console holográfico.

— Como sinto que estou sem rumo, vou tentar usar isso para impulsionar minha confiança.

— Você não está sem rumo. Um dia atrás, eu não teria acreditado que um ou mais dos amigos de Bart poderiam planejar a sua morte. Você, porém, dissecou os fatos e me mostrou o resultado de modo a não haver outra resposta. Na minha opinião, isso coloca você bem à frente no jogo.

— Queria eu estar errada.

— Por minha causa ou por causa de Bart?

— Ambos.

— Não queira nada — disse a ela. — Apenas vença o jogo.

Ele programou o *Missão-1*, fase quatro, e ordenou o ponto em que Bart tinha parado na última vez.

— Vou pegar a espada — disse Eve, e manteve a arma ao seu lado enquanto as paredes escuras do salão estremeceram e a luz do ambiente tremeluziu, exibindo uma clareira na floresta onde os raios dourados do sol fluíam através de árvores altas e frondosas.

Roarke usava uma túnica marrom,

calças ásperas, botas até o joelho. Sua espada estava embainhada ao lado do corpo, e, em suas costas, havia uma aljava cheia de flechas com ponta de prata e um arco dourado.

Ela não sabia exatamente por que o traje combinava com ele, mas notou que ele parecia heroico e perigoso.

Do nada, junto ao fluxo dourado de luz, apareceu uma bela corça branca.

— Qual é a história do jogo? — quis saber ela.

— Este mundo está sob o encantamento de uma feiticeira do mal que aprisionou o rei e sua linda e tempestuosa filha. — Enquanto ele falava, foi se esquivando lentamente, até ficar coberto pela sombra das árvores,

mas não se aproximou da corça.

— Sou o aprendiz do mago que ela matou para lançar seu feitiço maligno. Antes de morrer, ele me explicou que eu deveria completar sete tarefas que provassem minha bravura e coletar sete tesouros. Só então eu estaria pronto para enfrentar a feiticeira e libertar o rei e sua filha.

Ele olhou para trás, onde ela estava, na clareira.

— A corça branca é o símbolo da busca clássica; aqui, ela representa o meu mestre, o mago, e é capaz de me guiar.

— Ok, então. — A corça saltou e começou a correr por entre as árvores. Roarke a seguiu. Ela observou em volta

e viu que a luz do sol desaparecera por trás da escuridão da ameaça de uma tempestade. A chuva que caía era vermelha como fogo e as gotas chispavam como chamas ao atingirem o solo.

Eve notou que os olhos amarelos que espreitavam em meio à chuva se transformaram em estranhas formas negras, que se revelaram em uma alcateia de enormes lobos que o circundaram.

A espada sibilou quando ele a tirou da bainha e zuniu, cortando o ar, balançando e atacando. Ele lutou contra presas e garras, derramou o próprio sangue, mas também tirou sangue de algumas das feras. E, para surpresa de

Eve, lançou chamas com os dedos.

— Que *mag...* — murmurou ela quando os lobos caíram no chão, ainda fumegando.

— Cada fase que você ultrapassa o recompensa com mais poderes mágicos — explicou ele. Uma flecha zuniu sobre sua cabeça. — Malditos! — exclamou ele, mergulhando para se esconder.

Ao fim de quarenta minutos, ele completou aquela fase e já estava bem avançado na seguinte, em que teria de atravessar um abismo para alcançar uma caverna guardada por um dragão.

— Ok, já chega! — decretou Eve.

— Mas eu mal comecei — reclamou ele.

— Você pode matar o dragão da

próxima vez. Já passou há muito tempo do ponto em que Bart estava.

Ele lançou um olhar de lamento na direção da caverna antes de ordenar o fim do jogo.

— Não há luta de espadas aqui — anunciou ela.

— Como você chama aquela luta com os lobos?

— Homem contra bicho. As bolas de fogo foram interessantes. Fogo queima. Ele sofreu queimaduras, mas... Vamos para o segundo jogo. *Usurpador*, certo? Qual é a história?

— Você é o rei justo e bondoso do reino de Juno; no seu caso, rainha. Quando era apenas um bebê, a sua família foi dizimada pelas maquinações

de um tio que desejava usurpar o trono, e conseguiu isso graças à ajuda de seu escudeiro, Lorde Manx. Só você sobreviveu, e cresceu escondida sob a proteção de súditos leais ao antigo rei. Você participou de várias batalhas ao longo de toda a vida e treinou nessa arte. Luta para vingar sua família e reconquistar o trono, tirando-o do homem que ordenou a sua morte e que, durante duas décadas, assolou as suas terras e oprimiu o seu povo. Na fase em que estamos, você já recuperou o castelo, mas o seu tio, como o covarde que é, conseguiu escapar. O castelo está, agora, sob um forte cerco, e o homem que você ama a está defendendo com bravura. Porém, para chegar até ele e

levar seus reforços, você deverá abrir caminho na batalha e, por fim, enfrentar Manx em um duelo.

— Aposto que estamos em desvantagem.

— Naturalmente, mas você já fez o seu discurso do Dia de São Crispim.

— Meu o quê?

— Discutiremos *Henrique V*, a peça de Skakespeare, mais tarde. Você vai gostar. Está pronta?

— Pode apostar.

Ela usava uma armadura de batalha leve e botas resistentes. E — que Deus a ajudasse — estava montada em um cavalo.

— Será que eu não precisaria aprender a cavalgar essa coisa antes

de... montar nela?

Roarke sorriu do seu ponto de observação.

— Você vai aprender cavalgando.

— É fácil falar. Caramba, esse bicho é muito grande! Ok, lá vai a rainha guerreira em busca de vingança!

Havia colinas e vales, florestas e riachos. Ela tentou enxergar as coisas como Bart. Afinal, ele entrava no personagem, imaginou Eve, percebendo que os homens que ela liderava exibiam muitas cicatrizes de batalhas e estavam cansados. Alguns tinham sido feridos recentemente. Mas ela era a heroína, a líder.

Bart gostava de ficar com o papel de herói, gostava de ser o líder. Era o

mocinho, sempre bondoso, lutando por uma causa e procurando respostas.

O caminho era difícil e rochoso. Ela ouviu o rangido da sela sob ela e o som dos cascos do cavalo batendo no solo ressecado; viu as nuvens de uma tempestade que se formava a oeste.

E ouviu os sons da batalha.

O castelo tinha sido gravemente atingido. Muitos homens estavam nas ameias da muralha disparando flechas que piscavam e flamejavam; outros lutavam violentamente com espadas e machados sobre o chão queimado e estéril ao redor.

Era provável que Bart pensasse no seu lar, na sua amante, decidiu Eve. E em sua vingança.

Merda, merda, espero não cair desse bicho, pensou ela.

E atacou.

Ela sacou a espada e apertou os joelhos e as coxas contra os flancos do cavalo, por puro instinto, para se manter sobre a sela. O vento balançava os seus cabelos e lambia o seu rosto; a velocidade e o poder absoluto do movimento acenderam nela um fogo de excitação.

Então parou de pensar e lutou.

Sangrenta e amarga, a batalha se desenrolava, furiosa. Ela *sentiu* sua espada cortar a carne de um inimigo e atingir o seu osso. *Sentiu* o cheiro de sangue e fumaça e *sentiu* o solavanco de um golpe oblíquo que feriu o cavalo e o

fez dançar e girar sob ela.

Foi então que ela o viu, com sua armadura negra manchada de sangue, sobre um enorme cavalo preto, com o castelo — o castelo *dela* — às suas costas. Os sons da batalha pareceram ficar para trás enquanto ela avançava na direção dele.

— Então nos encontramos, afinal — disse ele. — É uma pena que para você esse encontro seja tão curto.

— Sei, legal — respondeu ela. — Vamos!

— É hoje que a minha espada se banhará no seu sangue e no sangue do seu amante.

Eve bocejou.

— Você apressa a morte? Pois então

venha ao encontro dela.

Os programadores, logo notou ela, tinham criado Manx muito grande e muito forte. Bloquear seus golpes enviou dores em ondas de choque que lhe subiram pelo braço até o ombro.

Ombro ferido.

O suor lhe escorria pelas costas, pelo rosto, e seus olhos ardiam. Ela jamais conseguiria vencê-lo naquelas condições, percebeu. Não tinha nem a habilidade e nem a força.

E, quando ele passou por seu bloqueio com facilidade, ela sentiu o solavanco no instante em que a espada dele lhe atingiu.

Braço ferido.

Ele levantou sua espada para abatê-

la, e a luz escura da morte dançou em seus olhos; ela se abaixou, mergulhou para a frente e enterrou sua espada no cavalo dele.

O animal relinchou de dor. Ela ainda conseguiu notar que aquele som era assustadoramente humano antes de ele cair de lado. Enquanto o cavalo caía, ela avançou e acertou um golpe na lateral do corpo do seu oponente. Não foi um golpe mortal, decidiu ela. Hora de pôr um fim nisso.

— Pausar jogo! Salvar e desligar. — ordenou Roarke.

Respirando com dificuldade, ela se virou e olhou para ele, do outro lado do salão holográfico vazio.

— E eu nem tenho a chance de matar

o vilão?

— Você foi além do ponto aonde Bart chegou, por um ou dois minutos. Estratégia interessante, essa de matar o cavalo.

— Funcionou. Eles construíram um vilão muito forte. Ele já estava pronto para... — Ela passou o dedo pela garganta.

— Com certeza. E se tivesse conseguido aplicar o golpe, o jogo acabaria. Então você teria que repetir a fase toda até derrotá-lo, ou não conseguiria passar para a fase seguinte.

— Era este o jogo que ele jogava quando morreu. Tudo se encaixa. Contusões da luta, o ombro e o braço feridos, a derrota com a decapitação.

RCCT: Rei Contra Cavaleiro das Trevas.

— Sim, entendi isso assim que ele apareceu.

— Obviamente, não havia cavalos de verdade e um monte de mortos espalhados pelo chão, mas o assassino reconstruiu o jogo usando uma arma verdadeira. Se ele entrou, se colocou no papel de Cavaleiro das Trevas, só que usou uma arma de verdade. Deu os passos certos, usou o ângulo certo.

— Concordo, mas isso não explica como ele entrou e como conseguiu apagar da memória do console uma luta entre dois homens sem deixar uma única sombra ou eco em nenhum lugar do sistema.

Dane-se a lógica, pensou ela. Às vezes, os fatos não eram lógicos.

— Mas ele descobriu isso porque o Cavaleiro das Trevas *matou* o rei. Bart jogou exatamente esse cenário antes; é por isso que ele está neste disco. Só que ele não enfiou a espada no cavalo e perdeu. Ele estaria mais preparado dessa vez, poderia ter evitado a derrota, ou, pelo menos, a derrota do jeito que foi, só que...

— Quando a espada do seu oponente o feriu de verdade e ele notou que a dor, o choque e o sangue eram reais, ficou atordoado demais para reagir.

— E o jogo terminou de verdade, assim como acontecera antes. Na minha cabeça, isso funciona. Preciso conseguir

alguns mandados de busca e apreensão. Segundo os depoimentos dos sócios, somente eles conheciam todos os detalhes do jogo; apenas eles já tinham participado do jogo. Aqueles três conheciam o programa, esta fase e os resultados do jogo anterior, então são os únicos que poderiam ter usado essas informações para matá-lo.

— Embora eu odeie saber que você está certa, não vejo como poderia ter sido de outro jeito ou com outra pessoa. Pessoalmente, me sinto muito irritado por ter cometido um erro de julgamento tão grande. Jamais acreditaria que algum deles fosse capaz disso.

— Nem Bart, e ele os conhecia muito melhor que você. As pessoas podem

esconder e acumular todo tipo de sentimentos desagradáveis que ninguém mais enxerga. Você salvou a partida, não salvou?

— Claro. — Ele sorriu. — Você foi realmente magnífica. Vamos ter que sair para cavalgar na vida real qualquer dia desses.

— Acho que não. — Mas ela se lembrou daquela sensação de velocidade e poder. — Tudo bem, talvez. De qualquer forma, quero ver tudo e fazer uma análise. Ele também teria salvado a partida para poder estudar os detalhes e ver seus erros.

— Com certeza!

— Só que o disco que ele usou no dia em que morreu ficou tostado.

— Estamos recuperando parte do que se perdeu. Temos muito pouco até o momento.

Ela assentiu enquanto chamava o elevador.

— Talvez o disco destruído fosse o disco *dele*, aquele no qual salvava suas partidas, seus avanços. Ou, talvez, já que o disco não teve a saída registrada, o assassino o tenha dado a ele. Tipo, *ei, Bart, fiz alguns ajustes*, ou sei lá as palavras que os *geeks* usam. *Você precisa experimentar.*

— Se foi assim, deve existir outra cópia, a cópia de Bart. A qual, se o assassino for esperto, terá sido destruída.

— Talvez. Mas as pessoas guardam

para si as coisas mais estranhas.

Naquela noite, ela sonhou com sangue e batalha, castelos e reis. Estava em pé, agora como observadora, com os pés firmemente plantados no chão, enquanto o vento soprava e o odor da morte se espalhava ao seu redor. Homens, com suas feridas letais, gemiam e imploravam ao passo que se espalhavam pelo chão.

Todos os que viravam os rostos para Eve ela já conhecia. Eram as suas vítimas... Tantas vítimas, tantos mortos que viviam dentro de sua cabeça e cujos assassinatos ela tinha estudado, avaliado e reconstruído para encontrar aqueles que lhes tiraram a vida.

Alguns dos que lutavam, os que golpeavam os oponentes com espadas e machados, ela também conhecia. Ela tinha ajudado a colocá-los na cadeia. Só que aqui, no sonho, eles encontravam a liberdade. No sonho, nos jogos da mente, eles podiam matar e matariam de novo.

Era apenas um sonho, lembrou a si mesma. E se, de repente, Eve estremeceu ao ver o rosto do seu pai, isso não importava, pois os olhos dela fitaram longamente o olhar de maníaco dele com frieza total.

Era apenas um sonho.

Ela assistiu com pena e resignação quando Bart lutou uma batalha que jamais ganharia. Espadas e magia, jogos

e sonhos. Vida e morte.

Ela assistiu ao seu fim. Estudou e avaliou tudo no instante em que a cabeça dele, com os olhos ainda arregalados, caiu e rolou até os pés dela.

O Cavaleiro das Trevas girou o cavalo e sorriu para ela com ar feroz. Quando ele atacou, ela apalpou o quadril para pegar a sua arma, mas tudo que encontrou foi uma pequena faca, que já estava manchada pelo sangue de seu pai.

Era apenas um sonho, disse a si mesma, mas sentiu um medo avassalador quando ele se aproximou para matá-la.

Capítulo Quatorze

Ela se balançou um pouco, forçando-se a sair do sonho. Por um instante, entre duas batidas do coração, jurou ter sentido a ponta afiada lhe rasgar a garganta.

Abalada, estendeu a mão, como se esperasse sentir o calor úmido do próprio sangue.

— Calma... Está tudo bem.

Os braços de Roarke estavam ali, puxando-a para junto dele, fechando-se em torno dela como um escudo. Apesar de seu coração continuar disparado, eles se tocaram e ela se aconchegou nele.

— Foi só um sonho — voltou ele. — Esta é a nossa casa e eu continuo aqui, ao seu lado.

— Estou bem. — Nada de sangue. Nada de morte. — Não foi um pesadelo. Ou não exatamente. Eu sabia que era um sonho, mas foi muito realista. — Ela respirou fundo uma vez, depois outra. Lentamente, se recompôs. Devagar e sem medo. — Foi como nos jogos. Você perde a noção do que é real e do que não é.

Ele ergueu de leve o rosto dela, colocando a mão em seu queixo. No brilho da lua e das estrelas, através da claraboia que havia sobre a cama, encontrou seus olhos.

— *Nós* somos reais. — E tocou seus

lábios nos dela, como se quisesse provar o que tinha dito. — Com o que você sonhou?

— Com o campo de batalha do último jogo. — O último jogo de Bart, pensou ela, mas não o dela. — Eu não estava jogando; fiquei apenas assistindo. Observando os detalhes. — Ela suspirou uma vez e passou as mãos pelo rosto. — Se você não assiste, se não vê, você não sabe. Mas tudo isso me assustou, como costuma acontecer nos sonhos.

— De que modo?

— Os mortos, os moribundos, o rosto deles. Todas aquelas pessoas que só conheço depois que já morreram.

Nos olhos muito azuis de Roarke, à luz das estrelas, havia compreensão.

— As suas vítimas.

— Exato. — A fígada que sentiu no coração foi de pena, além do peso da resignação. — Não consigo ajudá-los, não posso salvá-los. E seus assassinos estão lá fora, soltos, matando mais. É um massacre. — E a ferida que borbilhava em fogo brando se transformou na raiva que quase explodiu em sua voz. — Nós os prendemos, mas só isso não impede que o massacre continue. Nós sabemos disso. Todos sabemos disso. Há sempre novos assassinos. Ele estava lá. Você já deve ter percebido que ele estava lá.

— Seu pai?

— Sim, mas ele é apenas um dos muitos assassinos agora.

Mesmo assim, ela tremeu de leve, e

ele lhe esfregou os braços para aquecê-los.

— Não estou envolvida. Não estou jogando. Não sou um deles. Não sou um dos mortos, nem um dos moribundos. Não sou um dos assassinos. Sou apenas uma observadora.

— É assim que você os detém — disse ele baixinho. — É assim que você salva aqueles que consegue.

E parte do peso diminuiu.

— Acho que sim. Eu vi Bart lutar. Sabia o que iria acontecer, mas tive de assistir porque talvez tivesse perdido algum detalhe. Eu poderia descobrir algo novo. Só que aconteceu exatamente como imagino. Então o Cavaleiro das Trevas, seu assassino, se virou para

mim. Olhou para mim. Era só um sonho, mas apalpei minha arma porque ele vinha na minha direção. Pude sentir o chão tremer e o vento soprar. Mas tudo que eu tinha contra aquela maldita espada era a pequena faca que usei, tantos anos atrás, naquele quarto horrível em Dallas.

Ela olhou para a mão, agora vazia.

— Isso era tudo que eu tinha, mas não seria o suficiente... não dessa vez. A espada desceu sobre mim, e eu também senti o movimento dela. Apenas por um segundo, antes de acordar.

Ela soltou um longo suspiro.

— Às vezes, eles me dominam.

— Sim. Eu sei.

— Assassinos e vítimas. Eles entram

na cabeça e nunca mais vão embora. — Ela segurou o rosto dele ao dizer isso. — Eles também vão entrar na sua mente porque você não pode se afastar, não consegue simplesmente me observar fazendo o meu trabalho. Você não consegue apenas ficar olhando, como eu também não. Estou no jogo, sou sempre um dos jogadores. Agora, você também é.

— E acha que me arrependo disso?

— Um dia, quem sabe. Não vou culpá-lo.

— Percebi que você era policial no instante em que pus os olhos em você. E soube, sem entender exatamente por que ou como, que você mudaria tudo. Nunca vou me arrepender daquele momento,

nem de qualquer outro que se seguiu. — Ele deu um aperto de leve nos ombros dela, um gesto tão reconfortante quanto um beijo. — Você precisa entender que não está mais sozinha nesse campo de batalha. E, desde aquele instante, aquele primeiro momento, eu também não estou.

— Eu costumava pensar que estava melhor sozinha, que precisava ficar sozinha. E talvez realmente precisasse. Não é mais assim.

Ela pousou os lábios em uma das bochechas dele e, depois, na outra.

— Nunca mais foi assim.

Em seguida, colocou os lábios quentes e macios sobre os dele.

O que eles traziam um para o outro deixava de fora todo o resto. Um toque,

um sabor, uma promessa renovada.

Ele a envolveu, aninhou-a junto dele e se aproximou mais. Ele sabia, ela pensou, simplesmente sabia que ela precisava ser acalentada, precisava sentir os braços dele ao seu redor. As mãos que lhe aqueciam a pele eram gentis, tão gentis, após o sangue e a brutalidade do sonho. E aqueles lábios, aqueles beijos lentos e suaves, lhe ofereceram paz e consolo... e amor.

O momento da paixão iria surgir, ela sabia. Aquilo era um fogo baixo sempre aceso entre eles. Porém, por enquanto, ele deu o que ela precisava e o que sempre encontrava nele: um pouco de conforto.

Será que ela sabia? Será que

conseguiria entender o que significava, para ele, o momento em que ela se abria por completo daquela maneira? Em confiança absoluta?

A força e a bravura dela continuavam a ser uma maravilha constante para ele, bem como a sua determinação implacável em defender aqueles que já não podiam mais fazê-lo por si sós. Os momentos em que ela permitia que suas vulnerabilidades, suas dúvidas e seus medos viessem à tona exigiam dele cuidado redobrado. Nesses momentos, ele podia mostrar que ela não era apenas a guerreira que ele amava, que ele adorava, mas a mulher, em sua totalidade. A escuridão e a luz.

Suavemente, muito suavemente, como

se cuidasse de feridas, ele acariciou a sua pele e desfez os nós dos seus músculos, tão retesados pelo dia pesado e pelo sonho. E, quando ela suspirou, ele colocou os lábios sobre o coração dela.

Que bateu por ele.

Sob a luz azul do luar, ela se movimentou na direção dele, levantando-se de leve para dar mais um suspiro antes de ceder. Antes de se entregar.

Os dedos dela deslizaram pelo cabelo dele, desceram pelas costas e tornaram a subir novamente. Em um ritmo leve, mesmo quando a respiração dela acelerou e o seu suspiro se aprofundou... até se transformar em um gemido.

Perdido naquele instante, naquele prazer silencioso, ela o puxou para perto com mais força. Corpo contra corpo, lábios contra lábios, e se viu excitada com o peso dele, com as formas dele. Ela aspirou o perfume dele como se estivesse sem fôlego e se abriu para recebê-lo.

De forma suave, lenta e doce, eles se movimentaram juntos. Enquanto as sensações pareciam cintilar pelo corpo dela, como se tivessem luz própria, ela emoldurou o rosto dele no escuro com as mãos.

Nem toda magia era produto de fantasia, pensou ela. Havia magia ali, e ela sentiu uma espécie de brilho no seu corpo, na sua mente e no seu coração.

— Eu te amo, Roarke. Eu te amo.

Aquilo era magia, pensou ela, observando quando o coração dele lhe transbordou pelos olhos.

— *A ghrá*. Meu amor.

E, com essas palavras, ele a levou ao céu.

De manhã, Eve bebeu metade da primeira xícara de café com a concentração de uma mulher voltada unicamente para a própria sobrevivência. Em seguida, suspirou quase com o mesmo prazer suave que sentira na noite anterior, sob o toque habilidoso de Roarke.

Sem dúvida, admitiu ela, deixando o café de lado apenas o suficiente para se

enfiar debaixo do chuveiro: tinha ficado mimada demais.

Já não sabia como tinha conseguido se levantar da cama para enfrentar os dias antes de Roarke, e antes daquele café real: preto, forte e saboroso. Ou como tinha conseguido morar naquele antigo apartamento minúsculo, com alguns pingos esparsos de água que saíam do chuveiro — uma imitação patética de ducha —, antes de descobrir a maravilha dos jatos múltiplos e quentes que pareciam esmurrá-la até ela acordar por completo.

Coisas boas, pequenas coisas na verdade, sem as quais ela tinha passado toda a vida — como o redemoinho de ar quente e perfumado que saía do tubo de

secar o corpo. Ela se acostumara com aquelas coisas boas, aquelas pequenas coisas, percebeu. E de tal modo que raramente pensava nelas.

Ela saiu do tubo de secar e viu o robe pendurado na porta. Curto, macio, em um tom forte de vermelho — e, provavelmente, novo. Ela não podia ter certeza absoluta, já que seu marido tinha o hábito de lhe comprar coisas bonitas, coisas boas, pequenas coisas, sem contar a ela.

Eve o vestiu, pegou o café e voltou para o quarto.

Aquela era uma típica manhã em sua casa, refletiu. Roarke tomava seu próprio café no sofá confortável da saleta de estar à medida que acariciava

Galahad, que parecia estar em coma enquanto o dono examinava os índices das ações nas Bolsa de Valores de todo o mundo. Já estava completamente vestido, observou ela, e, provavelmente, já tinha comandado ao menos uma teleconferência ou reunião holográfica antes mesmo de ela abrir os olhos.

Ele iria obrigá-la a tomar um café da manhã completo, a não ser que ela mesma o fizesse — e, muito provavelmente, a avisaria caso o casaco que ela tinha escolhido não combinasse com a calça que ia vestir.

Coisas boas, pensou ela mais uma vez. Pequenas coisas.

Eram as coisas *deles*.

Apesar de já ter se acostumado

àquela rotina, às vezes, decidiu, era preciso dar uma sacudida no cotidiano.

— O que está a fim de comer? — perguntou a ele.

— Como assim? — Ele ergueu os olhos, subitamente transferindo sua atenção da tela para Eve.

— O que você quer para o café da manhã?

Ele inclinou a cabeça e ergueu as sobrancelhas.

— Viu minha esposa por aí? Ela estava aqui agorinha mesmo.

— Só por causa disso, vai comer o que eu quiser.

— Isso soa mais como a reação da mulher que conhecemos e amamos — disse ele ao gato. — De qualquer

modo... — Ele se levantou e foi até ela. Girou o corpo dela e a inclinou para trás depois de um beijo ardente e mais adequado a uma madrugada ardente do que a uma radiante manhã de verão.

— Ora, ora, é você mesma, afinal. Conheço essa boca.

— Continue assim, bonitão, e a minha boca é tudo que você vai saborear.

— Eu conseguiria viver com isso.

Ela lhe deu uma cutucada e o empurrou para trás

— Não tenho tempo para lutar com você. Tenho mandados de busca para solicitar, suspeitos para interrogar, assassinos para prender.

Ela programou waffles com frutas vermelhas para acompanhar o café.

Imaginou que Roarke já tinha alimentado o gato; mesmo assim, programou uma tigela rasa de leite. Galahad saltou sobre o recipiente como se fosse um puma.

— Isso vai mantê-lo bem longe do nosso pé — explicou ela enquanto se sentava.

— Isso não é agradável? Nossa pequena família tomando café da manhã, todos juntos. — Ele pegou uma amora polpuda do seu próprio prato e a colocou na boca dela. — Você parece descansada. Não teve mais pesadelos?

— Não. Alguma coisa os manteve longe de mim. — Ela pegou uma framboesa e a colocou na boca dele. — Mas eu estava pensando a respeito disso... Os sonhos são a baderna do

subconsciente.

— Esse é um jargão pouco conhecido da psicologia.

— Que seja. Mas eu consigo destrinchar a maior parte dos significados; não é tão profundo assim. Acontece que tenho um suspeito principal em mente... Então por que será que foi um personagem de fantasia que matou Bart no sonho? Talvez meu subconsciente estivesse simplesmente apenas seguindo o jogo, ou talvez esteja me avisando que estou errada.

— Você pode perguntar isso a Mira.

— Talvez. Se houver chance. Quando os mandados chegarem, as buscas vão levar algum tempo. Vasculhar três lugares diferentes significa tempo e

pessoal extra.

— Mira pode reforçar seu pedido quanto à necessidade desses mandados.

— Sim, pretendo mantê-la na reserva por enquanto. O assassino conhecia a rotina de Bart, isso é parte do todo. Estava familiarizado com a rotina dele dentro de casa, e isso requer certa intimidade. Assim como nós — explicou ela, balançando um dedo entre eles dois.

— Assim como eu sabia que você estaria aqui, sentado, quando eu saísse do chuveiro. Bebendo café, acariciando o gato, conferindo o valor das ações e vendo o noticiário matinal. É o que você sempre faz. Às vezes, você sai da rotina, caso seja necessário, mas é mais provável que as coisas ocorram como

de costume.

— Hummm... — Roarke cortou um pedaço do waffle com o garfo. — E o assassino apostou nessas probabilidades.

— Elas eram boas. Do mesmo modo, acho que a pessoa que o matou fez isso para assumir o papel de liderança na U-Play. A morte de Bart deixa um vazio, e parte do benefício dessa morte seria preenché-lo.

— Agora, está se afastando daquela ideia de haver mais de uma pessoa envolvida?

— Ainda é uma boa possibilidade. Mas matar um amigo, um sócio, é uma traição absoluta da confiança.

Ele fez que sim com a cabeça.

— E qualquer um que seja capaz desse tipo de traição não confiaria com facilidade em outra pessoa.

Ela balançou o garfo no ar.

— Você resumiu bem. Essas pessoas vivem criando situações, planejando todas as etapas. Faça essa escolha, obtenha esse resultado, e isso o levará à próxima fase. Acho que o assassino teria calculado os prós e os contras de aliar-se a alguém nesse plano.

— Se o outro fraquejar, cometer um erro ou fizer ameaças, trará um novo problema. Será mais difícil matar outro sócio — comentou Roarke —, porque isso atrairia as suas suspeitas para os dois restantes. No entanto... — Roarke também a conhecia muito bem. A sua

rotina, a sua linha de pensamento. — Você está preocupada que isso possa acontecer.

— Depende do que o assassino poderá ganhar ou perder, e quanto de ego e de satisfação foram alimentados pela primeira morte. Quando alguém acredita que é mais inteligente, mais talentoso e, simplesmente, mais *correto* do que qualquer um, e abriga dentro de si esse tipo de necessidade, essa pessoa se torna muito, mas *muito* perigosa.

Eve tentou alcançar Cher Reo logo que chegou. A promotora era mais uma de suas amigas e também era, supôs Eve, em um sentido mais amplo, uma espécie de parceira. *Eu os derrubo*, pensou

enquanto forçava passagem através do tráfego matinal, *você os põe atrás das grades.*

Assim que entrou em contato com o gabinete de Reo, descobriu que a promotora já estava na Central de Polícia, supervisionando o caso que Reineke investigava.

Até que não demorou muito, refletiu, enquanto cortava para oeste, tentando se afastar da Broadway e da multidão que sempre, inevitavelmente, se aglomerava por lá.

A pizza devia ter entregado a chave de grifo, concluiu. Ou vice-versa. Um deles aceitaria um acordo e o outro levaria toda a culpa.

E isso deveria ser o suficiente.

Ela deixou uma mensagem de voz no *tele-link* de Reo, solicitando um encontro assim que ela terminasse de fechar o acordo, mas se surpreendeu ao vê-la à sua espera — já com um café na mão, sentada na cadeira de visitas de sua sala.

— Pensei que você fosse demorar mais — comentou Eve.

— A equipe já estava em ação desde as duas da manhã, quando seus meninos decidiram que o casal feliz já tinha tido tempo suficiente para se aconchegar. — Reo se espreguiçou e flexionou os músculos dos ombros. — Ela entrou no apartamento dele por volta das oito. As luzes se apagaram perto da meia-noite. Eles documentaram tudo.

Ela bocejou e passou os dedos pelo cabelo macio e louro para ajeitá-lo.

— Eles pisaram na bola. Nem se deram ao trabalho de fechar a tela de privacidade. Seus rapazes assistiram a um pequeno show antes e depois que as luzes se apagaram.

— Aposto que a esposa entregou o amante.

— Entregou de mão beijada. Pelo visto, ela tentou aqueles truques de sempre antes disso. Estava apenas em busca de conforto após a perda tão brusca. — Reo arregalou os olhos e pestanejou depressa: — *Meu Deus, ele matou o meu marido?*; choque, desânimo, lágrimas. O pacote completo. — Ela encolheu os ombros. —

Conseguiram confissões bastante detalhadas de ambos, e economizei o dinheiro dos contribuintes. Ela vai pegar dez anos e ele, o dobro.

Reo ergueu um dedo antes de Eve ter chance de falar.

— Sim, nós provavelmente poderíamos conseguir prisão perpétua para os dois em um júri popular, mas isso encerra o caso. Não é uma maneira ruim de terminar algo que começou no meio da noite passada.

Eve podia ter argumentado, só para constar, mas quis garantir a boa vontade de Reo.

— Preciso de três mandados de busca.

— Para quê?

Eve pegou seu próprio café, sentou-se e explicou tudo.

Franzindo a testa, Reo bateu com o dedo na lateral da caneca.

— Nenhuma evidência física relacionada a nenhum deles?

— É por isso que preciso dos mandados. Para encontrar alguma evidência.

— Então você não sabe o que está procurando.

— Mas vou saber quando encontrar. Está tudo aí, Reo. Motivos, meios, oportunidades, habilidades em eletrônica e um conhecimento íntimo da casa, dos hábitos e do sistema de segurança da vítima. Segundo os depoimentos dos próprios suspeitos,

somente eles três sabiam de todos os detalhes do jogo.

— Mas todos têm álibis.

Eve balançou a cabeça para os lados, descartando isto.

— Os álibis são fracos. Tão fracos que estão quase se desfazendo. Você não viu o lugar; eu vi. É como uma colmeia, com abelhas zumbindo por toda parte. Fica a uma caminhada de cinco minutos da cena do crime. Qualquer um deles poderia ter sumido durante uma hora sem que ninguém desse pela falta. E, se alguém percebesse, o assassino teria outro álibi já pronto. É assim que eles pensam: causa e efeito, ação e reação. O perfil que Mira traçou nos trouxe novos elementos. A vítima conhecia o

assassino.

Reo estufou as bochechas.

— Posso conseguir os mandados. Você diz que eles têm cooperado até agora?

— Ah, sim.

— Pode ameaçá-los com uma vistoria simples e ver como cada um reage.

— Isso dará tempo suficiente para o assassino se livrar de qualquer coisa que possa ser incriminatória.

— Tudo bem, eu consigo os mandados — reafirmou ela. — E espero que você encontre alguma coisa. — Ela se levantou. — Você sabe como essa cadeira é desconfortável?

— Sei, sim.

Reo riu e esfregou os olhos azuis

cansados.

— Mesmo com o desconforto, se você tivesse demorado mais dez minutos, eu teria caído no sono. Preciso muito de um cochilo. Vejo você logo mais à noite? Na festa de Nadine?

— Estarei lá.

— Vou ter de caprichar na maquiagem para parecer vagamente humana. Vou conseguir seus mandados — prometeu, mais uma vez, ao sair.

— Obrigada.

Um problema a menos, pensou Eve, e saiu para tirar Peabody de sua mesa na sala de ocorrências.

— Vamos conversar de novo com CeeCee, a namorada.

Quando elas se direcionavam a uma

das passarelas aéreas do andar, Eve viu Reineke diante de uma das máquinas de venda automática e o elogiou.

— Bom trabalho, detetive.

— Obrigado, tenente. Jenkinson os levou para serem fichados. — Ele tirou do recipiente da máquina um pacote de biscoitos dinamarqueses que parecia em péssimo estado. — Quer saber? No fim das contas, eram dois idiotas. Ele ainda estava com o *tele-link* clonado, aquele usado antes de sair para espancar e matar a vítima. E a caixa da pizza ainda estava dentro da recicladora. Quanto à esposa? Comprou roupas íntimas on-line poucas horas depois de ter sido notificada sobre a morte do marido. Só por esse monte de burrices, eles já

mereciam receber mais do que o tempo que pegaram de prisão.

— Aposto que não vão sair da cadeia mais espertos. Bom trabalho — disse ela novamente. — E não quero ser informada de que você e Jenkinson compartilharam o vídeo da tocaia com o pessoal da sala de ocorrências.

— É uma pena, porque eles podem ser burros, mas têm corpos muito flexíveis.

Eve esperou chegar à passarela para rir.

— Estamos com suspeitas sobre a namorada? CeeCee? — quis saber Peabody.

— Não. Foi um dos sócios, mas ela pode saber mais do que imagina. E já

teve algum tempo para se acalmar. Quero trabalhar sua memória e recolher algumas impressões.

Elas encontraram CeeCee em casa, um pequeno apartamento que ela dividia com um trio de peixes dourados que nadavam em um aquário arredondado.

Eve se perguntou sobre o motivo de algumas pessoas terem peixes de estimação. Será que curtiam vê-los circular e circular sem parar, olhando para fora com aqueles olhos estranhos? Qual era a graça?

— Tirei uma folga do trabalho. — CeeCee se sentou em uma poltrona de espaldar alto. Prendera o cabelo e não se dera ao trabalho de se maquiar. Parecia pálida e cansada. — Não

consigo voltar ao trabalho por enquanto. Se voltar, vai ser como se Bart não importasse o suficiente para eu ficar em casa. E ele importava.

— Você ligou para o terapeuta de luto?

— Não. Acho que... acho que ainda não estou pronta para me sentir melhor. Isso parece idiotice.

— Não, nada disso — garantiu Peabody.

— Não sei se teríamos durado. Quero dizer, as coisas estavam indo bem, acho que talvez... mas não tenho certeza e fico pensando nisso. Será que iríamos morar juntos um dia? Ou, quem sabe, nos casar? Eu não sei.

— Vocês já tinham conversado

alguma vez a respeito? — Eve quis saber. — Sobre morar juntos?

CeeCee conseguiu abrir um pequeno sorriso.

— Nós meio que ensaiamos um papo sobre o assunto. Acho que nenhum dos dois estava pronto para isso. Se tivéssemos ficado juntos por mais alguns meses, talvez tivéssemos conversado sobre isso mais a sério. Não tínhamos pressa, entende? Pensávamos que teríamos muito tempo.

— E cada um de vocês tinha seus próprios interesses — incentivou Eve — Suas rotinas pessoais e seus próprios amigos.

— Isso é verdade. Tive um namorado, uma vez, que não desgrudava

de mim. Achava que, se não ficássemos juntos vinte e quatro horas por dia, sete dias por semana, seria sinal de que eu não me importava o suficiente. Não foi assim com Bart. Fazíamos muitas coisas juntos; ele gostava dos meus amigos e eu gostava dos dele. Mas não precisávamos ficar grudados o tempo todo.

— Você se dava bem com os sócios dele, seus amigos mais próximos?

— Claro. Eles são ótimos. Ainda bem! — acrescentou com um sorriso que aqueceu seus olhos cansados. — Acho que eu não conseguiria namorar Bart se não gostasse dos amigos dele ou se eles, por algum motivo, não gostassem de mim.

— Ah, é?

— Sim, porque eles são como uma família. Algumas pessoas têm problemas com a família do namorado. Minha irmã que o diga! Poderia contar a vocês coisas muito complicadas sobre ela. — CeeCee revirou os olhos, e Eve começou a ver, através da dor, um pouco do charme e da energia que deviam ter atraído Bart. — Mas acho que... não sei, quando você *escolhe* a sua família, a coisa é diferente. Você pode discordar ou brigar de vez em quando, mas sempre estará ao lado da outra pessoa. Acho que é isso que acontece entre mim e a minha irmã, mesmo quando estou com raiva dela.

— Seria natural que Bart se zangasse com seus sócios às vezes.

— Pode ser, mas nunca aconteceu. Ele apenas balançava a cabeça e dizia: *Puxa, onde é que Cill estava com a cabeça?; Para que Benny está fazendo isso?; Var está completamente enganado a respeito desse lance.*

— Ele conversava com você a respeito deles?

— Claro. Eu era uma espécie de válvula de escape para ele nos dias em que enfrentavam problemas. Sei que todos andavam trabalhando demais em um novo projeto. Faziam muitas horas extras e realizavam um monte de testes. Talvez brigassem um pouco a respeito de algum detalhe, como costuma acontecer com coisas importantes, ainda mais quando todo mundo está tão

cansado.

— Houve alguma coisa específica? Cada detalhe é importante — acrescentou Eve quando CeeCee mordeu o lábio. — Uma coisa pode levar a outra e nos oferecer uma visão melhor.

— Ahn... bem. Sei que Bart ficou zangado com Cill algumas semanas atrás. Nada de importante, mas ele ficou chateado por ela ter ultrapassado o teto do orçamento em uma campanha de marketing. E ela ficou zangada porque tinha trabalhado muito naquilo e achou que valia a pena o gasto extra. Bart discordou. Ela sempre fica mais brava do que ele.

Ela suspirou e relatou o resto.

— Ele me contou que eles gritaram

um com o outro, mas ele não grita... quero dizer, não gritava. Então eu diria que ela gritou pelos dois. Mas acabaram fazendo as pazes, como sempre. Ele comprou flores para ela. Bart gostava de dar flores. Ele e Var também se desentenderam sobre os rumos desse novo jogo. Foi algo técnico; Bart não me explicou exatamente o quê. Apenas comentou que eles estavam se afastando da proposta da missão da empresa, e que nem tudo deveria atingir todo o potencial. Isso é uma coisa estranha de se dizer, não acha?

— Acho, sim. O que você imagina que ele quis dizer?

— Não sei. Ele só me disse que a U-Play era uma empresa feita para divertir,

apenas isso. Era um pouco teimoso. Não sempre, mas quando empacava com uma ideia, era... era meio fofo.

— E quanto a Bart e Benny? Havia alguma tensão?

— Não, eles se conheciam há muito tempo. Provocavam muito um ao outro; aquele tipo de zoação que homens fazem entre si. Por exemplo, eu estava lá na semana passada, porque íamos ao cinema depois do trabalho. Ele e Benny estavam testando um dos videogames, lutavam um contra o outro, e Bart acabou matando o personagem de Benny. Depois, Bart zoou Benny um tempão por causa disso. Eles fazem isso o tempo todo, mas acho que todo aquele trabalho extra ao qual estavam se

dedicando começou a pesar, porque Benny ficou enfurecido. Dava para perceber. Benny disse que ele e Bart deviam partir para uma briga daquelas na vida real qualquer dia desses e foi embora bufando. Bart simplesmente riu. Eu disse a ele, quando saímos, que ele tinha ferido os sentimentos de Benny.

Ela encolheu os ombros.

— Foi só coisa de homem. Uma bobeira.

— Ela é uma garota legal — comentou Peabody quando voltaram para o carro.

— Sei que é inútil especular, mas acho que os dois iam durar. O histórico de Bart indica que ele é desse tipo.

— Sim. E ele parece até um pouco

mais normal agora. Ficava irritado com os amigos, tinha algumas discussões com eles.

— Mas nada que pareça levar a assassinato.

— Não para ele. Não podemos ter certeza sobre os amigos. Cill: ele questionou sua autoridade e criatividade; Var: ele pôs fim às suas ideias de mudanças; Benny: ele feriu seu ego e zombou de suas habilidades. Isso nos diz que ele agia de forma normal, mas dois dos sócios queriam algo e ele não, e foram derrotados; e o terceiro foi ridicularizado na frente dos outros. É improvável que qualquer um desses desentendimentos tenha sido o primeiro do tipo, e, muito possivelmente,

qualquer um desses incidentes foi, para um dos três, a gota d'água.

— Você e eu discutimos o tempo todo. Todo mundo sabe que você me corta e me esculhamba. Mesmo assim, não planejo o seu assassinato. Pelo menos não por enquanto.

— Mas aposto que você já se imaginou me esculhambando.

Peabody lançou o olhar para o teto do veículo.

— Imaginar não é contra a lei, nem contra qualquer regulamentação departamental.

— Essa é a questão. É preciso um incidente forte para fazer alguém transformar a imaginação em realidade.

— Ela tamborilou os dedos no volante,

pensando nisso enquanto dirigia. — Todos eles se encaixam no perfil do assassino, na minha opinião. E transformar a imaginação em algo o mais próximo possível da realidade é o que eles tentam fazer todos os dias. Então basta mais um passo e tudo se torna absolutamente real.

Ela olhou para o *tele-link* do painel e sorriu para o texto que leu na tela.

— Reo conseguiu. Convoque três equipes para trabalhar simultaneamente — ordenou a Peabody.

— Eu?

— Tem mais alguém aqui?

— Não, mas...

— Um detetive eletrônico em cada equipe. Vamos circular. Quero todas as

armas confiscadas, até as réplicas. Quero todos os discos, todos os computadores e todos os comunicadores catalogados no local — Ela correu a lista rapidamente enquanto Peabody se esforçava no tablet para designar as tarefas atribuídas. — Se existir alguma dúvida sobre qualquer um deles, quero a figura na carceragem. Quero todas as pias, banheiras, chuveiros e ralos investigados em busca de sangue. E quero que todos os andróides, em qualquer uma das residências, também sejam avaliados.

— Certo. — Peabody engoliu em seco e assentiu com a cabeça. — Entendi tudo.

— Beleza. Agora, faça acontecer.

Você e eu estamos indo para a U-Play para notificar os sócios. Diga ao oficial de maior patente de cada equipe para pegar o mandado ligado ao seu local.

— Entendido. Dallas, você realmente acha que, se um dos sócios tivesse matado Bart, deixaria alguma evidência em sua própria casa?

Ela pensou em uma simples caixa de pizza.

— Isso acontece.

Capítulo Quinze

Enquanto Peabody convocava as equipes via *tele-link*, Eve ligou para o comandante com uma atualização.

— Você suspeita que os três sócios agiram juntos?

— Não, senhor. Não creio que eles tenham planejado isso nem que todos os três tenham se voltado contra a vítima a ponto de assassiná-la. Porém, é possível que dois deles tenham conspirado para isso; o perfil de Mira também indica uma forte probabilidade de haver dois assassinos. Só que...

Como explicar?

“Isso não se encaixa... dois deles em uma conspiração desse tipo. Seria muito desequilibrado. Se metade do grupo ia mal, como seria possível a outra metade não perceber? Acredito que todos estivessem sofrendo muita pressão para concluir o projeto, e isso pode ter causado algum atrito no grupo. Mas arquitetar um assassinato como esse leva tempo e planejamento, vai além do atrito entre amigos e sócios. Algo pode ter sido o gatilho ou o catalisador do crime, mas o motivo principal sempre esteve oculto.”

— Qual deles o matou?

Ela hesitou.

— Saberei responder com mais propriedade depois de vermos o que os

mandados nos trarão. Vasculhar o espaço pessoal dos suspeitos também vai aumentar a pressão. Quero analisar as reações de todos.

— Você vai aumentar o fogo para ver quem pula da panela?

— Algo assim, senhor.

Quando completou sua atualização, Eve se virou para Peabody, que a observava com os olhos semicerrados indicando frieza.

— O que foi?

— Você sabe.

— Sei muitas coisas.

— Você sabe qual deles o matou.

Eve sacudiu a cabeça.

— Tenho um palpite.

— Qual?

— Diga-me você.

— Isso não é justo. — O olhar frio se transformou em beicinho. — Somos parceiras. Você deveria me contar.

— Você é detetive. Deveria descobrir.

— Certo, tudo bem. Ok, entendo que se metade do grupo tivesse problemas, haveria desequilíbrio. Como dois deles poderiam tramar contra um velho amigo? Mas acho que teriam de ser dois, não só pelo perfil de Mira, que me convenceu, mas porque seria mais sólido em termos logísticos. Um para sair e fazer o trabalho, outro para segurar as pontas e dar cobertura.

— Você está certa. Seria mais sólido.

— E, ainda assim, você acha que

apenas um deles é culpado?

— Acho. Eles são um círculo fechado... um quadrado, que seja. Um grupo muito unido e coeso. Um deles se desvia. Esse indivíduo conseguiria disfarçar seu ressentimento, inveja, ódio, ambição... seja lá o que serviu como força-motriz ou desculpa. Mau humor, excesso de trabalho, distração. Agora, para formar uma dupla, isso significa que o primeiro, o cabeça de tudo isso, teria de arrumar um parceiro para o crime e confiar nele.

Isso traria desequilíbrio, tornou a refletir ela. Muito peso — ou ódio — em um dos lados do todo.

“Agora, você tem duas pessoas tentando esconder sua intenção assassina

— continuou Eve, e, em geral, as pessoas não são muito boas em esconder seus sentimentos mais passionais. E, depois de concluir a ação, ambas têm de projetar choque e tristeza não apenas para nós, mas para o último remanescente do grupo.”

— E se os três conspiraram?

— Então Bart Minnock estava completamente alheio ao que acontecia em seu círculo de amigos e sócios. Não é assim que o imagino, certamente não foi a impressão que tive depois do último interrogatório com a namorada. Ele era sensível, entendia as pessoas à sua volta. No fundo, não existe motivo e não faria sentido três deles planejando matá-lo. Eles seriam maioria. Se todos

quisessem algo de Bart com relação à empresa, se desejassem mudanças ou, simplesmente, estivessem fartos dele, votariam contra suas ideias ou fariam pressão juntos.

O assassinato e o método iam além dos negócios, pensou Eve. Era mais que uma fatia mais generosa do bolo.

“Em termos legais, pelo contrato de sociedade, eles teriam de aceitar a maioria. Bart não tinha mais autoridade ou poder do que qualquer um dos outros. Eles lhe *deram* autoridade e poder como uma espécie de acordo tácito. Deixavam-no comandar o show porque ele era o mais adequado para isso e tudo funcionava bem.”

— Ok, você está me convencendo —

garantiu Peabody. — Um deles, claramente, não queria mais que Bart comandasse o show... mas ainda seriam três contra um. Sendo assim, bastava tirá-lo de cena e ele deixaria de ser um problema.

— Isso é parte da equação. Tem que ser algo mais profundo, mas o método do assassinato fala de um ego feroz e um ódio imenso. Esse sentimento pode ter surgido ao longo do tempo. Bart recebia a maior parte da atenção da mídia, era a imagem da U-Play. Quando ele dizia *não, o melhor é seguir este caminho*, os outros ficavam inclinados a aceitar.

— Agora, ficou um vazio. E vazios precisam ser preenchidos.

— Exatamente, detetive.

— Considerando a formação, as habilidades e a personalidade deles, qualquer um poderia preencher esse espaço.

— Não estou convencida quanto à personalidade. — Eve entrou no estacionamento da empresa. — Por enquanto, vamos simplesmente entrar e estragar o dia deles.

O galpão estava mais movimentado do que no dia anterior. Máquinas roncavam e zumbiam; formas e cores preenchiam as telas. As pessoas cuidavam de seus afazeres com braçadeiras pretas em torno de seus braços nus ou das mangas de suas camisas coloridas.

Eve avistou Cill em um dos

elevadores com paredes de vidro. A longa massa de cabelos negros tinha sido domada em uma única trança muito bem-feita. Ela vestia um terninho preto e sapatos da mesma cor com saltos baixos e discretos.

Uma roupa respeitosa, Eve pensou. Sensível e — a menos que Eve tivesse perdido o tato — nova.

Por curiosidade, bateu Eve no ombro de um dos técnicos.

— Onde posso encontrar Cill?

— Hã... Já procurou na sala dela? Ela estava lá desde cedo.

— Ok. Obrigada.

Eve olhou para Peabody e apontou com a cabeça em direção à escada.

— Quase todas essas pessoas vivem

em sua própria bolha ou a compartilham com o colega de função. Não saem dela, a menos que tenham sido solicitados ou precisem de alguma coisa. Os álibis dos suspeitos não vão se sustentar.

Elas não acharam Cill em seu escritório, e sim na sala de descanso; estava sentada, sozinha, esfregava a têmpora esquerda e olhava para uma bebida energética. Ergueu a cabeça e os nós dos seus dedos ficaram brancos na lata.

— Você voltou, tenente. Isso significa...

— Não. Ainda não.

Seu corpo desabou.

— Não sei por que é tão importante. Quando descobrirem quem matou Bart,

ele continuará morto. Não sei por que importa.

— Você não quer saber quem o matou?

— Sim, claro. Só que... agora, isso já não parece importar tanto. Desculpe. — Ela acenou com a mão. — Estou apenas deprimida, provavelmente. Você tem mais perguntas?

— Na verdade, viemos notificá-la de que conseguimos mandados de busca e apreensão para a sua residência, e também para as de Benny e Var. Os mandados serão cumpridos esta manhã.

— Não entendo. Vocês vão vasculhar o meu apartamento?

— Exatamente.

— Mas por quê? Para quê?

Eve assistiu à transformação no rosto dela; seus olhos verdes penetrantes se acenderem junto com as bochechas, que ficaram vermelhas de fúria.

— Acha que eu fiz isso com ele? Com *Bart*? Que diabos há de errado com você? Você deveria ser supercompetente no que faz e acha que eu matei Bart?

— Ninguém a está acusando de nada. É necessário investigar todas as possibilidades.

— Até parece! Vocês não estão chegando a lugar algum e resolveram nos incomodar. Vai perder tempo com a gente enquanto quem o matou escapará ileso. — Lágrimas brilharam em seus olhos por um momento, mas o calor da

fúria as fez desaparecer.

— Achei que não importasse, para você, encontrar o assassino de Bart.

— Não precisa me dizer o nome do assassino, nunca! — Sua voz ficou mais alta e seus punhos se fecharam. — Não quero vocês futucando minhas coisas.

— Temos um mandado de busca, e esse mandado será executado. É seu direito estar presente durante este momento e ter um advogado ou representante legal no local.

— Você é doida de pedra. Eu o *amava*. Ele era minha família. Nós... Santo Cristo... Vamos preparar o velório dele hoje à tarde. Os pais dele estão vindo para cá. Estou cuidando de todos os detalhes e, agora, você aparece com

isso? Acha que posso simplesmente sair daqui para ir assistir a vocês bisbilhotando minha privacidade?

— Sua presença é um direito, não uma obrigação.

— O que está acontecendo? — Var entrou com Benny logo atrás. — Cilly, dá para ouvir seus gritos em Marte. O que está acontecendo?

— Entre em contato com Felicity. Precisamos falar com ela agora! Esse projeto de policial acha que matamos Bart.

— O quê? Ah, qual é? Claro que não! Var foi até Cill e lhe apertou o braço para acalmá-la. Benny o seguiu.

Eles ladearam Cill. Os três pontos do triângulo, pensou Eve.

— O que está acontecendo, tenente?
— quis saber Var.

— Ela vai revistar nossos apartamentos. Agora de manhã.

— Para quê? — Benny olhou para Eve enquanto seu braço envolveu os ombros de Cill, que tremiam.

— Isso tem amparo legal? — Var olhou de Eve para Peabody e de volta para Eve. — Isto é, vocês não têm que solicitar ou conseguir um mandado ou algo assim?

— Já temos os mandados. Como cortesia, vim notificá-los de que as buscas ocorrerão esta manhã. Nenhum de vocês está sendo acusado. Estamos simplesmente verificando todas as possibilidades da investigação.

— Você poderia simplesmente ter nos pedido. — Benny se aproximou de Cill e inclinou seu corpo alto e magro na direção dela. — Contaríamos tudo que quisesse saber. E já fizemos isso. Não é correto o que estão fazendo. Não é correto que você tenha vindo preocupar Cill desse jeito... e logo hoje, para piorar a situação.

— Hoje é a cerimônia em memória de Bart. — Var apertou os lábios. — Vocês não poderiam esperar um dia? Um diazinho só? Os pais dele estarão aqui. Se souberem o que está acontecendo, as coisas só ficarão ainda mais difíceis para eles. Por Deus, será que isso já não é ruim o bastante? — Ele se virou de costas e colocou as mãos sobre a

bancada. — Estamos tentando fazer o certo por Bart. O que ele iria querer.

— Sim — concordou Eve. — Eu também.

— Ele não gostaria que você perturbasse Cill — interrompeu Benny. — Não iria querer que nos fizesse sentir como suspeitos.

— Não sou responsável por como vocês se sentem — afirmou Eve, com um tom deliberadamente duro. — Sou responsável pela investigação. Faz parte dos seus direitos estar presente durante as buscas, e também ter um representante legal no local.

— Quero falar com Felicity — insistiu Cill.

— Cuidarei disso. — ofereceu

Benny. — Não se preocupe. Não podemos todos estar presentes. — Ele olhou para Var. — Não podemos sair todos, ainda mais em um dia como hoje. Mas você pode ir, Cill, se isso a fizer se sentir melhor.

— Eu não posso. Ainda tenho que organizar o velório. Não acabei de preparar tudo.

— Posso cuidar disso.

— Não. — Ela inclinou a cabeça sobre o peito de Benny por alguns instantes. — Preciso ficar e terminar tudo.

— Você vai, Benny. — Var se virou e soltou um suspiro. — Um de nós deveria ir. Cill e eu conseguimos lidar com as coisas aqui. Isso é o que eles costumam

fazer... a polícia, eu acho. Estão simplesmente fazendo o que têm de fazer.

— Como assim, não acha que isso é *pessoal*? — explodiu Cill, mas, logo depois, fechou os olhos. — Desculpe... me desculpe, Var.

— Tudo bem. — Havia uma expressão de cansaço, mais do que de raiva, em seu rosto simpático. — Estamos todos muito chateados. Vamos acabar logo com isso. Benny, talvez você possa acompanhar as buscas.

— Sim, posso fazer isso. Posso sim, claro. Vamos à sua casa primeiro — disse a Cill. — Estarei lá quando eles começarem o trabalho. Não se preocupe com isso.

— Meu apartamento está uma zona.
Ele sorriu para ela.

— Qual é a novidade?

— Isso não tem nada a ver, não é? —

Ela estendeu o braço e pegou a mão de Var para que os três ficassem mais uma vez unidos.

— É algo que eles precisam fazer — disse Var. — Mas vou entrar em contato com Felicity. Você tem razão, Cill. Ela deveria saber.

— Combinado, então. — Cill ergueu o queixo. — Se isso é tudo, tenente, gostaríamos que você se retirasse. Não a queremos aqui.

— Sua advogada pode entrar em contato comigo diretamente caso queira uma cópia dos mandados. — Eve saiu

balançando a cabeça para o caso de Peabody falar alguma coisa antes de elas saírem do prédio.

— Impressões? — pediu Eve quando elas entraram na viatura.

— Bem, Cill tem um gênio do cão. Muita raiva reprimida.

— É passional e marca território.

— Sim. Benny é protetor com ela. Ele também ficou muito puto, mas se segurou e tentou acalmá-la.

— Ele está apaixonado por ela.

— Ah, sim, e como! — assentiu Peabody com a cabeça. — O que faz dele, já que não vi sinais de reciprocidade... um cara controlado, mas, talvez, reprimido. Var parecia prestes a subir nas tamancas no início,

mas também se segurou. Mesmo assim, está muito revoltado. Precisou de um minuto para se recompor. Sentiu-se insultado. Todos se sentiram. Muitas pessoas reagem desse jeito em relação a mandados de busca. Cada um deles assumiu um papel específico. Ninguém deu um passo à frente e disse *tudo bem, você faz isso, você faz aquilo e eu vou cuidar das outras coisas*. Ninguém estabeleceu um papel de liderança claro até agora.

— É sutil, mas está lá. — Eve encolheu os ombros. — Por outro lado, talvez eu esteja procurando por isso e projetando coisas.

— Havia algo mais. Insulto e irritação, sim, mas nenhum deles me

pareceu especialmente preocupado com o que poderíamos encontrar.

— Os rastros já foram cobertos. Eles se ligam nos detalhes. Só que as pessoas nunca cobrem seus rastros tão bem quanto imaginam. Não vamos entrar lá e encontrar a arma do crime no armário, nem um diário eletrônico da conspiração do assassinato. Mas acho que vai ser interessante, independente do que vamos encontrar. Vamos começar pelo apartamento de Cill.

Ela estacionou o carro diante do prédio de três andares.

— Olha só... Todos moram a uma curta distância do trabalho e uns dos outros. Bart escolheu um pouco mais de

estilo. Porteiro, cobertura tríplice. O ambiente não é tão sofisticado por dentro, mas a base é. Cill escolheu um *loft*. Algo um pouco mais boêmio. Não há tantos moradores neste prédio.

— Mas o lugar tem um bom sistema de segurança — assinalou Peabody.

— Tem, sim. Aposto que ela tem algo a ver com isso. Quem vai fazer essa busca?

— Chamei Jenkinson e Reineke, porque ficaram livres depois de encerrar um caso hoje de manhã. McNab vem com eles. Vou confirmar a hora da chegada dos três.

— Ótimo — disse Eve quando o seu *tele-link* tocou. Ela ergueu as sobrancelhas ao ver quem estava

ligando. — Ela foi rápida — comentou.
— É a advogada. Dallas falando.

Ela confirmou o procedimento e fez sinal para Peabody ir em frente quando a equipe chegou. Antes de terminar de falar com a advogada, Benny apareceu vindo pela calçada em uma corrida ritmada.

Tinha trocado os sapatos, reparou ela. Na empresa, ele calçava sapatos sociais, que combinavam com o terno de funeral, assim como os outros sócios. Agora, ele subia os curtos degraus até a entrada calçando tênis de corrida preto e branco, muito desgastados.

Ela guardou o *tele-link* no bolso quando ele se aproximou.

Ele ainda nem tinha notado a presença

dela, refletiu. Estava muito focado na missão que tinha em mãos.

Eve entrou em um elevador projetado para se assemelhar a uma antiga gaiola. Mas o interior da cabine era totalmente 2060. Ordenou o *loft* de Cill, no terceiro andar, e obedeceu às solicitações do computador, informando seu nome, o motivo de sua presença e escaneando seu distintivo.

A equipe já tinha começado o trabalho quando ela entrou em uma área de estar ampla e aberta. Benny estava lá, de pé, com as mãos nos bolsos. Os punhos cerrados, corrigiu ela. Parecia seriamente irritado.

— Ela é muito reservada com pessoas de fora — explicou a Eve. —

Esse mandado a deixou muito agitada. Ela já estava para baixo, e agora mais essa.

— Todos fazemos o que temos de fazer. Há muito espaço por aqui — acrescentou Eve, olhando para as cores vivas e alegres, os quadros emoldurados e os trípticos espalhados pelas paredes, bem como as poltronas confortáveis.

— E daí? Não é crime gostar de muito espaço.

— Eu não disse que era. É melhor você relaxar, Benny. Este vai ser um longo dia.

Ela vagou pelo lugar e entrou na cozinha, que parecia ser usada constantemente. Havia alguns pratos espalhados pela bancada e pela pia.

Eve abriu a geladeira e viu algumas cervejas, refrigerantes e muitas bebidas energéticas. Havia água, uma embalagem de leite que vencera no dia anterior e uma alface que parecia estar murchando.

Ela não faz compras há algum tempo, pensou.

— Você espera encontrar alguma pista dentro da maldita geladeira? — quis saber Benny.

Eve fechou a porta da geladeira e se virou para ficar cara a cara com ele. Percebeu raiva em suas feições, um ódio forte e tão marcante quanto os seus *dreadlocks* vermelhos.

— Isso vai ficar ainda mais difícil se você tentar arrumar confusão comigo.

Não me importo com uma boa briga, mas você vai acabar perdendo e haverá grande chance de ser levado para a delegacia por interferir em uma busca autorizada pela justiça.

Eve o deixou bufando e continuou seu passeio pelo *loft*. Havia muito espaço, tornou a pensar. E muito conforto. Decoração sem frescuras, mas sutilmente feminina. Viu muitos colecionáveis, vários consoles de videogames.

À primeira vista, o escritório dela parecia pertencer a uma adolescente desorganizada, mas Eve percebeu algum método sob o caos. Seria capaz de apostar um mês de salário que Cill saberia encontrar ali tudo de que

precisasse. Do outro lado do escritório, na parede oposta à estação de trabalho, havia um telão e vários consoles.

Ela poderia alterar alguma coisa e experimentar as modificações bem ali. Fazer os seus testes, seus ajustes.

Não havia quarto de hóspedes, reparou. Ela não curtia muito companhia.

No seu quarto de solteira, os lençóis na cama desfeita eram um emaranhado confuso e embolado que representavam noites agitadas.

— O terninho e os sapatos que ela vestia hoje foram comprados ontem. — Peabody deixou o closet. — As sacolas vazias ainda estão aqui, com o recibo. Acho isso um pouco triste. Ela não tem

nenhum outro terninho preto, nem outras roupas escuras. Então, acho que sentiu necessidade de algo apropriado para usar hoje.

— É um closet grande para uma mulher que, até ontem, não possuía um terninho preto.

— Há muitas fantasias aqui... roupas de personagens para ir a convenções e roupas de trabalho típicas de nerds. Alguns trajes formais, dois vestidos de noite. Mas suas roupas são, basicamente, para trabalho e lazer.

Com um aceno de cabeça, Eve abriu uma gaveta da mesinha de cabeceira. Viu o que imaginou serem brinquedinhos sexuais básicos para autossatisfação feminina, uma variedade de blocos de

anotações novos e um diário eletrônico.

— Ela mantém um diário.

— Isso é particular. — Benny estava na porta, a fúria parecendo vibrar em sua pele. — Se ela escreveu algo aí, é material privado.

— Não há nada privado agora. Não me importo com as considerações pessoais dela, a menos que estejam relacionadas à investigação. E você está me fazendo achar que eu poderia encontrar alguma coisa aqui.

— Você está muito enganada. Você não a conhece. Ela nunca machucou ninguém em toda a vida.

— Então ela não tem com o que se preocupar. Detetive, registre esse objeto e cuide para que ele seja transportado

com os outros eletrônicos para a Central de Polícia.

— Sim, senhora. — Peabody pegou o diário e saiu.

— Vai querer me enfrentar, Benny?
— perguntou Eve, baixinho. — Você é bem treinado, será uma luta interessante. Aproveite a chance antes de ser acusado de agredir uma policial, obstruir a justiça e tentar interferir em um mandado judicial. Quer passar o velório de Bart dentro de uma cela?

— Nunca vou me esquecer disso. Nunca! — Ele se virou e foi embora.

— Aposto que não — murmurou Eve.
Ela saiu do quarto, atravessou todo o *loft* e foi até o salão holográfico de Cill. Só por curiosidade, tentou entrar no

sistema. Teve o acesso negado.

Saiu em busca de McNab.

— Quero todos os dados do salão holográfico assim que conseguir acessá-lo. Quero saber quando e para que finalidade ela o usou pela última vez.

— Tudo bem. Este lugar... — Ele soltou um assobio baixo. — Essas pessoas sabem viver muito bem.

— Sim. Até morrerem. Peabody! — chamou ela. — Venha comigo.

Ela optou por ir a pé; embora o prédio de Benny ficasse a meio quarteirão de distância, escolheu caminhar mais três quarteirões até a casa de Var.

— Quem está cuidando dessa aqui?

— Coloquei Carmichael, Foster e

Callendar para cumprir esse mandado. Parece que vai chover forte hoje à noite. Acha que vai haver uma tempestade?

— Como é que eu vou saber? Tenho cara de garota do tempo?

— Comprei sapatos maravilhosos para usar na festa de Nadine, mas, se chover e nós ficarmos presos tentando pegar um táxi ou tivermos que caminhar até o metrô, eles vão desmanchar. — Peabody procurou respostas no céu. — Se cair uma tempestade, vou ter de usar estas botas *supermag*, mas elas não são novas. Além do mais, os sapatos que comprei são chiquérrimos.

— Peabody... seus calçados não me interessam nem um pouco. Na verdade, agora, eles são até a fonte de uma leve

irritação.

— Já que a irritação é leve, posso continuar. Eu também queria uma roupa nova. Parecia uma boa desculpa para comprar uma. O lançamento do livro de Nadine é um evento chique e tal... O caso Icove foi nosso. Eu apareço no livro e tudo mais. Quero ficar linda. O que você vai usar?

— Não sei. Não me importo.

— Você *tem* que se importar. — Para convencer Eve, Peabody lhe cutucou o braço com o dedo. — Você é a estrela do livro.

— Eu *não sou* a estrela do livro. — Essa ideia era horripilante. — O caso é a estrela do livro.

— E quem estava no comando do

caso?

— Vou lhe mostrar o meu calçado atual, Peabody. Você vai vê-lo bem de perto quando a minha bota atingir o seu nariz.

— Geralmente é o meu traseiro, então será uma boa mudança. — Ela parou e baixou um pouco os óculos escuros para estudar o prédio de Var. — Estilo pós-Guerras Urbanas. Uma daquelas construções temporárias que viraram permanentes. Mas o prédio está em bom estado. E também conta com um bom sistema de segurança. Ele mora nos últimos dois andares e tem acesso ao terraço. Aposto que tem uma bela vista de lá.

Depois de entrar no elevador, elas

subiram até o décimo andar.

— Aposto que vocês vão à festa de limusine hoje à noite — arriscou Peabody, com um pouco de inveja.

— Não sei. Não me importo.

— É fácil não se importar quando você tem uma limusine à sua disposição num estalar de dedos.

Eve suspirou. Reconheceu que era assim mesmo.

— Olha, se eu conseguir uma limusine para você e McNab, vai parar de choramingar, vai parar de falar sobre os seus malditos sapatos ou qualquer outra coisa ligada à porra da festa?

Peabody soltou um gritinho pouco profissional, agarrou Eve e lhe deu um abraço apertado antes que a tenente

conseguisse evitar.

— Sim! Sim! Uau! Obrigada, Dallas. Muito obrigada, de verdade! Assim, vou poder usar o meu novo... ahn... posso parar de me preocupar com o tempo.

Eve a empurrou para trás, lutando para realinhar sua dignidade quando elas saltaram.

Var não usava o andar inteiro, mas seu apartamento ocupava toda a ala oeste.

Ele preferia tons mais suaves, concluiu Eve. Mais masculino, em um estilo que ela achou mais agradável que os dos seus outros dois sócios. Na mobília, ele mostrava inclinações para estilos de vanguarda, formas curvas e ângulos agudos.

Ordem, refletiu ela, um estilo correto e impecável. Ao contrário de Cill, ele evitava a desordem, mas compartilhava a predileção dela por grandes aparelhos eletrônicos, sofisticados sistemas de comunicação, consoles de videogames, sistemas, telões e colecionáveis. Uma vitrine exibia uma coleção de armas. Apenas réplicas, notou ela, nada mais que brinquedos. Ali, não havia arma alguma que fosse de verdade.

Ela estudou o conteúdo da geladeira... só líquidos. Vinhos, cervejas, refrigerantes e bebidas energéticas. Ele confiava no AutoChef para preparar suas refeições e o mantinha bem abastecido. Como Bart, observou ela. Muitas pizzas, hambúrgueres, tacos e

doces. Muitos bifés, reparou ela, além de generosas porções de batata e um monte de outras frituras.

Comidas masculinas.

— O apartamento dele é mais arrumado que o dela — observou Peabody. — Parece mais organizado e mais elegante.

— Ela tem o próprio estilo, mas sim, este aqui é bem mais arrumado.

Eve foi até o escritório, onde Callendar já trabalhava nos computadores.

— E aí! — disse ela em saudação a Eve.

— Configuração sofisticada.

— Sofisticada? Meu amor, isso aqui é um foguete! Tipo um centro de

comando total. A partir do computador principal, ele pode controlar todos os sistemas, os telões e, até mesmo, os aparelhos instalados em outros aposentos. Também pode trabalhar em padrão multitarefa sem problemas, e usa outros recursos com o equipamento auxiliar. A estação de trabalho é equipada com uma tela inteligente integrada. Digamos que ele sinta fome... Tudo bem, dá para comandar o AutoChef daqui ou de qualquer um dos cômodos. E ele manda um dos andróides vir servi-lo.

— Quantos andróides?

— Ele tem três, sem réplicas humanas, são todos mecânicos. Ainda não cheguei lá, mas meu palpite é que

sejam para limpeza, serviços, segurança, esse tipo de coisa.

— Consiga tudo o que puder.

Callendar encolheu os ombros.

— Tudo bem, eu ficaria feliz em passar o dia todo aqui.

Eve saiu.

— Dá para perceber por que eles são tão amigos. — Peabody apontou para o closet do quarto. — Muitas fantasias, muitas roupas de trabalho. Ele tem roupas melhores do que ela, mas o estilo é basicamente o mesmo. E como os cômodos dela, e da vítima, este quarto está montado para fornecer muita diversão. Não o tipo de diversão entre lençóis, sabe como é? Nada disso, simplesmente...

— Já entendi, Peabody.

A cama era uma plataforma espaçosa com uma cabeceira acolchoada. Estava cuidadosamente arrumada com um bom edredom para todos os climas e alguns travesseiros bem afofados.

— Nada de brinquedos sexuais — anunciou Eve. — Blocos de anotações não utilizados, alguns videogames portáteis, medicamentos para dormir de venda liberada.

— O banheiro arrebenta! — enfatizou Peabody. — Banheira de hidromassagem, ducha a vapor multijatos, deck com sauna, música, telão, sistemas embutidos de realidade virtual, tubo de secar corpo... O pacote completo.

— Verifique se há remédios e drogas ilegais.

Eve circulou pelo resto do apartamento, viu um segundo quarto preparado para jogos, uma pequena academia doméstica bem equipada e, como esperava, um salão holográfico.

Ela deu a Callendar as mesmas instruções que tinha dado a McNab, chamou Peabody e saiu para investigar o terceiro e último apartamento.

— Baxter, Trueheart e Feeney estão no local — informou Peabody antes mesmo de Eve perguntar. — Feeney quis participar.

— Ele só quer mesmo é se divertir com os brinquedos. Quais as suas impressões até agora?

— Eles vivem e trabalham do jeito que dá na telha e amam o que fazem. Ela é muito ocupada, gosta de fazer várias coisas ao mesmo tempo, então se mostra um pouco desordenada porque não necessariamente termina uma coisa antes de começar outra. Ela cozinha às vezes e, como não precisa disso, deve gostar. Não há androides na casa dela, o que é meio estranho, considerando o seu trabalho. Acho que é a tal obsessão com privacidade. Quando está em seu espaço pessoal, ela gosta de ficar sozinha. Ele é mais simples e funcional, presta atenção ao estilo. O segundo quarto do apartamento está todo preparado para jogos, mas ele tem uma poltrona reclinável que vira cama, caso resolva

dormir por lá.

— Ok. Lá está a nossa sombra. —
Eve ergueu o queixo.

Do outro lado da rua, Benny estava nos degraus da entrada do seu prédio e as observou chegar. Quando elas se aproximaram, ele enfiou as mãos nos bolsos, encolheu os ombros e caminhou rapidamente na direção do apartamento de Var.

— Ele está revoltado, mas também está triste. Pelo menos eu acho que sim — acrescentou Peabody.

— Você pode matar alguém e se sentir revoltado e triste.

Benny também tinha escolhido um *loft*, que ocupava os fundos do prédio e era dúplex.

Espantada, Peabody abriu a boca quando elas entraram.

— Uau! Esse é o quartel-general do Comandante Black.

— Quem diabos é essa pessoa?

— Comandante Black. *Star Quest*. Esta é uma réplica dos seus aposentos a bordo da *Intrepid*. — Peabody passou a mão sobre o braço de um sofá marrom. — Tem até as marcas de queimado de quando Black lutou com Voltar. E olhe só! Aquela é a velha escrivadinha que foi do seu bisavô, o primeiro comandante da *Intrepid*.

— Ele mora em um cenário de filme?

— Filme e videogame. E é um cenário fantástico. Tem todos os detalhes. Mas também tem elementos

que destoam. — Ela apontou para um par de meias brancas muito usadas, um saco aberto de salgadinhos de soja e duas garrafas vazias de cerveja. — Mesmo assim, é mais organizado que a sócia.

Eve repetiu a rotina, indo de cômodo em cômodo, absorvendo impressões.

Sim, pensou ela, dava para ver por que eles eram amigos. Embora suas preferências individuais aparecessem aqui e ali, o foco geral era o mesmo: diversão, videogames e fantasia.

Como Bart, ele mantinha uma réplica androide. Um homem, desta vez.

— O nome dele é Alfred — avisou Feeney ao ver Eve. — É o mordomo de Bruce Wayne, confidente do Cavaleiro

das Trevas.

Ela se virou.

— O quê? Cavaleiro das Trevas?

— Batman, garota. Até mesmo você já ouviu falar do Batman.

— Sim, sim, um vigilante com tendências psicóticas que usa uma fantasia esquisita de morcego. *Playboy* rico de dia, certo? — Ela se virou e franziu a testa para o androide. — Humm...

— O Cavaleiro das Trevas é um ícone. — O dedo erguido de Feeney combinava com o tom dele. O capitão fora insultado. — Ele usa essas chamadas “tendências psicóticas” para o bem. De qualquer modo, este velho Alfred aqui está desligado há dois dias.

Sua programação básica é limpar o local, servir refeições, cumprimentar visitas. Vou passar um pente fino no sistema de memória, mas, pelo que vi rapidamente, não encontrei nada estranho.

Eve abriu a geladeira.

— Ele está sem cerveja.

— Você está com sede?

— Ele andou bebendo. Sentado sozinho no seu quartel-general de comandante de fantasia, bebendo suas cervejas.

— Eu mesmo não me importaria de fazer o mesmo. Ele estava por aqui ainda agora.

— Sim, eu o vi sair.

— Ele tentou tirar uma coisa daqui.

— O quê?

— Uma fotografia. Ela estava no quarto dele, na gaveta ao lado da cama. Trueheart o pegou no flagra e ficou com a foto. Ele está lá em cima.

Eve foi até onde Trueheart continuava a trabalhar, no quarto principal. A cama estava mais ou menos feita. Mais duas garrafas vazias estavam sobre a mesinha de cabeceira.

— Tenente. — Em seu uniforme impecável, o jovem, atraente e tímido Trueheart parecia novo como uma folha de grama na primavera em meio ao quarto entulhado e desordenado.

Eve olhou para um grande objeto envolto por um pano colorido.

— É Mongo — informou Trueheart.

— Um papagaio. O suspeito cobriu a gaiola para que ele não ficasse muito agitado.

Curiosa, Eve cruzou o quarto e levantou o pano. No interior, um enorme pássaro com penas coloridas inclinou a cabeça e olhou para ela.

— Oi! Como vai? Quer jogar? Deixe-me sair daqui. Quer jogar?

— Por Deus... — murmurou Eve.

— Ben-nyyy! — Mongo chamou pelo dono.

Eve deixou cair o pano.

— Droga! — reclamou Mongo claramente, num tom que transmitia verdadeira decepção.

Ela se virou e viu Trueheart sorrindo.

— Ele fez isso mil vezes quando

cheguei. É bem legal. Ele até perguntou o meu nome. Benny disse que Mongo tem cerca de trinta e cinco anos e... — Trueheart fez uma pausa e limpou a garganta. — Eu concordei que era melhor cobrir a gaiola para não agitar o pássaro ou nos distrair do trabalho. O suspeito pediu para descobrir a gaiola quando terminarmos, porque o pássaro gosta da luz... Senhora.

— Certo. Onde está a foto que ele tentou retirar do local?

— Aqui, senhora. — Trueheart abriu a gaveta e pegou a foto. — Eu já verifiquei. É apenas uma imagem digitalizada, moldura comum. Ele ficou mais envergonhado do que chateado quando o peguei no flagra.

Cill olhava para fora por uma janela; estava de perfil, com o rosto vermelho de tanto rir.

Havia outras fotos pelo quarto, em todo o *loft*, como acontecia na sua sala da U-Play. Mas aquelas fotos capturavam momentos do grupo, ou partes dele. Aquela ali era apenas Cill. Obviamente, era uma lembrança ou fantasia íntima.

— Quer que eu leve a foto como evidência?

— Não. — Ela a entregou de volta. — Deixe-a onde estava.

Ela terminou o passeio pelo lugar e refletiu sobre as suas impressões.

Ao contrário de Cill, Benny não era um sujeito solitário. Mantinha um

androide, réplica de um ser humano, e tinha um animal de estimação. Coisas próprias de quem gosta de companhia e de conversa. Não era tão organizado quanto Var ou Bart. Mas era um homem que curtia suas reflexões, concluiu, pensando na quantidade de garrafas de cerveja vazias.

Antes de sair, ela foi até a janela. Daquele ângulo, era possível ver o prédio de Cill e as janelas de seu *loft*.

Como será que era aquilo?, imaginou. O que isso fazia com um homem que tinha de se contentar em ficar ali para ver e acompanhar a mulher que ele amava, noite após noite?

Triste e revoltado, Peabody tinha dito. Eve achou que sim, ele era

exatamente desse jeito.

Capítulo Dezesseis

Eve se separou de Peabody e enviou a parceira de volta à casa de Cill para trabalhar com a equipe de busca enquanto dividia o seu tempo entre os outros dois apartamentos.

O problema, como ela notou, era que o que eles procuravam estaria oculto em algum aparelho eletrônico. Isso a deixava em desvantagem.

— Se houver algo escondido — garantiu-lhe Feeney —, nós vamos encontrar mais cedo ou mais tarde.

— É o mais tarde que me incomoda.

— Você não está demonstrando muita

fê em mim e nos meus garotos.

— Feeney, eu coloco toda a minha fê em você e nos seus garotos. — Com as mãos nos quadris, ela circulou pelo escritório da casa de Benny. — Esses três vivem e respiram tecnologia. Mesmo quando têm interesses externos, eles usam eletrônicos. E, segundo Roarke, eles são excepcionais.

— Mas não são *hackers*.

Ela ergueu um dedo.

— Por que não? Não acha tentador e quase irresistível invadir alguma coisa quando se é assim tão bom? É outro tipo de jogo. Vai me dizer que nunca enfiou o dedo nessa torta só para provar?

Ele sorriu.

— Sou um oficial devidamente

autorizado da Polícia de Nova York. Hackear é crime. Hipoteticamente, em teoria... e se você repetir isso para alguém, eu vou negar... você pode ser u m *hacker* do tipo que gosta de experiências novas, só para manter suas engrenagens funcionando.

— E um grupo de *geeks* com habilidades excepcionais, jogando todo santo dia, de manhã até de noite, provavelmente experimentaria isso. Se eles, ou um deles, quisessem ir um pouco mais longe para ficar de olho nos concorrentes, equipamentos não registrados seriam muito úteis e quase essenciais.

— Sim, isso garantiria mais controle e segurança — concordou ele. —

Custaria caro, mas eles poderiam pagar. Na verdade, esse grupo provavelmente conseguiria montar um equipamento próprio, sem registro, só com peças avulsas. No entanto, todos os equipamentos daqui e da sede da U-Play estão devidamente registrados.

— Sim, já vasculhei cada apartamento duas vezes. Se algum deles tiver uma sala oculta, ela está em outra dimensão. Fora da sede, talvez, mas, ainda assim, aqui pela região. — Com as mãos nos quadris, ela tornou a olhar em volta. — Eles mantêm tudo por perto.

— Se eles, ou um deles, tiverem um esconderijo para equipamentos não registrados, seria de lá que iriam invadir

o que quisessem. É o que faria mais sentido.

— E seria também o local onde planejariam a trama e o cenário do assassinato. O local onde o jogo seria desenvolvido.

Outro ângulo, pensou ela, outra ponta solta. Mas, antes, ela precisava voltar à U-Play para o velório de Bart Minnock.

A casa estava cheia, notou ela, e olhou para os telões onde um pequeno filme da vida de Bart era transmitido. Ela ouviu a voz dele acima das vozes dos que tinham ido prestar condolências e lamentar. Havia entrevistas na mídia, convenções nas quais ele tinha apresentado seminários, viagens de férias, festas. Momentos grandes e

pequenos de sua vida, pensou ela, todos unidos em uma única peça.

Comida e flores, tão típicos de um funeral quanto os mortos, eram exibidos de forma cuidadosa e criativa. Comida simples, flores simples, notou ela, e também bebidas sem álcool à vontade.

Ela ouviu tanto risos quanto lágrimas ao abrir caminho para oferecer condolências aos pais da vítima.

— Sr. e sra. Minnock, sou a Tenente Dallas. Sinto muito pela sua perda.

— Tenente Dallas. — A mulher, de quem Bart herdara os olhos e o formato da boca, agarrou a mão de Eve. — Obrigada por ter vindo. A senhora... Esta não é a hora de perguntar isso, mas...

— Seu filho tem toda a minha atenção e a determinação do Departamento de Polícia de Nova York para levar o seu assassino à justiça.

— A vida dele estava só começando — lamentou o pai de Bart.

— Eu o conheci apenas nos últimos dois dias. Parece-me que ele viveu muito bem a vida.

— Obrigado por dizer isso. Obrigado, tenente.

Ela se afastou, movimentando-se pela multidão, buscando rostos, ouvindo trechos de conversas. E procurando pelos sócios.

Ela viu a família Sing; os dois lindos garotos vestiam ternos escuros que os faziam parecer estranhamente adultos.

Susan Sing tinha um dos braços sobre os ombros de CeeCee, então os cinco formavam uma unidade fechada e forte. Estavam conectados, ela pensou, pela vida e pela morte de Bart.

Eve começou a caminhar em direção a eles quando Cill a avistou. A indignação em seu rosto continha tanto ódio quanto um grito. Antecipando-se, Eve atravessou o salão e se colocou longe dos grupos de pessoas, forçando Cill a mudar de direção para ir atrás dela.

— Você não é bem-vinda aqui. Acha que pode aparecer agora, justamente *agora*, quando nos reunimos para lembrar Bart? Acha que pode simplesmente pegar algumas fatias de

pizza e um refrigerante e nos espionar justamente *agora*?

— Você não deve provocar uma cena aqui, Cill. Tenho certeza de que não deseja isso.

— Este é o nosso espaço. Era o lugar de Bart, e você...

— Cill. — Roarke colocou a mão em seu ombro. — Sua raiva é despropositada.

— Não me fale sobre a minha raiva. — Ela se desvencilhou da mão dele. — Bart está morto. Ele está morto, e ela está tentando fazer parecer que nós o matamos. Que tipo de pessoa faz isso? Até onde sei, ela pode estar aproveitando essa oportunidade para passar nossos dados para você.

— Tenha cuidado — disse Eve, baixinho. — Tenha muito cuidado.

Cill ergueu o queixo e seus olhos lançaram centelhas desafiadoras.

— O que você vai fazer? Vai me prender?

— Venha comigo, vamos dar uma volta lá fora — chamou Roarke. — Só nós dois. Pode colocar para fora tudo que quiser. Mas longe daqui. Os pais de Bart vão ficar ainda mais abalados se esta cena continuar.

— Ótimo. Tenho muito a dizer.

Quando Roarke a levou para fora, Eve deu a eles um momento a sós. Foi o tempo necessário para Benny abrir caminho por entre a multidão.

— O que está acontecendo? O que

você disse a ela?

— Quase nada. Ela precisa desabafar um pouco. Será melhor explodir lá fora, onde não vai incomodar ninguém.

— Por Deus! — Ele passou as mãos pelo rosto e, em seguida, observou, assim como Eve, Cill andar de um lado para outro, apontando e erguendo as mãos. Roarke estava imóvel, escutando. — Ela fica melhor quando coloca a raiva para fora — comentou Benny depois de alguns instantes. — Prefiro vê-la revoltada com você e com tudo a vê-la triste.

— Ela sabe que você está apaixonado por ela?

— Somos amigos. — Seus ombros ficaram rígidos.

— É muito difícil trabalhar com alguém todos os dias, como acontece com vocês, e esconder esses sentimentos. É muita coisa para aguentar.

— Somos amigos — repetiu ele. — O resto é assunto meu.

— Tenente Dallas. — Com os lábios apertados, Var chegou a passos largos. — Isso não está certo. Você não pode vir aqui agora para nos interrogar ou a qualquer um. Esta é uma homenagem para Bart. Os pais dele merecem que nós... O que Cill está fazendo lá fora com Roarke?

— Colocando para fora tudo que pensa — disse Benny. — Deixe isso para lá. — Ele pegou o braço de Var

quando o viu tentar ir em direção à porta. — Deixe que ela resolva isso. Não precisamos de uma cena hoje, ok? Por favor, hoje não.

— Você está certo. Tudo bem, você tem razão. — Var fechou os olhos e passou as duas mãos pelo cabelo curto. — Olha, não pode nos deixar em paz hoje? — perguntou a Eve. — Apenas nos deixe em paz enquanto passamos por essa provação. Até parece que vamos fugir daqui.

— Não vim aqui para incomodar vocês. Vim prestar meus sentimentos aos pais de Bart, pois fui eu quem contou a eles que o filho estava morto.

— Ah, cacete! — Benny soltou um longo suspiro. — Desculpe. Acho que...

desculpe.

— Somos nós que precisamos estar aqui por eles agora, e também uns pelos outros. Compreendemos que você não está fazendo mais que sua obrigação, tenente. Bem, Benny e eu compreendemos — corrigiu Var, olhando novamente para fora, pelo vidro. — Cill vai demorar um pouco mais. Isso é algo pessoal para ela. É rotina para você; nós entendemos isso.

— Assassinato nunca é rotina. — Ela olhou para o telão, para Bart. — É sempre pessoal. Ele é meu agora, tanto quanto é de vocês. Acreditem em mim quando digo que vou encontrar quem o matou. Custe o que custar.

Ela foi embora, pensando que tinha

plantado as sementes. Agora, veria quanto tempo elas demorariam para germinar.

Foi até a viatura, encostou-se nela e observou Roarke e Cill. Era ele quem falava agora. Pelo menos, era quem falava mais. Cill balançava a cabeça e se virava para o outro lado, puxando o cabelo com tanta força que a trança feita com capricho começava a se desfazer.

Mas estava se acalmando, avaliou Eve. Poucos minutos depois, chorava contra o peito de Roarke.

Eve esperou do lado de fora e desejou, por alguns instantes, um bom café quando começou uma busca usando o galpão como base em relação aos quatro apartamentos, para avaliar as

distâncias. Ergueu os olhos ao perceber que Roarke caminhava em sua direção.

— Então, como está o seu dia até agora? — perguntou ela.

— Cheio de altos e baixos. Você continua sendo uma vaca, por falar nisso. Mas ela decidiu que não sou um merda sem coração que usa a morte de Bart para meu próprio ganho.

— Ainda bem que me orgulho de ser vaca. Não sei quantas coisas acendem o pavio dela, mas, quando acontece, dá para ver que é bem curto.

— Sim. Devo lhe contar que me senti obrigado a informá-la de que temos um projeto semelhante ao deles quase pronto para lançar.

— Aposto que ela adorou saber

disso.

— Sempre considereei você a campeã dos palavrões criativos, mas acredito que ela seja uma concorrente à altura. — Como Eve tinha feito, ele avaliou o galpão, as formas e movimentos por trás dos vidros. — Quando consegui que ela se acalmasse um pouco, expliquei-lhe alguns detalhes do nosso projeto. Você não entenderia — acrescentou. — São termos técnicos.

— E eu não falo “nerdês”. Mas por quê? Por que contou tudo a ela?

— Quando eu tinha aquele antigo hábito de... digamos, roubar, não me importava de ser acusado disso. Só que o meu pessoal ralou muito nesse projeto e não merece que o seu trabalho seja

menosprezado. Ela é uma mulher muito inteligente e, com os detalhes que lhe dei, e que ela entendeu muito bem, percebeu que estamos à frente do projeto deles não apenas cronologicamente, mas em certos elementos específicos. Isso não desvaloriza o projeto nem o trabalho deles. Eu tenho mais recursos, mais funcionários, e ela entende isso. Assim como entende que, se fosse esse o meu objetivo, eu poderia ter engolido a U-Play há muito tempo.

— E ela é inteligente o suficiente para se lembrar da pessoa que Bart, às vezes, procurava em busca de conselhos; a pessoa que vendeu este imóvel para eles.

— A competição torna o jogo mais divertido e mais significativo. Daqui a uns anos, eles vão ser uma bela concorrência. — Ele estendeu a mão e passou um dedo pela covinha do queixo dela. — E como está o *seu* dia?

— As buscas ainda estão em andamento. É muita coisa para analisar. Estou voltando para a Central a fim de analisar uma nova ponta solta. Por mais que eles tenham ficado putos com o mandado de busca, nenhum deles tentou impedir ou interromper nada.

— O que faz você pensar que quem matou Bart já se livrou de qualquer coisa incriminadora.

— Ou imagina que fez isso. — Os movimentos por trás dos vidros, pensou

ela, não eram sempre os mesmos que os das sombras. — Mas isso me fez pensar que eles podem ter outro espaço de trabalho, um local mais reservado. Um lugar onde alguém poderia invadir sistemas, praticar, planejar e simular sem levantar suspeitas.

— Um lugar para equipamentos sem registro. Também já pensei nisso. Por outro lado, algumas pessoas são honestas por natureza.

— Você é uma exceção.

Ele sorriu.

— Assassinato é o máximo em termos de desonestidade, não é? Então sim, pode muito bem existir outro lugar. Muito bem... Boa caçada. — Ele segurou-lhe o queixo mais uma vez e

beijou sua boca. — Também tenho um monte de trabalho a fazer. Não se esqueça da festa da Nadine — acrescentou enquanto caminhava em direção ao seu próprio carro.

— Eu consigo me lembrar de mais de uma coisa de cada vez.

Ele abriu a porta do carro com um sinal eletrônico e sorriu para ela por sobre o teto.

— A que horas começa a festa?

— Hoje à noite.

— Às oito. Vejo você em casa.

— Espere! Merda! Prometi a Peabody uma limusine se ela parasse de falar sobre os sapatos dela.

— Naturalmente. Vou cuidar disso.

— A culpa é toda sua — gritou ela.

— Você torna as coisas muito fáceis.

— Querida Eve, já existem muitas coisas difíceis no mundo.

Ela não podia discordar disso. Olhou para o galpão mais uma vez, pensou em flores, comida e lágrimas. Sim, já havia muitas coisas difíceis no mundo.

Ela estava mergulhada na busca por um segundo espaço, brincando com nomes alternativos, anagramas e significados ocultos, enquanto criava seus próprios cenários no computador secundário, quando Peabody ligou.

— Terminamos aqui e já verifiquei com as outras equipes. Os equipamentos eletrônicos foram apreendidos e estão a caminho para análise.

— Quero aquele diário.

— McNab está trabalhando nele. Decidiu que é sua missão pessoal burlar a segurança desse diário. Vamos para casa daqui, se estiver tudo bem. Já estamos em cima da hora.

— Em cima da hora de quê?

— De nos aprontarmos para a festa de Nadine. Ah, e obrigada novamente pela limusine! — completou Peabody enquanto Eve pensava *merda, droga, porra!* — Summerset entrou em contato comigo e combinamos tudo. Então, nos vemos na festa.

— Sim, certo. — Eve desligou na cara de Peabody, salvou os dados dos programas que rodava e ordenou que todas as pesquisas fossem enviadas para

o computador da sua casa.

E saiu correndo.

Não estava atrasada, repetiu para si mesma enquanto freava o carro com força na porta de casa. Ela ainda tinha muito tempo, já que não passava horas se empetecendo na frente de um espelho. Além do mais, ninguém chegava nessas festas na hora marcada.

Isso era algo que não fazia sentido para ela. Por que marcar um horário para depois ignorá-lo?

Eventos sociais eram incômodos e estranhos, e tinham o seu próprio conjunto de regras, ainda mais incômodas e estranhas.

Ela entrou na casa e torceu o nariz assim que colocou os olhos em

Summerset, mas logo parou e o analisou longamente. Ele usava preto — como sempre — mas não era a sua roupa habitual. Vestia um smoking preto com uma camisa branca que parecia tão dura quanto seu pescoço.

— Pode guardar as desculpas para outra hora — avisou ele. — Você precisará de cada minuto que tem para se transformar.

— Por que está vestindo essa roupa estranha?

— É um evento formal.

— Você vai?

Ele inclinou a cabeça.

— Vou e, como chegarei na hora, explicarei à sua amiga por que você está, como sempre, atrasada. Eles estão

esperando por você.

— Já vou, já estou indo. — Ela correu para os degraus. — *Eles?* — perguntou, mas Summerset já tinha se desmaterializado.

— Ele não pode ser humano — murmurou ela, e correu para o quarto.

— Não estou atrasada porque todo mundo vai chegar atrasado, e essa é mais uma das razões para... — Ela parou, tomada pelo choque. — O que ela está fazendo aqui?

Trina, com seus olhos semicerrados e cabelos ruivos explodindo em cachos, levantou o que parecia uma taça de champanhe e tomou um gole longo, sem pressa.

— Se acha que vai à festa com esse

cabelo, alguém deve ter acertado você com sua arma paralisante. Estamos no palácio que vocês chamam de banheiro.

— Não tenho tempo. Vamos nos atrasar.

O sorriso de Trina provocou um rápido calafrio na espinha de Eve.

— Todo mundo chega atrasado — avisou ela, ecoando a desculpa inicial de Eve. — Só vou levar uns vinte minutos para aprontar você porque sou uma tremenda gênia. — Ela ergueu um dedo com a unha pintada de prata antes que Eve tivesse chance de falar. — Tenho uma reputação a manter. Tenho um salão de beleza. Cuido do cabelo de Nadine para o programa *Now*; terminei de prepará-la uma hora atrás. A maioria

das pessoas inteligentes sabe que o seu cabelo pertence a mim.

— Ele pertence a *mim* — Eve o puxou com força. — Está ligado à minha cabeça.

— Você saiu de fininho antes de eu poder cuidar dele para o casamento de Louise. Veio com um papo de assassinato e não sei mais o quê — acrescentou ela. — Apareceu lá como se alguém tivesse penteado o seu cabelo com um picador de gelo. Agora, acha que vai a essa festa *mag*, com aquele pedaço de mau caminho, com cara de quem brigou com um animal de fazenda?

— Pensei que era um picador de gelo.

— Um animal de fazenda com um picador de gelo. Reconhece que você

fica muito melhor quando eu faço todo o trabalho ou não?

Eve abriu a boca, se virou na direção de Roarke e o fuzilou com o olhar.

— Não tenho nada a declarar — foi a reação dele.

— Um pedaço de mau caminho inteligente — disse Trina, com ar de aprovação. — Você ganhou na loteria ao quadrado, Dallas. Agora, leve esse seu traseiro magro até o banheiro.

Trina caminhou rapidamente até o banheiro sobre seus saltos de doze centímetros com a forma do coração que Eve não tinha certeza se tinha no peito.

— Traidor — A palavra foi dita em tom baixo e sombrio.

— Não tive nada a ver com isso.

Pode apontar sua faca para Summerset, como sempre faz. Foi ele que a deixou entrar.

— Dallas! Não quer que eu saia para buscar você, quer?

Os ombros de Eve se curvaram em resignação.

— Vou cuidar de você mais tarde — prometeu ela, e marchou para enfrentar seu destino. — Seja rápida, Trina. Não quero que você...

— Eu ensino a você como prender assassinos?

— Droga. — Eve se jogou sobre a cadeira de salão portátil no banheiro. Trina não poderia tê-la levado até ali sozinha. Alguém a tinha ajudado, pensou Eve. E esse alguém iria pagar por isso.

— É uma grande noite — começou Trina, colocando uma capa protetora sobre Eve. — Nadine ficou fabulosa graças a mim. Você também ficará. — Ela puxou uma mecha do cabelo de Eve e a passou por entre os dedos. — Bonito e limpo. Ótimo.

Ela colocou a mecha para trás, segurou-a e reclinou a cadeira.

— Espere um minuto — reclamou Eve enquanto Trina bombeava uma espuma estranha na palma da mão. — Você disse cabelo.

— Seu cabelo está preso à sua cabeça, lembra? Seu rosto é parte da sua cabeça. Você vai receber um tratamento facial relâmpago. Isso é tudo que dá para fazer em tão pouco tempo.

— O que há de errado com o meu rosto?

— Você tem um rosto bonito e vamos mantê-lo a assim. Desista e feche os olhos que a coisa vai mais rápido.

Sem saída, Eve fechou os olhos. Ela nunca conseguiria explicar o quanto era estranho e assustador ter alguém esfregando e massageando seu rosto — a menos que fosse Roarke. E ele não passava gosma alguma no rosto dela quando fazia isso.

— Espere até ver Mavis. Leonardo desenhou uma roupa de arrasar para ela. Eu os arrumei hoje à tarde e, depois, fui brincar com Bella. Ela é uma gracinha! Quase me faz querer ter um bebê. Mavis vai ajudar a arrumar Peabody já que eu

estou aqui.

Eve deixou as palavras deslizarem para dentro e para fora do seu cérebro enquanto tentava não pensar na gosma melequenta que lhe cobria o rosto e o cabelo.

A cadeira vibrava levemente sob ela, massageando músculos que ela nem tinha reparado que estavam tão tensos e cansados. Também não percebeu que tinha tirado um cochilo até Trina colocar a cadeira novamente na vertical.

A sessão de puxa, estica, penteia e enche de creme continuou. Não pareceu demorar muito, mas Eve não pôde ver que horas eram porque seu relógio estava sob a capa protetora, e ela teve medo de se mover enquanto as

ferramentas afiadas de Trina clicavam em torno das suas orelhas.

Trina recuou e tomou o último gole de champanhe.

— Muito bem. Ultramáxima, discreta e classuda. — Ela guardou seus instrumentos de trabalho e tirou a capa com um floreio. — Vamos, caia fora porque eu preciso agitar.

Ela arrumou suas maletas no assento da cadeira que Eve deixara vaga.

— Vejo você lá — despediu-se, empurrando a cadeira para longe.

Cautelosa, Eve se virou para o espelho.

Seu cabelo estava liso, quase colado à cabeça, em vez de desgrenhado. Trina tinha colocado algo nele para deixá-lo

mais liso; isso fez sobressair alguns fios mais claros, que pareciam luzes. Ela passou a mão sobre os fios e ficou aliviada ao perceber que era o seu cabelo normal.

Seus olhos pareciam maiores, mas isso devia ser efeito de toda a porcaria que Trina tinha passado neles. Suas maçãs do rosto pareciam um pouco mais sobressalentes; seus lábios, mais definidos.

— Ainda é você aí embaixo — murmurou para si mesma. — É uma espécie de ilusão. Uma... fantasia.

— Espero que ela não tenha nocauteado você para poder... — Roarke parou na porta e se aproximou para uma avaliação mais demorada. —

Ela é muito boa no que faz. É um visual diferente para você, mas ficou encantador e até um pouco elegante. Muito apropriado para a ocasião. Tome, imaginei que você precisasse disso depois dessa provação.

Ele lhe entregou uma taça de champanhe.

— Acho que, agora, sou digna de um pedaço de mau caminho.

— Eu me sinto um objeto — reclamou ele, tomando o primeiro gole.

— Um objeto que dá vontade de comer às colheradas. — Ela tomou um gole, analisou-o de cima a baixo, e ele riu. — Você ficou muito bonito, de verdade. E, como já está vestido, é melhor eu agitar esse meu traseiro

magro.

— Eu adoro esse seu traseiro magro.
— Ele apontou para a cama quando eles saíram do banheiro. — Se você não gostar desse vestido, podemos escolher outro.

Eve teria chamado aquela cor de amarelo, mas não era exatamente amarelo. Era um tom mais profundo, mais suntuoso que o amarelo. Não castanho, não tão fechado, mas algo que misturava um pouco dos dois em um tom discretamente dourado. Tinha luz, refletiu ela. Não cintilava nem brilhava, simplesmente parecia *emitir* luz. Nada de exageros ou babados — para seu alívio —, apenas um corte reto tão elegante quanto o seu cabelo. Quando

ela o tocou, o tecido pareceu fluir como água por entre os dedos.

— Eu seria burra de não gostar. Não sou burra. E também sou esperta o bastante para saber que tenho sorte por você pensar em coisas assim e eu não precisar fazer isso.

— Gosto de pensar nesses detalhes, e você não. Leonardo faz um trabalho excepcional. Conhece seu corpo, seu estilo e seu gosto.

Ela não podia discordar disso, especialmente depois que experimentou o vestido. O material simplesmente deslizou corpo abaixo, leve como ar, deixando seus ombros nus e dando aos seus seios um pouco mais de volume do que ela achava que mereciam.

Mas os bolsos escondidos nas costuras laterais foram um detalhe que a agradou. Ela poderia guardar sua arma em um deles e o distintivo no outro.

De que mais uma mulher precisaria?

— Você vai gostar disso aqui também. — Roarke lhe entregou os brincos, diamantes amarelos na forma de longas gotas, e um bracelete, que combinava mais diamantes amarelos com alguns brancos. Ela também colocou seu colar de diamante em forma de gota, que Roarke tinha dado a ela no dia em que disse que a amava.

— Você está linda.

Brilhante, pensou ela. Reluzente e um pouco elegante. Uma fantasia, tornou a pensar. Todos usavam fantasias.

— É difícil não ficar bem com tudo isso. Que cor é essa? — Ela passou a mão pelo vestido. — Não consigo identificar.

— Não deve ser difícil, já que você olha para essa cor todos os dias. — Ele deu um passo para se colocar atrás dela e colocou as mãos em seus ombros. — É a cor dos seus olhos. — Ele passou a bochecha contra a dela por um momento, e ela franziu a testa. — É melhor sairmos logo, senão vamos exagerar na “elegância” do atraso.

— Por que chegar atrasado é elegante?

— Suponho que dê a impressão de que você tem tantas coisas a fazer que não conseguiu chegar na hora.

— Ora, ora... quem diria? Quase sempre sou elegante. — Ela estendeu a mão. — Vamos, meu pedaço de mau caminho. Temos que arrasar.

A música tocava no terraço e ecoava pelo céu escurecido. As pessoas brilhavam, reluziam e pareciam deslizar, acariciando o rosto umas das outras, conversando alegremente enquanto bebiam champanhe. Dezenas de velas decorativas, já acesas, tremeluziam. O vento estava aumentando, percebeu Eve.

Provavelmente, a tempestade cairia antes de a festa acabar.

— Eles vão ter de fechar a cúpula daqui a pouco — comentou Eve com Roarke.

— Vamos aproveitar o ar da noite enquanto pudermos. Vá logo falar com Nadine.

— Ela está cercada de gente. — Trina estava certa. Nadine estava fabulosa em um vestido vermelho vivo, o cabelo artisticamente solto em lugares estratégicos e cheio de presilhas cintilantes que capturavam os últimos raios de sol. — Vou esperar até que ela tenha algum espaço para respirar.

— Vocês chegaram! — Peabody, de mãos dadas com McNab, quase correu com os tais sapatos novos. Eles eram prateados, abertos na frente para mostrar as unhas dos pés pintadas em rosa pálido, com tiras que se enroscavam nos tornozelos, tão brilhantes quanto as

presilhas de Nadine. — Isso tudo não está *mag*? É total! Todo mundo está aqui, e Nadine está tão feliz. A música está perfeita, e Mavis topou cantar alguma coisa mais tarde. Puxa... — continuou depois de levar um tempo para respirar. — Vocês estão lindos. Sério mesmo!

— Você não poderia estar mais linda. — Roarke tomou a mão de Peabody e a beijou. — Você é um homem de sorte, Ian.

McNab exibiu um largo sorriso.

— Eu sei. E se meus planos derem certo, vou ter mais sorte ainda depois que sair daqui.

Peabody riu e lhe deu uma cotovelada.

Eve ouviu um gritinho e se virou. Ninguém tinha um timbre tão agudo quanto Mavis Freestone. Seu cabelo louro dourado com cachos em rosa-bebê balançou em ondas por suas costas quando ela se lançou como uma bala pelo salão em direção a Eve, equilibrando-se em imensos palitos presos aos seus pés por duas alças cruzadas muito finas. Seu vestido rosa, preso no quadril com um enorme broche cravejado de joias, fluía e abria-se, enquanto exibia uma fenda que mostrava sua linda perna até o quadril.

— Sabia que esse vestido deixaria você maravilhosa! — Ela dançou nos braços de Eve e a rodopiou duas vezes. — Esta festa está mais que demais... E

olhe só para nós! Somos a nata da nata! Bolinho de luar, venha aqui ver o que seu vestido fez por Dallas.

O bolinho de luar — ou Leonardo — se aproximou com sua versão alternativa de smoking. O paletó de prata escurecida e muito comprido combinava com sua pele acobreada e seu tamanho considerável. Os mesmos tons de prata surgiam aqui e ali em meio aos seus volumosos cachos cor de cobre, que lhe emolduravam o rosto largo e fascinante.

— Tem mais a ver com o que Dallas fez pelo vestido. Espero que tenha gostado.

— É incrível. Obrigada pelos bolsos. Ele sorriu para ela e a beijou no rosto.

— Eu sabia que ia gostar. Deixe-me pegar uma bebida para você.

— Vou também — ofereceu Roarke, e, depois de outra cotovelada de Peabody, McNab foi com eles.

— Ei, ali está Trina. Volto já — anunciou Peabody. — Preciso fazer uma pergunta para ela.

Eve se virou para Mavis.

— Foi você que armou tudo para Trina me encurralar em casa, não foi?

Mavis arregalou os olhos azuis muito escuros e fez cara de inocente.

— Você não precisa ler meus direitos antes de me interrogar?

— Mais uma espertinha. Por falar em ler seus direitos, já passamos por isso, lembra?

— Claro, quando você me prendeu pela primeira vez. Agora, veja só o que me tornei. Sou esposa e mãe... e tenho uma carreira. E não precisei roubar nada para isso. A vida é cheia de caminhos sinuosos.

— Ainda bem. Sou sua amiga há mais tempo do que de qualquer outra pessoa — confessou Eve.

— Digo o mesmo.

— Então, somos muito unidas e nos conhecemos tão bem quanto duas pessoas podem se conhecer. Você poderia até dizer que nos amamos, de um jeito não lésbico.

— Poderíamos ter nos tornado lésbicas se tivéssemos passado muito tempo sem homens. Ou se estivéssemos

presas em uma ilha deserta durante vários meses, ou...

— Sim, sim, você seria a primeira mulher em cima de quem eu iria pular — garantiu Eve, e isso fez Mavis rir. — Mas o que eu realmente gostaria de saber é o que seria necessário... o que eu teria que fazer para você querer me matar. Literalmente matar, não apenas pensar *estou com vontade de matar a Dallas por causa disso*.

— Ah, essa é fácil. Se você fizesse o pretzel fumegante com meu ursinho de mel, eu enfiaria o primeiro objeto afiado ao meu alcance no seu coração e, depois, furaria o saco dele. Provavelmente, iria me arrepender depois, mas seria tarde demais.

— Só isso? Sexo com Leonardo seria a única razão para você me querer morta? Pense melhor — insistiu Eve. — E se eu roubasse algo de você, ou a insultasse, ou zombasse de você de forma cruel e constante?

— Ok. — Mavis inclinou a cabeça de um lado para o outro, ponderando. — Se você roubasse algo de mim, é porque precisaria demais daquilo. Se me insultasse, eu me irritaria e a insultaria de volta. Se tirasse sarro de mim e ferisse meus sentimentos, eu lhe pediria para parar com isso.

— Então a única razão para você me esfaquear...

— Ou uma lixa de unha daquelas bem afiadas. Talvez um espeto de churrasco.

Isso até que seria criativo. Mas veja só: se eu pegar você fazendo o enroladinho no vapor com meu ursinho na cozinha, simplesmente pegarei o que estiver à mão. Assassinato por espeto de churrasco seria legal, e eu escaparia da prisão por insanidade temporária.

Fixando um ar de raiva no rosto, Mavis demonstrou a ação movimentando o punho em direção ao coração de Eve.

— É uma boa estratégia. De qualquer forma, a única razão pela qual você enfiaria esse espeto de churrasco em mim seria um impulso passional?

— Isso mesmo. Portanto, lembre-se de que se você tiver ideias sobre o meu lindão, vai virar espetinho.

— Devidamente avisada.

Mavis exibiu seu sorriso cintilante.

— Falando em lindão, você precisa ver a bebê mais linda que existe. Fiz um vídeo da minha Bellamia. — Mavis abriu uma minúscula bolsa no mesmo tom rosa do cabelo, em forma de tulipa.

Eve colocou a mão sobre a dela.

— Você não me mataria mesmo que isso acontecesse. Poderia querer, até mesmo pensar, e certamente me odiaria, mas não me mataria.

— Eu ia querer *muito mesmo* matar você... mas não faria isso. Só que você também nunca iria atrás do meu homem, jamais me magoaria desse jeito, nem trairia Roarke. Amigos verdadeiros e pessoas que amam de verdade não fazem essas merdas uns com os outros. Pelo

menos, quando o sentimento é real.

— Exatamente. Você está absolutamente certa. Vamos ver o vídeo.

Capítulo Dezesete

Eve não sabia se Bella era a bebê mais linda do mundo, já que não tinha muita experiência com bebês. Mas ela era absurdamente bonita, especialmente se você ignorasse a baba.

Mesmo assim, ficou feliz por ser poupada de assistir Bella pela segunda vez — batendo palminhas, soprando beijinhos e fazendo sons ininteligíveis — quando os homens voltaram com bebidas para todos. Ela encurralou McNab em um canto e deixou Roarke ser agraciado com os risinhos, a baba e as tagarelices de Bella.

— Qual é a situação do diário?

— Complicada. Ultrapassei o primeiro nível, mas ela colocou outra camada. É paranoica com segurança, mas é muito boa no que faz.

— Talvez eu consiga uma ordem judicial para obrigá-la a abrir o arquivo.

— E estragar minha diversão? Dê-me mais algumas horas.

— Se você não resolver isso até amanhã de manhã, às onze, vou ver o que Reo pode fazer por mim. Uma mulher que mora sozinha em um apartamento mais seguro que um cofre e mantém um diário com esse tipo de proteção certamente tem algo a esconder.

— Tudo no apartamento dela tem

tranca dupla, até mesmo o *tele-link* fixo. Haja paranoia! Callendar e Feeney me contaram que os outros dois apartamentos estavam bem guardados, mas o *loft* dela parece até a sede da Segurança Global.

— Vamos nos reunir na Central às onze da manhã em ponto — decidiu Eve. — Isso dará a você e ao resto da DDE tempo para vasculhar cuidadosamente o que apreendemos, enquanto Peabody e eu reavaliamos os objetos que o resto da equipe trouxe.

— Então é melhor festejarmos agora, porque vamos ter de acordar bem cedo. Olha lá o Baxter, todo elegante.

— Baxter? — Virando-se para trás, ela viu Baxter e um monte de rostos

familiares, todos policiais. — O que é isso? Nadine convidou todo o Departamento de Polícia de Nova York?

— Parece que sim. Acabei de avistar Tibble no bar. Acho que Nadine realmente teria de convidar o Secretário de Segurança. Mas ele parecia estar de bom humor.

— Vamos encerrar logo esse caso para manter o bom humor dele.

— Papo de tiras, aqui? Isso é uma festa. — Nadine colocou os braços ao redor da cintura de McNab e de Eve. — Ao lado de todas as minhas pessoas favoritas.

— Pelo que parece — observou Eve —, você tem muitas pessoas favoritas. E boa parte delas são policiais.

— Quando o trabalho de uma jornalista é cobrir o mundo do crime, ela tem de criar laços de amizade com um monte de tiras, senão sairá de campo rapidinho.

— Essa é uma festa *mag* — elogiou McNab. — A música está de arrasar. Vou levar Peabody para a pista de dança e mostrar a todo mundo como é que se faz. Fui!

— Ele é uma gracinha. — Nadine sorriu depois de McNab sair. — É a primeira vez na vida que vejo um homem de smoking laranja.

— O ponto alto é a gravata-borboleta que brilha no escuro.

— Sim, é um toque e tanto. Olha o estilo dele! — Nadine acrescentou com

uma risada. — McNab sabe dançar! Eles parecem muito felizes. — Ela suspirou. — Estou tão feliz. Todos os meus medos sumiram. Acho que é preciso uma festa como esta e algumas centenas de amigos próximos para transformar medo em felicidade.

— Parabéns. — Roarke se aproximou e deu um beijo em Nadine. — É uma festa maravilhosa, e a estrela da noite está deslumbrante.

— Obrigada. A vocês dois. Estou tão...

— Feliz — Eve terminou a frase. — Ela está muito feliz.

— E perigosamente perto de ficar alegrinha. — Depois de levantar o copo para um brinde, Nadine bebeu tudo em

um só gole. — Baldes de bebida também estão ajudando. Preciso roubar Dallas por um minuto. — Ela colocou a mão no braço de Roarke. — Não vou mantê-la longe de você por muito tempo.

— Promete que não vai me apresentar a um grupo de pessoas com quem vou ter que conversar? — reagiu Eve. — Porque esse é o problema das festas. Você tem que se arrumar, depois conversar com um bando de pessoas que, provavelmente, nunca mais tornará a ver e que não se importa com suas opiniões nem com suas histórias de vida, para começo de conversa.

— Você é mesmo muito sociável, Dallas. Não sei como consegue liderar uma equipe no trabalho. — Nadine

manteve a mão no braço de Eve, guiando-a pelo salão.

Aquilo era como uma dança, pensou Eve. Não como a que Peabody e McNab executavam — algo mais parecido com uma ginástica sexual. O que Nadine fazia era parecido com um balé no gelo. Uma pausa aqui para uma palavra, um gesto para mostrar que reconheceu alguém, uma girada de corpo, uma risada enquanto ela se movia aparentemente sem pressa alguma.

Elas passaram por um enorme cartaz em 3-D com a capa do livro. Sobre um fundo de azul frio como gelo, vários rostos pareciam se fundir e, depois, se separavam para encarar o observador. Um mesmo rosto surgia repetidas vezes.

Era feminino e marcante, com o pequeno sorriso de quem esconde um segredo.

Os rostos brilhavam em contraste com o gelo, enquanto aqueles olhos pareciam brilhar com alguma vida interior.

— É assustador... e atraente — decidiu Eve.

— Exato!

— Você não usou o rosto de Avril, nem de nenhuma das pessoas que identificamos como clones.

— Não. Não me pareceu justo. Alguns deles ainda eram crianças. Eles merecem a chance de ter uma vida normal. Ou, pelo menos, uma vida privada. Você deixou Diana, a menina da escola, ir embora.

— Ela escapou durante a confusão.

— Foi assim que escrevi no livro. Mas não foi isso que aconteceu. Acho que eu teria feito o mesmo. — Ela deslizou a mão pelo braço de Eve para unir seus dedos em uma espécie de solidariedade silenciosa. — Ao escrever o livro... espero ter feito tudo de um jeito humano sempre que tive escolha. Há uma sala reservada para mim ali dentro — continuou ela, passando pelas portas de vidro. — É para dar entrevistas, ou caso queira recuperar o fôlego.

Ela abriu a porta que dava para um pequeno espaço cheio de flores. Uma garrafa de champanhe estava à espera, dentro de um balde de prata e ao lado de uma lustrosa bandeja de frutas.

— Belo lounge — elogiou Eve.

— Louise e Charles enviaram a champanhe e as flores. E a editora... Eles estão me tratando como uma estrela. Espero não desapontá-los.

— Pare com isso.

Nadine acenou com a mão.

— O livro é bom. Muito bom; você está certa. E sei o que estou fazendo quando se trata de promover alguma coisa. Mas nunca dá para ter certeza se o público vai gostar ou não. Então, veremos... Seja como for, realizei algo de que tenho orgulho. Portanto...

Nadine foi até um balcão e pegou um exemplar do livro.

— Quero que você fique com isso. Você tem uma biblioteca de verdade,

então quero que tenha um exemplar impresso, em vez de um livro eletrônico.

— No momento, estou enjoada de todas as coisas eletrônicas.

— Imagino que sim. De qualquer forma, já que Roarke gosta de livros impressos, achei que assim eu conseguiria encontrar um jeito de entrar na biblioteca dele.

— Pode ter certeza. Obrigada, Nadine. De verdade.

— Não precisa carregar o livro por aí a noite toda. Vou enviá-lo para a sua casa, mas quis entregá-lo a você pessoalmente.

Eve virou o livro e analisou a foto de Nadine na contracapa. Ela usava um de seus terninhos estilosos; ao fundo, se via

o horizonte de Nova York, com as silhuetas de seus arranha-céus.

— Sexy e poderosa. A foto parece dizer: “Eu cubro Nova York inteira e nada me escapa”.

Nadine riu.

— Essa é a mensagem. Há mais um detalhe na versão impressa. — Nadine pegou o livro de volta e o abriu na primeira página, a dedicatória. — Está bem aqui.

Eve leu:

Para a tenente Eve Dallas,

corajosa, implacável, perspicaz, que honra o seu distintivo todos os dias e defende os vivos e os mortos.

— Puxa. Uau! — Aturdida, comovida e levemente envergonhada, Eve olhou para Nadine. — Fico... muito grata. Mas estou só fazendo o meu trabalho.

— Eu também. Somos muito boas no que fazemos, Dallas; você e eu. E somos muito boas não só porque temos garra, mas porque o nosso trabalho é importante. Ele é muito importante para nós, todos os dias. O que os Ilove fizeram foi obsceno, e essa história precisava ser contada. O livro é importante para mim e o que está descrito nele é importante para você. E você arriscou sua vida por isso.

— Outros também arriscaram. Eu não os impedi sozinha.

— Há uma longa página de

agradecimentos. Leia quando quiser — Nadine acrescentou com um sorriso. — Fique com o livro e com o sentimentalismo.

— Farei isso. — Eve estreitou os olhos. — Isso tudo não é uma espécie de caixa de cookies, é?

Com outra risada, Nadine agitou os cílios.

— Um suborno? De mim? Que coisa para se dizer! Pegue isso. — Ela serviu duas taças de champanhe e entregou uma delas a Eve. — Para duas mulheres competentes e sensuais, que cobrem Nova York inteira e são muito boas no que fazem.

— Isso eu apoio.

Elas brindaram e beberam.

— Vou mandar o livro para você. —
Nadine o colocou de volta sobre a mesa.

— Autografado.

Um novo sorriso floresceu em seus lábios.

— Lógico, autografado. E, agora, é melhor voltarmos para lá. Minha tarefa é me misturar com o povo; a sua é se divertir ao máximo, então não vou arrastá-la por aí, apresentando um monte de gente a você.

— Isso é melhor que uma caixa de cookies.

Houve o clarão de um relâmpago, e uma lança de luz cortou o céu quando elas voltaram para o terraço. Um trovão pareceu dar uma gargalhada grave logo em seguida.

— Droga, vamos ter que fechar a cúpula de vidro.

— Sim. — Eve olhou para cima. — Mesmo assim, vai ser uma festa memorável.

Quando o primeiro raio caiu, Cill entrou em seu apartamento. Quase desistira de voltar para casa. Saber que a polícia tinha vasculhado suas coisas, remexido, revirado seus bens pessoais e invadido sua privacidade a fizeram caminhar lentamente, quase se arrastando.

Sua mãe e seu padrasto tinham feito a mesma coisa. Viviam procurando por algo que pudesse gerar um sermão, vergonha e culpa, ou uma punição. Nada em sua vida fora particular, nada tinha

sido *só dela*, até o dia em que saiu de casa pela última vez.

Agora, tudo que era privado, tudo que era dela tinha sido revistado e vasculhado mais uma vez.

Mas para onde mais ela poderia ir, se não para casa? Ela não conseguiria ficar no trabalho, muito menos com todas aquelas flores, todos os ecos desbotados das pessoas que tinham ido lá por Bart.

Ele estava em toda parte ali, pensou ela. E, agora, ela se sentia exposta em sua própria casa.

Talvez ela se mudasse, considerou. Ou poderia tentar superar tudo.

Var e Benny estavam certos. Era algo rotineiro, nada pessoal. Mas era pessoal *para ela* — esse era o problema.

Eles tinham levado algumas das suas coisas, percebeu ela assim que entrou. Felicity tinha dito que o mandado permitiria à polícia apreender e examinar o que bem quisesse. Mas por que os direitos deles tinham que sufocar os dela? Já não havia sofrimento bastante naquela situação?

Circulou pela cozinha e acabou escolhendo um energético. Ela não conseguira comer nada durante o velório e não tinha vontade nem energia para se preocupar com comida agora.

Levou a lata com ela até a janela para assistir à dança dos raios. Mas desistiu da bebida logo depois do primeiro gole. Estava muito frio. Tudo lhe parecia muito frio.

Ela queria sol e calor, não frio e chuva. Queria suar. Queria uma boa briga, até se sentir exausta o suficiente para dormir sem pensar em Bart, sem imaginar os estranhos que tinham passeado pelo seu quarto, tocado nas suas coisas, julgado tudo. Julgado-a.

De qualquer forma, tinha concordado em trabalhar um pouco mais no projeto. Não sabia se o fizera porque precisava de um empurrão para levantar o astral ou porque o videogame realmente precisava de mais ajustes. De qualquer forma, ela faria o que tinha prometido e resolveria as duas coisas.

Pegou o disco cuja saída registrara na U-Play e escondera dentro do sutiã. Provavelmente, um lugar bobo e

excessivamente feminino para guardá-lo, pensou, mas imaginou que dali ninguém poderia roubá-lo, a menos que a matassem antes.

Chutou os sapatos novos, que machucavam seus pés, e caminhou descalça até o salão holográfico.

Ela adorava aquele lugar. Ali ela poderia ir a qualquer destino. Já visitara o mundo todo através do salão holográfico — sem mencionar outros mundos que só existiam ali ou na imaginação. A pesquisa de Benny era sempre muito minuciosa. Ela já tinha passeado por Piccadilly Circus, tremido de frio à beira de um lago na Escócia e explorado a floresta amazônica.

Não precisava de um meio de

transporte lotado, nem do incômodo de passar pela alfândega, ou da inconveniência de hotéis onde inúmeras outras pessoas haviam dormido na mesma cama antes de você. Tudo que precisava era da holografia.

No instante em que colocou o disco na fenda do console, o seu astral se elevou. Configurou o programa e respirou longa e pausadamente.

O calor a envolveu, o mormaço pesado e úmido de uma floresta tropical. Em vez do terninho preto, que ela nunca mais pretendia usar, vestia uma blusa amarela de algodão fino, calçava botas resistentes, usava o chapéu de aba larga e ponta curva de uma caçadora de tesouros.

Ela adorava aquele jogo por causa dos seus enigmas, a estratégia, as voltas e reviravoltas, e também, especialmente agora, pelas batalhas que iria vivenciar. Sem falar nos punhos, nas armas e na inteligência necessária para derrotar qualquer um que se opusesse a ela em sua busca pelo Ovo do Dragão.

Optou por começar na primeira fase, a chegada à antiga vila de Mozana. Ela levaria algumas horas para rodar o jogo todo, mas isso era bom, decidiu. Não queria nada além daquilo. Não queria pensar em mais nada, talvez para sempre.

Passou pelos primeiros estágios e etapas, os encontros, os escambos, a compra de suprimentos.

Em uma parte do cérebro, ela era Cill, a caçadora de tesouros — implacável, corajosa e astuta. Na outra, ainda era Cill, a programadora, observando os mínimos detalhes das imagens, dos movimentos, do áudio, procurando por quaisquer falhas.

Caminhou através do calor sufocante, observou uma cobra se enrolar em um galho e sibilar. Atravessou rios e correu até a boca de uma caverna quando o chão tremeu com um terremoto.

E lá, à luz de uma tocha, encontrou a arte rupestre da caverna. Cuidadosamente, como já tinha feito inúmeras vezes antes no desenvolvimento, copiou-a à mão em seu caderno e tirou fotos com sua

câmera.

A simplicidade daquela primeira fase servia para instigar o jogador, pensou. Ele ia querer mais, ia querer seguir em frente para enfrentar outros desafios. Como acontecia com ela.

Reuniu pistas, acumulou pontos, enxugou o suor da testa e molhou a garganta com a água do cantil.

O sabor era doce e limpo, e o sal do seu suor lhe ardeu nos olhos.

Tudo perfeito, decidiu. Até agora.

Na fase três, uma flecha passou zunindo por sua cabeça. Ela sabia o caminho certo a seguir — o que talvez fosse uma espécie de trapaça. Mas era divertido! E o seu trabalho também, lembrou a si mesma enquanto subia pela

trilha íngreme com a respiração ofegante. Suas botas escorregaram na lama de uma tempestade recente e, quando ela caiu, sentiu a terra quente e úmida lhe escorrer pelos dedos da mão.

Subindo e correndo novamente, esquivou-se para a esquerda, enquanto a memória do seu corpo a guiava.

Vamos, pensou ela, isso mesmo, vamos lá! Nesse momento, seus dedos apalpam o pequeno arco preso ao cinto.

O rival, que ela batizara de Delancy Queeg, estava no caminho, com a faca já fora da bainha.

— Os capangas que você contratou precisam de mais treinamento — disse ela.

— Eles a trouxeram até onde eu queria. Desista agora e eu a deixarei viver.

— Foi isso que você disse ao meu pai antes de cortar a garganta dele, seu canalha?

Ele sorriu. Estava bronzeado; era bonito e mortífero.

— Seu pai era um idiota, e você também é. O Ovo do Dragão é meu. Sempre foi! — Ele acenou com a mão para algum ponto às suas costas. Ela se virou e viu cinco nativos de peito nu com os arcos posicionados.

— Você não é homem o bastante para me enfrentar sozinho? — desafiou ela.

— Podem ir embora! — ordenou ele aos nativos. — Já cumpriram o que

foram pagos para fazer.

Apesar de eles se dispersarem, a mulher sabia que ele era um mentiroso. Eles ficariam à espreita. Ela teria de ser rápida.

Apertou o cabo da faca com a mão, colocou-se em posição de luta e começou a circular o oponente no caminho estreito e lamacento.

Golpes, gingas, encontros de lâminas. Perfeito, tornou a pensar ela, sem ajustes necessários ali. Ela sentiu o cheiro de sangue quando atingiu o antebraço de Queeg, o canalha, logo acima do pulso.

Ele a atacaria em seguida, lembrou, antecipando os próximos movimentos do programa enquanto jogava. Quando rasgou a pele do ombro dela, ele sorriu

abertamente, achando que tinha a vantagem.

Mas ela mergulharia ao lado dele e saltaria do penhasco até o rio coberto de pedras abaixo, e as flechas voariam ao redor dela.

A mulher considerou se esquivar do corte no ombro, pois já sabia o que iria acontecer e de onde viria o golpe, mas era melhor estudar todos os detalhes e procurar por mais falhas, já que ela jogava seguindo a rota conhecida, em vez de misturar possíveis cenários.

A faca dele zuniu no ar com força e a ponta rasgou sua blusa de algodão e sua carne. Só que, em vez do leve solavanco esperado, ela sentiu o corte e uma forte ardência.

Cambaleou para trás, deixando cair a faca enquanto levava a mão para cobrir a ferida, e sentiu o sangue quente lhe escorrer pelos dedos, como acontecera com a lama. Incrédula, viu a lâmina coberta com seu sangue, que escorria.

Aquilo era verdadeiro, foi tudo que ela pensou. Não era holografia. Era real.

Quando os lábios de Queeg abriram um sorriso feroz e sua faca deu início a outro arco descendente, ela escorregou no caminho lamacento e caiu sobre o penhasco com um grito de desespero, que foi abafado pelas águas que se lançavam com fúria sobre as pedras lá embaixo.

Na manhã seguinte, Benny andava de um

lado para outro na sala de Var.

— Vou ligar mais uma vez.

— Você tentou falar com ela cinco minutos atrás. — Em pé diante da janela, Var olhou para fora, em direção ao prédio de Cill. — Ela não está atendendo ao *tele-link*. — Passou as mãos pelo cabelo. — Nem e-mail, mensagem, nada.

Com a frustração marcando cada linha do seu rosto, ele se virou.

— Tem certeza de que ela não comentou nada sobre não vir trabalhar hoje?

— Não, eu já disse. Aconteceu exatamente o oposto. Ela disse que chegaria cedo. Não queria ficar em casa mais que o necessário. Eu disse que ela

poderia dormir na minha casa, mas você sabe como ela é com relação às coisas dela, ao espaço dela.

— Sim, ela me disse a mesma coisa: que se não fosse para casa e passasse a noite lá, é possível que nunca mais voltasse. Droga! — Ele olhou para o relógio. — Ela provavelmente dormiu demais, apenas isso. Talvez tenha tomado um comprimido para apagar...

— Talvez tenha tomado comprimidos demais.

— Minha nossa! Nós devíamos ir até lá. Vamos passar na casa de Cill para ver como ela está. Só para o caso de... Provavelmente, ela apenas se desligou por um tempo, mas é bom verificar.

— Vamos logo. Nenhum de nós vai

conseguir trabalhar se não formos conferir. Ela registrou a saída da cópia dela do *Fantastical* — acrescentou Benny quando eles pegaram um elevador.

— Ela levou a cópia para casa? Ora, mas isso é bom. Isso é ótimo. O trabalho é excelente para ela; deve ter sido por isso que apagou. Claro! Ficou envolvida com o jogo, trabalhou até tarde e tomou um comprimido. Provavelmente, pegou no sono só depois de amanhecer ou algo assim.

— Provavelmente. Tomara. O problema é que está tudo tão ferrado...

Ele olhou para as flores e pensou em Bart.

— Eu sei. — Var colocou a mão no

ombro de Benny. — Deixe-me avisar Stick que vamos sair por um tempinho.

Assim que eles deixaram o prédio, começaram a caminhar a passos largos.

— Ela vai ficar muito puta quando a acordarmos — comentou Var, e conseguiu dar um sorriso.

— Sim, já até imagino sua reação... *Que porra é essa? Não posso nem dormir umas horinhas a mais?* Poderemos lhe preparar um pouco de café.

— Boa ideia! Que toró assustador caiu ontem à noite, você viu?

— O céu ficou mais iluminado do que na batalha de velociraptores do *Third Planet*. A tempestade chegou a sacudir minhas janelas. Mas foi bom para esfriar

um pouco as coisas.

— Foi mesmo. — Quando chegaram ao prédio, Var digitou a senha para ligar o alerta de visitantes de Cill.

Esperaram com as mãos nos bolsos. Momentos depois, o computador avisou que ninguém tinha respondido no apartamento. Quando Var resolveu tentar de novo, Benny balançou a cabeça.

— Vamos entrar. Vamos logo. — Ele usou o cartão que Cill lhe dera, colocou a palma da mão no sensor e digitou algumas senhas.

— Ela deve ter desligado tudo — anunciou Var, em voz baixa, quando eles subiram para o apartamento. — Apenas isso. Deve estar dormindo.

Benny usou o punho e deu uma batida

forte na porta.

— Caramba, Ben!

— Eu não vou esperar. — Tornou a usar o cartão, o sensor palmar e digitou as duas senhas. Entreabriu a porta e chamou pelo nome dela.

— Cill! Oi, Cill! Estamos aqui! Benny e Var.

— Somos nós, não nos ataque com o spray de pimenta!

— Cill? — Benny acabara de abrir a porta e hesitou por um momento enquanto olhava ao redor da sala de estar. Viu os sapatos novos e a bolsa dela. Apontou para a bolsa. — Ela está aqui. Nunca sai de casa sem a bolsa. Vou dar uma olhada no quarto.

— E eu no escritório.

Eles se separaram.

— Ela não está aqui — anunciou Benny, correndo de volta. — Não dá para saber se alguém dormiu na cama porque está desfeita como sempre.

— Ela não está no escritório, nem no quarto extra, nem na cozinha. Só pode estar...

— No salão holográfico! — Girando o corpo, Benny correu para lá e começou a digitar as senhas.

— Não está trancado, cara. — Var apontou com a cabeça para a luz verde e abriu a porta.

Benny o empurrou de lado e entrou.

— Deus! Por Deus, Cill! — Ele correu para onde ela estava contorcida, coberta de sangue e completamente

imóvel. — Ligue para a emergência! — gritou ele. — Depressa, ligue logo!

Var pegou seu *tele-link* e apertou a tecla de emergência.

— Ela está viva? Benny, Benny, me diga que ela está viva.

— Eu não sei. — Ele pegou a mão dela e lhe acariciou a bochecha. E, quando a voz de Var surgiu de trás dele, como se viesse através de um túnel longo e escuro, reuniu coragem para pressionar os dedos e verificar a pulsação na garganta dela.

Em sua sala, Eve se preparava para a reunião com a equipe. Tinha solicitado a presença de Mira. Precisava de uma opinião profissional sobre as suas

conclusões depois de ter visto e analisado o apartamento de cada um dos sócios. Com alguma sorte, a DDE lhe daria algo concreto para acrescentar ao que já tinha, e eles poderiam ir buscar aquele que era o seu principal suspeito.

Eve ergueu os olhos quando McNab entrou.

— Ela é boa — elogiou ele ao entregar o diário de Cill para Eve. — Mas eu sou melhor. Achei que você ia querer ver isto imediatamente.

— Achou certo. Você leu?

— Não, não fui autorizado a fazer isso... talvez tenha lido algumas páginas — admitiu ele ao ver o olhar gelado de Eve. — Tudo ali é só... bem, o que eu vi foi só rotina. Acontecimentos do dia a

dia, alguns lances do trabalho, esse tipo de coisa. Talvez ela tenha escrito um pouco sobre um cara com quem saiu alguns meses atrás. Ela decidiu que ele era um fracassado. Sou obrigado a concordar.

— Apenas algumas páginas.

— Talvez um pouco mais. Só para ter certeza de que não houve falhas.

— Vou deixar você escapar dessa porque isso me livrou de ter de pressioná-la abri-lo. Você tem mais de uma hora antes da reunião. Vá embora e não incomode a minha parceira.

— Eu não seria um incômodo para...

— começou ele, mas o comunicador de Eve tocou e ele saiu.

— Dallas falando.

*Emergência para a tenente Eve Dallas.
Apresente-se à Rua Spring, 431, apartamento
3.*

— Esse é o endereço de Cilla Allen.
Ela está morta?

*Negativo. Cilla Allen está sendo transportada
para o Hospital St. Ignatius por uma unidade
de emergência. Condição crítica, lesões
múltiplas. Apresente-se aos guardas no local
e proteja a cena do incidente.*

— Entendido. Dallas desligando.

Ela entrou na sala de ocorrências.
McNab, que estava incomodando a sua
parceira, abriu um sorriso. Então viu o
rosto da tenente e colocou a mão no
ombro de Peabody por um breve

instante.

— Merda — disse ele.

— Cill está sendo levada para o Hospital St. Ignatius em condição crítica. Vamos!

— O que aconteceu? — quis saber Peabody quando se levantou e se lançou no encalço de Eve, que já caminhava a passos largos.

— Isso é o que vamos descobrir. — Ela balançou a cabeça quando Peabody começou a falar novamente. — Ligue para o *tele-link* fixo da U-Play. Quero saber se Var e Benny estão lá. Quero que você se certifique falando diretamente com eles.

Peabody seguiu suas ordens enquanto elas desciam para a garagem.

— Não estão lá. Os dois saíram juntos há cerca de meia hora.

— Juntos — murmurou Eve, assentindo com a cabeça. — Sim, essa é uma boa jogada. Quero um guarda na porta do local onde ela está, seja na emergência, no pronto-socorro, no CTI, em qualquer lugar para onde tenha sido levada. Ela está sob nossos cuidados a partir de agora, vinte e quatro horas por dia. Veja se consegue obter mais detalhes sobre os seus ferimentos e a sua condição clínica. Não quero ouvir nada s o b r e *condição crítica, lesões múltiplas*. Quero detalhes concretos, cacete!

— Sim, senhora. — Peabody olhou meio de lado para Eve quando as duas

entraram na viatura.

Ela se encolheu toda e se preparou quando Eve saiu pela rua com o carro em disparada.

Capítulo Dezoito

Eve ignorou o elevador de estilo *vintage* e subiu a escada.

— Relatório. — ordenou ao policial na porta enquanto pegava Seal-It, o spray selante, em seu kit de trabalho.

— Sim, senhora. Um chamado de emergência chegou à estação, feito deste local pelo sr. Levar Hoyt às nove horas e cinquenta e seis minutos desta manhã. Meu parceiro e eu fomos enviados para cá depois de acionar a ambulância. Chegamos ao local às dez horas e dois minutos, aproximadamente dois minutos antes da unidade médica.

Bom tempo de resposta, pensou Eve, e fez um aceno com a cabeça para incentivá-lo a continuar.

— Fomos recebidos na porta pelo sr. Hoyt, que imediatamente nos levou ao salão holográfico na ala leste da unidade. A vítima, srta. Cilla Allen, moradora deste endereço, estava inconsciente no chão e parecia seriamente ferida. Um homem chamado Benny Leman estava no aposento com ela. Ele declarou não ter movido a vítima com medo de piorar as lesões, mas havia checado o pulso dela e tentava averiguar a extensão dos ferimentos. Ele estava um pouco incoerente na ocasião. Meu parceiro e eu removemos os dois homens do local

e os colocamos no que parece ser uma sala de projeções. A policial Uttica permanece com eles. Eles foram ficando cada vez mais agitados e expressaram fortemente o desejo de permanecer com a vítima, que identificaram como sua sócia.

“Voltei para perguntar aos paramédicos sobre as lesões da vítima, que eles descreveram como críticas, incluindo traumatismo craniano, um cotovelo estilhaçado, uma perna e, pelo menos, duas costelas quebradas, além de numerosas lacerações e contusões. Ela foi levada ao Hospital St. Ignatius. Partiram daqui aproximadamente às dez horas e quinze minutos.”

— Excelente relatório, policial

Kobel.

— Gosto de ser minucioso.

— Fique na porta — ordenou ela.

— Sim, senhora.

Eve foi direto para o salão holográfico, onde o sangue, que devia ser de Cill, ainda manchava o chão.

— Vamos colher amostras. Certifique-se de que esse sangue é apenas dela.

Ela foi até o console.

— Há um disco nesta unidade. Deve ser *Fantastical*.

— A mesma configuração do momento da morte de Minnock — observou Peabody —, mas, pela descrição das lesões, parece que o assassino preferiu espancá-la até a

morte.

— Se foi assim, por que não terminou o serviço? Ela está mal, cheia de fraturas e inconsciente. Por que deixá-la respirando depois de ter se dado a todo esse trabalho?

— Talvez ele tenha se assustado ou achado que ela já estava morta.

Não, pensou Eve. *Não mesmo.*

— Ele é esperto demais para deixá-la respirando. Seria um grave erro.

— Não se ela não sobreviver.

Eve sacudiu a cabeça.

— Vá em frente, chame os peritos e a DDE. Veremos se os sócios conhecem as senhas do sistema de segurança dela. Talvez consigamos pegar esse disco sem destruí-lo. De qualquer forma, quero

saber quando ela começou o jogo e durante quanto tempo jogou.

— Entendido. Quer que eu colha os depoimentos deles separadamente?

— Não. Vamos interrogá-los juntos e ver suas reações. Quando terminar, venha para cá. Me interrompa e me chame para um canto para contar algumas novidades. Fale coisas genéricas em voz baixa, mas quero que eles ouçam com clareza *DDE*, *invadiram o sistema* e *dados recuperados*.

— Se eles... ou um dos dois for culpado, isso será má notícia.

— Exatamente. Às vezes, você tem que jogar verde para colher maduro.

— Como assim?

— Deixa pra lá. — Ela deixou Peabody e entrou na sala de projeções. Os dois homens se levantaram e começaram a falar ao mesmo tempo.

— Parem! Guarda, vá se juntar ao seu parceiro e mantenha o local seguro. Os peritos e a DDE já foram notificados. Ninguém mais entra.

Ela se virou para os dois homens.

— Sentem-se.

— Eles não nos permitiram ir com ela. Nem nos deixam ligar para o hospital. Por favor. Por favor, tenente.

— A voz de Benny estremeceu com as lágrimas que inundavam seus olhos.

Eve pegou o *tele-link*.

— Aqui é a tenente Dallas — Ela informou os dados e o número do seu

distintivo. — Preciso saber o estado de uma paciente, Cilla Allen, que acabou de ser internada. — Ela ergueu um dedo antes que um dos homens tivesse chance de falar novamente e caminhou até o outro lado da sala. Escutou algo, murmurou de volta e guardou o *tele-link* novamente no bolso antes de voltar para onde estava.

— Ela está sendo atendida. Montaram uma equipe exclusiva e estão tentando estabilizá-la para, então, levarem-na para o centro cirúrgico.

— Ela vai ser operada? Vai precisar de cirurgia? — perguntou Var, enquanto Benny simplesmente a encarava.

— As lesões são muito graves, e eles estão fazendo o possível para salvá-la.

O estado é grave. Vocês precisam se preparar.

— Ela não vai morrer. Ela não vai morrer. Ela não vai morrer.

Enquanto repetia isso sem parar, Benny se balançava na cadeira, até que Var colocou o braço em volta dos seus ombros.

— Que é isso, Benny? Vamos lá, cara. Ela é dura na queda. Cilly é forte. Precisamos ficar com ela — disse ele para Eve.

— Preciso do depoimento de vocês. Farei isso o mais rápido possível e, depois, mandarei os policiais que atenderam ao chamado acompanharem vocês ao hospital. Preciso que me contem o que aconteceu.

— Não sabemos. — Benny balançou a cabeça. — Como vamos saber? Ela estava... ela já estava caída lá quando chegamos.

— A que horas vocês chegaram?

Benny balançou a cabeça novamente e, por fim, a enterrou entre as mãos.

— Eram cerca de dez da manhã, ou pouco antes. Não sei exatamente — disse Var. — Ficamos preocupados quando Cill não apareceu no trabalho, não atendeu ao *tele-link* nem respondeu aos e-mails. Devíamos ter vindo antes. Devíamos ter tentado encontrá-la mais cedo, porque talvez...

— Eu não deveria tê-la deixado sozinha em casa ontem à noite. — Benny passou os dedos pelos seus *dreadlocks*.

— Devia tê-la convencido a ficar no meu apartamento.

— A que horas ela foi para casa? — Eve quis saber de Benny.

— Não muito tarde. Talvez nove ou nove e meia da noite. Conversamos sobre sair para comer alguma coisa, ou simplesmente beber. Mas nenhum de nós estava realmente a fim.

— Ela registrou a saída de um videogame? Ela levou o *Fantastical*?

— Sim. Sim. Descobrimos hoje de manhã o registro de saída da cópia dela. Por que isso está acontecendo? — quis saber Benny. — Alguém tentou matá-la. Alguém matou o Bart. Por que isso está acontecendo?

— Estamos fazendo o melhor que

podemos para descobrir. — Eve olhou para trás quando Peabody apareceu e fez sinal para ela. — Por favor, me deem um minuto.

Ela cruzou a sala e se inclinou na direção da parceira.

— Foi uma festa *supermag* ontem à noite — sussurrou Peabody, modulando a voz para aumentar o tom apenas sobre as palavras-chave. — Meus pés *DDE* estão me matando! Mas eles *invadiram o sistema* e valeu muito a pena, porque dançar a festa toda e os *dados recuperados* provavelmente tiraram meio quilo só do meu traseiro.

— Você já percebeu que está obcecada pelo seu traseiro? Agora, balance a cabeça como se eu tivesse

acabado de lhe dar uma ordem; em seguida, pegue seu comunicador antes de sair. Espere alguns minutos, volte, me dê um aceno de cabeça e, depois, fique para o resto do interrogatório.

— Entendi. — Ela assentiu com a cabeça, acrescentou um *sim, senhora!* e pegou o comunicador quando saiu da sala.

— É sobre Cill? — questionou Benny. — É algo sobre Cill?

— Não. Quer dizer que vocês viram Cill pela última vez às nove e meia da noite passada? — Ela olhou para Var em busca de confirmação.

— Mais ou menos a essa hora.

— E qual era o estado de espírito dela?

— O que você acha? — A raiva transbordou e Benny cerrou os punhos sobre os joelhos. — Ela estava arrasada. Nós todos estávamos. Já foi difícil organizarmos o velório juntos, editar o vídeo de Bart e pensar na comida. Pelo menos, isso deu a ela, a todos nós, algo sólido para planejar e fazer. Agora...

— Estávamos cansados. — suspirou Var. — Estávamos todos muito cansados.

— Para onde você foi depois?

— Para casa. — Agora foi Var quem encolheu os ombros. — Todos fomos para casa.

— Vocês caminharam juntos?

— Sim. Quero dizer, fomos juntos até

a casa de Cill, depois eu fui para a minha casa. Benny foi para a dele.

— Vocês notaram alguém circulando pela região? Alguém perto do prédio dela?

Ela olhou para trás quando Peabody voltou e lhe fez um aceno com a cabeça.

— Eu esperei até ela entrar — disse Benny. — Até conversamos por mais alguns minutos. Eu não a teria deixado sozinha se tivesse visto alguém circulando pela região. Confirmei que ela entrou no prédio antes de seguir para a minha casa. Sua luz estava acesa quando olhei pela minha janela, depois que entrei no meu apartamento. Por isso, sei que ela entrou em casa em segurança.

— Você sempre verifica isso?

Ele se remexeu na cadeira.

— Sempre que saímos do trabalho juntos, gosto de me certificar de que ela entrou em segurança. Ela sabe cuidar de si, mas esse cuidado extra é coisa minha.

— Você conversou, viu ou teve contato com mais alguém depois das nove e meia?

— Deus! — Var esfregou os olhos.
— Eu peguei algo para comer e tentei assistir a alguma coisa. Só que não consegui me acalmar, então fui para o computador por mais algumas horas. Entrei em algumas salas de jogos online. Joguei um pouco de *World Domination* em estilo torneio. Sabe como é, rodadas de eliminação. Fiquei

nessa até mais ou menos duas da manhã. Não saí mais de casa. Eu não queria sair.

— Benny?

— Eu não falei com mais ninguém. Tínhamos conversado com muitas pessoas o dia todo. Verifiquei meus e-mails e, depois, fiz umas pesquisas para alguns projetos. Acho que despenquei na cama por volta de meia-noite. A luz da casa dela ainda estava acesa. Notei por acaso... Quase liguei para ela, só para saber se ela queria companhia ou apenas conversar, mas não fiz isso. Imaginei que quisesse ficar sozinha. Eu deveria ter ido até lá. — Sua voz fraquejou novamente. — Eu deveria ter ido até lá.

— Pare com isso. — Var colocou a

mão no ombro de Benny. — Pare. A culpa não é sua. Nós precisamos ficar com ela — pediu a Eve.

— Estamos quase acabando. Como foi que vocês entraram no prédio e no apartamento dela?

— Tenho um cartão e sei as senhas dela — disse Benny. — Moro mais próximo e, quando ela precisa se ausentar por alguns dias, rego as plantas. Ela tem algumas muito bonitas. Além disso, sempre olho para ver se está tudo bem protegido por lá. É importante para Cill que o lugar esteja seguro.

— Por quê? — quis saber Eve. — Por que ela vive tão preocupada com segurança e privacidade?

— Bem, eu... — Benny olhou para

Var.

— Continue, pode contar. Talvez isso ajude.

— É que a mãe e o padrasto dela nunca lhe deram privacidade nem paz. Costumavam invadir o quarto dela o tempo todo, vasculhar todas as suas coisas. Uma vez, até instalaram uma câmara lá dentro para espioná-la como se ela fosse uma criminosa. Ela... ela simplesmente gosta de ter sua privacidade, nada mais. Foi por isso que ficou tão chateada com os mandados de busca. Acho que... — Ele soltou um longo suspiro. — Acho que foi por isso que eu também fiquei. Saber o quanto isso a incomodava me irritou.

— Ok. O sistema de segurança estava

em ordem quando vocês chegaram?

— Sim, estava. — Var deu mais um aperto solidário no ombro de Benny e confirmou com a cabeça. — Achamos que ela poderia ter tomado um remédio para dormir e estivesse simplesmente apagada. Verificamos o quarto e o escritório, e depois nós... fomos olhar no salão holográfico e a encontramos. Foi então que nós, quero dizer, eu liguei imediatamente para a emergência. E verificamos o pulso dela.

— Sim, fui eu quem fez isso. — Benny apertou os lábios ainda mais. — Logo de cara, não consegui sentir a pulsação, mas estava lá. Quase imperceptível. Ela estava toda ferida, foi muito espancada. Tinha cortes,

arranhões e sangrava. Você pode ligar para o hospital mais uma vez? Pelo amor de Deus.

— Peabody, verifique o estado dela com o hospital. Estamos quase terminando. O salão holográfico estava trancado?

Benny franziu o cenho por um momento.

— Não. Não estava trancado. Mas já estivemos aqui muitas vezes. Ela não costuma trancar o cômodo. Eu também raramente tranco o meu. Essa mania era coisa do Bart. O Superespião Minnock — murmurou e apertou os olhos com força.

— Certo. Há um disco no console do salão holográfico, como eu já disse.

Vocês conseguem removê-lo?

Benny sacudiu a cabeça para os lados.

— Não tenho a senha e não sei a sequência. — Ele olhou para Var.

— Eu também não. Poderíamos chutar uma senha, mas, se estivermos errados, o disco será destruído.

— Tudo bem. Vamos cuidar disso.

— Ela está em cirurgia — anunciou Peabody. — O procedimento deve levar várias horas.

— Ela tem algum parente que deveria ser notificado? — perguntou Eve.

— Só a mãe. — Var passou a mão pelo rosto cansado. — Elas não são muito próximas, como você pode imaginar, mas, mesmo assim, acho que

deveria ser informada.

— Somos a família dela — disse Benny, quase com raiva. — Só nós.

— Vou mandar que os guardas acompanhem vocês até o hospital. A detetive Peabody e eu iremos daqui a pouco.

Ela deu as instruções aos oficiais e tornou a fechar a porta com eles lá dentro.

— Quero que eles sejam seguidos de perto por policiais à paisana.

— Seus álibis são fáceis de tirar a limpo. A DDE poderá confirmar ou desmentir qualquer atividade on-line. Se eles estão juntos nisso, são bons de disfarce, mas isso se encaixaria na teoria dos dois conspiradores de Mira.

— Como você imagina que tudo aconteceu, supondo que eles sejam cúmplices? — perguntou ela a Peabody.

— Eles a levam em casa, como descreveram, só que sobem com ela e vão direto ao salão holográfico depois de convencê-la a se distrair um pouco. Eu não entendo o porquê disso, já que o apartamento tem um isolamento acústico excelente, mas a área holográfica seria o cômodo mais seguro e à prova de som de todo o local. E ela estaria distraída. Eles a atacam, ou um ataca e o outro vigia. Eles a deixam lá para morrer e vão para casa. Depois, vêm com o papo de *estamos preocupados com ela* agora de manhã para serem os primeiros e únicos a encontrá-la.

— Ainda viva. Por que não acabar com tudo nesse momento? — questionou Eve.

— Saberíamos o momento exato da sua morte, e isso iria coincidir com a presença deles. Os dois precisam pensar rápido e decidem dar o alarme e levá-la para o hospital. Ela está um desastre, Dallas, as chances não são nada boas. Qualquer um dos dois poderá acabar com ela mais tarde. Ou poderia, se não a tivéssemos colocado sob proteção.

— Não é uma teoria ruim. Execute alguns programas de probabilidades sobre ela.

— Você não gosta da ideia.

— Não está entre as minhas favoritas.

— Ela apontou a lata de bebida

energética. — Isso não estava ali ontem e ela não voltou para casa até a noite passada.

— Ok. E daí?

— Se ela teve companhia, por que abriu uma lata de bebida, que, por sinal, nem tocou? Vamos verificar a unidade de refrigeração e o reciclador, mas acho que não vamos encontrar bebidas de qualquer tipo que tenham sido consumidas ontem à noite. Ela apenas ficou aqui, de pé junto à janela, decidindo que, afinal, não queria tomar a maldita bebida. Fez a mesma coisa no dia em que a notificamos sobre a morte de Bart. Pegou a bebida, abriu e a deixou de lado.

— Estava muito chateada com o

funeral — concordou Peabody. — Sim, parece que se encaixa.

Eve apontou para os sapatos.

— O que você faz quando chega em casa e seus sapatos novos machucam seus pés?

— Eu os tiro.

— Mas, se você tiver companhia, provavelmente não vai deixá-los no meio da sala, atrapalhando a passagem.

— Ela encolheu os ombros. — Pode ser que isso não signifique nada, mas alguns detalhes aqui me fornecem uma ideia diferente.

— Ela não trancou o salão holográfico, então eles podem ter entrado enquanto ela estava jogando.

— Mas como eles poderiam saber

que ela estaria jogando?

— Porque... um ou os dois sabiam que ela tinha registrado a saída do disco.

Eve assentiu.

— Sim, vou seguir a partir desse ponto. Um deles lhe entregou o disco para que ela o levasse para casa. Esse videogame, no fim das contas... é a arma do crime. O assassino gosta dessa arma.

Ela atendeu a porta e deixou os peritos entrarem. Enquanto Eve lhes guiava até o salão holográfico e explicava o básico da cena, Peabody refletia sobre outras teorias.

— Eles dão a ela algum tempo para subir... — disse Peabody quando Eve voltou. — Alguns minutos para ela se

instalar em casa e começar o jogo. Só então eles entram. Ela está distraída, jogando. E o resto segue a minha teoria anterior.

— Também é possível. Você deve executar todas essas variáveis no programa.

— Estou me perguntando o porquê de tudo. Por que Cill? Por que agora? Logo depois de Bart, era óbvio que iríamos suspeitar dos últimos sócios ainda vivos. De repente, ela se tornou uma ameaça? Será que descobriu algo? Estava fazendo perguntas demais?

— É plausível. Ontem, Roarke contou a ela que o seu pessoal estava trabalhando em um videogame semelhante ao *Fantastical*, com

tecnologia parecida, e explicou que já está sendo desenvolvido há vários meses.

— Isso foi uma péssima notícia para eles.

— Sim. E ela teria passado a novidade para os outros. Teria contado tudo a eles. Talvez alguém tenha ficado revoltado o bastante para matar o mensageiro. Essa possibilidade fica só entre mim e você. Não quero Roarke envolvido nessa história.

— Entendido.

— Tenho outros motivos que não estão no topo da minha lista. Você joga um videogame, toma decisões e cada passo leva ao próximo. Você enfrenta diferentes obstáculos e oponentes. É

uma boa estratégia lançar um novo problema diante do seu oponente atual.

— Que seríamos nós. Ela foi uma cortina de fumaça? Espancá-la quase até a morte foi uma cortina de fumaça?

— Com isso, aumentam os riscos. Sim, vamos analisar de perto os dois que sobraram. Isso não é emocionante? Ainda mais quando você se acha muito esperto, muito superior ao resto dos jogadores. E agora? Há menos uma pessoa que o conhecia por dentro e por fora. Intimamente. Ou que acha que o conhecia. É um risco calculado, mas é uma boa jogada.

— Se ela sobreviver, vai poder identificá-lo.

— Sim, é o que está pegando. Estou

trabalhando nisso. — Ela abriu a porta mais uma vez, agora para Feeney e McNab.

— Salão holográfico. Preciso de tudo que vocês puderem conseguir. Mas, antes de começar, quero conversar com vocês sobre um cenário que tenho em mente.

Cill ainda estava em cirurgia quando Eve e Peabody chegaram ao hospital.

— Vá se encontrar com os sócios — ordenou a Peabody. — Seja solidária e tente incentivá-los a falar.

Eve foi atrás de uma das enfermeiras do andar e exibiu o distintivo.

— Sou a responsável pela investigação de Cilla Allen. Preciso ser

informada de tudo que você sabe ou consiga descobrir.

— Posso lhe dizer que eles tiveram muito trabalho com ela no pronto-socorro. Usaram o desfibrilador e conseguiram trazê-la de volta. Ela teve muita sorte de ter sido recebida pela dra. Pruitt, que é neurocirurgiã. Os traumas no crânio são graves e prioritários, mas as outras lesões são igualmente extensas. Ela vai ficar naquela sala de cirurgia por um bom tempo.

— Quais são as chances dela?

— Não tenho como avaliar.

— Faça uma suposição baseada na sua experiência.

— Ela tem sorte de ter conseguido

chegar aqui. Parece ter sido jogada de um penhasco.

Eve agarrou o braço da enfermeira antes que ela pudesse se retirar.

— Uma queda? Não uma surra?

— Não posso assegurar. Se ela conseguir escapar dessa, poderá nos contar por si mesma.

Ela franziu a testa quando a enfermeira saiu apressada. E franziu ainda mais quando viu Roarke vindo em sua direção.

— Eu soube o que houve. Achei que deveria vir.

— Os sócios estão lá?

— Sim. Peabody está com eles agora.

— E suas impressões?

— Estão chocados e com medo, como

é de se esperar. Continuam se apoiando um no outro, pode-se dizer.

— Algum dos dois perguntou sobre o seu novo jogo em desenvolvimento?

— Não. Acho que eles não têm cabeça para isso no momento.

Eve desviou o olhar para a sala de espera.

— Têm sim, pelo menos um deles tem.

— Você acredita que um deles espancou aquela garota e, pelo que eu soube, deixou-a toda arrebentada?

— Não há dúvida disso. Não mais. O único problema é entender como tudo ocorreu e com que propósito. Ganhar tempo, mudar o nosso foco, apelar para o sentimentalismo? Ela era a ponta mais

frágil do triângulo. Tinha cabeça quente, era impulsiva, o verdadeiro ponto fraco. Sendo assim, seria um sacrifício lógico nesse jogo. Ela...

— Por Deus, Eve. A garota está estilhaçada como vidro e será preciso um milagre para deixá-la inteira novamente. E você está aqui falando sobre malditos jogos?

Ela combateu o fogo dele com gelo.

— Obviamente, o apelo ao sentimentalismo já derrubou você.

— Pode ser que sim. É sinal de que tenho sentimentos — disparou ele de volta. — Não estou tão envolvido tentando ganhar algum *jogo* de merda a ponto de considerar a vida de uma jovem um sacrifício lógico. Ela continua

viva, tenente. Ainda não está do seu lado do tabuleiro.

— Por que não volta para a sala de espera? Vocês podem todos dar as mãos. Talvez dizer uma pequena oração. Vá em frente e faça isso enquanto o responsável por colocá-la naquela sala de cirurgia está rindo da nossa cara. Tenho coisas mais importantes para fazer.

Ela se afastou, enrijecendo o coração e a barriga para aguentar a dor. Não era só o corpo, pensou ela, que poderia se estilhaçar. E não eram apenas punhos, canos ou tacos que poderiam quebrar tudo.

Encontrou um banheiro vazio, encostou-se na parede e deu a si mesma

um momento para se acalmar. Então conferiu as coisas com Feeney, atualizou Whitney e consultou Mira.

Era assim que as coisas funcionavam, lembrou a si mesma. Era assim que *ela* funcionava. Ficar sentada dando tapinhas nas costas para consolar as pessoas e ficar de mãos dadas com elas não a ajudaria a encerrar o caso. Não levaria o assassino de Bart à justiça e nem salvaria Cill.

De jeito nenhum ela aceitaria se desculpar por fazer o seu trabalho do jeito que julgasse mais adequado.

Depois de algum tempo, mais calma, ela encontrou outra enfermeira, mostrou-lhe o distintivo e exigiu ser levada até a sala de observação restrita, que

transmitia para um telão tudo que acontecia na mesa de operações. Ficou ali em pé, sozinha, tomando um café medonho e observando a equipe médica, que se esforçava para juntar os estilhaçados.

Ainda que ela sobrevivesse, pensou Eve, aquelas peças quebradas nunca mais se encaixariam como antes.

Ela ainda não estava do lado de Eve do tabuleiro? *Porra nenhuma*, pensou. Cill tinha passado para o seu lado no momento em que caiu no chão.

Olhou para trás quando a porta se abriu, viu Roarke entrar e voltou sua atenção para o telão.

— Não tenho desculpas para o que aconteceu ainda há pouco — começou

ele. — Absolutamente nenhuma desculpa por ter dito as coisas que eu disse. Estou indescritivelmente arrependido, Eve.

— Deixa pra lá.

— Não consigo. Nem vou fazer isso.

— Ele caminhou até ela e se colocou ao seu lado, mas não a tocou. — Mesmo assim, espero que você me perdoe.

— Os últimos dias têm sido longos e difíceis.

— Isso não é desculpa. Também não é um motivo.

— Tudo bem... Me dê um, então.

— Ela chorou nos meus braços ontem. Eu sabia que você a considerava uma suspeita e uma parte de mim se perguntou, no instante em que se lançou

aos prantos nos meus braços, se ela realmente tinha tido alguma participação no que aconteceu com Bart. O pior é que, pelo que eu soube, muito provavelmente Cill estava caída no chão, sozinha, destroçada e sangrando enquanto nós circulávamos por um belo terraço tomando champanhe.

— Você está envolvido demais.

— Estou, sim. Você tem razão, e eu não consigo explicar, nem para mim mesmo, por que isso acontece. Mas não posso me afastar. Esses podem ser alguns dos motivos, Eve, mas continuam não sendo desculpas para atacar você daquela forma e por fazer isso sabendo que você aceitaria os golpes e conseguiria absorvê-los.

— Você me machucou.

— Oh, Deus. Eu sei disso. — Ele a segurou pelos braços com delicadeza.

— Você me conhece. E pode ter a satisfação de ter absoluta certeza de que ainda vou sofrer muito por saber disso.

— Você não estava totalmente errado.

— Eu estava *completamente* errado.

— Não. Não importa o que eu penso sobre isso. — Ela apontou com a cabeça para o telão. — Tenho de me manter firme a respeito de qualquer coisa e de tudo. Não se trata da merda de um jogo para mim, mas é exatamente isso para ele. Tenho que pensar como ele pensa para poder detê-lo.

— Sei como você pensa e sei o quanto se importa. Só posso dizer

novamente que sinto muito.

Ela o fitou longamente e sentiu aliviar um pouco a dor na boca do estômago.

— Eu também já disse coisas para magoar você. E você me perdoou.

— Perdoei, sim. E tornarei a fazê-lo, sem dúvida.

— Então vamos deixar isso de lado. Você ganhou um grande X preto na coluna “sou um babaca”.

Ele sorriu e tocou a testa dela com os lábios.

— Quanto está essa partida?

— Estamos pau a pau.

— É melhor conferir esses dados. Acho que você está na frente.

— Quer outro X na mesma coluna?

— Não. — Ele a puxou para mais

perto e deixou escapar um suspiro quando a sentiu relaxar apoiada nele. — Isto aqui é melhor.

Ela virou a cabeça para poderem assistir ao telão juntos.

— Por que ela era um alvo? — quis saber Roarke.

— Porque ele não considera ninguém indispensável, a não ser ele próprio. O assassino vai comandar o espetáculo agora e ninguém ficará à sua frente como Bart fazia. Provavelmente, foi bom expressar toda aquela dor por Bart e foi excitante saber que a polícia o está investigando. Isso tudo faz parte do jogo, e ele está acumulando pontos, antecipando os próximos movimentos do inimigo.

Ela olhou para Roarke.

— É assim que a coisa funciona para ele.

— Sim, eu sei disso. Você tem razão.

— Ele é um jogador, então veria o que estava no quadro geral: jogadores, cenários, opções. E quanto a Cill? Ela estava com raiva, deprimida, teve mais dificuldade para superar a perda do que qualquer um. Isso a deixou mais vulnerável. Ela é a mais sintonizada com o resto dos funcionários, foi o que me pareceu. Além disso, como é uma mulher atraente, poderia se tornar o novo rosto público da empresa. Ele quer isso para si mesmo. E quer sentir um gostinho disso no momento. É sempre aquela coisa da natureza humana.

Ela recuou um pouco.

— Tenho algumas perguntas técnicas, e elas podem estar fora do contexto, mas... — Ela parou quando a equipe médica começou a se movimentar rapidamente na sala de cirurgia. — Há algo de errado. Alguma coisa deu errado.

Roarke ordenou ao telão para aumentar o zoom e melhorar a nitidez.

— A pressão dela está caindo rapidamente. Veja o monitor. Está despencando. Eles a estão perdendo.

— Droga, droga, ela tem que lutar! Ela quer continuar viva ou não?

Eles assistiram em silêncio enquanto Cill pairava entre a vida e a morte.

Capítulo Dezenove

Quando Eve entrou na sala de espera, os dois homens se levantaram rapidamente, mas logo tornaram a afundar nas poltronas.

— Estamos esperando por um dos médicos. — Var olhou para o relógio. — Já faz muito tempo.

— Eles disseram que viriam nos dar informações, mas ninguém aparece há mais de uma hora.

— Eu estive observando a cirurgia — informou Eve, e ergueu a mão quando os dois homens se levantaram novamente das poltronas e começaram a falar ao

mesmo tempo. — Esperem. Eles estão trabalhando com muita dedicação. Houve alguns problemas... Ei, segurem a onda! — Ela ordenou novamente quando choveram perguntas gritadas. — Eu não trouxe o meu diploma de Medicina, mas posso dizer que eles parecem estar fazendo o melhor que podem.

— Você conseguiu vê-la durante a cirurgia? Onde? — perguntou Benny. — Poderíamos ir vê-la. Com certeza, é melhor do que simplesmente ficar aqui esperando.

— Vocês não têm permissão para observar. Só médicos, policiais atuando em casos criminais ou familiares.

— Mas nós somos...

— Você não são da família —

interrompeu Eve quando Benny protestou.

— Não em termos legais — explicou Peabody, suavizando. — Entendo o que você quer dizer sobre serem da família. Tenho amigos que considero parte da família. Só que vocês não são, legalmente, parentes dela, e esse detalhe é importante agora. Parece que vai demorar um pouco mais — continuou ela. — Vocês deveriam ir tomar um ar, comer alguma coisa, dar um passeio. Isso vai fazer o tempo passar mais rápido — sugeriu.

— Algo pode acontecer enquanto não estivermos aqui.

— Eu tenho os números dos *tele-links* de vocês — disse Peabody a Benny. —

Se alguma coisa acontecer, qualquer mudança, prometo avisá-los imediatamente.

— Talvez fosse uma boa tomar um pouco de ar fresco lá fora. Provavelmente, eles têm uma capela ou centro de meditação. Nós poderíamos...

— Var ficou levemente ruborizado e levantou as mãos, impotente. — Vocês sabem.

— Sim. Isso é bom — concordou Benny. — Ótima ideia. Só por alguns minutos. Se alguma coisa acontecer...

— Eu prometo. — repetiu Peabody, os observou sair e acenou para Eve enquanto a tenente pegava o comunicador.

— Avise aos policiais à paisana para

manter distância — ordenou Eve. — Não quero que eles saibam que estamos de olho neles, pelo menos não agora. — Ela se virou para Roarke. — Olha, sei que você está envolvido nisso, mas caso não tenha programado voltar ao trabalho para comprar o hemisfério norte, acho que você poderia ser útil a Feeney.

— Está tentando me distrair?

— Isso vai ser um benefício extra. Eu ou Peabody ficaremos aqui vigiando Cill e observando os sócios dela. Vou ver se consigo uma sala onde possa me instalar e fazer algum trabalho enquanto esperamos.

— Deixe-me resolver isso. Vou solicitar uma sala para você usar como área de trabalho, depois vou ver se

Feeney precisa de mim.

— Excelente.

— Você me disse que tinha perguntas técnicas ainda há pouco.

— Sim, e tenho mesmo. — Esse não é o momento nem o lugar, pensou Eve. — Deixe-me alinhar melhor as dúvidas antes.

— Tudo bem. — Ele prendeu as pontas dos dedos nos dela por um breve instante. — Mantenha contato, ouviu?

— Sim. — Ela se virou para Peabody. — Alguma coisa sobre os últimos noventa minutos que eu deva saber?

— Não. Eles estão se comportando e reagindo como é de se esperar, dadas as circunstâncias. Juro que não sinto

nenhuma energia estranha em nenhum dos dois.

— Se eu sair antes de eles voltarem, quero que você os convença a permitirem a visita de oficiais em casa para confirmar os álibis. Precisamos tirar isso do caminho para podermos nos concentrar em Cill e em como tudo isso aconteceu com ela. Você sabe como proceder.

— Pode deixar.

— Consiga e grave a autorização deles. Depois, peça à DDE para enviar peritos para cada um dos locais. Quero alguém que saiba como procurar detalhes que não estejam em um computador. Alguém que observe, faça anotações e um relatório. Temos as

gravações da busca de ontem. Vamos ver o que há de diferente hoje, se houver alguma coisa.

— Sim, senhora. Como ela está? Muito mal? O que você viu quando esteve acompanhando a cirurgia?

— Por Cristo, Peabody, ela está um desastre. — Eve enfiou as mãos nos bolsos quando as lembranças do sonho voltaram à sua cabeça.

Você não conseguiria salvar todos.

“Uma neurocirurgiã está cuidando da cabeça dela enquanto outro médico trabalha no braço. É ruim, deve ser péssimo por eles terem começado por lá, em vez de cuidar da perna. Eles a colocaram em uma gaiola de vidro esterilizada, sei lá como se chama. Seu

rosto parece ter sido atingido por um taco de beisebol. Eles estão lidando com lesões internas ao mesmo tempo, tentando estancar as hemorragias, ou sei lá o que fazem quando os órgãos começam a sangrar. Ela parece ter sido espancada em cada centímetro do corpo.”

Eve circulou pela sala, impaciente.

— Já vi o resultado de muitas surras. Não tenho certeza se é isso que temos aqui.

— O que mais poderia ser?

Eve sacudiu a cabeça.

— Precisamos ver os laudos médicos, conversar com os cirurgiões, dar uma olhada melhor nela. Antes disso, tudo seria apenas especulação.

— Recebi o relatório das amostras de sangue. É tudo dela.

— Sim, eu já imaginava.

— Tenente Dallas? — A enfermeira do andar chegou na porta. — Montamos uma sala de trabalho para a senhora.

— Qual é o estado da minha vítima?

— Houve algumas complicações, mas, até agora, ela está resistindo.

— Vamos trabalhar em turnos — disse Eve a Peabody. — Depois, volto a falar com você.

Ela seguiu a enfermeira pelo corredor comprido, depois virou à direita e entrou em outro corredor.

— Dei uma olhada em Cill na sala de observação — comentou Eve. — Ela realmente parece ter caído de um

penhasco.

— Foi só uma expressão — retrucou a enfermeira.

— Talvez. Vocês tiraram fotos. Radiografias, exames e tomografias. Eu gostaria de vê-los.

— Não estou autorizada a entregá-los.

— Mas pode obter autorização. Você deu uma boa olhada nela.

— Sim, dei.

— Seu pessoal está fazendo tudo que pode para salvá-la. Eu estou fazendo tudo que posso para encontrar o filho da puta que fez isso com ela. O nome daquela garota é Cilla Allen, mas eles a chamam de Cill. Ela comemorou seu vigésimo nono aniversário há seis

semanas. Alguns dias atrás, um de seus amigos mais íntimos foi assassinado; ontem, ela encomendou comida e flores para o funeral dele. Ela chorou por ele. E, na noite passada ou no começo da manhã, a mesma pessoa que o matou tentou matá-la também. Quanto mais cedo eu analisar o que ele fez, quanto mais cedo eu descobrir *como* ele fez e *quem é ele*, mais cedo poderei trancar o filho da puta em uma cela para que nunca mais machuque ninguém.

A enfermeira abriu uma porta.

— Vou conseguir a autorização. Esta sala costuma ficar disponível para a família de pacientes em cirurgia. Fique à vontade para usar o equipamento.

— Obrigada.

Era um espaço pequeno; mesmo assim era quase o dobro do tamanho da sala de Eve na Central. Havia uma poltrona reclinável, um AutoChef e uma miniunidade de refrigeração que aceitava fichas de crédito. A mesa tinha um computador, um *tele-link* e um pequeno vaso de flores amarelas.

Uma janela deixava entrar a claridade do verão, mas filtrando-a para que não lançasse muita luz no monitor.

Ela pegou mais uma caneca de café ruim, sentou-se e começou a trabalhar.

O que, considerava ela, talvez fosse maluquice. Talvez não... *era* maluquice, corrigiu, mas, ainda assim, começou uma busca em vários sites de jogos e eletrônicos clandestinos.

Quanto mais esquisito melhor, decidiu.

Entrou nas páginas de redes sociais que McNab lhe informara, vasculhou fóruns de mensagens e notou que Razor continuava em busca da arma — sem sucesso.

Pelo menos, foi o que ela percebeu, pensou.

Ligou para Mira e foi informada por sua assistente de voz hostil que a médica atendia um paciente. Eve solicitou uma consulta por *tele-link* assim que Mira estivesse livre.

Ao ouvir uma batida na porta, gritou:
— Sim, entre! — Esperava a enfermeira do andar trazendo um arquivo de laudos médicos para

vasculhar. Em vez disso, entrou um garçom carregando uma bandeja.

— Aqui está o seu pedido de almoço.

— Eu não pedi almoço. Você entrou na sala errada. Dê o fora.

— Sala 880, Ala Cirúrgica Leste. Seu nome é Dallas?

Franzindo a testa, ela olhou para ele e para a bandeja com mais atenção.

— Sim, eu sou Dallas.

— Recebi um pedido de almoço. Tem um para a srta. Peabody também. Sala de Espera A, Ala Cirúrgica Leste.

— Quem fez os pedidos?

— Roarke.

— Claro. Bem, o que vou comer?

Ele colocou a bandeja térmica sobre a mesa e tirou a tampa.

— Aqui está o seu hambúrguer de carne bovina. Batatas fritas e a salada de acompanhamento. Também trouxe café... de verdade. Um duplo bem forte.

— Ele não erra nunca! — Eve cavou em seu bolso e achou fichas de crédito suficientes para uma gorjeta decente. — Obrigada.

— Aproveite sua refeição.

— Acho que vou aproveitar — murmurou ela quando ele saiu. Provou uma batata frita e ligou para Feeney. — O que você conseguiu?

— Não vamos tentar remover o disco; estamos trabalhando em algumas ideias antes. Mas já temos a janela de tempo. A vítima ativou o salão holográfico às... Isso aí é um hambúrguer?

— Não, é uma luva de beisebol. O que mais poderia ser?

— Parece um hambúrguer. É carne?

— Hummm. — Ela deu uma bela mordida e sorriu.

— Isso é crueldade, garota. — Um ar de tristeza genuína nublou seus olhos. — Muita crueldade.

— Se conseguir aquele disco sem destruí-lo, eu lhe compro dez quilos de carne bovina. Qual é a linha do tempo?

— A sessão do jogo começou às vinte e uma horas e quarenta e seis minutos. O programa foi executado até as vinte e três horas e cinquenta e dois minutos.

— Mais de duas horas. Mais tempo do que Bart.

— Jogador solo, como no caso dele.

Vimos que ela começou do zero. Fase um.

— Ele começou na fase quatro. Então ela escolheu jogar desde o início, talvez porque fosse novo para ela... mas não acredito nisso. Ela começou da estaca zero porque não estava apenas jogando, estava trabalhando. Fez isso para afastar a dor. Resolveu conferir o programa para procurar falhas, erros ou algum ponto para aprimorar. Vocês sabem dizer onde ela parou?

— Ela quase terminou a fase três.

— Quase?

— A marcação exibe noventa e um por cento da fase. Ela não chegou até o final.

— Feeney, você é um *gamer*. O que

faria você parar tão perto de terminar uma fase?

— Ter errado feio em algum ponto. Ou então ser eliminado por algum motivo.

— Perder a fase, tudo bem. O que mais? E se você fosse interrompido?

— Ninguém me impede de passar de fase, a menos que esteja sangrando ou pegando fogo. E teria que ser uma hemorragia ou um grande incêndio. E eu teria que gostar da pessoa. Muito!

Eve ouviu a batida na porta e assentiu com a cabeça quando a enfermeira entrou. Ergueu um dedo para ela e completou: — Sabe dizer se ela errou em algum ponto ou foi eliminada?

— Não pelo programa. Até a fase em

que ela chegou, calculando pelo tempo de jogo, parece que estava indo muito bem. Verifiquei alguns dos seus registros mais antigos. Ela chega à fase dez, doze e até além disso, numa boa.

— Mas não sabemos se algum desses registros aconteceu nesse cenário.

— Não tenho como afirmar até conseguir retirar o disco do console e você me dar os dez quilos de carne bovina.

— Mas é improvável, considerando as habilidades e a experiência dela, que tenha estragado tudo tão depressa. Ou tenha parado voluntariamente tão perto de completar uma fase. Entendi. Daqui a pouco, ligo de volta.

Ela desligou.

— Consegui autorização para lhe trazer tudo que temos registrado. A senhora vai ter de assinar o pedido.

— Obrigada. — Eve rabiscou seu nome no formulário e notou o olhar comprido da mulher ao reparar em seu prato. — Você quer metade?

Ela sorriu.

— Não, estou tentando comer menos. Mesmo assim, obrigada por oferecer. Fui ver se havia alguma atualização no estado dela. Até agora, ela está aguentando, mas... ainda tem um longo caminho a percorrer.

Ela foi até a porta e parou.

— Nós vemos muitas coisas horríveis nas profissões que escolhemos.

— Sim, é verdade.

— Torço para que ela consiga sobreviver.

— Eu também — murmurou Eve quando ficou sozinha.

Inseriu o disco e ordenou que os dados aparecessem na tela.

Analizou-os e comparou-os com os relatórios dos paramédicos que a tinham socorrido.

No chão do salão holográfico, Cill estava caída, ferida e quebrada como uma boneca de porcelana atirada contra a parede por uma criança furiosa. O sangue tinha jorrado e coagulado embaixo dela; seu braço e sua perna estavam tortos, em ângulos nada naturais. O osso fraturado atravessara a pele de sua canela. Era uma lesão de

borda irregular, notou Eve, ignorando os movimentos dos policiais e as vozes na gravação enquanto focava a atenção unicamente na vítima. Era como um rasgo. Havia várias outras incisões — incluindo uma em seu ombro, que parecia limpa e certa, sem bordas irregulares.

Havia hematomas ao redor dos olhos, reparou ela, e arranhões nas têmporas.

Ela trocou de tela, analisou o laudo da tomografia e os exames. Vários traumas internos, órgãos lesionados e contundidos. Só que aquelas contusões externas...

Ela rolou os dados para cima, voltou atrás e foi para as fotos, estudando o corpo machucado e dilacerado enquanto

almoçava. Ouviu o toque do *tele-link* e olhou para o visor.

— Doutora Mira.

— Eve. Soube de Cilla Allen. Qual é o estado dela?

— Continua em cirurgia. Estou analisando os laudos, os exames, a tomografia. A coisa está feia. Ele usou novamente o salão holográfico da vítima e o mesmo projeto: o videogame *Fantastical*. Ela registrou a saída do jogo, ou algo foi arranjado para parecer que fez isso. É a mesma configuração básica; ela parecia estar jogando sozinha. Só que o método do ataque é marcadamente diferente. Por quê?

— Ele já venceu o jogo nesse cenário. Quer um desafio diferente com

um novo jogador. Possivelmente, o jogo que o adversário preferia. Isso aumenta o desafio.

— Sim, essa também é a minha opinião. E foi mais cruel que na primeira vítima. O primeiro crime foi rápido e preciso. Ele pode estar em uma escalada, quer mais emoção pelo mesmo risco. Só que... A senhora poderia dar uma olhada? Vou lhe enviar o relatório dos paramédicos que a atenderam.

— Claro.

— Espere um minuto. — Eve ordenou a transferência dos dados. — Os dois sócios restantes a encontraram hoje de manhã. O depoimento de ambos é que eles ficaram preocupados quando ela não foi trabalhar e foram ver como

estava. A emergência atendeu de imediato.

— Ela sofreu traumatismos graves. — O tom de Mira se manteve neutro enquanto suas sobrancelhas se uniram, analisando o material. — Houve muita perda de sangue. Essa perna... parece que ele passou um tempo considerável com a vítima, e estava com raiva. É uma surpresa o rosto dela não estar mais danificado.

— Acha que isso parece uma surra?

As sobrancelhas de Mira se ergueram.

— O que mais poderia ser?

— Essas lesões poderiam ter sido resultado de uma queda?

— Uma queda? Você acha que o

salão holográfico foi o local da desova, e não do ataque?

Eve hesitou. Ainda não, refletiu. Ela não estava pronta para compartilhar suas ideias por completo.

— Estou considerando todas as possibilidades.

— Esta não é a minha área de especialidade e hesito em tirar uma conclusão com base nisso, mas eu diria que sim, certamente isso poderia ser o resultado de uma queda. O que os médicos dizem?

— Ainda não consegui conversar com nenhum deles. Todos estão muito ocupados com ela.

— Posso reservar algum tempo mais tarde para ir ao hospital analisar os

dados e falar com a equipe médica.

— Não será necessário. Tenho outra perspectiva para analisar. Por que Cill está viva? Essa é a grande questão. Por que ele não acabou com ela?

— Ele pode ter achado que ela estava morta, mas esse erro não condiz com o resto. Talvez deixá-la nesse estado aumente o prazer dele. Isso prolonga o jogo.

— Mas, se ela escapar, poderá denunciá-lo. Ele perderia o jogo.

— Sim. É possível que isso aumente o seu espírito de competição. Nem sempre a coisa se encaixa; muitas vezes, a mente criminosa não segue um padrão lógico. Mesmo assim.. — Mira franziu a testa e sacudiu a cabeça lentamente. —

Ele não terminou o jogo e deveria tê-lo feito.

— Ele está preso nessa fase e não pode mais avançar, a menos que ela morra.

— Tenho certeza de que você a colocou sob forte proteção.

— Sim, ela está muito bem protegida.

— Eu gostaria de pensar mais sobre isso, revisar minhas anotações e analisar esses dados adicionais.

— Obrigada. Mais tarde torno a ligar.

Ela desligou e entrou em contato com alguém cuja área de especialização poderia lhe dar algumas respostas — e mais perguntas.

Enquanto esperava, Eve testou sua teoria com o programa de

probabilidades e obteve um percentual que considerou o equivalente ao computador dizer: *Você ficou maluca?*

— Sim, imaginei que diria isso.

Como ela não tinha o seu quadro de homicídios, trabalhou para criar um equivalente no monitor. Depois recostou-se, tomou uma caneca do excelente café e estudou o quadro na tela.

— Teoria maluca — murmurou. — Teoria insana. Por outro lado, não fizemos uma festa ontem à noite para celebrar o lançamento de um livro sobre cientistas loucos que criaram secretamente várias gerações de clones humanos? Isso tudo é bem louco. Ela ajustou a tela e colocou suas duas

vítimas lado a lado.

Sócios, pensou ela. Amigos. Essas palavras e conceitos significam coisas diferentes para pessoas diferentes.

História, interesses, confiança, emoção, paixão. Tudo era compartilhado.

Negócios, lucros, trabalho, riscos.

Ambos foram atacados durante o jogo, na própria casa muito bem protegida. O primeiro estava morto; a segunda só estava viva graças à habilidade e aos esforços da ciência médica — e, talvez, à sua própria coragem.

Nenhuma arma, nenhum sinal de arrombamento, nenhum vestígio além dos corpos das vítimas.

Acrescente a questão do tempo... sim, acrescente o tempo também.

As pessoas estavam sempre encontrando novas maneiras de criar e destruir, certo? É isso que os humanos sempre fazem. A tecnologia era uma ferramenta, uma conveniência e uma arma.

Ela foi atender quando alguém bateu na porta.

— Obrigada por vir, Morris.

— É bom sair do necrotério de vez em quando.

Ele usava preto, como vinha fazendo desde a morte de Coltraine, mas Eve teve esperança de que sua gravata vermelha cintilante fosse um sinal de que o luto tinha diminuído.

— Preciso que você dê uma olhada nessas fotos, analise os laudos médicos e me diga sua opinião sobre o que causou os ferimentos.

— Eu me sairia melhor se visse o corpo.

— Bem, ela ainda não está morta.

— Isso é uma sorte. Devo lembrar a você que estamos em um hospital; provavelmente, há médicos circulando por aí que estão mais acostumados a servir e avaliar os que ainda não morreram.

— Eu sei, mas os que trabalham nela estão ocupados. E eu não os conheço. — Confiança, tornou ela a pensar, é a base sólida de uma amizade. — O que eu quero é a sua opinião sobre a forma

como essa mulher de vinte e nove anos sofreu essas lesões.

Ela se virou para a tela e exibiu a imagem de Cill no chão.

— Uau! E você me diz que ela está viva?

— Até agora.

Ele se aproximou e inclinou a cabeça.

— Se ela sobreviver, espero que tenha um excepcional cirurgião ortopédico para aquela perna. Amplie a imagem para mim, por favor... Isso, um pouco mais — pediu ele. — Humm. Agora, desça a imagem até o tornozelo e suba pela perna — pediu depois de um momento.

— Pode analisar com calma. Não tenha pressa.

Enquanto ele olhava lesão por lesão, marca por marca, Eve foi até a unidade de refrigeração e pegou duas latas de Pepsi.

Ele grunhiu um agradecimento e continuou.

— Você tem as tomografias?

— Tenho. — Eve ordenou que elas aparecessem na tela e apoiou o quadril na quina da mesa enquanto ele estudava e examinava tudo.

— Ela vai precisar do deus dos neurocirurgiões — murmurou ele. — Mesmo assim, receio que ainda possa acabar sobre a minha maca. Os traumas no crânio são os piores, mas o resto também é terrível. Se acontecer um milagre, eles terão que fazer um

transplante de rim em algum momento, e de baço também. Ela precisará de fisioterapia intensiva para a perna, o braço e o ombro. Há muito trabalho pela frente. Dano cerebral é outro risco que ela corre. Talvez sobreviva, mas isso pode não ser uma bênção. De qualquer modo, é um espanto ela não ter quebrado a espinha depois de sofrer uma queda dessas.

— Uma queda? — Eve quase saltou ao ouvir isso. — Não uma surra?

— Uma queda, com certeza — confirmou ele. — As contusões, as lesões e as lacerações não são compatíveis com uma surra, e sim com uma queda. Ela caiu de costas, o impacto estilhaçou o cotovelo e torceu a

perna com tanta força que o osso se quebrou. Ela caiu sobre uma superfície dura e irregular, pelo tipo de ferimento. Pedacos de concreto, pedras, algo desse tipo.

Ele olhou de volta para Eve.

— Perdão, onde ela foi encontrada mesmo?

— Aqui. — Eve recolocou a imagem na tela e viu Morris franzir o cenho.

— Uma superfície lisa? Ela não sofreu essas lesões ao cair nesse chão.

— Ela poderia ter sido movida e colocada ali?

Ele balançou a cabeça.

— Não vejo como teria sobrevivido a isso. Olhe para a poça de sangue. Ela certamente teria sangrado em

abundância no próprio local da queda. Movimentá-la significaria mais perda de sangue. Sem falar no resto das lesões. Não... isso não seria possível.

Ele tomou um gole do refrigerante e tornou a unir as sobrelanceiras.

— Isso é chato. Percebo que decepcionei você. Deixe-me examinar as informações e os dados novamente.

— Não, você não me decepcionou. Suas descobertas combinam com as minhas suspeitas.

— Combinam? — Ele se afastou da tela e tomou outro gole enquanto olhava para Eve. — Então vamos ter que explicar como foi que essa mulher de vinte e nove anos conseguiu cair sobre uma superfície lisa e sofrer lesões

consistentes com uma queda de, eu diria, no mínimo, seis metros de altura sobre um terreno desnivelado e áspero?

— Sim. Depois que eu conseguir alguém que explique isso para mim.

— Bem, adoro um mistério. Mesmo assim, espero que ela viva para contar o que aconteceu. É raro você pedir que eu avalie alguém que ainda tem pulsação. Acho que é a primeira vez. Conte-me mais sobre ela.

— Ela é uma das sócias da minha última vítima.

— Ah... O homem que foi decapitado no salão holográfico. — Ele apontou para a tela. — E ela também foi encontrada em um salão holográfico.

— Isso mesmo. No salão do

apartamento dela, que tem um excelente sistema de segurança. Pelas evidências da cena do crime, jogava o mesmo videogame que a primeira vítima, embora o cenário possa ter sido outro.

— Consistência costuma ser uma vantagem. Queimaduras? Ela tem sinais de queimaduras internas nos locais das lesões?

— Ainda não sei.

— Deixe-me ver a tomografia mais uma vez; aproxime e melhore a nitidez. Se conseguirmos uma imagem boa o suficiente, consigo encontrá-las. Não procurei por elas no início.

— Fique à vontade. Antigamente, você fazia tudo à mão, certo? Só usava o teclado. Sem comandos de voz nem telas

com inteligência artificial.

— Quando eu era estudante de medicina, nós digitávamos praticamente tudo; o reconhecimento palmar ainda estava começando a ser usado para diagnósticos. A holografia ainda não era considerada confiável ou economicamente viável para ensino ou diagnóstico. Eu lembro que, quando era jovem, nós... Ah, olhe aqui. Você vê isso?

Ela se aproximou da tela.

— O que eu devo ver?

— Ao longo da fratura da perna? As marcas escuras? Na verdade, são só pontos muito pequenos e fracos. Mas estão lá.

— Queimaduras?

— Vejo entre cinco e dez. Sim, mas veja, elas estão em outras seções. Cada ponto de impacto e cada ferimento são difíceis de individualizar porque ela foi muito machucada. Isso... aqui, sim, aqui no ferimento do ombro, elas aparecem com mais clareza.

— Onde houve a incisão.

— Concordo que isso poderia muito bem ser um ferimento à faca. Ou, como no caso da sua vítima anterior, uma espada. Gostaria de analisar isso em carne e osso, por assim dizer; executar medições, fazer uma análise, mas, a partir de um exame visual como este, digo que foi uma lâmina afiada. E temos as queimaduras... aquelas diminutas marcas chamuscadas. Fascinante.

— Ela também estava armada. Mas não sabia o que a esperava.

— Como assim? De que forma ela poderia não saber?

Eve encolheu os ombros e manteve os olhos no exame.

— É só uma teoria doida que ainda estou desenvolvendo.

A porta se abriu.

— Dallas! Oh, olá, Morris. Acho que você chegou um pouco cedo — disse Peabody. — A vítima está saindo da cirurgia. O médico virá em um minuto para nos falar do quadro dela.

— Vou fechar tudo aqui antes de ir encontrá-lo — avisou Eve.

— Estou interessado em sua teoria, doida ou não — disse Morris quando a

porta se fechou. — Quando achar que está pronta para compartilhá-la, claro.

— Preciso perguntar a outro especialista, mas você a fez parecer um pouco menos maluca.

— Fico sempre feliz em ajudar. — Ele olhou para a tela antes de Eve desligar. — Espero não ter o prazer de conhecê-la.

— O corpo humano permanece praticamente o mesmo, certo? Mas há mudanças tecnológicas e avanços da ciência. Neste caso, ela aguentou o pior, é mérito dela. Agora, depende da tecnologia e da ciência para trazê-la de volta.

— Não apenas o corpo, mas o espírito. A tecnologia e a ciência não

consideram muito o espírito humano. Se o dela for forte o bastante, conseguirá permanecer viva.

Capítulo Vinte

Os dois sócios circulavam em lados opostos da sala, fazendo sulcos no chão. Se ela tivesse analisado ambos só pela aparência, teria concluído que os dois estavam absolutamente exaustos, suspensos por finas cordas de esperança, fé e desespero.

— Vocês deveriam se sentar um pouco — sugeriu Eve. Ela os queria sentados juntos, onde pudesse observar e avaliar os rostos, as mãos e a linguagem corporal deles. — Sentem-se. — repetiu ela, colocando tanta autoridade na voz que mais pareceu uma

ordem. — Vamos obter notícias dos médicos em breve. Enquanto isso, vocês devem ser informados de que estamos avançando um pouco mais na investigação. São pequenos passos — completou ela, depressa —, e eu ainda não posso ser mais específica. Mas quis lhes trazer uma notícia positiva.

— Não me importo com a investigação, não agora. — Benny se sentou, os olhos colados na porta. — Não consigo pensar nisso. Só quero saber de Cill.

— Queremos manter o foco nela, tipo... Sei que parece tolo, mas gosto de enviar energia para ela. — Var encolheu os ombros. — Pelo menos, parece que podemos fazer algo.

— Acho que vocês têm razão. — Peabody ofereceu um sorriso compreensivo. — Eu acredito nesse tipo de coisa.

— Adepta da Família Livre — reagiu Eve, com um leve e deliberado tom de desprezo. Ela se moveu para o lado quando uma mulher em roupa cirúrgica entrou.

Ela era baixa, mas tinha ombros largos. Seu cabelo era muito curto e preto como asas de corvo. Seus olhos amendoados analisaram os rostos na sala e escolheram Eve.

— Você é a policial responsável?

— Tenente Dallas.

— Doutora Pruitt.

— Por favor. — Var estendeu a mão,

mas tornou a baixá-la. — Ela está bem? Cill está bem?

Ao sinal de Eve, a médica se sentou diante dos dois homens.

— Ela resistiu às cirurgias. Vocês são da família?

— Somos — disse Benny antes de Var ter a chance de falar. — Somos da família.

— Os ferimentos dela são muito graves.

— Mas vocês já resolveram? — insistiu Benny.

— Reunimos uma equipe médica e realizamos várias cirurgias. Ela sofreu um traumatismo craniano gravíssimo, e isso exigiu procedimentos intensivos.

Eve ouviu enquanto Pruitt explicava

os danos, os procedimentos, o prognóstico, e analisou aqueles rostos. Mas ela já tinha visto... algo quase imperceptível.

— Não entendo o que você está dizendo, doutora. — Benny olhou para Var. — Você entende? O que tudo isso significa?

— Cilla está em coma — explicou Pruitt. — Isso não é inesperado e pode dar ao seu corpo uma chance de se curar.

— Ou de nunca mais despertar — disse Var, com amargura. — É isso que você está dizendo.

— Sim. Fizemos todo o possível por ela neste momento, mas vamos acompanhá-la de perto. Ela sobreviveu

à cirurgia, e vocês podem ter esperança a partir disso. Mas devem se preparar. Ela continua em estado crítico e, se sair do coma, existe a possibilidade de haver danos cerebrais.

— Deus. Meu Deus!

— Não pense nisso — Var fechou a mão sobre a de Benny. — Ainda não.

— Podem conversar com os outros cirurgiões que a atenderam. Mas vou lhes explicar o básico. As lesões internas também eram muito graves. Um dos rins foi danificado demais para conseguirmos salvá-lo. Nós substituímos o baço e podemos, se ela acordar e for a melhor solução, substituir também o rim perdido. Mas ela precisará de mais cirurgias na perna. Não conseguimos

concluir os reparos sem colocar a vida dela em risco.

Var respirou fundo, quase sem forças.

— Está nos dizendo que não há esperança?

— Sempre há esperança. Assim que ela estiver no CTI, vocês poderão vê-la. Por poucos minutos. Podem ter certeza de que continuaremos a fazer tudo que pudermos por ela. Ela vai receber a melhor assistência possível. — Pruitt se levantou. — Se tiverem mais perguntas, alguém entrará em contato comigo. Ou podem falar com os outros cirurgiões, caso prefiram. Alguém virá chamá-los quando ela estiver pronta.

Eve seguiu Pruitt até o corredor.

— Doutora, me diga quais são as

chances dela, sem rodeios.

— Cinquenta por cento, e estou sendo generosa. Mas eu tinha dado a ela muito menos quando entrou na sala de cirurgia. Ela tem uma constituição forte. É jovem e saudável. Você colocou um policial dentro da minha sala de operações.

— Coloquei sim, e vou mandar um guarda ficar no quarto dela 24 horas por dia. Não na porta. *Dentro* do quarto. Você está fazendo tudo o que pode para conseguir que ela sobreviva. Eu também.

— Está preocupada com a segurança e com a possibilidade de ocorrer um novo atentado contra a vida dela?

— Não enquanto houver um policial no quarto.

— É justo. Se ela conseguir superar as primeiras vinte e quatro horas, poderei lhe dar cinquenta por cento de chance com mais certeza. Por enquanto, vamos seguindo um minuto de cada vez.

— Preciso ser notificada imediatamente de qualquer mudança em sua condição, para melhor ou para pior.

— Vou cuidar para que o CTI receba essas instruções.

— Gostaria de vê-la antes de você deixar aqueles dois entrarem.

— Tudo bem, pode subir. Vou avisá-los de que você está a caminho.

Eve subiu, analisando as entradas e saídas do local, as medidas básicas de segurança, a movimentação dos funcionários, os cuidados com a

identificação. Era um sistema decente, concluiu. Mas sempre havia formas de driblar a segurança.

Exibiu o distintivo para o enfermeiro junto ao balcão e ficou satisfeita ao ver que o homem não apenas olhou para o distintivo, como também analisou Eve longamente antes de liberá-la.

Como na U-Play, as paredes eram de vidro. Não havia privacidade alguma para os pacientes, refletiu. Cill não gostaria disso, concluiu, mas, para a tenente, aquele era um sistema excelente. Cada espaço individual era monitorado por câmeras e máquinas. Ela duvidava muito que algum dos funcionários prestasse muita atenção a cada tela, mas esperava que eles saltassem da cadeira

caso algum dos monitores sinalizasse mudanças na condição da paciente.

Ficou satisfeita ao ver o policial uniformizado sentado com a cadeira inclinada em direção à porta. Ele se levantou quando ela entrou.

— Tire cinco minutos de descanso — ordenou ela.

— Sim, senhora.

Ela foi até os pés da cama. Eles tinham colocado a perna e o braço dela em uma espécie de gaiola, notou, o que fez com que Eve pensasse em uma androide em fase de construção. Os membros dentro das gaiolas mostravam o vermelho e o roxo das agressões e das cirurgias. Tubos serpenteavam, ligando Cill a monitores que zumbiam e zuniam

em um ritmo lento e constante. Os hematomas ao redor dos olhos contrastavam com a pele pálida e quase sem vida e com as ataduras.

Eles tinham raspado a cabeça dela, Eve notou, e a colocaram descansando sobre um travesseiro de gel que certamente aliviaria a pressão. Todo aquele cabelo, pensou Eve. Provavelmente, isso seria um baque tão grande para ela quanto as paredes de vidro e as câmeras.

Se ela acordasse.

— Já fiquei bastante machucada algumas vezes, mas tenho de reconhecer que você ganhou o prêmio. Voltar a ter seus pedaços reunidos deve ser quase tão difícil quanto ser destroçada. Vamos

ver até que ponto você é durona.

Ela caminhou até o lado da cama e se inclinou.

— Não desista, droga. Eu sei quem fez isso com você. Sei quem matou Bart. Pretendo ir atrás dele e ganhar esse jogo. E ele vai pagar pelo que fez. Lembre-se disso e não desista. Nós vamos vencê-lo... você voltando do coma e eu prendendo-o. — Ela se endireitou. — Ele nunca foi seu amigo. Lembre-se muito bem disso também.

Ela ficou de vigia até o guarda voltar.

E quando os sócios entraram para vê-la, Eve ficou observando um pouco mais, estudando-os pelo monitor.

— Acha que ela vai conseguir? —

perguntou Peabody quando Eve se instalou atrás do volante.

— Ela não é do tipo que desiste. Isso pesa a favor dela. Reserve uma sala de conferências e organize uma reunião com a equipe da DDE. Em trinta minutos. Não, me dê uma hora. — Eve usou o *tele-link* do painel enquanto Peabody cumpria as ordens.

— Tenente — cumprimentou Roarke.

— Ela saiu da cirurgia, está resistindo.

— É bom ouvir isso. Você falou com os cirurgiões?

— Sim. Eles estão se esforçando ao máximo. Agora nos esforçaremos também. Pode me encontrar na minha sala daqui a vinte minutos?

— Posso, sim.

— Traga uma mente aberta.

Ele sorriu de leve.

— Minha mente está sempre aberta.

— Você vai precisar.

— Estamos prontos — avisou Peabody. — Sala B. Você tem algo de concreto. — Peabody apontou para Eve com o dedo esticado. — Algo novo.

— O que eu tenho é um cara morto sem cabeça e uma mulher em estado crítico com lesões condizentes com uma bela queda, mas que foi encontrada no chão de um salão holográfico. Não há armas, nenhum rastro e nenhuma invasão no sistema de segurança que os figurões da DDE tenham conseguido encontrar. Totalmente ilógico.

— As armas foram removidas, o assassino selou o corpo todo. As vítimas conheciam e confiavam nele; ele possui magníficas habilidades eletrônicas que, até agora, confundiram nossa equipe de detetives. Mas eles encontrarão as brechas.

— Supondo que elas estejam lá para serem encontradas. Ele calculou mal com Cill. Ela não deveria cair.

— Cair de onde?

— Essa é pergunta, e talvez nunca tenhamos a resposta, a menos que a vítima acorde e nos conte tudo. Enquanto isso, nós temos que pensar fora da caixa. Quer saber? Nós *queimamos* a maldita caixa e a jogamos fora.

Ela entrou na garagem da Central.

— Reúna tudo que temos, incluindo as imagens da tomografia e os laudos que recebemos do hospital.

— Ok, mas...

— Menos conversa e mais ação.

Eve trabalhou dobrado em sua sala e começou a organizar os dados para a reunião. Franziu o cenho para o computador e desejou ter mais habilidades eletrônicas. Queria ter, pelo menos, o esboço de uma ideia antes de Roarke chegar.

— Ok, seu desgraçado, vamos tentar mais uma vez. — Ela se sentou e, usando os laudos médicos, começou a montar uma reconstituição do crime.

Ficou mais ou menos satisfeita e

apontou para a tela quando Roarke entrou.

— Quer ouvir primeiro a boa ou a má notícia? — perguntou a ela.

— A má. Gosto de terminar com o astral bom.

— Digitalizamos, cavamos, desmontamos e tornamos a montar o sistema de segurança de Cill; fizemos todos os testes, seguimos todas as ideias e os métodos conhecidos pelo homem e pelas máquinas para reavaliar os dados de Bart. Não conseguimos encontrar uma única anormalidade. Eu apostaria minha reputação, e a sua também, na afirmação de que ninguém entrou nesses apartamentos depois que a vítima fechou a porta.

— Excelente.

Um ar de irritação surgiu em seu rosto maravilhoso.

— Ora, que bom, fico feliz por você estar satisfeita com a nossa perda maciça de neurônios com essas pesquisas.

— Fato número um: ninguém entrou na cena do crime depois da vítima. Fatos são sempre bons. E quanto ao resto?

— Fizemos alguns progressos na reconstrução do disco queimado no salão holográfico de Bart. Avanços lentos, um doloroso nanochip de cada vez, mas conseguimos algum progresso.

— Melhor ainda.

— Ora, mas você está realmente

animada! — Ele foi até o AutoChef e programou café.

— Sei quem cometeu os crimes e tenho uma ideia de como.

— Tudo bem, vamos começar com quem.

— Var.

— Bem, isso seria cinquenta por cento de chance de acerto, mas sendo você quem é, as chances são maiores.

— É bom ver as pessoas acreditando em mim com tanta facilidade.

Ele abanou a mão como quem desconsiderasse isso.

— Você não diria isso em hipótese alguma se não tivesse certeza. Então, foi Var. Por quê?

— Ele é o cara estranho ao grupo. Os

outros três se conhecem desde a infância. Ele entrou mais tarde; foi preciso correr muito para alcançar o resto da equipe. Aposto que ele nunca gostou de se sentir deixado para trás. Só na faculdade é que foi conhecer o grupo, que já estava formado. Antes disso, se olhar para os registros dele, sempre foi o melhor disparado nas aulas de eletrônica, matemática, ciência da computação e teorias diversas. Ninguém o alcançava.

— Ficou acostumado a ser o astro... o campeão, pode-se dizer.

Eve assentiu.

— É, pode-se dizer que sim. Então, na faculdade, ele se ligou aos outros três. Só que os outros três eram tão bons

quanto ele, e Bart era ainda melhor. E era popular com o seu jeito *geek* de ser “Mago Supremo do Clube dos Games”. Como será que inventam títulos assim? Bart foi monitor em algumas matérias da faculdade e era o responsável pelo dormitório dos alunos. Um cara responsável, alegre. Brilhante, habilidoso, as pessoas sempre gostaram dele.

Roarke se sentou na cadeira de visitantes com o seu café.

— E esse foi o motivo que você encontrou?

— Isso está na raiz de tudo. Quem você abordou quando considerou recrutar o grupo para as suas empresas?

— Bart. Sim, ele era o líder de fato,

já naquela época. Continue.

— E ele recusou seu convite, queria construir a própria empresa. Eram dele os conceitos iniciais de todas as declarações, os dados, os prazos. Uma parceria em pé de igualdade com os outros, claro, mas Bart era o cérebro e o rosto da empresa.

— É verdade, mas você poderia dizer que Cill e Benny já vinham competindo com ele fazia muito mais tempo. Benny, por exemplo, sempre foi um auxiliar.

— Sim, já considere isso. Tive um momento de iluminação enquanto cumpríamos o mandado em seu apartamento por causa do androide dele, essa conexão com o Cavaleiro das Trevas.

Roarke abaixou o café, obviamente confuso.

— O que o Batman teria a ver com isso?

— Como você sabe disso? — Atônita, ela ergueu as mãos. — Quando eu digo “Cavaleiro das Trevas”, você imediatamente tem um *clic* e o liga ao Batman. Como *conhece* essas coisas?

— A questão é como você *não conhece*. Batman faz parte do dicionário da cultura popular há mais de um século.

— Deixa pra lá. Eu acho estranho. Eu poderia... — Ela estreitou os olhos. — Quem foi que assassinou dezesseis michês com idades entre dezoito e vinte e três anos, ao longo de um período de três anos, e alimentou seus porcos

premiados com os restos mortais das vítimas?

— Jesus Cristo! — Apesar da imagem, Roarke teve que rir. — Fico muito feliz em dizer que não faço a mínima ideia.

— Hanson J. Flick, entre 2012 e 2015
— Ela sorriu. — Você não sabe tudo.

— E a sua área de conhecimento específica, de vez em quando, é bem revoltante.

— Mas é muito útil. De qualquer forma, Benny está apaixonado por Cill, o que poderia ter sido um motivo para matar Bart, mas a questão é que o nível de envolvimento sexual deles era zero. E Benny está muito feliz com o seu lugar na empresa. Gosta de fazer pesquisas. O

apartamento de Cill estava uma bagunça, mas era uma espécie de caos organizado. O apartamento de Benny era mais acolhedor; ele tem Mongo e Alfred como companhia, quando deseja. É, provavelmente, o mais saudável, de um jeito estranho.

— Mongo?

— Um papagaio. Fala. E fala muito, aposto. Mas você não me perguntou quem era Alfred.

— Você disse Benny, mencionou o Cavaleiro das Trevas, então Alfred é o mordomo.

Diante disso, Eve simplesmente suspirou.

— Certo. Na casa de Benny, havia sinais de luto e... simplicidade —

decidiu ela. — A casa de Var estava limpíssima. Como se ele estivesse esperando companhia. Ele sabia que precisaríamos fazer uma busca, antecipou as etapas do jogo e estava pronto para nos receber. Tem um estoque de bons vinhos, sua comida é mais chique, ele gasta mais em roupas e móveis. E foi ele quem abriu a porta para os policiais que foram atender Cill.

— E isso... Ah! Benny ficou sozinho com ela. Ele poderia ter acabado de matá-la facilmente nessa hora. Poderia apenas ter bloqueado as suas vias aéreas. Não precisaria de muita coisa e não teria demorado muito para fazer isso.

— Ele foi o primeiro a se aproximar

da vítima e ficou com ela o tempo todo. Var não pôde fazer nada para impedi-lo. Ele esperava encontrá-la morta. Deve ter sido um choque quando Benny sentiu uma pulsação fraca no pescoço de Cill, mas Var sempre consegue raciocinar com frieza; teve de esperar e acreditar que ela não conseguiria resistir às cirurgias. Ficou surpreso e irritado quando ela o fez. Mostrou isso por um milésimo de segundo. Ele é bom, muito bom ator. A maioria dos sociopatas é, e todos esses videogames nos quais os jogadores desempenham um papel funcionaram muito bem para ele ao longo dos anos.

— E você acredita que ele desempenhou o papel de amigo e sócio

todos esses anos.

— Pode até ter sido verdade, até onde se sabe, pelo menos de vez em quando. O negócio foi um sucesso; ele estava construindo uma vida confortável e com potencial para mais no futuro. Era isso que mais o incentivava, ou foi o que lhe deu a desculpa que ele queria. E o fato de Bart ter mais poder e anular o dele ajudou. Ele já está se tornando um líder na U-Play agora. Tirar Cill do caminho serviu para consolidar isso. Benny não quer dirigir o espetáculo. Prefere continuar com o que sempre fez e continua fazendo, então ele não é uma ameaça, e sim um bônus. Cill, no entanto, poderia tomar a frente, e Benny ficaria do lado dela. Para Var, bastava

tirá-la do caminho, que ficaria livre à sua frente.

— Certo, digamos que eu esteja convencido disso. Como ele conseguiu? Concordo que ele poderia facilmente ter arranjado tudo para entrar no local com Bart, mas seria mais complicado com Cill, já que Benny afirma que a viu entrar e Var seguiu para casa. Ele pode ter circulado por aí para, depois, entrar de outro jeito, talvez encontrando-se com Cill antes de ela entrar no apartamento. Mas...

— Ele nunca esteve em nenhum apartamento, nem no momento do assassinato nem na hora do ataque — garantiu Eve.

— Muito bem. Mas, então, como ele

fez tudo isso? Por controle remoto?

— De certa forma, sim. Use essa sua mente que está sempre aberta. O holograma fez isso.

— Eve, nem mesmo uma falha no sistema, que não encontramos, diga-se de passagem, poderia decapitar um jogador.

— Não o sistema, o holograma. Bart lutou contra o Cavaleiro das Trevas, e o Cavaleiro das Trevas venceu. Ele cortou a cabeça de Bart. E, em qualquer cenário que Cill tenha usado, essa mesma coisa a empurrou ou a fez cair.

Roarke tomou outro gole de café.

— Deixe-me tentar entender. Você está sugerindo que uma imagem holográfica, que é essencialmente feita

de luz e sombra, cometeu homicídio?

— Não se trata apenas de luz e sombra. A neurotecnologia e a nanotecnologia avançaram muito; as imagens produzidas em programas holográficos agem e reagem de acordo com esse programa. Elas parecem tridimensionais, parecem ter matéria. Os sentidos do jogador são envolvidos e engajados no objetivo.

— É uma ilusão!

— Certo. Mas muito real. Alguns cientistas sustentam a teoria de que as frequências ondulatórias poderiam ser aprimoradas; os feixes de energia multiplicariam o seu poder. Tudo isso acrescido de uma dose de realidade virtual poderia...

— Resultar em um apagão provocado por queima e em falhas no sistema — completou ele. — Não é possível criar substâncias reais no salão holográfico, Eve. São apenas imagens replicadas.

— Mas isso não seria necessário. Se você encontrasse um jeito de contornar a falha do sistema e multiplicasse a força desses feixes e a frequência ondulatória a fim de canalizar esse aumento, também poderia aumentar o fluxo de energia dessa luz. Seria uma espécie de corrente que... ok, não seria matéria real, e sim uma replicação eletrônica da matéria. Uma espécie de laser.

— É... humm. — Ele colocou o café de lado, se levantou e encostou o quadril na borda da mesa. — Interessante.

— São os solavancos que você recebe no jogo, ligando essa ilusão de contato a, digamos, uma luta de espadas com o Cavaleiro das Trevas. Mas, se você encontrou uma maneira de fazer esse aprimoramento e dar um salto quântico no trampolim tecnológico, essa espada virtual poderia, de forma muito real, cortar, degolar e romper matéria orgânica. Ou a corrente poderia, em sua forma holográfica, ser programada para gerar esse efeito. Ou, no caso de Cill, replicar um impacto a tal ponto que essas correntes, ou seja lá como diabos você as chama, poderiam causar o mesmo dano físico que *estavam programadas* para replicar.

Como ele não disse nada, ela se

mexeu.

— Escute, bisturis a laser cortam. Armas a laser... bem, elas soltam rajadas. Por que imagens luminosas não poderiam ser manipuladas especificamente para cortar e espancar?

— Isso provocaria muito calor. Um superaquecimento que seria suficiente para desligar o sistema. Ou fritá-lo, de certo modo. Mas...

— Por que os sabichões das suas equipes de pesquisa e desenvolvimento já não estão debruçados sobre essa possibilidade?

— Ah, confesso que tenho gente brincando com isso. Mas o fato é que, em termos práticos, não é algo comercializável. Não dá para fabricar

videogames nos quais os jogadores saem por aí cortando pedaços uns dos outros ou criando caos. A empresa seria fechada e processada em um piscar de olhos.

Os olhos dela se estreitaram.

— Então por que você tem alguém “brincando” com isso?

Ele exibiu um sorriso descontraído.

— Nunca se sabe o que podemos encontrar quando estamos em busca de outra coisa, não é? Sob certas circunstâncias, tal aplicativo poderia interessar aos militares. De qualquer forma, isso não é prioridade para nós. Ou não era — corrigiu ele. —, e isso explicaria...

— Muita coisa. Eliminei todas as

possibilidades. Isso é o que resta. E, quando você trabalha com eliminação, o que sobra deve ser a verdade.

— Sim — murmurou Roarke. — Com certeza é. Não há coisa alguma relacionada a essa tecnologia em nenhum arquivo ou computador da U-Play, nem nos equipamentos dos sócios. Ele deve ter o tal espaço privado que você está procurando. Tem de ter!

— E ele vai morder a isca nesse lugar. Tem de morder. Nós vamos encontrá-lo; quando o fizermos, vamos descobrir muito mais que um jogo — Ela olhou para o seu relógio de pulso. — Merda. Passei mais tempo do que deveria explicando minha teoria. Preciso que você programe uma

reconstituição de ambos os eventos usando essa teoria, para que eu possa apresentá-la na reunião.

— Ah, tudo bem, sem problemas. Posso simplesmente dar esse salto no trampolim de tecnologia nos próximos dez minutos e, depois, basta receber os aplausos.

— Sarcasmo anotado. Olha, eu lancei a ideia. Ela só precisa ser um pouco aprimorada.

— Não é como tirar a tampa de um frasco de ketchup e, depois, simplesmente apertá-lo até o molho sair.

— Complicado demais para você? — Ela inclinou a cabeça. — Tudo bem. Vou designar isso a McNab.

— Isso é sacanagem. Aqui?

— Claro, estou prestes a...

— Caia fora daqui. — Ele se sentou e olhou para ela com uma expressão mal-humorada. — Agora!

— Tudo bem. Mas não passe o próximo século “brincando”. Só preciso que a ideia seja palatável o suficiente para...

— Feche a porta quando sair e cuidado para não machucar o seu traseiro.

— Também não precisa ficar irritadinho — murmurou ela, e fechou a porta com um estalo seco ao sair.

Como tinha se esquecido de tomar café antes de ser expulsa de sua própria sala, Eve parou diante da máquina de venda automática e rosnou para ela. As

máquinas e a tecnologia em geral, que não eram amigáveis com ela nem nos melhores momentos, estavam atualmente em sua curta lista de adversários poderosos. Ela balançou as fichas de crédito soltas nos bolsos e considerou suas opções.

— Oi, Dallas — saudou McNab, quase saltitando. — Mentes brilhantes sempre se encontram. — Ele digitou um código e pediu um refrigerante de tangerina com manga, reparou Eve, e seu estômago se contorceu só de imaginar o gosto daquilo.

— Escute, pegue uma Pepsi para mim. — Ela colocou as fichas de crédito na mão dele.

— Tudo bem.

— Alguma novidade nas pesquisas?

— Ainda não. Trouxemos um equipamento portátil para eu ficar de olho em tudo enquanto estivermos em reunião. Se alguém tentar invadir alguma coisa, vou saber na hora. Aqui está. — Ele atirou a lata de Pepsi para ela. — Peabody me disse que Cill Allen está resistindo até agora. Espero que ela saia dessa, mas confesso que odeio a possibilidade de ela acordar de repente e dizer *Foi o Coronel Mostarda que me atacou na biblioteca, com o candelabro*, e tornar tudo claro depois que nós passamos tanto tempo quebrando a cabeça.

— Quem diabos é o Coronel Mostarda?

— Ah, você sabe! Aquele do jogo Detetive. Você deveria jogar. Aposto que iria se dar bem. Eu já vi o bastante de jogos homicidas. — Ela considerou o que ia dizer enquanto abria a lata. Ele era jovem e curti jogos, como qualquer pessoa que Eve conhecia. Além do mais, sendo policial, a violência fazia parte da vida dele. — Você gostaria disso? Videogames nos quais os riscos fossem reais?

— Caso isso existisse e eu pudesse ganhar um zilhão de dólares? Porra, claro que sim!

— Não... Tudo bem, então... Digamos que houvesse um grande prêmio em dinheiro. — Porque se aquilo chegasse ao conhecimento do público, alguém

certamente descobriria um jeito de apostar no resultado. — Só que, para vencer ou se classificar, você teria de enfrentar adversários com armas reais. Sangue verídico, dor de verdade, um jogo potencialmente fatal.

— Você quer saber se eu me arriscaria a me ferrar, ser baleado ou morto por dinheiro e glória? Porra, mas eu já faço isso aqui no trabalho. — Ele sorriu e encolheu os ombros. — Por que eu iria querer isso em um jogo? Jogar é um jeito de se distanciar do mundo real por algum tempo.

— Isso mesmo. Você não é tão idiota quanto parece.

— Obrigado. — Ele ergueu o refrigerante em saudação quando ela se

afastou, mas logo a ficha caiu. — Ei!

Ela entrou na sala de conferências e acenou com a cabeça enquanto a eficiente Peabody terminava a organização. Apontou para os componentes e as telas e perguntou:

— Esse é o monitoramento dos arquivos que vão servir de isca para o assassino?

— Exatamente. Se alguém tentar invadir nosso sistema, acessar os arquivos do caso, ler, digitalizar, copiar ou infectar qualquer coisa, a DDE vai descobrir e rastrear tudo. Estou de olho aqui enquanto McNab foi pegar algo para beber. Os outros já estão a caminho.

— Roarke pode se atrasar um pouco.

Ele está trabalhando em uma coisa para mim.

— Eu não me importaria de ele trabalhar em uma coisa para mim.

— Quer repetir isso?

— Humm? Ah, estou só falando sozinha — cantarolou Peabody. — Sabe como é...

Eve se aproximou e deu um tapa na nuca de Peabody com a mão aberta.

— Ai!

— Puxa, desculpe, foi apenas um reflexo involuntário. Sabe como é... — Ela pegou a foto de Var no quadro de homicídios e a colocou exatamente no centro.

— Ele?

— Ele.

— Beleza! Acabei de ganhar uma aposta de cinquenta dólares comigo mesma.

— Primeiro, como você pode ganhar uma aposta com você mesma?

— É assim: aposto cinquenta dólares que foi Var. Se eu ganhar, coloco esse dinheiro no meu cofrinho. Quando eu tiver uma grana boa no cofrinho, Roarke vai investi-la para mim.

— E se você perder?

— Coloco o dinheiro no cofrinho do mesmo jeito, mas é muito mais prazeroso ganhar.

— Ok, mas então... por que você apostou contra... ah, deixa para lá. Por que Var?

— Por algumas razões. O

apartamento dele estava perfeitamente arrumado nas duas vezes em que a equipe esteve lá. Tudo bem, muita gente é neurótica com limpeza, mas ele seria o primeiro *gamer* de verdade que eu conheço que não tem alguns discos espalhados por todo lado, nem migalhas onde ele comeu alguma coisa enquanto jogava. E ele disse que estava jogando na noite em que Cill foi atacada. Talvez eu não quisesse que fosse Benny porque ele realmente a ama, e, se eu estivesse errada no palpite, isso seria deprimente. Quem gosta de ficar deprimido?

— Poetas — lembrou Eve. — É o que parece.

— Certo, tirando os poetas. Além disso, Benny me parece mais um

discípulo. A pessoa deve ter muita iniciativa para bolar um plano desses. Pelo menos, é o que eu acho. Então, se eu tiver de escolher um dos dois, aposto em Var.

— Posso precisar de um lenço. O orgulho que sinto de você me emociona.

Ela olhou para trás quando a equipe da DDE entrou.

— Muito bem, vamos começar. Roarke está trabalhando em algo para mim, então não vamos esperar. Já passei as informações para ele.

Ela colocou as primeiras imagens no telão enquanto a equipe se acomodava.

— Vítima um: Bart Minnock. Decapitado enquanto jogava *Fantastical* trancado em seu salão holográfico, que

fica dentro do seu apartamento, que também estava trancado. Até agora, não encontramos nada que indique um convidado ou uma invasão.

— Não há nada a encontrar — confirmou Feeney. — Somos obrigados a concluir que o assassino entrou com ele, mas pode haver algum mau funcionamento na androide. Vamos desmontá-la novamente.

— Talvez não. — Eve deixou isso no ar até terminar de apresentar as bases da sua teoria. — A vítima jogou sozinha por pouco mais de trinta minutos, iniciando na fase quatro. Concluímos que ela jogou a cena do RCCT, Rei contra Cavaleiro das Trevas. Por eliminação, só pode ser o cenário

Usurpador. Voltaremos aos detalhes desse cenário daqui a pouco.

— Vítima dois — continuou —, Cilla Allen. Atacada e gravemente ferida enquanto jogava o mesmo videogame em seu salão holográfico destrancado, dentro do seu apartamento trancado. Nenhum indício da presença de um convidado ou de uma invasão, até o momento em que seus sócios, Benny Leman e Levar Hoyt, entraram lá esta manhã e a encontraram no chão. Depois de interrogados, os sócios afirmaram que o cenário favorito dela era o Ovo do Dragão, uma caça ao tesouro. Traremos mais detalhes em breve.

Ela olhou para o relógio de pulso. Se ao menos Roarke já tivesse terminado...

— A vítima dois começou na fase um e se envolveu com o jogo durante pouco mais de duas horas. Estava praticamente terminando a fase três. A junta médica especializada, com base nas lesões e nos exames realizados, concluiu que ela sofreu os traumas em uma queda de cerca de seis metros de altura sobre uma superfície dura, áspera e irregular.

— Não pode ser — discordou Feeney. Com ar distraído, pegou o chiclete que McNab lhe ofereceu. — Isso ferra a cronologia da cena, a hora em que ela entrou e as evidências físicas na cena do crime. O ataque aconteceu dentro do salão holográfico.

— Concordo. — Eve deu um passo para a lateral do telão para dar à equipe

uma visão livre da gravação da cena do crime. — Então, como pode uma mulher sofrer lesões compatíveis com uma queda, como descrevi, sobre a superfície lisa e plana de seu salão holográfico? E como um homem tem a sua cabeça decepada quando todas as evidências concluem que ele estava sozinho? A única explicação lógica é a morte de Bart e o ataque a Cill foram causados por seus respectivos oponentes no videogame.

— Mas, se eles estavam sozinhos, Dallas, não havia oponente algum.

Eve desviou o olhar para Feeney.

— Mas eles tinham um oponente, sim. Cada um era obrigado a derrotar ou superar esse oponente para alcançar a

fase seguinte. Para Bart, o oponente foi o Cavaleiro das Trevas. Para Cill, foi o caçador de tesouros rival.

— Está dizendo que uma imagem holográfica pulou para fora de um jogo e cortou a cabeça da vítima? — Feeney balançou a cabeça com força. — Você anda trabalhando demais, garota.

— Estou dizendo que o assassino *usou* o jogo — confirmou Eve. — Estou afirmando que ele usou uma nova tecnologia programada para atuar dentro do jogo sob a forma de uma arma. Estou falando de fluxos de onda aprimorados, maior potência para os feixes, um sistema tátil muito mais ampliado, um novo foco dos ângulos e da luz dos raios laser, formando elétrons e fontes de luz

sob a forma das imagens programadas
que replicam a matéria.

Callendar inclinou a cabeça.

— Isso é bizarro. E assustador.

Capítulo Vinte e Um

— Isso é delírio de ficção científica.

— Tudo é ficção até que a ciência chegue lá. — Eve se balançou para a frente e para trás sobre os calcanhares. — Feeney, você trabalha com ciência todos os dias. Lembre-se dos seus dias de recruta e compare-os com o que temos hoje em dia. Não é a minha área, então talvez seja mais fácil, para mim, considerar a possibilidade. Nada mais se encaixa, mas essa teoria... analisando as evidências, as linhas do tempo, as circunstâncias, as personalidades e os focos de interesse do suspeito, ela se

encaixa como uma luva.

— Na área, há sempre alguns boatos e papos estranhos rolando em sites alternativos — comentou McNab. Seus olhos brilhavam com as possibilidades. Eve via neles um brilho *geek*. — São teorias e aplicações muito avançadas.

— Ouvimos falar de encontros com o Pé Grande, e também com homenzinhos verdes — replicou Feeney, mas franziu o cenho de um jeito que fez Eve ter certeza de que ele considerava a hipótese.

— As duas vítimas tiveram queimaduras microscópicas internas nos locais das lesões. Fomos atrás de alguma espada para videogames movida a eletricidade. Acho que não estávamos

tão longe assim. A diferença é que essa arma só existe dentro do programa. Acredito que Levar Hoyt matou um dos sócios e tentou matar outro por meio da sua programação. Vamos analisá-lo por alguns instantes.

Ela mudou de ritmo, voltou ao conforto da explicação e delineou suas razões e conclusões sobre o suspeito.

— Ele parece ser bom o suficiente para conseguir isso — concordou Feeney. — Você tem uma boa pilha de provas circunstanciais. Mas... supondo que eu aceite a sua ideia, como diabos conseguiremos provar isso?

— Ele vai me contar. Vai *querer* me contar. — Ela fez uma pausa quando Roarke entrou. — Conseguiu?

— Foi difícil, considerando que eu estava quase sem tempo e o seu equipamento não é exatamente de ponta, mas consegui.

— Carregue a simulação. Exiba no telão dois. O que vamos ver são reconstituições dos dois crimes. Usamos os dados disponíveis, as imagens, os laudos médicos e aplicamos minha teoria para amarrar tudo. A contagem dos minutos, que aparece no canto inferior direito, é a verdadeira. Nos dois casos, calculamos o tempo com base nos padrões das vítimas e nos registros das suas sessões.

Ela viu Roarke configurar o programa para exibi-lo no telão.

— Bart Minnock entra em seu

apartamento — continuou ela enquanto as imagens computadorizadas se moviam pela tela. — Interage com a androide. Bebe o refrigerante que ela lhe serve e manda que ela se desligue durante a noite. Deixa o copo na mesa, vai para o terceiro andar, entra no salão holográfico e o tranca por dentro.

Ela assistiu à reconstituição, mantendo um olho no tempo decorrido. Tudo se encaixava, reparou mais uma vez. A imagem percorria os passos e os padrões previamente estabelecidos. Talvez ele tivesse feito algo um pouco diferente daquela vez, mas isso não importava. Ele acabou, como agora no telão, enfrentando a figura do Cavaleiro das Trevas.

Espadas se chocaram, cavalos levantaram as patas da frente, fumaça cinzenta se espalhou. Então a ponta da lâmina rasgou o braço de Bart, e o cavaleiro avançou para dar o golpe de misericórdia.

— Reparem nas posições, na altura, no alcance da vítima e da imagem holográfica; vejam o resultado do golpe no ponto específico em que a vítima estava, sua cabeça e seu corpo nos locais exatos, como foi registrado no momento da descoberta do corpo. Para a análise da segunda vítima, passaremos direto à fase três.

— Eu gastei um tempão reconstruindo os movimentos das fases um e dois — reclamou Roarke.

— Agradecemos imensamente o seu trabalho, e isso será do interesse do gabinete da promotoria. No momento, quero ganhar tempo. A personagem de Cill estava atrás de um artefato e, para obtê-lo, enfrentou obstáculos, charadas e oponentes. Ela precisava alcançar o topo desse monte para ter acesso a uma caverna e completar a fase. Notem que o solo nesse local é lamacento.

Flechas voaram. A imagem de Cill se esquivou, ziguezagueou, escorregou e tornou a se levantar. Até que ela ficou cara a cara com seu oponente.

— A linha do tempo, considerando o seu ritmo e os movimentos médios, indica que ela encontrou a imagem holográfica do oponente bem aqui, na

subida do caminho lamacento que levava à entrada da caverna, sendo que o penhasco estava acima das pedras e o rio ficava à direita. Bem aí! Pausar o programa.

A imagem congelou quando a faca rasgou o braço de Cill.

— Ela sofreu essa lesão... um ferimento que Morris garante ter sido resultado de um golpe com um objeto liso e afiado. Uma faca ou uma espada. Retomar o programa. Ela está abalada, machucada, não consegue se equilibrar no caminho escorregadio e cai do penhasco antes que o seu oponente consiga ir adiante. Ou ele lhe dá um belo empurrão. Ela bate nas pedras e fica inconsciente. Fim de jogo. Como ela

perdeu a consciência, o programa não leu mais os seus dados fisiológicos e encerrou.

Ela se afastou da tela.

— Enquanto isso, o filho da puta que planejou tudo estava sentado em casa com os pés para cima, entretendo-se com alguma coisa e estabelecendo o seu álibi, provavelmente treinando expressões de choque e dor. Ele eliminou dois dos seus sócios, dois dos seus obstáculos, e nem sequer sujou as mãos com sangue.

Feeney coçou o queixo.

— Concordo com as linhas do tempo, e não vou discutir com Morris se ele garante que a garota caiu. Mas, se esse desgraçado descobriu como manipular a

holografia para fazer tudo isso, eu certamente gostaria de dar uma boa olhada dentro da cabeça dele. Só que rodar um programa com essa quantidade absurda de dados faria com que o sistema derretesse.

— Talvez não na primeira vez — argumentou Roarke. — Ele pode ter encontrado um jeito de protegê-lo do superaquecimento. Mas não creio que um sistema comum aguentasse rodar várias vezes esse tipo de programa.

— Ele só precisaria rodar uma vez — apontou Eve.

— Isso é o que torna tão difícil trabalhar com o disco... aquele que estamos tentando recuperar. — McNab se virou para Callendar e completou: —

A alta intensidade da luz focada, a concentração de nanos.

— Cubra isso com 3 Gs para impedir que o sistema se funda.

— Eu usaria o tom azul.

— Mas essa proteção está dentro de seis UPH.

— Não se você refratar tudo com um filtro de ondas — disse Feeney, entrando na conversa, e Eve se virou para o quadro enquanto a equipe de nerds construía e discutia teorias.

Peabody se aproximou dela.

— Eu falo “nerdês” básico, mas não entendo uma palavra do que estão dizendo. Acho que vou voltar ao primeiro comentário de Callendar: é muito bizarro e assustador.

— É ciência. As pessoas usam a ciência para matar desde que um carinha do tempo das cavernas tacou fogo no cabelo de outro pobre coitado.

Ela se virou novamente e analisou o corpo destroçado de Cill no piso do salão holográfico.

— O objetivo é o mesmo, só os métodos é que, às vezes, são mais sofisticados. Ele é um filho da puta frio e egoísta. Usou a amizade, a parceria, a confiança. Usou relacionamentos e afetos construídos ao longo dos anos para matar um homem que nunca lhe faria mal algum. E colocou outra amiga no hospital, onde mais um amigo está sofrendo ao ter de acompanhar a luta dela para sobreviver. E ele está curtindo

cada minuto . Curtiu cada minuto da emoção de ser o foco da nossa atenção, sempre com absoluta confiança na sua capacidade de nos vencer. E é isso que vamos usar para derrubá-lo. Vamos pegá-lo com o auxílio do seu próprio ego e sua necessidade de vencer.

Ela olhou quando o monitor começou a apitar.

— McNab! — O tom ríspido da sua voz interrompeu McNab no meio de uma discussão acalorada sobre luz direta e luz suave.

— Sim, senhora.

Ela apontou o dedo para o equipamento. Ele se levantou e correu.

— Temos uma brecha na nossa camada externa de proteção. Ele a está

testando.

— Rastreie o sinal.

— Estou trabalhando nisso. Ele tem escudos e sensores para alertá-lo. Consegue ver? Viram só isso?

Eve viu apenas um monte de luzes e linhas.

— São dois os que estão agindo — murmurou McNab.

— Três. — Callendar colocou um headset na cabeça e, agitada, começou a estalar os dedos e balançar os quadris. — Ele pulou fora.

— Sim, sim, ele é cuidadoso. Veja, lá está ele... Não, não, isso é uma isca.

— Vou correr atrás do sinal mesmo assim. Talvez ele volte a essa frequência.

— Tente uma abordagem lateral, Ian — sugeriu Roarke. — Depois, fique invisível. Ele está apenas testando a superfície agora.

— Deixe esse peixe nadar — disse Feeney a Callendar. — Isso não é... Olhe lá, bem ali, ele enviou um sinal-fantasma. Vá caçá-lo!

Eve andou de um lado para o outro, circulou pela sala, tornou a andar; nos vinte minutos seguintes, a equipe de detetives eletrônicos seguiu os riscos na tela e as manobras, os *flashes* e as rajadas.

— Ele testou a superfície para tentar entrar na próxima camada — apontou Roarke. — Está fazendo tudo sem correria.

— Talvez tenhamos facilitado demais a entrada dele. — Feeney estufou as bochechas. — Nós o assustamos.

— Não me importo com quantas camadas ele invada. O que vai encontrar é falso, mesmo. Quero apenas a localização dele.

McNab olhou para Eve.

— Ele parece um canguru que tomou zeus, Dallas. Está pulando para a frente e para trás, depois some e volta a aparecer. O desgraçado é bom.

— Melhor que você?

— Eu não disse isso. Temos ecos, cruzamentos e junções. Portanto, ele está em Nova York. Provavelmente.

— Eu *sei* que ele está em Nova York.

— Estou só confirmando! — rebateu

ele, meio irritado.

Roarke colocou uma mão no ombro de McNab.

— Duvido muito que você queira entender tudo que está acontecendo aqui, tenente. Mas imagine que você está perseguindo a pé um suspeito que poderia, a qualquer momento, aparecer dez quarteirões à frente ou dar um pulo até Londres, seguir para a Ucrânia e, depois, aterrissar novamente um quarteirão atrás de você. Pode levar algum tempo para pegarmos a localização exata do canalha.

— Ok, tudo bem. Quanto tempo?

— Se ele continuar nesse ritmo e nós conseguirmos rastrear esses ecos e extrapolar as junções, não deve demorar

mais do que duas horas, talvez três.

Ela não xingou. Var poderia estar saltitando pelo mundo todo através do ciberespaço, mas, desde que eles tivessem o seu rastro no monitor, ele estaria em apenas um lugar do mundo real.

— Você pode executar um programa desses a partir de casa? — perguntou ela a Roarke.

— Posso, sim.

— E haveria algum problema nisso? — perguntou ela ao capitão.

Feeney deu a ela um aceno distraído.

— Uma fonte secundária em outro local poderia até ajudar a triangular a localização do sinal do safado.

— Certo, então vou trabalhar de casa.

Onde há silêncio. Preciso colocar tudo isso no relatório de um jeito que não faça Whitney achar que enlouqueci quando eu explicar tudo a ele amanhã. Vocês podem me poupar um monte de problemas se localizarem o assassino filho da puta.

— Se ele continuar tentando invadir nosso sistema, nós o pegaremos. Sim, sim, ele está em Nova York. Veja só! Agora, vamos começar a separar por camadas os locais onde ele *não está*.

— Vou ficar por aqui — avisou Peabody. — Alguém precisa mantê-los hidratados.

— Estejam prontos para trabalhar até tarde. — Eve olhou para a equipe. Confiança era a base de tudo. Se eles

disseram que iam localizá-lo, certamente fariam isso. — Talvez fosse melhor eu ir trabalhar na minha sala — considerou Eve quando eles saíram.

— Feeney está certo sobre a importância de uma fonte secundária. Posso fazer mais a partir de casa e tenho um equipamento melhor. Além disso, gostaria de eu mesmo colocar a mão na massa, e aqui eu apenas pisaria nos pés de Ian.

— Tudo bem. Monte o seu esquema em casa, e eu vou passar as próximas horas tentando achar um jeito de escrever um relatório que não me faça parecer louca.

— Você me pareceu muito sã quando explicou sua teoria para mim e, depois,

para o resto da equipe. Aborde as possibilidades científicas. Vou ajudá-la com isso — acrescentou ele quando ela não conseguiu abafar um gemido. — Vamos deixar o comandante atônito com os seus profundos conhecimentos sobre holografia física avançada.

— Sinto uma dor de cabeça chegando.

Ele pousou os lábios sobre a cabeça dela quando eles entraram na garagem.

— Agora, vai passar.

— De um jeito ou de outro, ele vai ser preso amanhã. Invadiu o meu território, o meu campo de batalha. Então vamos ver quem... Merda, *merda*, será que pode ser algo tão simples?

— O que pode ser tão simples?

— Território. Campo de batalha. *Merda!* — pensou novamente e parou de andar. — Devo supor que ele montou o seu esconderijo eletrônico dentro das coordenadas básicas, junto da sua casa, da casa dos sócios e do galpão da empresa. Ele é eficiente, cuidadoso e metuculoso. Por que arriscaria ser visto, talvez até mesmo pelos seus supostos amigos, entrando ou saindo de outro prédio?

Roarke digitou a senha do veículo; em seguida, abriu a porta para ela e se inclinou.

— O prédio onde ele mora — sugeriu. — Ele certamente iria querer o seu equipamento especial por perto, não é? Assim, ficaria mais fácil proteger

tudo, monitorar o sistema de segurança e usá-lo quando lhe der na telha.

— Mas esse espaço não fica no apartamento dele — garantiu Eve. — Não encontramos nada lá. No entanto, existem outros espaços no prédio... Incluindo a outra metade do andar dele.

— Vamos até lá dar uma olhada.

— Exatamente a minha ideia. Vou pesquisar o endereço enquanto você dirige. Quero ver quem é o locatário ou o dono do imóvel.

Ele se colocou atrás do volante.

— Vai pedir reforços?

— Vou avisá-los sobre o nosso desvio, mas não quero chamar ninguém porque pode ser alarme falso. De qualquer forma, acho que conseguiremos

lidar com um nerd cibernético que mata por controle remoto. Ainda por cima, é um covarde e... Harry e Tilda Stuben, um casal de oitenta e seis e oitenta e cinco anos, respectivamente. São proprietários do lugar e moram lá há dezoito anos. Têm três filhos, cinco netos e dois bisnetos.

— Pode ser uma informação falsa.

— Pois é... — Ela tamborilou os dedos na coxa. — Reparei que havia um bom sistema de segurança naquele apartamento. Duas portas, ambas com monitores, câmeras e sensores palmares. É provável que a configuração interna do sistema seja idêntica à da casa de Var. Mas vale a pena bater lá. Vou fazer uma pesquisa sobre os outros

apartamentos do prédio. Talvez surja algo, mas acho que esse é o lugar mais provável.

Quando ele estacionou, Eve pegou o comunicador.

— Peabody, vamos dar uma olhada nos vizinhos de Var que moram do outro lado do corredor. Estou seguindo um palpite.

— Quer que eu vá encontrar você lá?

— Não. Vamos só dar uma olhada. Se eu não der notícias em quinze minutos, envie reforço para o local.

— Entendido. Do outro lado do corredor, bem diante do apartamento dele... isso seria inteligente, pensando bem. Dallas, por que você não deixa o comunicador aberto? Posso monitorar

tudo daqui e, se eu perceber algum problema, solto os cachorros para ajudar vocês.

— Tudo bem. Enquanto nos monitora, faça uma pesquisa sobre os outros moradores do prédio. E coloque o seu comunicador no mudo. Não quero ouvir sua voz saindo do meu traseiro. — Ela enfiou o comunicador no bolso de trás, e Roarke riu.

— Vamos tornar isso oficial. Ligar gravador. Tenente Eve Dallas e Roarke, consultor civil especializado, entrando no prédio de Var Hoyt para interrogar os vizinhos do suspeito.

Ela usou sua chave-mestra para entrar no prédio.

— Quer saber? — alertou Roarke. —

Se eu fosse ele, teria adulterado a segurança externa do prédio para receber um alerta caso alguém ignorasse o procedimento normal de entrada.

— Talvez. Mesmo assim, ele teria de correr para fechar as operações do esconderijo, religar a segurança, atravessar o corredor, desbloquear sua porta, entrar e ligar tudo. E, quando eu solicitar e conseguir mais um mandado, os registros da segurança mostrarão exatamente isso. Ou pode ser que estejamos prestes a interromper a noite calma de um casal de idosos.

— Talvez eles estejam dançando tango e bebendo tequila em algum lugar. — Ele sorriu para Eve. — Exatamente como nós faremos quando chegarmos à

idade deles. Depois disso, voltaremos para casa e faremos sexo selvagem.

— Pelo amor de Deus, isso tudo está sendo gravado.

— Sim, eu sei. — Ele saltou com ela no andar de Var. — Quero que esses planos para o futuro fiquem oficialmente registrados.

Ela o fuzilou com os olhos antes de parar na porta do apartamento em frente ao de Var.

— Ele está trancado em casa. O indicador vermelho está aceso. Aqui também — observou.

Ela bateu e esperou com a mão apoiada no cabo da arma. Já se preparava para bater de novo quando o interfone apitou.

— Olá?

A voz era feminina e um pouco cautelosa.

— Sra. Stuben?

— Isso mesmo. Quem é?

— Tenente Dallas, da Polícia de Nova York. — Ela ergueu o distintivo para a câmara. — Gostaríamos de falar com a senhora.

— Aconteceu alguma coisa? Há algo de errado? Meu Deus! Foi uma das crianças?

— Não, senhora, é que... — Antes mesmo de Eve acabar de falar, as trancas se abriram e a luz de segurança ficou verde. — Não, senhora — repetiu quando a porta se abriu. — É apenas uma investigação de rotina relacionada a

um caso em andamento.

— Uma investigação? — A mulher era baixa e magra, vestia uma calça de moletom e uma blusa florida. Seus cabelos louros com tons de cinza lhe assentavam sobre a cabeça como um capacete. — Harry! Harry! A polícia está aqui na porta. Acho melhor vocês entrarem.

Ela deu um passo para trás, revelando uma grande e confortável sala de estar apinhada de bibelôs e fotografias. O ar cheirava a lavanda.

— Desculpe, não quis ser rude. É que fiquei um pouco nervosa. — Ela deu uma palmadinha no coração. — Podem entrar e se sentar. Eu estava prestes a fazer um chá para Harry e para mim. Um

bom bule de chá enquanto assistimos aos nossos seriados. Harry! — Ela chamou de novo e suspirou. — O volume do telão está tão alto que ele não consegue me ouvir. Vou buscá-lo. Sentem-se e fiquem à vontade.

— Sra. Stuben, a senhora conhece o seu vizinho do outro lado do corredor? Levar Hoyt?

— Var? Claro que conhecemos. Um jovem tão simpático — disse ela quando começou a subir as escadas. — É muito inteligente, como todos os jovens de hoje em dia. Não poderíamos ter um vizinho melhor. Harry!

— Chá e flores — murmurou Eve. — Tudo aqui é tão caseiro.

— O que, claro, automaticamente

levanta as suas suspeitas. Mesmo assim, algumas pessoas... — Ele parou de andar na sala. — Eve... — disse no instante em que as fechaduras se trancaram e a visão do cômodo pareceu cintilar.

— Isso é um maldito salão holográfico! — Eve pegou a arma, mas o que puxou foi uma espada. — Ai, que merda!

— Vamos ter que esperar — avisou Roarke. — Cuidado, atenção à sua esquerda.

Ela mal teve tempo de girar e bloquear o golpe antes que a lâmina a atingisse. Viu um rosto cheio de cicatrizes e tatuagens. O homem sorriu quando dois sóis vermelhos

transformaram o céu em sangue.

Ela ergueu o cotovelo esquerdo e atingiu o inimigo em cheio na garganta. Quando ele tropeçou para trás, ela usou uma fração de segundo para olhar na direção de Roarke. Ele lutava contra um homem que mais parecia uma montanha de peito nu armada com uma espada e uma adaga. À frente dele, em um círculo de observação azulado, estava Var.

Ele parecia assustado, pensou Eve, ao rebater o golpe seguinte. Assustado e desesperado, mas também empolgado.

— Eles virão aqui nos procurar, Var!

— gritou ela. — Interrompa o jogo!

— Ele tem que continuar.

Ela sentiu o solo pantanoso sob seus pés e parte de sua mente registrou o

calor abafado e úmido, o grito de pássaros, o verde improvável de árvores selvagens de tronco grosso. As espadas se encontravam com o som de címbalos mortais enquanto ela lutava em busca de alguma vantagem.

Para jogar aquele videogame, era preciso conhecer as regras.

— Pelo que estamos lutando afinal de contas? — exigiu saber, e saltou quando seu oponente quase atingiu seus joelhos com a espada; Eve tornou a atacar o braço dele. — Não temos nada contra você.

— Você invadiu o nosso mundo e nos escravizou. Lutaremos com você até o último suspiro.

— Não quero a porra do seu mundo!

— Ela controlou a respiração, girou para escapar da espada do oponente, levantou-se e deu-lhe um chute que o atingiu na lateral do corpo. Quando foi à frente com força total, ele fingiu cair e lhe arranhou o quadril com a ponta da espada.

Ela deu um pulo para trás.

— Eu sou uma policial da Cidade de Nova York, seu filho da puta. E eu vou arrancar o seu couro.

Com um ímpeto baseado em pura fúria, ela investiu com tudo, sua espada voando para a direita e para a esquerda, tentando superar a guarda do inimigo para atingir mais uma vez sua lateral. Ela forçou o espaço e enfiou o punho na cara dele. Sangue jorrou do seu nariz.

— É assim que fazemos em Nova York!

Um sentimento de raiva queimou nos olhos do rival. Ele soltou um grito de guerra e atacou. Ela enfiou a espada em sua barriga até o punho e só a soltou quando ele caiu, para, em seguida, se virar na direção de Roarke.

O sangue sujava a armadura preta que ele usava e também manchava o peito reluzente de seu oponente. Ao lado deles, um furioso rio tinha um tom vermelho misterioso e turvo, enquanto enormes aves com três asas circulavam ao redor.

Quando correu em direção a Roarke, Eve tentou acalmar os tambores que ouvia, que pareciam ecoar do seu

próprio coração acelerado.

— Tenho tudo sob controle — garantiu ele.

— Oh, pelo amor de Deus. — Ela balançou a espada para cima, mas, antes de conseguir aplicar o golpe, Roarke cortou a garganta do seu oponente.

— Eu disse que tinha tudo sob controle.

— Ótimo, ponto para você. Agora...

Ela se virou com a intenção de correr até Var e encostar a ponta da espada em sua garganta. Só que outro guerreiro saltou em seu caminho, depois outro e mais outro.

Homens e mulheres tatuados e armados. E, quanto mais ouvia o som dos tambores, como se lhe viesse dos

ossos, mais guerreiros surgiam e batucavam nas árvores.

— Não podemos derrotar todos eles — murmurou Eve enquanto ela e Roarke se moviam instintivamente para proteger a retaguarda um do outro.

— Não. — Ele se virou, pegou a mão livre dela e a apertou com força. — Mas podemos lutar até o fim.

— Podemos tentar detê-los. — Ela circulou com eles enquanto o primeiro grupo se moveu lentamente. — Detê-los até o reforço chegar. Se você conseguir alcançar os controles... se puder encontrar os malditos controles, consegue acabar com isso?

— Possivelmente. Se você conseguir passar por aquele canalha bem ali.

— Há uma sólida linha de defesa entre nós e ele. Uma droga de espada não vai ser suficiente para... espere um minuto, espere só um minuto, cacete!

Aquilo não era real, pensou ela. Era mortal, perigosamente mortal, mas continuava não sendo real. Mas a arma dela era. Ela não podia vê-la, não podia senti-la no coldre por causa da ilusão do programa, mas ela *estava lá*.

Usou a memória muscular, a força do hábito e o instinto arraigado. Passou a espada para a mão esquerda e respirou fundo. Bateu com os dedos na lateral do quadril, sobre o coldre, e sua mão se lembrou — o formato, a sensação, o peso da arma.

Ela disparou e observou o guerreiro

atingido pela rajada cair duro.

Ela disparou novamente, espalhando as rajadas em leque.

— Tenho outra arma no tornozelo direito — avisou ela. — Consegue alcançá-la?

— Não há tempo. — Roarke girou para atacar o homem que surgiu à sua esquerda. — Atire na direção dos controles. Exploda todo o painel de controle.

— Onde os controles estão, droga?

Ela atingiu mais um antes de ele enfiar a espada no lado desprotegido de Roarke.

— À direita da porta! — gritou ele, pegando uma segunda espada de um guerreiro morto. — A cerca de um metro

e meio do chão.

— Mas onde está a porra da porta?

— Ela soltou mais rajadas de laser, atirando de forma selvagem e às cegas. As árvores verdes sobrenaturais entravam em combustão e soltavam fumaça; gritos rasgavam o ar enquanto ela lutava para se orientar.

Os inimigos continuavam chegando, percebeu ela quando disparou de novo e mais uma vez, em uma tentativa desesperada de manter os guerreiros longe de Roarke.

Var tinha adulterado o jogo e o programara para apenas um resultado.

— Bem, *que se foda!*

Do outro lado do maldito rio, pensou, um pouco para o lado. Ela concentrou

seu fogo ali. Um metro e meio para cima, calculou mais uma vez, e lançou uma rajada implacável, atirando em arco na altura de um metro e meio do chão.

Captou um movimento diferente com o canto do olho, começou a girar o corpo e a levantar o braço esquerdo e a espada, enquanto continuava a disparar sem descanso com a direita.

Roarke se colocou entre ela e o guerreiro que se aproximava e afastou dela a espada que ele levantara em sua direção.

Ela assistiu em choque e horror quando a adaga na outra mão do guerreiro se enterrou na lateral do corpo de Roarke.

No mesmo instante, línguas de fogo

jorraram com ruídos e estalos elétricos. As imagens brilharam mais. Ela agarrou Roarke e sustentou o seu peso quando ele balançou para a frente.

— Aguenta. Aguenta firme!

— Você trapaceou! — Var se colocou de pé, o rosto atordoado, em uma sala cheia de fumaça. E correu em direção à porta.

Eve não se deu ao trabalho de emitir um único som; simplesmente o atingiu, derrubando-o.

Enquanto o corpo de Var sacudia e tremia com o choque, ela aliviou o peso de Roarke no chão.

— Deixe-me ver. Deixe-me ver esse ferimento.

— Não foi tão ruim assim. — Ele

respirava com dificuldade e estendeu a mão. — Você também recebeu alguns golpes.

— Fique calado! — Ela rasgou a camisa dele, já arruinada, tirou o paletó e o jogou de lado. — Por que você sempre usa tantas roupas?

Ela não sabia que estava chorando, pensou ele. A sua oficial... A sua guerreira de cabeça fria. Quando ela tirou a própria jaqueta e arrancou a manga da roupa de forma impiedosa, ele fez uma careta.

— Era uma bela jaqueta.

Ela dobrou a manga e pressionou o material macio sobre a ferida na lateral do corpo dele.

— Não estou tão mal. — Bem, pelo

menos ele esperava que não, e se concentrou no rosto dela. No rosto de Eve. Apenas Eve — Isso dói pra cacete, mas não é assim tão ruim. Já fui esfaqueado antes.

— Cale a boca, cale essa boca! — Ela pegou o comunicador. — Preciso de ajuda. Policial ferido. Repito: policial ferido!

— Ah, quer dizer que agora sou um policial? Isso é um insulto mais grave que o ferimento. — Enquanto ela gritava o endereço, ele virou a cabeça ao ouvir os golpes violentos na porta. — Ora, veja... chegou o seu reforço. Enxugue o seu rosto, querida. Você vai odiar se eles a virem chorando.

— Ah, que se dane! — Mas ela

passou as costas da mão ensanguentada sobre as bochechas. E apertou a mão dele sobre o curativo improvisado. — Consegue segurar isso sozinho? Só por um segundo? — Ela arrancou a outra manga da jaqueta. — Você não vai me deixar.

— Querida Eve... eu não vou a lugar algum. — Ele notou o rosto dela mais uma vez enquanto a dor aumentava na lateral do corpo. — Já passei por coisas piores que isso quando tinha doze anos.

Ela aplicou o segundo curativo e colocou a mão com força sobre a dele.

— Você está bem. Vai ficar bem.

— É isso que estou dizendo — assegurou ele quando a porta se abriu.

A equipe, fortemente armada, invadiu

o local. Peabody vinha logo atrás.

— Chame um médico! — exigiu Eve.
— Chame a porra de um médico agora mesmo! Está tudo sob controle.

— Vasculhem o lugar! — ordenou Peabody. — E prendam aquele idiota ali. — Ela caiu de joelhos ao lado de Eve. — Os paramédicos estão a caminho. Você está muito mal? — Ela estendeu a mão e afastou alguns fios do cabelo de Roarke que tinham caído no rosto dele.

— Ele foi apunhalado na lateral do tórax. Perdeu muito sangue. Acho que consegui estancar um pouco, mas...

— Vamos dar uma olhada nisso. — Feeney se agachou também. — Afaste-se um pouco, Dallas. Vamos lá, garota,

chegue um pouco para lá. — Feeney lhe deu uma cotovelada suave e ergueu o curativo improvisado. — Puxa, você está com um belo buraco aí. — Ele fitou Roarke. — Imagino que já tenha passado por coisas piores.

— Já sim. Ela também sofreu alguns ferimentos.

— Vamos cuidar disso.

— Tudo limpo e sob controle. — McNab largou a própria arma e se ajoelhou ao lado de Peabody. — Como você está? — perguntou a Roarke.

— Já tive dias melhores, mas tudo bem porque nós vencemos o jogo.

— Isso é o que conta. Callendar foi pegar algumas toalhas no banheiro. Nós vamos cuidar de você.

— Sem dúvida. — Quando ele tentou se sentar, Eve o empurrou novamente para trás.

— Não se mexa, senão vai começar a sangrar de novo! Espere até...

— Agora, é você que vai calar a boca — sugeriu ele, puxando-a para mais perto e apertando os lábios com firmeza contra os dela.

Capítulo Vinte e Dois

Eve se sentou na sala de conferências com a equipe, o comandante, a doutora Mira e a promotora Cher Reo.

Ela assistiu com os outros, enquanto sua gravação era exibida no telão, e tentou ignorar um detalhe: ela lutava por sua vida vestindo um traje preto bem justo, como o dos atletas, e uma proteção peitoral de cobre.

Se ela ainda não tivesse a lembrança do sangue de Roarke em suas mãos e as dores e queimaduras em seu corpo, aquilo seria apenas ridículo.

Mais uma vez, Eve viu Roarke

protegê-la dos ataques enquanto ela atirava a esmo nas imagens holográficas. Por que não atingira os controles um pouco antes?, pensou. Por que não os localizara mais cedo? Poucos segundos antes e ele não teria levado aquela facada. Segundos!

Viu tudo acontecer de novo, o giro do corpo, o bloqueio para salvá-la, a ferocidade no rosto dele. E o instante em que a faca penetrou na lateral desprotegida do seu corpo.

Então a cena mudou — como um canal de TV que tivesse sido trocado — e eles surgiram em um cômodo arruinado por suas rajadas a laser, em meio à fumaça espessa, os controles crepitando em chamas e o sangue de

Roarke manchando o chão.

— Isso é bizarro — murmurou Reo.
— Já assisti duas vezes, ouvi o seu relatório e ainda tenho dificuldade para acreditar.

— Precisamos manter os detalhes longe da mídia. — Whitney examinou os rostos na sala. — Se possível, nada disso deverá sair daqui. Todos os registros e equipamentos do suspeito foram confiscados?

— Tudo do local foi confiscado, senhor — confirmou Eve. — Ele pode ter outro esconderijo, mas não acho muito provável. Ele mantinha tudo perto de casa. Vamos levá-lo para interrogatório em breve. — Ela se virou para Mira. — Ego, espírito de

competição, orgulho pela façanha?

— Sim, todas essas áreas são pontos vulneráveis. Ele não só se tornou viciado nesse videogame, como parece ter vivido dentro dele por algum tempo. É uma realidade mais empolgante, uma em que ele controla tudo, mas se mantém afastado. Ele não entrou no jogo para lutar com você.

— É um covarde.

— Sim, mas acredita ser superior. Você só ganhou porque trapaceou. Ele acredita nisso também.

— O jogo era a arma, e ele o controlava. Podemos acusá-lo de homicídio qualificado no caso de Minnock? — perguntou Eve a Reo.

— Isso é meio complicado. Ele

poderia argumentar que pretendia apenas que Bart Minnock jogasse e que a vítima poderia ter vencido. Além disso, não temos provas de que Minnock não estava totalmente ciente dessa tecnologia quando começou o jogo.

— Isso é papo furado.

— Eu concordo, mas não posso provar tudo isso além do nível de dúvida razoável no tribunal. Vamos pedir homicídio qualificado no caso de Minnock... Espere eu acabar de falar — disse, antes de Eve ter chance de protestar. — Qualificado para Minnock e conduta negligente para Allen; e essa mesma acusação para o que ele fez com você e com Roarke, acrescida de agressão a policial, mais uma pilha de

crimes cibernéticos, posse de equipamentos não registrados, depoimentos falsos e assim por diante. Vamos amarrá-lo com tudo isso, Dallas, ofereceremos um acordo e evitaremos um julgamento que poderá se arrastar por meses... e criará sensacionalismo em torno dessa tecnologia e dos crimes na mídia. Ele vai cumprir no mínimo cinquenta anos em um presídio de segurança máxima. Em uma cela onde, devido às acusações de crimes cibernéticos, ele não terá acesso aos brinquedos eletrônicos que tanto conhece e ama. Isso será o mais duro, e me parece muito adequado.

— Quero acusação por tentativa de homicídio quanto a Cill e Roarke. Quero

que ele seja acusado, droga! — Ela se conteve e tentou se acalmar. — Vou aceitar o homicídio qualificado para Bart Minnock. Se você conseguir o resto mais tarde, eu aceito, mas quero que ele seja acusado *agora* e quero o acordo começando a partir da maior sentença possível.

Reo estudou o rosto de Eve. O que viu a fez relaxar um pouco.

— Podemos ver o que acontece no interrogatório e seguimos a partir daí.

— Então vamos começar logo.

Whitney puxou-a para um canto.

— Ele pode suar frio até amanhã de manhã, Dallas. Pelo menos, até você ter algum tempo para se recuperar.

— Estou bem, senhor. — Ela queria

começar enquanto estava com a cabeça quente. — Ele já teve algumas horas para se recompor. Não quero dar mais tempo a ele.

— A escolha é sua. Dallas... não leve para o lado pessoal

— Não, senhor.

Mas *era* pessoal. *Claro* que era, pensou, enquanto caminhava até Roarke.

Ele usava uma camisa tirada do armário de Baxter. Debaixo da roupa, ela sabia que sua ferida ainda estava fresca, a carne aberta. Sua cor estava de volta e seus olhos pareciam mais límpidos. Não estava mais tão pálido como quando seu sangue escorrera por entre os dedos dela.

— Sei que você quer acompanhar

tudo até o fim — começou ela. — Entendo isso. Mas pode deixar que eu providencio a gravação do interrogatório para você assistir depois. Você precisa ir para casa agora para tomar os malditos remédios que recusou. Deve deixar Summerset pairar sobre você como um urubu.

— Só vou se você for.

— Roarke...

— Eve. Sempre nos entendemos, não é? Vamos terminar logo isso.

— Haverá uma poltrona na sala de observação. Use-a.

Ela saiu e encontrou Mira.

— Vou lhe pedir um favor. Preciso que fique de olho em Roarke. Se houver necessidade, ataque-o com uma seringa

cheia de tranquilizantes. Eu assumo a culpa depois.

— Não se preocupe. — Mira deslizou o braço ao redor da cintura de Eve por um momento. — Ele vai estar em menor número.

Ela assentiu com a cabeça e ordenou si mesma que deixasse de se preocupar. *Pare com isso e faça o seu trabalho.*

— Peabody. — Ela parou e passou uma das mãos pelo cabelo. — Você vai bancar a solidária, deve até se mostrar um pouco impressionada. Não se derreta muito, senão ele não vai se convencer. Você é mais jovem que ele, e isso vai fazer com que a veja como ingênua. Se ele fez alguma pesquisa, e certamente fez, sabe que você mora com um

detetive eletrônico.

— Entendi. Quer uma sugestão? Eu esqueceria a jaqueta nova que você pegou no armário. Vá de braços nus para ele poder ver os golpes que te atingiram. Isso vai deixá-lo empolgado.

— Boa ideia. — Ela tirou a jaqueta e cerrou os dentes quando sentiu uma dor aguda no braço. Jogou a jaqueta para McNab. — Segure para mim.

Acenou para Peabody e abriu a porta da Sala de Interrogatório A.

Ele estava sentado à mesa com as mãos cruzadas, cabisbaixo. Ergueu a cabeça quando elas entraram e lançou para Eve um olhar triste.

— Eu não sei o que aconteceu. Eu...

— Calado! — retrucou ela. — Ligar

gravador. Tenente Eve Dallas e detetive Delia Peabody dando início ao interrogatório de Levar Hoyt. Sr. Hoyt, alguém já leu os seus direitos?

— Sim, quando me...

— Você entende os seus direitos e deveres?

— Ok, sim, mas o caso é que...

— Escute aqui, imbecil, não vou perder tempo com suas explicações e babaquices. Eu estava lá, lembra? Dentro do campo de batalha, participando do seu jogo doentio.

— É isso que estou *tentando* dizer.

— Suas algemas fizeram um ruído alto quando ele levantou as mãos. — A coisa toda saiu do meu controle. Houve algum tipo de falha que eu estava tentando

consertar quando...

Eve bateu com as duas mãos na mesa, e ele deu um pulo de susto. Mas ela viu o olhar dele deslizar de leve e subir até a ferida em seu braço.

— Você ficou lá, seu desgraçado, assistindo de camarote àquele mundo asqueroso que criou para nos atacar. Você ficou lá parado!

— Eu tentei desligar, mas...

— Ficou observando. Foi covarde demais para entrar na luta. — Ela estendeu a mão e o agarrou pela gola da camisa. — É muito fraquinho para me enfrentar?

— Calma, Dallas. Calma. — Peabody pôs uma mão no ombro de Eve, como aviso. — Ele criou algo incrível. É um

cientista. Provavelmente, não sabe muita coisa sobre combates.

— Até que me defendo bem — retrucou ele.

Eve bufou de nojo e se afastou.

— Claro que sim. — Peabody se sentou diante dele. — Estou falando de lutar contra alguém treinado como Dallas ou com a boa forma de Roarke. Você ficaria em desvantagem... fisicamente. É claro que quando se trata de vantagem no campo da eletrônica, você é o máximo.

— Será que vocês não gostariam de ter alguns minutos sozinhos? — perguntou Eve, com frieza.

— Vamos lá, Dallas, dê crédito a quem merece. Quanto tempo você

demorou para desenvolver o programa? A tecnologia está além do ultra, é *supermag*. Ainda nem consegui entender tudo.

— É um nível totalmente novo de tecnologia — confirmou Var. — Demorei anos para desenvolvê-la, porque não conseguia dedicar muito tempo ao projeto. Isso abrirá um novo mundo, não apenas para os jogos, mas também para treinar vocês da polícia, os militares, esse tipo de coisa. — Empolgado, ele se inclinou para frente. — Eu queria criar algo, queria *presentear* a sociedade. Tentei dezenas de teorias, aplicativos, programas, antes conseguir refinar tudo. O realismo oferece ao jogador riscos de verdade e

recompensas. Isso é...

Ele recuou um pouco, como se percebesse que estava cavando a própria cova.

— Nunca imaginei que aquilo pudesse provocar danos reais. É por isso que tenho trabalhado muito para adaptar o programa... para oferecer o mesmo realismo, mas sem o potencial de machucar as pessoas.

— Você sabia que poderia ferir, que poderia até matar — disse Peabody, ainda de olhos arregalados. — Então você tentou consertar tudo.

— Sim, sim, isso mesmo. Nunca quis que alguém se machucasse.

— Mas então... por que não contou tudo a Bart? Por que não disse a ele que

o programa tinha falhas que poderiam ser fatais?

— Eu... não sabia que ele iria levar o disco para casa. Ele o tirou sem registrar a saída, não me disse nada.

— Mas o que esse jogo estava fazendo na U-Play se você estava trabalhando nele fora da empresa?

— Eu quis mostrar para ele, para trocarmos ideias, mas ele deve ter levado o disco para testá-lo — Var baixou a cabeça e a colocou novamente entre as mãos. — Não sei por que ele fez isso, por que se arriscou tanto.

— Você está dizendo que contou a Bart sobre o seu trabalho, sobre o programa e os riscos?

— Claro.

— Só para Bart?

— Isso mesmo. Eu não sabia que ele tinha levado o disco experimental até que...

— Então... por que Cill está no hospital? — insistiu Peabody. — Como ela conseguiu colocar as mãos em um segundo disco do programa se você tinha levado apenas um para Bart?

— Depois que Bart morreu, contei tudo a ela. — Ele arregalou os olhos, exibindo uma inocência cheia de mágoas. — Eu precisava contar a alguém.

— Então ela decidiu se rebelar e simplesmente repetiu o erro de Bart?

Ele se recostou e apertou as mandíbulas.

— Deve ter sido isso. Ela não me disse nada a respeito. Pode perguntar a Benny.

— Nós vamos perguntar a ela. Cill acabou de sair do coma — mentiu Eve, virando-se para ele. — Os médicos asseguraram que ela vai se recuperar por completo e vai conversar conosco amanhã. — Ela olhou para o relógio. — Talvez hoje mesmo, mais tarde.

— Graças a Deus. Graças a Deus por esse milagre! Mas você precisa entender que ela deve estar muito chateada. E ficou revoltada comigo por causa do que aconteceu a Bart. Ela me culpou.

— Imagine só! E tente imaginar também, Var, em quem nós vamos acreditar quando ela nos contar que

você entregou aquele disco e pediu que ela trabalhasse nele.

— Nunca fiz nada disso. Você nunca poderá provar. É a minha palavra contra a de Cill, e ela acabou de sair de uma cirurgia cerebral. Talvez eu deva contratar um advogado. Aposto que um advogado lhe diria a mesma coisa.

— Você quer um advogado? Muito bem! Terminaremos este interrogatório agora e você providenciará isso. E, nesse meio-tempo, a nossa equipe eletrônica estará dissecando o seu precioso programa, seus arquivos e dados, o seu equipamento não registrado, e, talvez, destruindo alguma coisa.

— Espere! Espere! — Suas algemas

sacudiram novamente quando ele quase se levantou da cadeira. — Você não pode fazer isso. Esse é o *meu* trabalho. *Minha* propriedade. Você não tem o direito de fazer isso.

— Diga isso ao seu advogado.

— Então vamos esperar um pouco. Podemos esperar.

— Você está dizendo que não quer representação legal neste momento?

— Isso mesmo. Vamos apenas conversar sobre o assunto. — Ele cruzou as mãos novamente. Só que, desta vez, reparou Eve, os nós dos seus dedos estavam brancos. — Aquele trabalho é muito valioso e complexo. Seus detetives eletrônicos não vão conseguir entrar. Foram anos de criação.

É tudo meu.

— Seu? Não é da U-Play? Você tem um contrato, Var. Compartilhar seu trabalho e o dos outros da mesma forma. Qualquer coisa que qualquer um de vocês desenvolva passa a pertencer à empresa.

— Isso não parece muito justo — opinou Peabody. — Não quando você fez isso tudo sozinho. Algo tão brilhante.

— Eu teria compartilhado o trabalho, só que Bart... escute, discuti tudo isso com Bart, e ele não quis tomar parte em nada. Então é meu. Exclusivamente meu.

— Você contou a Bart sobre o trabalho e o novo conceito para o programa?

— Ele é o gênio do marketing.

Poderíamos ter revolucionado o mercado.

— Mas ele tinha uma visão muito limitada.

— *Jogos são apenas jogos*, essa era a linha do pensamento de Bart. Ele não conseguia enxergar o alcance daquilo. Para ele, o mais importante eram os riscos. Então o jogo é meu. Eu fiz todo o trabalho, coloquei muito tempo nisso... o meu *próprio* tempo.

— E fundiu tudo com o conceito e a tecnologia do *Fantastical* — terminou Eve. — Não foi tudo exclusivamente seu. — Ela apontou o dedo para ele. — Você trapaceou.

— Nada disso! — Um tom rosado, quente e vivo surgiu em suas bochechas.

— Escute, ele teve uma escolha e conseguiu o que queria. Tudo tem a ver com escolhas, não é? Cada jogador decide qual ação tomar e dá continuidade à partida.

— Mas Bart era um jogador melhor que você.

— Porra nenhuma!

— Ele era mais focado e via a estratégia de longo alcance. Você é o homem dos detalhes e tende a perder o quadro geral.

— Mas foi ele que morreu — retrucou Var.

— Sim, nessa você me pegou. Você armou para ele e conseguiu derrotá-lo.

— Vamos aos fatos. — Var bateu com o dedo na mesa. — Bart pegou o

disco. Bart ligou o console. Bart jogou o videogame. Eu nem estava lá. Ninguém o obrigou a jogar. Ele jogou mal e sofreu um acidente terrível, mas eu não sou responsável por isso. Eu criei o programa, trabalhei na tecnologia, mas é o mesmo que dizer que o cara que projetou a arma que você carrega é responsável por você atirar em alguém.

— Faz sentido — concordou Peabody, balançando a cabeça. — Você foi apenas o cérebro por trás de tudo.

— Exatamente.

— Acho que você é o mais inteligente dos quatro, também. Nenhum deles sequer chegou perto do que você alcançou.

— Eles nunca pensam fora da caixa.

— Ele desenhou quatro linhas no ar. —
Fora do quadrado.

— Deve ser frustrante, para você, conseguir enxergar muito mais do que eles. — Peabody suspirou um pouco em solidariedade. — Por que você nunca saiu e foi trabalhar por conta própria? Você não precisava deles.

Ele encolheu os ombros.

— Ou talvez precisasse — continuou Peabody. — Quero dizer, um homem inteligente sabe que precisa usar outras pessoas, aproveitar suas ideias, deixá-las lidar com parte do trabalho para que possa se concentrar no que é mais importante. Você os conhece há muito tempo, trabalha com eles, então percebe seus pontos fortes e fracos, sabe como

usá-los para... você sabe... alcançar um objetivo maior.

— É preciso se sustentar para poder desenvolver o trabalho.

— Claro. E eles forneciam isso. Entendi. Quer dizer que, quando você deu o disco a Bart, foi apenas uma experiência, certo? Você precisava ver o que aconteceria. Precisava testá-lo com um ser humano.

— Isso mesmo, e ele era um bom jogador. Achei que ele iria durar mais do que... Não tinha como eu saber — consertou ele, recuando. — Eu não estava lá.

— Não tinha como você saber quando entregou o disco a Cill também — concordou Peabody. — Você não sabia

que ela iria cair do penhasco. Além disso, as armas dela eram tão letais quanto as dos oponentes. Você não os mandou para a luta desarmados.

— A coisa tinha que ser justa. — Var se inclinou para a frente, concentrando-se em Peabody. — Veja só... Bart jogou naquele cenário um milhão de vezes. Se ele ainda não tinha descoberto como eliminar o Cavaleiro das Trevas, isso não é minha culpa.

— Claro, como poderia ser? E se você contasse que eles iriam se conectar com o *seu* programa, a *sua* nova tecnologia, não seria um experimento válido. Um verdadeiro jogador deve acreditar que tudo é real, certo?

— Exatamente. — Ele bateu

rapidamente na mesa. — Do contrário, não faria sentido.

— Não era sua obrigação contar a eles sobre o novo programa quando entregou os discos.

— Pois é, não era. O que aconteceu depois foi culpa deles.

Eve pensou em dizer alguma coisa, mas enfiou os polegares nos bolsos da frente e deixou Peabody liderar o show.

— Essas não podem ter sido as suas primeiras experiências. Não para um cientista tão metódico e dedicado quanto você. Aposto que você deve ter jogado aquele videogame sozinho antes.

— Usei andróides. Logo que descobri a tecnologia e tudo que era possível, usei andróides contra os personagens

holográficos. Está tudo nos meus registros; documentei cada passo. Não fiz nada de errado. Não é minha culpa que alguém tenha se machucado.

— Androides contra personagens holográficos. — Soltando um assobio baixo, Peabody balançou a cabeça em sinal de admiração. — Cara, adoraria ver isso acontecer.

— Os personagens holográficos venciam em oitenta e nove vírgula dois por cento das vezes. Mas podiam jogar durante muitas horas. Era o máximo!

— Você sabia que eles não iriam escapar — murmurou Eve. — Quando você enviou seus *amigos*, os seus *sócios*, para os respectivos salões holográficos, sabia que não teriam

chance de sobreviver ao jogo.

— Eu não poderia saber ao certo. —
Ele cruzou os braços e sorriu de leve.

— Você realmente nos pegou nessa.
— assentiu Eve. — Eles entraram por
conta própria. Você não estava lá. Não
se pode dizer que os obrigou a jogar.

Ele disparou um dedo para o ar.

— Bingo!

— Querer se livrar de Bart também
não é crime. E você queria se livrar
dele, não queria, Var? — perguntou
Peabody. — Já estava cheio de todos.
Tinha conseguido alcançar um belo
resultado com o seu trabalho, e lá estava
Bart, que não é tão inteligente, criativo
ou visionário quanto você, recusando-se
a jogar. Mesmo com os muitos recursos

da empresa e todas as ferramentas disponíveis que você ajudou a criar. E ele disse não, nem pensar, ele não ia entrar nessa. O que lhe deu o direito de negar isso a você?

— Ele não tinha esse direito. Sou tão parte da U-Play quanto ele. E tão importante quanto ele. Mas se Bart dissesse não, todo mundo concordava.

— Isso é revoltante. No entanto, se Bart não estivesse mais por perto, você subiria um nível. Teria mais controle, mais poder, mais influência.

— Como você mesma disse, querer me livrar dele não é crime.

— E você tinha um jeito de conseguir isso sem ser o responsável. Isso é brilhante.

— É o que eu faço. Construo o cenário, crio a tecnologia e o jogador decide. Às vezes, ele ganha; às vezes, ele perde.

— Ele perdeu e você ganhou. — Eve estudou a presunção e a satisfação no rosto dele enquanto se balançava lentamente para trás e para frente sobre os calcanhares. — Você nos deixou de mãos atadas agora. Sempre soube que não poderíamos acusar você de assassinato, mesmo que descobríssemos tudo.

— Confesso que não imaginei que vocês fossem descobrir. Pelo menos, durante algum tempo... Pelo menos até eu lançar o programa no mercado. Estava pensando em oferecê-lo aos

militares e às forças policiais, por falar nisso. Esse jogo não é para crianças. Pode ver em meus registros e anotações que nunca pretendi lançar essa tecnologia no mercado aberto. Você simplesmente não pode me acusar disso.

— Mas você entregou os discos a eles e não contou sobre os aprimoramentos.

— Sim, eu entreguei a eles os discos, mas e daí? Bart deveria ter percebido os aprimoramentos depois de cinco minutos se estivesse prestando atenção. Eu não o *obriguei* a jogar.

— Cill não sabia sobre essa nova tecnologia. Ela não fazia ideia.

Ele encolheu os ombros.

— Ok, mas e daí? Ela também

deveria ter percebido logo. É tão inteligente! Benny já estava vindo com uns papos de que ela assumiria as reuniões e entrevistas no lugar de Bart.

— Estava forçando a barra para ela atropelar você. — assentiu Eve. — Pena que ela caiu do penhasco, em vez de levar uma facada no coração.

— O programa desliga sozinho quando o jogador fica inconsciente. Eu não tinha percebido isso antes. Esse é o problema com andróides. Agora, eu sei, então vou poder fazer os ajustes. Ah, e eu queria dizer mais uma coisa: você lutou muito bem lá dentro. Você e Roarke realmente são habilidosos. Só que não deveria usar armas alternativas... Isso foi falta de espírito

esportivo. Além do mais, como já expliquei, eu estava tentando desligar o sistema, mas enfrentei problemas técnicos. Essas coisas acontecem. — Ele sorriu de novo. — Vi que Roarke levou uma facada. Espero que ele esteja bem.

Eve se inclinou.

— Vá se foder.

— Ei, não há necessidade de ficar nervosa. — Ele abriu um sorriso largo. — Aconteceu de vocês entrarem justamente quando eu estava no meio de um jogo experimental, e isso também não é contra a lei. Escute, você pode me processar pelo uso de equipamentos não registrados. Vou pagar a multa, prestar serviços comunitários, o que for

preciso. E nem vou processar você por me atacar dentro da minha própria casa. Agora, preciso ir ao hospital ver Cill. Não consigo nem imaginar como o cérebro dela deve estar embaralhado depois do que ela passou. E então, já posso ir agora?

— Sim. Sim, Var, pode ir. Para o inferno dentro de uma cela. Você está preso.

— Preso? — Ele revirou os olhos. — Ah, qual é, já passamos dessa fase.

— Exatamente, e você admitiu ter criado o programa, confessou ter entregado os discos a Bart e a Cilla sem informá-los sobre o aumento dos riscos.

— Eu não os *obriguei* a jogar. Eu não...

— Continue indo por esse caminho — aconselhou Eve. — Vai acabar em um beco sem saída. A promotora vai ter um trabalhão para organizar tantas acusações. Vamos pedir homicídio qualificado no caso de Bart. Depois, vou querer agressão com intenção de matar uma policial e um consultor civil especialista devidamente autorizado. Além disso, tentativa de homicídio no caso de Cilla, sem contar os muitos e variados crimes cibernéticos.

— Eu não matei ninguém! — gritou ele. — Eles perderam o jogo!

— O *seu* jogo — disse Eve. — As *suas* regras. Você vai estar muito, muito velho *se e quando* sair da prisão, Var. E vai ser uma cela onde você não terá

acesso a qualquer aparelho eletrônico. Acabaram os jogos para você, seu filho da puta.

— Isso é loucura! — Ele olhou para Peabody. — Você sabe que isso é loucura! Você me entende!

— Sim, entendo. Então deixe-me colocar a coisa desta forma, só para reforçar as palavras da minha parceira: fim de jogo, filho da puta. Você perdeu!

Com expressão fria e olhos fixos, Peabody se levantou.

— Eu vou levá-lo, Dallas. McNab e eu vamos levá-lo.

— Ok. — Ela se largou na cadeira, sentindo-se subitamente exausta. — Está bem. Peabody... Bom trabalho.

— Isso não é justo! — protestou Var.

— Isso é mais uma trapaça! Você não pode me prender por isso! — continuou enquanto Peabody o levava. — Eu não fiz nada! Eu não estava lá! Foi tudo culpa deles!

Eve fechou os olhos enquanto a voz dele, acompanhada por um tom de choro, ia se desvanecendo ao longe.

Ele acreditava nisso, pensou, pelo menos em algum canto obscuro da sua mente. Ele não fez nada além de fornecer os meios, por isso não poderia ser responsabilizado pelos resultados. E talvez os seus advogados batessem na mesma tecla. Mas ela tinha fé em Reo e no sistema.

Tinha que ter.

Ela abriu os olhos quando Roarke

entrou e fechou a porta. Ele se sentou diante dela, do outro lado da mesa, e fixou nela aqueles indomáveis olhos azuis.

— Já faz um bom tempo desde a última vez em que estive em uma sala de interrogatório com uma oficial.

— Quer que eu leia os seus direitos?

— Abro mão deles. Você deixou Peabody liderar o interrogatório o tempo todo. E ela se saiu muito bem.

— Ele acredita em algumas daquelas baboseiras; acredita o suficiente para se convencer de que a culpa por Bart estar morto foi do próprio Bart... que Cill é culpada por estar em coma. — Seu coração apertou com força antes de ela terminar o pensamento. — Se aquela

faca tivesse te atingido alguns centímetros acima, também seria tudo culpa sua.

— Seguindo essa lógica, também foi a minha própria agilidade e habilidade que me permitiram estar sentado aqui agora, olhando para você. Você está cansada, tenente, está triste e muito abalada também.

— Quero ficar puta e satisfeita ao mesmo tempo. Vou superar. Eles o tinham como um amigo e se viam como amigos dele também. Var os usou, sugou tudo o que queria e devolveu apenas o que quis, por ser útil para ele. Na sua opinião, eles nunca significaram coisa alguma durante todos aqueles anos em que trabalharam juntos e conviveram.

Ela respirou fundo e completou:

— Na verdade, foi pior que isso: eles foram só um meio para alcançar um fim, apenas fases para chegar à vitória final. Isso me fez pensar sobre o que está envolvido em amizades, em parcerias... relacionamentos. Eu poderia tentar ser uma amiga melhor, uma parceira melhor, mas provavelmente vou me esquecer de tudo isso.

— Do meu ponto de vista, você cumpre esse papel muito bem, mas ficarei feliz em lembrá-la disso, se você quiser.

— Roarke. — Ela esticou o braço por cima da mesa e tomou as mãos dele. — Achei que tinha entendido quando Coltraine morreu. Pensei que entendia o

que você tem de enfrentar por eu fazer o que faço. Por eu ser quem sou. Mas estava enganada. E esta noite... foi tudo tão rápido! Explodir aquela maldita sala em mil pedaços, tentando encontrar os controles... E eu encontrei. Sei que encontrei, mas levei alguns segundos a mais. E, nesses segundos, vi aquela faca entrar em você e o mundo simplesmente parou de girar.

— Está tudo bem. — Ele apertou as mãos dela. — E aqui estamos nós.

— Eu estava bem sem você... antes de conhecê-lo. Estava indo bem. Só Deus sabe que você também estava indo muito bem antes de me conhecer.

— Eu não quero apenas ir muito bem. Você quer?

Ela balançou a cabeça e completou:

— Na verdade, eu nem ligava. Quando você não sabe o que pode ter, aceita o que tem. Mas, agora que sei, acho que não consigo mais ficar sem você. Eu não ficaria simplesmente bem, nem mesmo perto disso. Não sei como as pessoas conseguem. Todas as pessoas que ficaram para trás, aquelas para quem tenho de olhar fixamente e contar que alguém querido se foi para sempre. Não sei como conseguem respirar a partir desse instante.

— Não é por isso que, verdadeiramente, você faz o que faz e é o que é?

— Talvez. Não podemos pensar nisso, senão enlouqueceremos. Ou

ficaremos tristes e cansados. — Ela fechou os olhos por um momento, depois tornou a abri-los e olhou diretamente para os dele. — Quando estávamos lá e parecia que não íamos sair com vida, eu vi que conseguiria lidar com isso. Porque... sei que parece estupidez, mas...

— Nós morreríamos juntos — terminou ele.

Ela soltou uma quase gargalhada pela beleza e pela estranheza de ser entendida tão bem.

— O que, provavelmente, é doentio, egoísta e um monte de outras merdas neuróticas que Mira poderia listar. Mas sim... Morrermos juntos é uma coisa. Continuar respirando sem você? Isso

não é possível. No entanto, você tem de enfrentar essa... possibilidade todos os dias. Roarke, eu queria que...

— Não. — Seus dedos apertaram os dela e seu tom ficou mais firme. — Não venha me dizer que gostaria que as coisas fossem de outro jeito. Que você poderia ser diferente. Eu não quero uma mulher diferente. Eu me apaixonei por uma policial, não foi? Eu me casei com uma policial, embora ela tenha me desencorajado a fazer isso. Não somos pessoas fáceis, nenhum de nós.

— Não somos mesmo.

Ele arqueou a sobrancelha.

— Você quer moleza?

— Não. De jeito nenhum. Quero você.

— Bem, não somos sortudos por termos exatamente o que queremos?

— Sim. Devíamos ir para casa agora.

— Ela soltou um longo suspiro. — Dormir um pouco — acrescentou enquanto se levantava. Viu o corpo de Roarke enrijecer e percebeu que ele estremeceu quando ficou de pé. — Mas só depois que Summerset der uma olhada nisso aí.

— Não preciso dele me paparicando. Vou ficar bem.

Aquilo podia ser mesquinho, pensou ela, podia ser cruel, mas também era um alívio e uma satisfação especial reverter a rotina habitual deles.

— Os paramédicos disseram que você poderia fazer mais exames no

hospital — lembrou ela. — Então escolha: é isso ou Somerset.

— É apenas um ferimento; a faca não conseguiu furar nada além de músculos.

— Sim, mas são os *seus* músculos, meu chapa, e isso faz do ferimento um problema meu. Nesse caso, voto em Somerset, um calmante e uma boa noite de sono. E, antes de rebater, lembre-se do número de vezes que você me arrastou até um hospital quando eu não queria ou enfiou um calmante pela minha goela abaixo. Sendo você apenas um consultor, eu estou acima na hierarquia. E você foi ferido na minha operação.

— Você está gostando disso, não está?

— Talvez um pouco. Provavelmente,

vou gostar mais quando chegarmos em casa e Summerset lhe provocar mais dor. Por enquanto... — Ela olhou para ele enquanto enlaçava sua cintura com o braço. — Apoie-se em mim. Sei que isso dói.

— Dói mesmo — admitiu ele, e se apoiou nela um pouco enquanto deixavam a sala juntos.

Epílogo

Eve olhou através do vidro para onde Benny estava sentado, ao lado da cama de Cill, a mão dele sobre a dela, que continuava imóvel. Podia ver os lábios dele se movendo, e imaginou que ele lia algo para ela enquanto seu olhar se alternava entre o tablet e o rosto de Cill.

Os olhos dela continuavam fechados, como estavam desde o ataque.

— Ouvi dizer que ele tem ficado aqui todos os dias, o tempo todo — disse ela a Roarke. — E também a maior parte das noites, às vezes a noite toda, quando a equipe de plantão permite.

— Ainda não há mudanças.

— Nada por enquanto. — Ela entrou. Benny parou no meio de uma frase.

— Estamos lendo a última edição da revista *Whirlwind*. — Mas ele colocou o tablet de lado. — Temos companhia, Cill.

— Podemos ficar aqui com ela por um tempo se você quiser tomar um ar fresco — ofereceu Roarke.

— Não, mas agradeço mesmo assim.

— Eu queria que você soubesse das novidades — começou Eve. — Os advogados de Var e o gabinete da promotoria chegaram a um acordo. Posso explicar tudo com detalhes, se você quiser, mas a versão resumida é que ele vai cumprir cinquenta anos de

prisão, sem direito a condicional, em um presídio fora do planeta.

— Não importa. O que vai acontecer com ele não importa. Ela é tudo que importa. Já se passaram três dias. Os médicos dizem que cada dia que ela consegue... dizem que cada dia é bom. Que ela poderá acordar daqui a cinco minutos. Ou daqui a cinco anos. Ou nunca.

— Você deve ter fé; ela vai acordar.

— Roarke colocou a mão no ombro de Benny.

— Acho que, quando ela acordar, vai ser importante saber que Var irá pagar pelo que fez. Pelo que fez a ela, a Bart e a todos vocês — acrescentou Eve.

— Pensávamos que ele era um de

nós, mas não era. Quatro lados de um quadrado; tudo mentira. Não entendo, não consigo entender. Estivemos juntos todos esses anos, todo santo dia. Trabalhamos juntos, estudamos, jogamos, comemos, rimos, choramos. Não sei como ele foi capaz de fazer o que fez. Nunca vou entender, então ele não me importa. Ele nunca mais importará para mim.

Benny suspirou com dificuldade.

— Por que ele não atacou a mim em vez de a ela? Por quê?

— Você quer a verdade ou prefere a versão mais leve?

Ele olhou para Eve.

— A verdade.

— Você era mais útil, ela era mais

perigosa. Isto é, na mente de Var, no plano dele. Ela é uma líder, e você prefere o trabalho solitário, a pesquisa. Ele poderia usar você e, quando já o tivesse usado bastante ou não conseguisse resistir ao próprio poder, armaria algo contra você também.

— Se eu tivesse ido para casa com ela. Se ao menos...

— Ela estaria morta se não fosse por você — declarou Roarke. — Ele queria matá-la, Benny, e, se você não estivesse lá e não tivesse ficado com ela a cada segundo depois que vocês a encontraram, Var teria terminado o que havia começado. Você salvou a vida de Cill.

Roarke puxou uma cadeira e se sentou

ao lado de Benny.

— O que você vai fazer agora com a U-Play ?

— Não me importo com isso.

— Ela vai se importar. Ela ajudou a construir a empresa tanto quanto você, tanto quanto Bart.

— Se não tivéssemos feito nada disso, Bart ainda estaria vivo. E ela não estaria aqui.

— Não diga isso. *Var* é o responsável — corrigiu Eve. — Não foi a empresa, não foi um jogo, nem a tecnologia. Foi um homem. Foi ele que a colocou aqui.

— Eu sei disso. — Com um ar cansado, Benny esfregou as mãos sobre os olhos. — Eu sei disso, só que... Você

poderia comprar a empresa — disse ele, olhando para Roarke. — Temos um bom pessoal e...

— Eu poderia, mas não vou. Bart não iria querer isso, e ela também não.

— Ela odiaria. Mas ficou muito ferida. Mesmo se... quando ela acordar, ainda terá que passar por muita coisa.

— Mas não estará sozinha — murmurou Roarke.

— Não, não estará. — Com os olhos no rosto de Cill novamente, Benny acariciou as costas da mão dela com o polegar. — Eu fico sentado aqui, pensando em todas as vezes que tive a chance de dizer a ela o quanto a amo. Sempre a amei, desde quando éramos crianças, mas nunca tive coragem de

falar ou demonstrar isso. Sempre tive medo de estragar o que tínhamos. E agora...

— Você vai parar de perder tempo — terminou Roarke.

— Você não entende.

— Será que não? — Roarke olhou para Eve. — Eu sei o que é o amor, e sei o que ele faz com você e por você. Sei que pode nascer de uma amizade, e que uma amizade pode surgir do amor. Ambos são preciosos. E, quando se tem os dois, há pouco que não possa ser feito.

— Você precisa parar de sentir pena de si mesmo — disse Eve — e começar a fazer o que pode ser feito.

Um clarão de raiva brilhou no rosto

de Benny, mas logo morreu.

— Você tem razão. Não estou ajudando Cill pensando sobre o que não posso fazer ou o que não quero fazer. Var que se foda; não vamos deixá-lo vencer. Droga, Cill, *não podemos* deixá-lo vencer! Cinquenta anos? Pense em tudo o que *podemos* fazer em cinquenta anos. Nós mal começamos.

Ele insinuou levar a mão dela ao seu rosto, mas parou.

— Os dedos dela se mexeram! — exclamou ele, e sua voz estremeceu quando ele apertou a mão de Cill com mais força. — Os dedos dela se mexeram — repetiu. — Ele empurrou a cadeira para trás e se levantou para tocar no rosto dela. — Cill... Cill!

Vamos lá, Cilly, *por favor!*

— Continue conversando com ela — disse Eve quando os cílios de Cill tremularam.

— Acorde! Por favor, Cilly, acorde e olhe para mim. Não pode apenas olhar para mim? Eu preciso que você acorde. Preciso tanto de você, Cill. — Ele tocou o rosto dela com os lábios e, depois, com suavidade, roçou os lábios nos dela. — Acorde, Cill.

— Benny. — A palavra saiu rouca e fraca, seus olhos sem brilho e sem foco, mas abertos. — Benny...

Roarke levantou e assentiu para Eve.

— Vou mandar alguém chamar o médico.

— Ei, Cill. — As lágrimas de Benny

escorreram para o rosto dela. — Oi!

— Benny... Tive um sonho terrível. Você pode ficar aqui comigo?

— Estou bem aqui. — Ele empurrou a proteção da cama e se sentou ao lado dela. — Bem aqui. Não vou a lugar algum.

Eve saiu do quarto e se afastou para o lado quando uma das enfermeiras entrou correndo. Ela foi até Roarke.

— Vamos dar um tempinho para eles. Peabody e eu voltaremos amanhã e colheremos o depoimento dela. — Eve olhou para trás. — Ela vai enfrentar um longo e doloroso percurso.

— Mas vai conseguir. Eles vão.

— Sim, acho que sim.

Da amizade para o amor... Talvez

isso funcionasse para eles.

E havia a outra escolha. Do amor para a amizade, refletiu ela, quando eles desceram pelo elevador. Ela e Roarke tinham percorrido esse caminho.

E parecia estar dando muito certo.

Fantasia mortal

Sobre J.D.Robb

<http://www.skoob.com.br/autor/1207-j-d-robb>

Site de J.D.Robb

<http://www.jdrobb.com/>

Lista de títulos da série Mortal

<http://noraroberts.com.br/2012/10/nora-roberts-j-d-robb-serie-mortal-lista-livros/>

Good reads de J.D.Robb

http://www.goodreads.com/author/show/17065.J_D_Robb

Facebook de J.D.Robb

<https://www.facebook.com/jdrobbauthor/>

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.
A.

Nora Roberts

escrevendo como

J.D.
ROBB



Ligação

MORTAL



BERTRAND BRASIL

Ligação mortal

Robb, J. D.

9788528623499

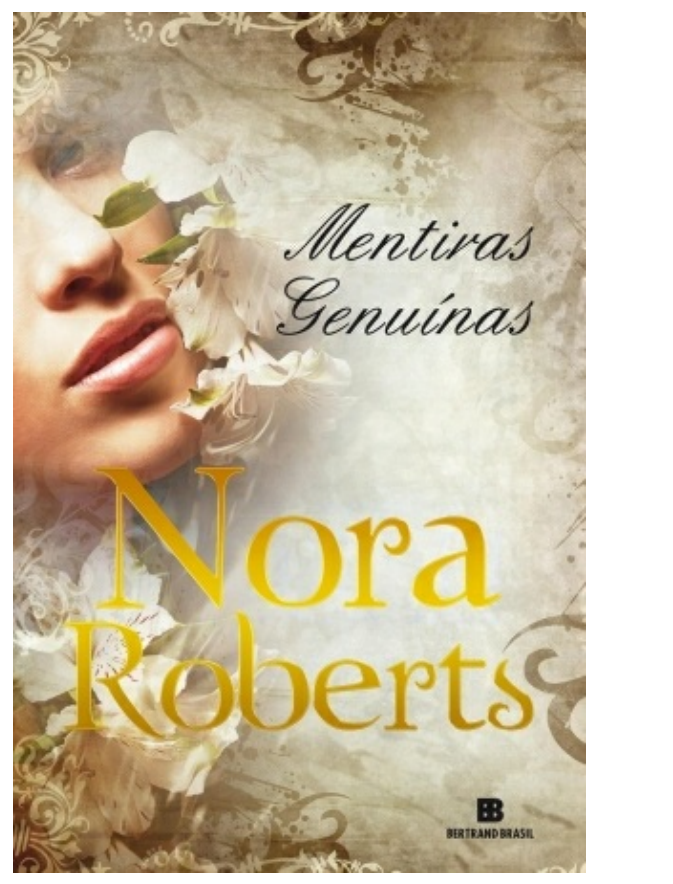
448 páginas [Compre agora e leia](#)

Vingança, punição e um assassino sádico à solta no mais novo thriller da série Mortal. Ansiosos para passar algum tempo com Deena, a filha de dezesseis anos, o recém-promovido capitão do Departamento de Polícia da Cidade de Nova York e sua

mulher decidem antecipar o retorno de uma viagem de fim de semana. Nem mesmo seus piores pesadelos poderiam prepará-los para a cena brutal que os aguardava em casa. O corpo de Deena, assassinada em seu próprio quarto, apresentava sinais de trauma que chocaram até os policiais mais durões da Divisão de Homicídios, incluindo a tenente Eve Dallas, que foi especificamente designada para investigar o caso. Após uma

longa investigação, Dallas e sua equipe acreditam que estão mais perto de prender o agressor. Mas a vasta experiência do assassino em assumir inúmeras identidades deixa claro que a tenente está diante de um caso muito mais complexo do que previra .

[Compre agora e leia](#)



*Mentiras
Genuínas*

Nora
Roberts



BERTRAND BRASIL

Mentiras genuínas

Roberts, Nora 9788528618136

630 páginas [Compre agora e leia](#)

Às vésperas do Natal, a renomada biógrafa Julia Summers recebe uma proposta para realizar o trabalho dos seus sonhos: redigir as memórias de Eve Benedict, uma das mais aclamadas estrelas de Hollywood. Aos 67 anos de idade, e há cinquenta como uma

das maiores divas do cinema, Eve é uma mulher misteriosa e exuberante, ainda belíssima, que decide fazer as pazes com os erros do passado e colocar em pratos limpos todos os segredos com os quais conviveu no decorrer da vida. O único problema é que muitos em Hollywood prefeririam que esses segredos se mantivessem exatamente como estão: guardados. Pouco depois de chegar com o filho Brandon, de 10 anos, na mansão de Eve em

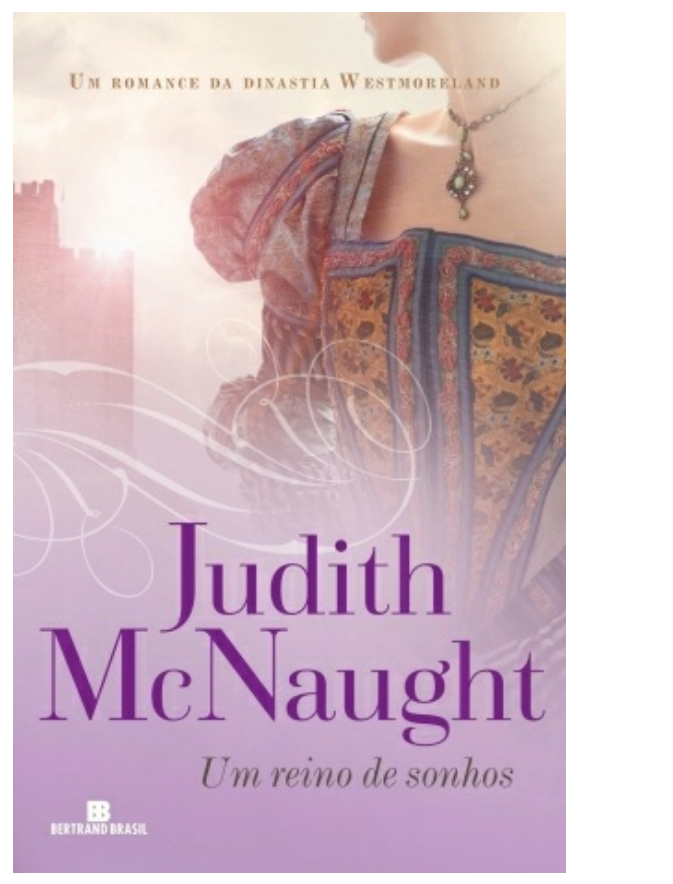
Beverly Hills, Julia começa a receber bilhetes anônimos ameaçadores. Além disso, ela logo se vê obrigada a lidar com Paul Winthrop, o enteado de Eve, um homem lindo, com olhos penetrantes e um jeito perigoso, que está determinado a proteger a única mulher que amou em toda a vida. Para dar continuidade ao trabalho, Julia terá que encarar tanto o medo pela própria segurança e a de seu filho quanto a atração que

sente por Paul, um homem que desperta nela sentimentos que, até então, jamais ousara sentir. Até que ponto ela estará disposta a arriscar a própria vida pelos segredos de outra mulher? Ganhadora de dezenas de prêmios e a primeira escritora a fazer parte do hall da fama do Romance Writers of America, NORA ROBERTS tem uma legião de fãs no mundo todo. Seus livros já alcançaram a marca recorde de 650 milhões de exemplares vendidos, foram

traduzidos para mais de quarenta idiomas, permaneceram, somados, quase mil semanas na lista de mais vendidos do New York Times – dessas, quase duzentas no primeiro lugar. No site oficial da autora, você fica sabendo das últimas novidades dessa autora que já se tornou uma paixão mundial.

"Simplesmente inigualável." The Boston Globe "Nora Roberts consegue realizar os nossos maiores sonhos." New York

Times [Compre agora e leia](#)



UM ROMANCE DA DINASTIA WESTMORELAND

Judith McNaught

Um reino de sonhos

B
BERTRAND BRASIL

Um reino de sonhos

McNaught, Judith 9788528623048

378 páginas [Compre agora e leia](#)

Um romance da Dinastia Westmoreland. Royce Westmoreland, o "Lobo Negro", é enviado pelo rei da Inglaterra para invadir a Escócia. Quando seu irmão, Stefan, sequestra Jennifer e Brenna Merrick, filhas de um lorde escocês, as vidas de Royce e Jennifer se entrelaçam.

Ele, um poderoso guerreiro que já ganhou muitas batalhas, não vê a hora de encontrar uma mulher que o amará pelo homem que é, não pelo medo inspirado por sua lenda. Ela, uma jovem rebelde em busca do amor e da aceitação de seu clã, mesmo na condição de prisioneira, não se deixa abalar pela fama de seu arrogante captor. Conforme os conflitos entre os dois se tornam mais frequentes, a urgência de se entregarem um ao outro só aumenta. Certa noite, quando ele

a toma apaixonadamente nos braços, desperta nela um desejo irresistível. Mas, se Jennifer seguir seu coração, perderá tudo aquilo pelo que vem lutando e que jurou honrar.

[Compre agora e leia](#)

LIVRO DA SÉRIE ALTERED CARBON

CARBONO

RICHARD MORGAN


BERTRAND BRASIL

ALTERADO

Carbono alterado

Morgan, Richard 9788528622423

490 páginas [Compre agora e leia](#)

Um eletrizante thriller de ficção científica que será série da Netflix. No século XXV, a consciência de uma pessoa pode ser armazenada em um cartucho na base do cérebro e baixada para um novo corpo quando o atual parar de funcionar. A morte, agora, nada mais é que um

contratempo inconveniente, uma falha no programa. Takeshi Kovacs, um ex-militar de elite, após sua última morte, tem a consciência transportada a Bay City, a antiga São Francisco, e é trazido de volta à vida para solucionar o assassinato de um magnata. Isso só para descobrir que seu contratante é a própria vítima, que voltou à vida em um novo corpo, mas sem as memórias do crime. Porém, Kovacs não sabe que essa investigação irá lançá-lo no

centro de uma conspiração perversa até para os padrões de uma sociedade que trata a existência humana como um produto a ser comercializado.

[Compre agora e leia](#)

CARPINEJAR
CUIDE
DOS PAIS
ANTES QUE
SEJA TARDE

BB
BERTRAND BRASIL

Cuide dos pais antes que seja tarde

Carpinejar 9788528620962

112 páginas [Compre agora e leia](#)

O novo livro de Carpinejar. Não quero mais ter razão na vida. Só quero ter amor. Perdi muito tempo pela vaidade das ideias. Perdi muito tempo do afeto paterno e materno. O que importa é estar junto para o que der e vier. Família não é para

concordar, mas para apoiar qualquer que seja o caminho adotado. Acreditamos que os pais são eternos, imutáveis, que estarão próximos quando surgir a necessidade. Mas eles adoecem e morrem. É uma fatalidade inadiável, não há como parar a idade, recuar o fim. Se é certo de que os pais um dia vão adoecer e partir, por que não organizamos a nossa vida para acolhê-los? Por que não assumimos sua gestação? Por que não reduzimos o ritmo da carreira

para darmos sentido para os
seus últimos dias?

[Compre agora e leia](#)